



A IMAGINAÇÃO,

POEMA

De Mr. Delille,

Traduzido

POR

JOSÉ MARIA DA COSTA E SILVA.

Tomo I.

Lisboa,

Na Impressão Regia anno de 1817
Com Licença da Meza do Dezembargo do Paço.

PROLOGO DO TRADUCTOR.

OFFEREÇO aos meos Compatriotas, na sua lingua, hum dos dois melhores Poemas Phylosophicos, quo até agora tenho visto nos differentes Idiomas, que conheço. A Traducção não he o melhor possivel, mas o melhor, que me foi possivel fazella. A Imaginação só podia ser dignamente traduzida por quem traduzio os Jardins!.. (1)

---

(1) Bocage.

PREFACIO DO AUTHOR.

Este Poema foi começado em 1785, e acabado em 1794. O espaço, que entremea estas duas datas, foi assignalado por acontecimentos, cujos vestigios se encontrarão nelle. Esta observação me pareceo necessaria, pois he justo que cada época se encarregue da sua propria responsabilidade.

Dois inconvenientes costumão occorrer nas obras de demorada espectação. O Público se vinga das delongas julgando com demasiado rigor. As leituras do Auctor ou públicas, ou em sociedades literarias, e os fragmentos que já correm, lhe dão hum certo ar de velhice, que as deslustra ao tempo em que se publicão.

De mais a mais, huma longa espectação dá tempo á malevolencia, para se armar contra o successo da Obra; e já em lugar della, porque não era conhecida, tem sido atacado o Titulo, pretendendo-se que a Imaginação era hum objecto demasiadamente vago, e extenso, deslembrando-se estes Críticos de que Lucrecio fizera hum Poema sobre a Natureza das Cousas, de *Rerum Natura*, isto he, sobre todo o Mundo, e quanto elle contêm; assumpto muito mais vago, e mais extenso, e de que a Imaginação seria apenas huma te-

nue parcella; sem que isto obstasse a que o tal Poema sahisse hum dos mais preciosos, e magníficos monumentos da antiguidade. A grande extensão de hum assumpto he mais huma vantagem, que hum inconveniente. O que importa he que as massas sejão divididas em partes bem distinctas, e bem circumscriptas.

O Plano que eu vou traçar, do todo, e das differentes partes, de que se compõe este Poema, provará que foi esta a minha primeira attenção.

CANTO I.

O Homem debaixo da relação intellectual.

Os sentidos são affectados pelos diversos objectos, que se lhe presentão, e estas impressões se gravão na memória. Phenómeno inexplicavel desta faculdade. — No seu vasto deposito, he que a Imaginação os escolhe, colóra, modifica, e adapta a seu arbitrio. — Os sonhos, obra da Imaginação que inda labora no repouso da noite. — Acção da Imaginação na creação, e emprego das Figuras. — Suas Viagens do Mundo moral ao Mundo Physico, e vice-versa. — Arte com que enfeita hum pelo outro, de que nascem as comparações. — Differentes idéas que se despertão humas pelas outras. — O que nos diversos caracteres dos ob-

jectos fére mais vivamente a Imaginação. — Effeitos que nella produzem os contrastes, opposições, e as mais ou menos immediatas relações. — Como passa de huma idéa á, que mais parece della remota. — Suas idéas innatas, e influencia dellas sobre o resto da vida. — Gráo de Ventura que póde procurar ao Homem o cultivo da sua intelligencia, e imaginação. — Episodio Historico sobre este objecto.

CANTO II.

O Homem sensivel.

INFLUENCIA da Imaginação sobre a Ventura. — Os prazeres da illusão supprindo os prazeres reaes. — A Imaginação, desprezando o presente, reflue para o passado pela lembrança, e se lança para o futuro por meio da previdencia. — A lembrança, fonte de hum grande número de affectos, de vicios, e de virtudes. — Produz as saudades, os remorsos, a amizade, a gratidão, e o odio. — Episodio relativo a esta Paixão. — O Futuro fere ainda mais vivamente a Imaginação. — O Temor de hum lado, e a Esperança do outro a arrastão para elle. — Sua influencia tanto moral, como physica. — Alguns felizes resultados das illusões do Mesmerismo. — Resultados nocivos, ou salutíferos do Temor. — Avidez com que procura os prognosticos do fu-

turo. — O que a Imaginação presta á Avareza, Ambição, e Amor. — Episodio relativo a esta Paixão.

CANTO III.

Impressão dos objectos exteriores.

As Côres, Fórmas, Movimentos, e Graça que resulta da sua elegancia, e harmonia. — Poder, e feitiço do Pejo. — O da Novidade. — Attractivos, e perigos della. — Poder da Moda. — Impressão da vista do, que começa, e do, que finda. — Da infancia, e da velhice. — Attractivos que a necessidade da emossão presta aos Espectaculos mais horriveis. — Batalhas, e Vulcões. — Objectos que gerão, e nutrem a Melancolia. — A Tristeza, o Espanto, e o Horror. — Bosquejos que distinguem, e separão estes diversos affectos. — Objectos risonhos, e sua difinição. — Pintura de alguns destes generos. — Effeitos da Grandeza sobre a Imaginação. — Grandeza nas obras da Natureza. — Florestas. — Mar. — Montanhas — Grandeza do Espectaculo do Ceo. — O Homem, obra prima da creação, e affectando a Imaginação mais do que todos os outros objectos pela impressão de seus sentimentos. — Eloquencia do Discurso, do Gesto, e sobre tudo da Vista. — Hum olhar de Mario desarmando o seu Assassino.

CANTO IV.

Impressão dos Lugares.

A PRIMEIRA vista parece o objecto deste Canto muito identificado com o do precedente; mas, reflectindo bem, a impressão dos lugares não póde confundir-se mais com os objectos, que nos affectão, do que o sitio de hum Vulcão com o mesmo Vulcão; o lugar da scena com a acção, que nella se representa; hum Campo de Batalha, com o combate de que elle he o Theatro.

Effeitos reciprocos da Imaginação sobre os lugares, e delles sobre a Imaginação. — Influencia dos lugares agrestes, e risonhos, operando sobre nós com huma variedade, que depende das disposições da nossa alma. — Ao poder Physico se ajunta o poder Moral, proveniente das nossas recordações, agradaveis, ou tristes. — Nós amamos os lugares em que nascemos, nos educámos, e fomos felizes, ou amantes, ou amados. — Mesmo aquelles em que fomos desgraçados, e em que repousão os objectos das nossas afeições, e das nossas saudades. — Antiguidade dos lugares, e lembranças, que a elles se unem. A impressão destes lugares he tanto mais viva, quanto mais célebres são os acontecimentos, que recordão. — A Imaginação praz-se de perlustrar as ruinas, e reedificallas. — Recompõe Ro-

ma, e Athenas. — Episodio sobre a Viagem a Greeia por Mr. de Choiseul. — Encanto, que transporta os Escriptores nos sitios. — Que os inspirárão. Impressão dos lugares tenebrosos, e solitarios, e da solidão, e das trévas, reunidas a hum grande perigo. — Exemplo destas Impressões, tirado de hum facto, acontecido nas Catacumbas de Roma.

CANTO V.

As Artes.

HYMNO á Belleza, considerada como Modelo das Artes. — Belleza ideal na Esculptura, e Pintura. — Cuidado dos Artifices Gregos em lançar mão, só do que havia mais perfeito em a Natureza, e em compôr hum todo de differentes partes, escolhidas pelo bom Gosto, e reproduzidas pelo Genio. — Chegavão mesmo a transpôr a Natureza para topar huma perfeição, de que ella lhe não offerecia modello. — Apollo do Belveder. — Transfiguração de Rachel. — Musica. — Dança. — Architectura. — Descripção da Rotenda de S. Pedro em Roma. — Poesia. — Seus Encantos, e Consolações. — Diversos Generos della. Comedia. — Tragedia. — Moliere, e Racine. — Apologo. — La Fontaine. — Epopeia. — Homero. — Virgilio. — Dante. — Milton. — Ariosto. — Tasso. — Ovi-

dio. — Voltaire. — Eloquencia. — Força, que della recebem as Verdades uteis. — Altas Sciencias em relação com a Imaginação. — A Geometria. — Quanto devem á Imaginação as Artes Mechanicas. — Relojoaria. — Typographia. — Navegação.

CANTO VI.

A Ventura, e a Moral.

INFLUENCIA da Imaginação sobre a Ventura nas differentes idades. — Principios porque deve dirigir-se a Imaginação. — Origem da Ventura. — A Independencia. — O Trabalho deve sempre ter hum fim, e huma esperança. — A Virtude relativamente á Imaginação. — Ella contempla o Preterito adornado pelo que fez, e o Futuro pelo que espera. — A Ventura relativamente á Sociedade. — Inconvenientes da nímia confiança, e desconfiança. — Retrato de João Jacques Rousseau. — A Imaginação, que exagera as vantagens da vida, tambem lhe exagera os incómmodos. — Como póde a Imaginação armar-se contra o temor da Morte, da Pobreza, e da Obscuridade. — Recursos que a Natureza nos fornece para aprendermos a não temella. — Soccorros, que póde ajuntar-lhe a lição dos Moralistas. — Horacio. — Rousseau. — Fontenelle. — Voltaire. — Montaigne. — Necessidade de regular a leitura pe-

la idade, e circumstancias. — Necessidade de reprimir a Imaginação nos lances da desgraça. — Ingratidão. — Perda de haveres. — De Amigos. — Desterro. — Captiveiro especialmente. — Necessidade de occupar-se nestas diversas situações, e oppôr as destracções aos desgostos. — Exemplo de Pelissen.

CANTO VII.

A Politica.

INSUFFICIENCIA das Leis, e Castigos, para governar hum Povo. — Meios, que a Imaginação inventou para supprir esta falta, e inspirar o Patriotismo, e Obediencia. — Etiqueta. — Vantagens que della tirárão os Governos. — Desastres que produzio o abandono della. — Cerimonias, e Festejos Públicos. — Culto dos Mortos entre as Nações civilizadas, e selvagens. — Vantagens, que delle tira a Sociedade. — Sua prestança para ligar por lembranças, e saudade o fio das Gerações; e quanto reforça o poder das ultimas vontades, que se tornão mais sagradas pelas honras que lhe tributão. — Festa dos Mortos. — Ressurreição. — Prémio dos Justos. — Homenagem rendida a Mr. Turgot. — Festas Campestres, imaginadas para o Povo respirar de suas fadigas, e lhas fazer amaveis. — Descripção de algumas destas Festas em diversos Paizes. — Festas

Triumphaes. — Triumphos Romanos. — Reis do Egypto solemnemente julgados. — Festas Nacionaes da Grecia. — Espectaculos próprios de Povos, que vivem debaixo de huma Athmosphera menos favoravel a taes solemnidades. — Monumentos. — Sua Origem. — Progressos. — Tumulos. — Mausoléo do Marechal de Saxe. — Desvélo Politico dos Antigos em dar em espectaculo os sepulchros dos Homens illustres, como objectos de Emulação, e lições de Virtude. — Profanação dos Tumulos de Saint-Dinis. — Perigo em conceder honras á toa. — Medalhas, escapando por sua pequenez ás injurias do Tempo. — Trage dos differentes Estados. — Perigos do abandono, e desprezo do Trage. — Poder das Devisas. — Rosa branca, e Rosa vermelha. — Partido azul, e verde. — Laço tricolor.

CANTO VIII.

Os Cultos.

Contemplação do Ente Supremo, primeira Fonte de toda a perfeição. — Distancia, que a nossa fraqueza põe entre nós, e a Divindade. — Necessidade de hum culto, que nos familiarize mais com a idéa de hum Deos, que pune, e premea. — Origem dos diversos Cultos. — Gratidão. — Medo. — Esperança. — Interesse. — Orgulho. — Os Bemfei-

tores da Patria, primeiro objecto do Culto da antiguidade. — Vicios, e Crimes, algumas vezes participando com a Virtude de hum Culto Público. — Apotheose dos Imperadores Romanos. — O Medo mais do que a Gratidão produzio Crenças Religiosas. — Fórma medonha, que elle presta aos Deoses de sua Fabrica. — Voto do Poeta a favor dos Africanos, creados em Cultos extravagantes, e funestos. — Divindades Indianas, modeladas pelos Deoses Indolentes de Epicuro. — Deoses creados pelo Interesse. — Festa das Maldivas, consagrada aos Ventos por hum Povo Navegador. — Influencia do Orgulho sobre algumas Cerimonias Religiosas. — Macaco adorado em alguns Paizes, pela sua semelhança com o Homem. — Indios offerecendo a seus Deoses aparas, por que o seo cabello he naturalmente anelado. — A precisão da Novidade, causa de muitos Cultos. — Inventores das Artes devinizados. — Péndor invencivel do Homem para a superstição. — Hónras divinas dadas aos Animaes mais vis, e até aos Seres inanimados. — Superstição ainda mais ridicula do Culto do grão Lamá. — Povos creando Deoses a seu capricho. — Agouros, Auspicios, e todo o genero de predicção, nascido do desejo de prescrutar o Futuro. — Romanos governados pelo pio, ou voo de huma Ave. — Superstição dos Oraculos, tributarios do Orgulho, e da Ambição. — Verdadeira Origem da União da aucto-

ridade Civil, e Religiosa. — Felizes resultados desta união. — Divindades dos Antigos, transportadas pela Tradicção, do lugar da sua origem para outros Paizes. — Conhecimento de hum só Deos, transmittido por Moysés aos Hebreos. — Impressão profunda destas primeiras idéas, constantemente conservada por aquelle Povo. — Pompa de suas Cerimonias. — A Religião preside a todas as suas acções, mesmo ás que parecem mais indifferentes. — Deoses Egypcios transportados para a Grecia, mas debaixo de fórmas mais apraziveis, e amaveis. — Os Romanos, que os adoptárão, em razão de seu caracter mais serio, e mais grave, lhe derão fórmas mais magestosas, e severas. — Recurso Politico achado pelos Romanos em seu Culto Público. — Suas festas triumphaes, e campestres nutrindo o amor da Gloria, e da Agricultura. — Jupiter Stator. — Pales. — Termino, Protector das Propriedades. — Deoses Domesticos, festejados em Roma, e na China. — Tratamento caprichoso, que soffrião em Roma, e de que se achão vestigios na Italia. — Influencia dos Fundadores, sobre as Religiões. — Zoroastro. — Numa. — Mafoma. — Confucio. — Influencia de Costumes, e Climas. — Sol adorado em quasi todo o Mundo. — Invocação do Poeta a este Astro benefico. — Religião revelada. — Sua incomparavel superioridade. — Se a Imaginação a não creou, ao menos augmentou a pompa de suas solemni-

dades, aformozeou seus triunfos, e a susteve nas perseguições. — Quadro dos Martyres, e dos Primeiros Christãos nas Catacumbas. — Crueldade do Fanatismo. — Os Gregos mais moderados. — Todos os Povos da Grecia juntos em Delos para a Festa de Apollo. — Sacrificios humanos nas Gallias, e no Mexico. — Todas as Religiões põe o perdão a par do castigo. — Vantagem da Religião Christã a este respeito. — Episodio.

Esta geral exposição do plano da Obra me dispensa de fallar no poder, que a Imaginação exerce sobre os nossos prazeres, sobre as nossas penas, e sobre as obras do Genio, nas differentes carreiras que se lhe franqueião. Limitar-me-hei sómente a tratar da sua influencia nas Artes da Imaginação. Bastará citar dois exemplos, hum tirado do maior dos Pintores, e outro do maior dos Poetas. Nas Artes da Imaginação não basta escolher hum assumpto feliz, e huma idéa fecunda: he necessario acompanhar esta idéa principal de todas as que se lhe avisinhão.

Raphael se encarrega de pintar o Filho de Deos no momento em que a sua Divindade, triunfando da sua mortalidade passageira, se remonta aos Ceos. Não basta a Divindade em todo o esplendor da sua gloria

para satisfazer a idéa daquelle grande Pintor : mas se elle sobre a terra , e no primeiro plano me apresenta hum Energúmeno rodeado de alguns Apostolos, que o exorcizão ; no segundo plano, no tope de huma montanha outros Discipulos de Deos, sem dar fé do que passa sobre a terra, e fixando os olhos deslumbrados, mas não attonitos, na brilhante Imagem de Deos, que triunfante circumderrama torrentes de luz ; se elle faz que magestosamente contraste a serenidade do Numen vencedor da morte com as convulsivas feições do Energúmeno , emblema das paixões humanas , e mesmo com a inquieta solicitude dos Apostolos , que o soccorrem, se elle me faz vêr por cima do Filho de Deos Gruppos de Anjos, cuja presença annuncía a aproximação do Ceo , e que parecem promptos a reconduzilo em triunfo ao throno de seu Pai ; então he que eu reconheço a obra de huma Imaginação fecunda, e sublime : então me deslembro da correcção do Desenho , e de toda a Belleza da execução para só occupar-me do admirando contraste que elle faz entre o socego radioso da Divindade , e a agitação da Humanidade, que soffre. Passo dos Homens a Deos, da Terra ao Ceo, das penas e paixões desta vida á impassivel tranquillidade das mansões celestes, e me creio feliz e quasi me ufano de ter presentido , ou advinhado o pensamento daquelle grande Homem. Não só a Imaginação he que unicamente póde compôr bellas obras,

mas he tambem a unica que as póde dignamente louvar. ,, Então, (dizia hum Pintor a hum Amigo que ,, voltava de Roma) os formosos Mininos de Domi- ,, nichino estão mais crescidos! ,, No instante, em que hum Esculptor acabava de dar o ultimo golpe de cinzel a hum cavallo de mármore ,, anda ,, disse hum que presenciava o seu trabalho. Eis a Imaginação louvando o Genio.

Quanto não deve tambem a Poesia á Imaginação! . . . para disso nos convencermos, procuremos, por favor della, assistir á primeira concepção da Iliada. Muito havia que nos ouvidos de Homero retumbavão as maravilhosas Narrações da Guerra de Troya: os Mestres, e as Amas as contavão aos seus Alumnos, e aos seus amamentados; e as Mãis as referião a seus filhos. Huma infinidade de Heróes differentes em Patria, em denodo, e em caracter, mas todos unisonos no mesmo interesse, o arteiro Ulysses, o impetuoso Ayax, o Sabio Nestor, a feroz impiedade de Diomedes, a indole religiosa de Heitor, o fero Achyles descollando sobre todos elles, igualmente apaixonado na amizade, e no odio, retirado na sua Barraca, mas sempre presente até pela sua mesma ausencia, mais funesto aos Gregos recusando combater do que aos Troyanos pelo seu valor, o choque de dois poderosos Imperios, a lucta da Europa, e da Asia, os Homens, e os Deoses, mas Deoses apaixonados, e Homens

heroicos : os mais opulentos quadros da Natureza Physica, e Moral, os mais ternos affectos do coração; adoçando de quando em quando o horror das Batalhas, o Velho Priamo aos pés do feroz Achyles, recebendo de suas cruentas mãos o cadaver de seu filho : Andromacha com o filhinho nos braços, procurando dissuadir Heitor de hum combate desigual, e oppondo ao seu valor o sorriso de seu filho; todas as riquezas da Geographia; todas as tradicções da Theogonia, em fim, o Orgulho Nacional da Grecia, lisongeado pela narração das suas victorias, eis o que a Imaginação de Homero lhe mostra neste magnífico Assumpto. Elle o aproveita, e a Iliada se torna o eterno Prototypo da Epopea. Tanto depende a Fortuna de huma Obra de força, e amplitude da sua primeira concepção'

Antes de explicar o poder da Imaginação era necessario decompôr o Homem em sua duplice organização de Ente intellectual, e Ente sensivel, pois destas duas fontes he que se derivão as suas idéas, e sentimentos em que a Imaginação exerce tão viva influencia : quanto mais se observa o Mundo Physico, e Moral, mais se depára com a eterna correspondencia, que a Natureza estabeleceo entre elles; este principio he que deve guiar-nos na composição de hum Poema Phylosophico : toda a obra deste genero tem por objecto verdades Physicas, ou verdades Moraes.

No primeiro caso deve o Poeta, para tornar mais interessantes as Pinturas do Mundo material, avisinhallas das verdades Moraes, e deparar entre ellas relações engenhosas. Estas imagens he que dão ás idéas abstractas da Moral, e da Methaphisica, corpo, figura, e vestido, como eu disse no primeiro Canto deste Poema.

São (1) porta, porque tudo entra na mente.
Cant. I.

E debaixo deste ponto de vista póde dizer-se, que a Poesia he materialista: estes aproximamentos podem fazer-se ou pela immediata Pintura dos objectos Moraes, e Physicos, ou pela via indirecta das comparações, que transportão o pensamento de hum ao outro. Permitta-se-me citar aqui, não como modellos, mas como exemplos, algumas comparações extrahidas desta Obra. Quando quiz explicar como os objectos modificão a Imaginação, e são modificados por ella, bastou-me pintar a acção reciproca das aguas sobre a praia, e da praia sobre as aguas.

---

(1) Os Sentidos.

Taes do Océano as vagas undulosas
Praias recortão, e as recortão praias.

Cant. I.

Se quero explicar como as idéas são despertadas humas por outras, recordo-me da fagulha que toca em hum monte de polvora, cujos grãos, abrazando-se, produzem hum vasto incendio.

Vês os longos canaes, guarida escura
Dos sulphureos espiritos, que esperão
Só para se inflammar mão que os accenda?
Se o que ora dorme alli betume, e nitro
Tocar huma fagulha, o fogo eis salta;
De tubo em tubo vai, de hum lado em outro,
E em seu gyro produz mil magas fórmas:
Ora he igneo Cometa, he Dragão logo,
Pavêa surge aqui, hum Sol lá brilha,
Novos Astros rutilão sobre a esphera,
Moveo tenue faisca o grande incendio!

Cant. I.

Com igual successo, e vantagem se allião as idéas Moraes, e as pinturas do Mundo Physico; por isso quando em hum elogio da rosa quiz pintar as emanações de seus perfumes, disse:

A rosa de suavissimo perfume;
Cujo extracto divino, derramado
Por avarenta mão a gota, e gota
D'Asia hum Paço, exhallando-se, enche todo,
Como doce lembrança a vida inteira.

He pelo soccorro destas contínuas mutuações, que a Poesia se fertiliza, e enriquece. Ha nisto tambem outra vantagem, que he dar mais variedade á composição, e lisongear a tendencia natural dos Homens para alcançar na união dos Seres as duas pontas da cadêa, e avisinhar por engenhosas relações Entes de tão differente Natureza.

Mas este genero de composição pede huma grande variedade de conhecimentos, que só podem adquirir-se com longos estudos, e ainda melhor com longas viagens. Por estes dois meios he que Homero, Virgilio, Tasso, e Milton opulentárão os seus Poemas com tão prodigiosa variedade de Quadros. Disserão hum dia a Tompson (o illustre Auctor do Poema das Estações,) que hum amigo seu compozera hum Poema Epico. ,, Hum Poema Epico! (respondeo Tompson com viveza) isso he impossivel!.. se elle nunca vio huma Montanha!.. E se esta variedade he necessaria a hum Poema Epico, que se sustenta pelo interesse de huma grande acção, quanto mais necessaria não he em hum Poema Phylosophico, ou Didactico, que só vale pela riqueza

do desenho, e pelo merecimento da execução ? . . Porém não obstante isto, ninguem poderá negar-lhe a vantagem de poder igualmente elevar-se ao género mais nobre, e descer ao tom mais simples, e familiar da Satyra, e da Epistola; e neste sentido he que disse Boileau:

Heureux qui dans ses vers sçait d'une voix legere
Passer du grave au doux, du plaisant au severe.
Art. Poet.

Horacio parece ter traçado os deveres do Poeta Phylosopho nestes versos cheios de senso, e delicadeza.

Defendente vicem modo Rhetoris, atque Poetæ,
Interdum Urbani parcentis viribus, atque
Extenuantis eas consulto.

,, Ora tomando o accento alti-sono do Orador, e do ,, Poeta, ora o do Homem do Mundo, que poupa as ,, suas forças, e de proposito as enfraquece ,, e por isso chama aos versos das suas Satyras, e Epistolas *sermoni propiora*, o estillo de conversação.

O que me custou mais no meu trabalho foi o não abusar da riqueza Poetica do Assumpto, nem sacrificar a instrucção ao brilhantismo das Pinturas, e á pompa das Descripções: Os Poemas Phylosophicos, despidos de instrucção, e de méthodo, e sobrecarregados de orna-

mentos, parecem-se com estereis montões de gêlo, que são frios, e brilhantes.

Hum dia, em que eu estava todo preoccupado das idéas abstractas, que pertencem a este assumpto, em huma daquellas meditações que parecem sonhos, julguei que me apparecia o Genio da Lingua Franceza: seu modo era frio, e nobre; seu vestido de estofos multicores, e carregados de diamantes finos, e artificiaes; seu passo era grave, e compassado; sua lingugem hum pouco menotona, e seu portamento affectado. ,, Não ,, bastava (me diz elle, chegando-se a mim) não bas- ,, tava ter-me separado da sociedade dos Reis, e dos ,, Heróes, para cercar-me de Agriculas, e Pastores; ,, não bastava ter-me arrancado da magnificencia dos ,, Theatros, para meter-me em campos de lavoura, ,, terras de pouzio, e baldios; ter em minhas mãos ,, substituido ao sceptro da Tragedia, e ás soalhas do ,, prazer Cómico as foices, e os ancinhos?.. ahi tornas tristemente a constranger-me a que me occupe ,, de idéas abstractas, e methaphisicas, estranhas até ,, agora á Poesia!.. ,, Permitte-me (lhe respondi eu) ,, que me justifique, e te apresente hum quadro fiel ,, dos meus Trabalhos Poeticos. A tua lingua era uni- ,, versalmente accusada de huma desdenhosa pobreza, ,, e parecias especialmente ter grande repugnancia a pin- ,, tar as occupações, e trabalhos campestres. Voltaire ,, havia affirmado, que o mesmo Boileau não ousaria

,, traduzir as Geórgicas de Virgilio: eu te propuz que
,, désses hum feliz desmentimento a esta allegação, e
,, tu me prestaste para esta empreza riquezas até en-
,, tão desconhecidas em nossa lingua: appareceo a Obra;
,, as Mulheres, e os Jovens a lêrão pouco, mas figu-
,, ravão que a lião. A Obra ficou quasi em moda, e
,, o elogio dos Literatos lhe prometteo hum successo
,, mais duravel.

,, Huma disposição monotona, e symétrica reina-
,, va em os Jardins; tristes, e tediosos alinhamentos
,, mascaravão á vista as fórmas, e differentes côres
,, das arvores. As aguas dormião em lagos; longos ca-
,, naes se estendião em linhas rectas; o mais animoso
,, regato não se atreveria a fazer o mais pequeno
,, desvio. Todo o terreno era escrupulosamente nive-
,, lado: era mister da Poesia corrigir semelhantes abu-
,, sos; ajudado com o teu soccorro cantei os Jardins
,, livres, e irregulares; succedeo a variedade á mono-
,, tonia, e a liberdade á escravidão; os Bosques, os
,, Prados, e as Aguas recobrárão a sua independencia,
,, e os Jardins se transformárão em Paisagens.

,, Terminado este trabalho, ainda te demorei no
,, campo: não tinhamos Geórgicas Francezas, e as de
,, Virgilio, tão perfeitas pela execução, parecião incom-
,, pletas pelo plano. Elle não tinha apresentado o Ho-
,, mem dos campos gozando de todos os prazeres, que
,, elles podem offerecer, estudando todos os variados

,, aspectos das Estações, observando a Natureza para
,, melhor a desfructar, fazendo-se feliz, e derramando
,, do a sua felicidade em roda de si: a Agricultura,
,, de que elle dictou as Leis, não he mais que a simples
,, ples Agricultura, que no seu tempo se conhecia. Virgilio
,, gilio não empregou o ocio do Homem dos campos,
,, em reconhecer quanto havia interessante, e curioso
,, em roda da sua habitação; elle esqueceo inteiramente
,, te o Phylosopho, e o Naturalista; n'huma palavra
,, não ensinou aos Poetas a celebrar as suas Bellezas,
,, e a cantar a magnificencia da Natureza. Eu procurei
,, rei encher estes vácuos.

,, Isto não obstante, o teu Idioma criminado de
,, alguma affectação, e esquadrinhamento, precisava ser
,, retemperado em a mascula simplicidade dos Poetas
,, antigos. A Traducção dos grandes Modelos da Antiguidade,
,, tiguidade, he para a Poesia moderna, (permitte-me
,, esta comparação) como essas famosas Dornas de Alemanha,
,, manha, em que o vinho novo, lançado todos os annos
,, nos sobre as precedentes vindimas, tira dellas a sua
,, maturidade, e força. Cumpria-me escolher entre
,, Homero, e Virgilio; mas Virgilio, que viveo debaixo
,, baixo de hum Governo mais aproximado do nosso
,, por aquella elegancia, polidez, e sentimento do
,, decóro, privativo de huma Còrte, e de hum
,, Século polido: Virgilio, a quem devi os primeiros
,, ros avanços na carreira literaria, devia obter sem,

,, custo a preferencia ; apezar do que disserão Pessoas
,, aliàs mui dignas de apreço, aquella Traducção apre-
,, sentava difficuldades talvez maiores do que as Geórgicas.
,, Mesmo sem fallar da extenção da obra, muitos Can-
,, tos quasi inteiramente descriptivos, como a Navegação
,, de Eneas no Terceiro, as Justas celebradas junto
,, ao Túmulo de Anchises no Quinto, e a Pintura do
,, Inferno no Sexto : nos seis ultimos a descripção de
,, huma immensidade de Batalhas, em que os Tra-
,, ges, as Armas, e os Estratagemas Militares nada
,, tinhão de commum com os dos séculos modernos, ex-
,, igião na execução tantos esforços como o Poema Di-
,, dactico, pedindo aliàs maior movimento, força, e
,, elevação. Eu me impuz a mais escrupulosa fidelida-
,, de na traducção de quanto respeita aos úsos civís,
,, religiosos, politicos, ou militares dos antigos, e com
,, especialidade á parte histórica, e geographica, cuja
,, particularisação he de tamanho apreço para os ama-
,, dores da antiguidade. O famoso Danville tendo pe-
,, dido a hum Desenhador de Cartas, a que pertencia
,, á Grecia, attonito, e afflicto por não achar nella não
,, sei que lugarejo da Attica — Ah senhor, exclamou,
,, Vm.ce roubou-me huma Aldea. ! —

,, Faltava finalmente á tua lingua huma certa au-
,, dacia nas idéas, e energia na expressão, que Mil-
,, ton havia levado mais longe talvez que os seus Pre-
,, decessores. Eu ajuntei pois á Traducção da Eneida

,, a do Paraiso Perdido, e seu Auctor veria com pra-
,, zer o acolhimento, que ella recebeo, pois era to-
,, do devido ao genio com que elle soubera pintar tan-
,, to a Magestade do Eterno, como os furores de Sa-
,, tan, e traçar com hum pincel mais enérgico talvez
,, que a cólera de Achyles, o Ceo, o Inferno, a
,, magnificencia da Creação, o Paraiso Terrestre, e
,, os castos amores, e innocentes delicias de nossos Pri-
,, meiros Pais. Deste modo a Poesia antiga, e a Poe-
,, sia moderna concorrêrão para fortificar a tua, e ape-
,, zar de me haveres muitas vezes negado a vivacidade
,, das phrases, a rapidez do movimento, e mais que
,, tudo o incomparavel soccorro da inversão; sem em-
,, bargo de que em vez das terminações caracteristicas
,, dos Numeros, dos Generos, dos Casos, e dos Tem-
,, pos, me embaraçaste muitas vezes com o apparato
,, de artigos, e de verbos auxiliares, houve mais de hum
,, conhecedor indulgente que não julgasse semelhante tra-
,, balho desutil para o augmento das tuas riquezas Poe-
,, ticas.

,, Mas ainda todos estes ensaios não bastavão pa-
,, ra o emprego das tuas riquezas: ficavão ainda a
,, Moral, e a Methaphysica quasi absolutamente alheas
,, da nossa Poesia, e presumi que hum Poema sobre
,, a Imaginação, sobre aquella faculdade, que tão po-
,, deroso império exerce sobre as nossas idéas, e as
,, nossas sensações, e sentimentos, podia encher este

,, vácuo , e abrir-te hum campo vasto , e fecun-
,, do. ,,

Sorrio-se então o Genio , e me lançou algumas folhas de louro , separadas das corôas de Virgilio , e de Milton , cujos Bustos , por acaso do meu sonho , se achavão collocados a seu lado. Eu as apanhei ancioso , e as tornei a inserir com respeito nas corôas , que pertencião.

A IMAGINAÇÃO.

CANTO I.

O Homem intellectual.

VENTUROSO o Mortal, da Scena esmalte,
Valido de Melpómene, ou Thalia,
Que a libito atormenta, alegra as Almas,
Faz que o pranto borbulhe, atrôe o riso!
Mas feliz, delle apóz, o da Sapiencia, (1)

---

(1) O assumpto deste Poema, como póde vêr-se pelos Titulos dos Cantos, que o compõem, abraça ao mesmo tempo as operações mais delicadas do Espirito, os mysterios da Memória, os segredos do Coração, e das Paixões, e o Império, que as maravilhas da Natureza, os Prodigios das Artes, e especialmente os Cultos Religiosos exercem sobre a Imaginação.

Cultor, de Pope, ou de Lucrecio Alumno, (1)
Que sem cothurnos, máscaras, prestigios,
Faz que em singelo estillo a Razão falle.
Não ouve retumbar em seu obsequio
Com estrondoso applauso amplos Theatros;
Mas he lido do Sábio: o Sábio ás vezes
Vai com elle scismar nos fundos Bosques;
E só larga seus versos, que o namórão,
Para as Florestas vêr, Ceos, Natureza.
Contente de tal sorte, hoje em meus Hymnos
Canto a Imaginação, do Mundo encanto,
Mas para a celebrar della preciso!...
Onde irei deparar-te, amavel Deosa?..
Porque encantes o ouvido, a vista enleves,

---

(1) Lucrecio, e Pope cimentárão a sua reputação immortal em Poemas, que não são Epicos, nem Dramáticos, nem absolutamente Didácticos. Estes grandes Poetas interessárão sem acção, nem caracteres, e instruírão sem limitar-se a preceitos particulares. Homero, Sophocles, e Pindaro tinhão deixado grandes modelos que produzírão illustres imitadores. Lucrecio, e Pope ambicionárão differente glória; e havemos condemnállos, assim como a Ovidio, Hesiodo, Tompson, Racine Filho, Saint-Lambert, Haller, Dusch, e tantos outros eximios Poetas antigos, e modernos, sob pretexto de haverem escripto em hum Genero, cujo caracter he mais vago, e cujos limites são menos determinados?

Em seu Templo brilhante Artes inspiras?
Sobre os bárbaros Andes, e Apennino
Ao longe escutas horridas Procellas?..
Na espessa escuridão de antigos Bosques,
Onde a voz dos Mortaes, onde a bipenne
A tenebrosa paz perturbou nunca;
Campos de Valombrosa, Hercinios montes
Pensativa, em silencio á toa giras?
De Pomona, de Pan morada amena,
As Cascatas de Tybur te divertem?...
No estrago de pomposas columnatas
O nada da altivez te mostra o Tempo?..
Segues gemendo a Mãi, que busca em lucto
Sepultura do Filho, onde sentada
Braços encruza, a fronte inclina, e chora?..
Em florente recinto, ao prazer caro,
A Belleza repões de Amor nos braços?
Ou mais te aprazes de encantar o Amigo
D'Artes, e Natureza em seu Retiro?..
Vem, minha Divindade, a ti me entrego,
Vem qual te admirão, quando, em varias fórmas,
Folgas nas flôres, co'a tormenta brincas,
Nuvens o throno teu, condão por sceptro,
Conduzindo em teu carro, entre vapores
Leves Phantasmas, enganosos Sonhos;
Soltas as roupas, descingido o corpo,
Ao ar abandonando as livres tranças:

Vem trazendo nas mãos Myrtos, e Louros;
Lança do Heroe, e Bárbiton do Vate;
Qual o Iris, variando encantos, côres,
E o riso em olhos teus visinho ao pranto;
Joven lançando á terra, ao ar, e ás ondas,
Excepto a Dormideira, as flores todas.

Mas antes que celébre os teus poderes,
Cumpre, com arte, analyzar-lhe a origem,
Secretas molas, tacitos principios.
Tomemos de mais alto o grande objecto:

Com razão se afirmou que á Intelligencia
Abalados sentidos ser prestavão.
São porta por que tudo entra na mente;
Este percebe os sons, destingue accentos;
Outro d'Arvores, Plantas, Fructos, Flores,
Odorosos efluvios nos transmitte;
Aquelle ás iguarias toma o gosto;
Outro, que póde mais, Ceos corre, e Terra,
Mas em quanto do Tacto não se ajuda
Se extramonta no espaço a vista ignara,
Grandezas, Fórmas, Sitios, e Distancias,
Tudo aos olhos he dubio, afora as côres.
Porém o Tacto, oh Ceos! Lucrecio falle,
Rei dos Sentidos em riqueza os vence; (1)

---

(1) Universalmente se conhece que o tacto he o

Juiz das Artes, do Desejo Guia;
Da Razão, e Prazer elle o Sentido,
Todos á aquelle Déspota obedecem,
Ou, dizendo melhor, só elle he todos.
Seus Rivaes, em potencia circumscriptos,
A seu unico emprego se reduzem.
Mas do Tacto o poder tudo precorre;
Sensos de Olfacto, Vista, Ouvido, e Gosto
São o Tacto tambem, mais nobre que elles.
Presentes os dirige, e supre ausentes:
O Mortal, que, encetando a vital senda,
Para a luz jámais ver á luz viera,
Com curiosa mão fallando aos corpos
Exactas relações do Tacto escuta.
Por elle, se das côres perde o gozo,
Julga-lhe da grandeza, espaço, e fórma.
Por concurso feliz cada Sentido
Presta mútuo soccorro a seus Parceiros;
Das agoas fresca relva orna o murmurio,
Seu murmurio á verdura accresce a graça.
O Olfacto serve ao Gosto, e a elle a Vista;
Ganha no aroma a purpura da Rosa;

---

mais seguro de todos os sentidos. Elle he só quem réctifica todos os outros, cujos effeitos serião muitas vezes meras illusões, se elle os não soccorresse.

Peixe enfrascado em ambar lisongeiro
Ao balsamico labio he mais gostoso.
Olha ditoso o Amor com duplo roubo,
O olho convida á mão, e a mão ao olho,
Bôca mimosa, em que repousa o bejo,
Tem mais doce perfume em roseos beiços.
Tudo assim corresponde, e seus prazeres
Os Sentidos reciprocos augmentão. (1)
  Mas a ephémera imagem dos objectos
Fugiria de nós qual sombra leve,
Se não creára o Ceo preciosa estancia
Onde os Olhos, Ouvido, Olfacto, Gosto
Vem imagens depôr de taes objectos,
A Memoria! .. tal nome enreda os Sabios,
Que mão cavou reservatorios tantos?
Que Deos com arte tanto cofre ordena
Os vaza, ou enche, os fecha, ou abre? .. os Nervos
São seus Vassallos, e a Cabeça he Louvre.
Mas como ás suas leis sugeitos sempre

---

(1) Parece-me que andou bem o Poeta em desenvolver-nos, antes de cantar o poder da Imaginação, o mechanismo dos sentidos, que tamanha influencia exercem sobre ella, pois os sentidos são com effeito os intermediarios do commercio do Homem com o resto do Universo.

Vão Sentidos curvar ao sêu dominio?
Como, assim que ella ordena, a entendem elles?
Como a recordação que em vão pedia,
Em tempo mais feliz prompta acodindo,
Sem nisso eu cogitar, volveo de novo?
Tão fiel ao deposito vetusto,
Por que em hum mais recente me atraiçoa?
Por que a Memoria, portentosa agente,
De lugares depende, acaso, e tempos?
Como os annos, os males, os cuidados
A tornão semelhante á velha cêra;
Que, fiel ao signete que admitíra,
Não quer nova impressão, resiste aos dedos?
Se no cerebro alfim se traça a idéa,
Como em corpo se imprime o pensamento? (1)
Lá finda o teu saber, Mortal vaidoso:
Vai a Terra medir, Ceos interroga,
Ordem regula do Universo immenso;

---

(1) Sem embargo de quanto tem ha hum século progredido a arte da Raciocinação, e da Analyse, tem os Phylosophos modernos espalhado tão pouca luz em certas questões Methaphysicas, que muitas vezes se póde applicar á Memória o que elles dizem da Imaginação. He com effeito muito difficultoso marcar o ponto, que sepára estas duas faculdades d'alma, que tanta relação, e semelhança tem.

Conhecer a ti mesmo, oh! nunca esperes,
Fundo abysmo a teus olhos lá se expande.
Porém, sejão quaes forem taes arcanos,
Dos Sentidos por obra, e pacto antigo
A Memoria entretem seu vasto Erario:
Por elles acervado, alli jaz quanto
Estes olhos, e ouvidos me ensinárão:
Fraquezas dos Mortaes, Virtudes, Erros,
De Terra, e Ceos Phenómenos frequentes;
Quanto cresce do chão, brilha nos ares,
Marcha no Globo, pelas ondas nada;
Das Artes os Annaes, da Glória os Fastos;
Tempos, Lugares, Fabulas, Historia;
Ligeira encadeação de Nervos, Fibras
Do Cerebro na sombra o Mundo estampa.
De obscurado recinto assim no fundo,
Que huma estreita abertura aclara apenas,
Mágico espelho, em movediços quadros,
Aos olhos nos presenta a terra, as agoas,
Buliciosas Cidades, longes sitios,
Fugitivas imagens reflectidas.

Mas em quanto os sentidos nutrem este
Thesouro, outro maior elle enriquece,
Que sempre reproduz, recebe sempre.
He a Imaginação, que não contente
De lembrar-se, e guardar, Maga fecunda,
Antecipa o Porvir, pinta o Passado.

Refaz quanto existio, fórma o Vindoiro,
A hum que exista, a outro que renasça
Diz; e, como ao Senhor, quando o chamara,
Lhe responde ,, eis-me aqui ,, do nada, o Ente:
Dos Mestres do pincel, escopro, e lyra,
O delirio produz, nutre o delirio;
Dá que o Conquistador olhe, e combine;
Nobre orgulho entretem das almas grandes;
Na esperança da Fama Heróes vigora;
Tal, vingadores séculos prevendo,
Cicero remontando-se aos vindouros,
Sua immortalidade ao longe escuta.
A Politica mesmo á Deosa minha
Deve d'alta sapiencia o maior vôo.
Seus olhos de mais alto, mais se alongão,
E onde a Turba se arrasta, vai d'hum salto.
Tal quando hervosa préga esconde o Verme,
Se abre immenso horisonte ao Rei das Aves.
Deste senso divino, e mago instincto
Vôo dominador vérte ao talento.
Pertence a todos o presente, aos Doutos
O passado, e o futuro aos Homens grandes;
Ou, se a mente desanda co' a lembrança,
He para que melhor torne ao futuro.
Terna Piedade, místicos affectos
Ao poder, que decanto oh! quanto devem?
Vê meigo coração, prompto a inflamar-se,

Que em peito sem amor o Inferno ha visto: (1)
No sagrado prazer, em que se engolfa,
Pensa haver no Universo outros prazeres?
Longe, bem longe sobrevendo a Terra,
Seu amor, Deos, e Ceo crê só que existe.
Ora o contempla no fulgor da Glória,
Quanto folgou de crêr, de olhar já folga.
Ora ainda mais alto em igneas azas
Aos opprobrios de hum Deos se eleva, e sóbe;
Tratos lhe participa, affrontas soffre,
E com pranto sem fim lhe inunda as chagas;
Do inefavel affecto ora lânguindo
Em extasis suave leva o dia:
A boca meia aberta, immovel, queda,
Ao Numen, que a consome, ella sucumbe,
Tanto divo poder, alto ascendente
Pensamento lhe rege, alma subjuga!
    Ou profunda, ou ligeira, ou leda, ou triste,
Tem a Imaginação mais d'hum caracter,
De costumes depende, idade, e tempos,
He Déspota, e baldão d'almas, sentidos:
Dos objectos Rainha, Escrava delles,

---

(1) Todos conhecem a bella expressão de Santa Thereza fallando do Demonio: desgraçado, que he incapaz de amor!

Seu cunho ella lhe impõe, seu cunho acceita.
Taes do Oceano as vagas undulosas
Praias recórtão, e as recórtão praias.
Agora, em recolher toda occupada,
Ella immensa só he, fiel Memória,
Onde objectos se pintão, quaes no espelho.
Agora, arremedando hum bello prisma,
Presta côres a tudo, e seu prestigio
Multiplica, engrandece, orna a Natura.
Tal quando no magnífico tecido
A solerte Bertin seu gosto apura, (1)
Mil fórmas toma obediente estofo,
Se desenvolve em Chale, aperta em cinto,
D'agulha, e do Pincel recebe as côres,
Com diamantes, e flôres se matiza,
Ondea em longas fluctuantes prégas,
Presta véo ao Amor, e banda á Glória,
Ou mais ambiciosa, e mais brilhante
Na adoravel Vaudchamp requinta em lustre.
    Não basta milcorar o vário Mundo:
De chiméras fecunda a Encantadora

---

(1) As reputações estabelecidas pela moda, são como elle ephemeras, mas a que os versos de Mr. Delille promettem á Modista Bertin durará muito mais.

Outros Deoses lhe dá, Leis, e costumes,
E Habitantes lhe presta a seu capricho.
Creava assim Rousseau; Platão dest'arte
República ideal funda, e povoa:
Seus Regeneradores não vio Gallia
Que estragão sem temor, sem medo crião,
Equilibrando Estados, e formállos
Todos livres, perfeitos, virtuosos?
Guardar-lhos queira o Ceo! em paz lá possão
Fundar sua Colonia, e nunca emigrem!
Assim sempre operando, e sempre á l'erta,
Pinta a Imaginação, fórma, exagera:
Té no repouso da imtempesta noite
Quando os Ventos, o Mar, e os Bosques dormem,
Quem seu poder não sabe? como o bronze
Que eu deixei de ferir, e inda retumba,
E o rápido Baixel, que inda impellido,
Recorda o remo, e pelas agoas vôa,
Preoccupado o Espirito no somno
Obedece aos objectos, que o ferírão:
Tal a noite do dia imita os quadros,
E écho o sonho se faz de idéas nossas.
Sei que dos sonhos trêfega Pintura
Desordena, confunde, involve ás vezes,
Tal no espelho das ondas se nos tração
As Arvores d'avesso, em baixo as Nuvens,
Sob as vagas a Terra, e n'agoa os Gados,

Na abóbeda dos Ceos rolando Arroios,
Mas o fundo o mesmo he: Elmiro em sonhos
Em quatro pontos o Auditorio enjoa;
De rouquenha eloquencia acalentado
Na audiencia o Ministro em sonhos dorme;
Em sonhos o Empregado se impertiga,
E a acceitar Petições estende a dextra;
Em sonhos no tablado o Actor se infuna,
Hum a Rhythma procura, a Caça o outro;
Vê o Grande Listões, dinheiro o Avaro,
Abre Penthiévre aos miseros a bolsa;
Em sonhos terno Amigo o Amigo encontra,
Lugares reconhece, hora recorda,
Em que, o adeos prolongando, em mudo pranto,
Com a vista o seguio grão tempo immovel.
Do Amante pintarei delirio, sonhos?
Morpheo com elle he pródigo em vãos mimos.
Palpita de esperança, amor, desejos,
Vê, escuta, percebe o caro objecto,
Crê que nos labios, resistindo a-fròxo,
Brando se espraia lânguido sorriso;
Que apertando-o nos vínculos mais doces
Seus volupiosos braços o rodeião;
Igneos bejos, affagos lhe recebe,
E o corpo lhe estremece ás mãos, que o palpão:
Os prestigios da Noite inveja o Dia,
E ella em nectar de Amor seu ramo ensopa.

Com estas illusões por mago Philtro
Quanto se ama, e nos praz tudo revive;
Assim na doce paz de Elysios campos
Seus Incolas ditosos se descrevem,
Ainda idolatrando o error que amárão,
Vãs sombras, que entretem da vida a sombra.
Estes ás Leis d'Amor inda vão curvos,
Aquelles Voz, e Cythara despósão,
Em carro imaginario os outros, correm,
Felizes, como aqui, por vãs chimeras.
Nem presumas que á toa os sonhos desção,
E inane todos simulacro sejão.
A' vingança dos Ceos tem já servido,
E o suplicio dos Máos começa hum sonho.
Sob os pomposos frisos, no aureo leito,
Dos Belgas, que ao seu nome inda estremecem, (1)
Fero Devastador nas surdas noites,
Dos Ricos, que matou, circumvê sombras:
Cravados de punhaes lhos mostra hum sonho,

---

(1) He difficil saber se o Author designa algum em particular, ou se estes versos se applicão geralmente a todos os Commissarios, Hypocritas, e Proconsules insolentes, que debaixo dos nomes de Fabricios, Aristides, e Phocions calcárão aos pés os Povos da Belgica em 1793, e 1794, e se fartárão de ouro, e de sangue.

Com seus gritos, e sangue o atrôa, o tinge:
Accusa-o seu despojo, em vão suspira
(Do que digno não he,) em paz ser pobre:
O Ceo, para o punir, lhe deixa o ouro,
Em garras da Opulencia, e dos Remorsos,
Do peso dos Thesouros geme oppresso,
E cruentado Espectro o arrastra á campa.
Vossos dons calarei, benignos sonhos? ...
Providencia do Pobre, o mal lhe adóção,
Enche-lhe feliz sonho a Granja, as Tulhas,
De fertiles Vindimas, fartas Messes.
Hum sonho o arvora em Rei, lhe dá Vassallos,
Thesouros sonha, Alcaçares, e Sceptros.
Passageiro delirio, e breve encanto!
Reino, Sceptro, Corôa a luz lhe rouba.
Seu mero Adulador, fica a Esperança,
Sonhos do coração, illusões ficão.
Note-se agora, que invisiveis mólas
Objectivas imagens nos despertem,
E, contagiosos sempre, os pensamentos,
Como, hum d'outro advertidos, commerceão:
Tal do espirito nosso a marcha invita;
Solitaria huma idéa em nós não langue;
Huma outra accorda, e (graças ao que prende
Os diversos objectos laço arcano)
Imagens mil, e mil d'outra derivão:
Tal hum círculo n'agoa o seixo fórma

Outro succede, e as ondas perturbadas
Té ás margens os círculos redóbrão.
Quadros do nosso Espirito contempla:
Ora a causa os effeitos nos recórdão,
Ora os effeitos nos recórda a causa.
Assim o Bemfeitor o beneficio
E lembra o beneficio a imagem chara.
Assim bosques, vergeis, em que medito
Me fallão do Senhor, e os meus Cantares
,, Deos me fez estes dons ,, qual Maro, dizem,
Ora vem de tropel ao pensamento
Objectos, varios sim, mas parecidos.
Esta Aldêa te apraz? talvez te antolhe
Sitios, onde ensayaste infante os passos,
A feição mais ligeira em qualquer rosto
A imagem reproduz do Bem que amamos.
Desse amoroso Par olha os transportes,
Dias te pintarão da glória tua.

Mas, para variar Pinturas suas,
Não escolhe na mesma Natureza
Sempre a Imaginação seus pulcros rasgos.
De novas rellações porque os retoque,
Continúa divagando em Mundos varios
Entre o Homem, e o Bruto, a Planta, e o Homem,
Entre o Espirito, e o Corpo, o Ceo, e a Terra,
Busca, apanha engenhosas concordancias,
E d'hum Reino transporta ao outro a Imagem.

Daqui, (da lingua enfeite) a Allegoria
Nasce! Este Monte vai ao Ceo com fausto,
Ri-se este Myrto, este Cypreste chora.
Pinta o Lyrio a candura, Agno a innocencia,
Hum Leão dos Heróes denodo exprime;
Palreiro o Vento, he parasita a Planta.
Se pinta expressão velha hum fresco objecto,
Graças á têz, em que a Belleza lustra,
Muito hade Egle inda a Rosa comparar-se.
Olha as nossas facções, furia he das ondas,
Nossos dias Procella, a França hum cahos.
Mas sobre tudo as Paginas da Historia
Parallelos brilhantes nos presentão:
Disso a mente se apraz, compára a folgo
Desventuras, Venturas, Reis, Vassallos,
Evos passados, Século em que estamos,
Portentosos successos, e Homens Grandes:
Robespiérre, e Cromwel coteja, e mede,
O punhal de Catão, de Tell a frécha.
Se nos Annaes dos ultimos Romanos;
De Nobres, e Plebeos leio discordias
Vencendo o Luxo aos Déspotas do Mundo,
De seus ferros armando-se os Escravos,
Fallas dos Generaes, seus ímpios dóllos,
A ambição que feroce aos seus degolla,
Dos Registos dos Mortos quadro odioso,
Todo o jus esquecido após dos Numes,

Despojados os ricos, repartindo
Té os campos de Maro a civil Guerra,
Comparando taes quadros, nelles pensa
Vêr a Imaginação nossos desastres.
Tanto prompta a transpôr lugares, tempos,
Folga de idade a idade em vêr seu rasto.
    Com effeitos, mais fortes, mais seguros
O Contraste nos fére em senso opposto;
Dos termos encontrados, que ella ostenta,
Mede a Imaginação todo o intervallo;
De hum para o outro vai, vago appetite
Para o goso variar, quadros varía.
Vês na calmosa Italia o grão Virgilio
A Thessala frescura suspirando? . .
Quem seus Caramanchões lhe volve amenos, (1)
Quem seus puros Remansos, negros Bosques?
De Sitios, Gentes offuscada a Glória
Prende pelo contraste o pensamento.
Tal do orgulho aos Padrões (soberbos muros,
Com que inda nos deslumbra a prisca Roma,
E a Filha incuriosa entrega ao Tempo)

---

(1) Oh ubi eumpi,
Sperchiusque, et virginibus bacchata Lacœnis
Taygeta! oh qui me gelidis in vallibus Hæmi
Sistat, et ingenti ramorum protegat umbra!
Virgilio

De vêr pobre Choupana eu gosto unida.
Se, comido dos sórdidos insectos (1)
Da aviltada Pobreza, acabou Sylla
Fico attónito, exclamo ,, he este o Homem
,, Vencedor d'Orchomene, e algoz de Roma ? . . .
Belisario ! . . . seu nome assusta o Mundo, (2)
E hum óbolo seu Elmo apára humilde !
Tantos males, e Glória admiro, e gemo
Vendo em mãos da Victoria os dons da esmolla.
Ora a quéda fatal te choro, Stuard,
E do Throno ao Patibulo te sigo.
Já de Mário o naufragio recordando,
De Carthago as ruinas uno ás suas.

---

(1) Sylla depois de haver governado os Romanos como hum Déspota, não temeo abdicar o poder supremo, e insultou largo tempo nas delicias da vida privada o odio, e a vingança pública. Sua insultadora segurança entre os filhos, e as sombras de suas victimas lhe hum exemplo unico na Historia. Crebillen lhe deve hum dos seus melhores versos.

Sylla couvert du sang Romain
Abdique insolemment le pouvoir souverain.

(2) A Poesia, e todas as Bellas Artes tem consagrado o infortunio de Belisario cégo. A Phylosophia, e a Moral se senhoreárão desta grande lição. Os Historiadores comtudo estão bem longe de concordarem no triste fim do Vencedor dos Godos, e dos Wandalos.

Se acordar não temesse as mágoas nossas;
Carpíria catástrophe mais fea
Grandeza emparelhando á desventura.
Se hum caracter inventa arte engenhosa,
Que faz mais impressão? . . . feliz contraste;
De hum magnanimo peito, alma violenta.
Admiro a sangue frio o Pio Eneas,
O sábio Idomeneo, prudente Ulysses,
Porém mostrem-me Achylles, o igneo Achylles
Que he na Virtude hum Deos, na raiva hum Tygre;
De amizade, e furor mistura heroica,
Sentindo fundamente ultraje, obsequio,
Nos combates troando, ou, Lyra em punho;
Pezares distrahindo em ermas praias.
Ou quando, porque applaque ao seu Patroclo;
Huma sombra castiga, e vexa hum morto;
E, se busca de Heitor Priamo os restos,
Respeita hum Pai ancião, lhe entrega o Filho:
Assombra-me este quadro, a alma tremente
De esperança, e pavor palpita a hum tempo.
Ferindo o pensamento em senso opposto,
Tanto póde o contraste em peito humano,
O Espirito desperta, assombra, excita! . . .
Taes dois seixos tocando a chamma ateão.
Taes, se ventos rivaes o mar disputão,
Ondas, e ondas, chocando, aos Astros saltão! . .
De feliz visinhança alfim o accaso

De huma idéa, outra idéa esperta ás vezes.
E sem que se contrastem, se assemelhem,
Mais visinhos objectos mais se apegão;
De imagens d'alma nítido tecido,
Com gosto a trama o Espirito lhe segue.
Desoccupado, e só vergeis decorro,
Eis súbito depáro a linda rosa;
Medito nesta flôr, e então me occorre
Que seu púrpúreo calix nutre a Abelha,
Que tira de seu nectar mel, Palacio
Onde a sua Rainha em paz domina:
De Républica, e Rei me lembro logo,
Com o Enxame Monarchico cotejo
Formigas, que sem artes, sem Palacios,
Vivem, como ladróes, em cova escura.
Porém na independencia alguns Estados,
(Digo) com a abundancia unírão Artes;
Mas fereza inflexivel dos costumes,
Contendas, que promove a Liberdade,
Fomentão vezes mil civís discordias,
Reinos devastão, ensanguentão Campos.
Mas por hum Chefe eu sou; mais brando impera!..
E poder tão ditoso a nós só cabe?..
O gyro vagabundo aos Ceos eu volto,
Alli vejo reinar do Mundo o Facho;
Com fulgor emprestado, em roda delle,
Sua Côrte pomposa, os Astros brilhão.

Dalli prompto descendo á pobre Terra,
Brado aos insanos, que entre si guerreão
Por mil systemas vãos, mais vãos projectos,
,, Não vem da Realeza o mal dos Povos,
,, Ella assim como ao Globo, aos Ceos preside;
,, Como os Homens governa, os Astros rege.
Viaja a mente assim, e assim pensando
Ao fado das Nações da flôr eu passo.
Tantas idéas de huma só germinão!
　　Vês os longos cannaes, guarida escura
De sulphureos espiritos, que esperão
Só para se inflamar mão que os accenda? . . .
Se o que ora dorme alli betume, e nitro
Tocar huma fagulha, o fogo eis salta;
De tubo em tubo vai, d'hum lado em outro,
E em seu gyro produz mil magas fórmas.
Ora he ignea corrente, he Dragão logo,
Pavêa surge aqui, hum Sol lá brilha,
Novos Astros rutillão sobre a Esphéra:
Moveo tenue faisca o grande incendio!
　　Mas famosa questão divide os Sábios. (1)

---

(1) A questão das idéas innatas, que tanto tempo occupou os Methaphysicos Escolasticos, foi mais elucidada, que resolvida pelas profundas discussões de Loke na sua excellente obra sobre o entendimento

Dos objectos, do Mundo imagens tenues
A vida nos precedem? sei que a infancia
Da prima habitação na tréva espessa,
Em sua densa túnica inda envolta,
A impressão dos objectos não recebe;
Mas o prompto sentir, ancia exigente
Que antecéde ao desvelo, ao tempo, e ensino,
Quer, compára, ama, odêa, espera, teme,
Não mostra já no infante herdado cunho? ...
E se acaso do Bruto, apenas nasce,
Escolhe os vegetaes prudente instincto;
Se o montesino cão dos Pais já herda
Ardimento, e destreza; se Ave implume
Sabe o carcer romper do ovo, que a cerca;
Se a Abelha, fabricando os céreos muros,
Geometra subtil, resolver soube
Nos angulos solertes grão Problema;
E ao notar negro ponto, d'aza inquieta,
Cacareja a Gallinha, e cobre os Filhos;
Se quando gyra ao longe errante o Tigre,
Sem vêllo treme o Bufalo, e se espoja;

---

humano. Inda se póde escolher entre o systema do Phylosopho Inglez, e o de Leibnitz. Nem hum, nem outro serão jámais demonstrados, de modo que resolva todas as dúvidas, e desfaça todas as objecções.

Terá, se he tão fiel, tão prompto o instincto,
A sublime rasão menos direitos?
Sei que instincto, e rasão differem muito:
Que ella arbitrio possue, que elle o não goza;
Que este adivinhar quer, saber aquella;
Que hum pre-sente melhor, previne a outra;
Que huma luz gradual, outro de hum jacto;
Relampago hum do senso, outra he Sol d'alma;
E em quanto inda a rasão fluctúa, hesita,
Já o instincto veloz adeja, e vôa.
Comtudo, calumniando a tenra infancia,
De tardia a rasão não criminemos.
Olha o Menino, que, ávido de objectos,
Os apanha, os devóra; e, qual na cera
Resurgem, junto ao fogo, antigos traços,
Parece mais lembrar-se, que instruir-se.
Daqui dizer proveio hum Sábio outr'ora,
,, O Homem não ignorou, tinha esquecido. ,, (1)
E se dos sexos dois fórma o producto
Purissima extracção d'alma, e sentidos,
Porque não haverão nelle deposto

---

(1) Este dicto he de Platão, e este systema não he mais facil de refutar que os dos Phylosophos Modernos. Na opinião de Platão ha alguns visos da de Leibnitz.

Do quadro universal desenho informe?
Eu sei que experiencia, annos, doutrina,
Com suas impressões marcando a infancia,
Dos sentidos, e d'alma ao primo cunho
Seus traços accrescentão; mas se o vinho
Que passa do lagar á fúmea cuba,
Annuo fermenta, ao fermentar da cepa,
E longe ao patrio solo, cepa, e clima,
Responde, donde he prezo, á Mãi ramosa,
Dos rasgos primitivos, que não morrem,
Devo crêr que não guarde o Infante hum traço?
Eu não te citarei signaes, e côres,
As fórmas de animaes, flôres, e fructos,
De que, segundo os crédulos antigos,
Os vestigios imprime a Mãi no Filho.
Porém de nossos Pais (quem tal contrasta?)
Dores, e affectos, odios, e prazeres
No vivo, escuro cárcere, em que habita
Com secreta impressão sente o Menino.
Próxima ao puerpério a Mãi de Stuard,
Vê cahir seu amante aberto a golpes;
Rei Pedante, que treme a hum ferro erguido (1)

---

(1) Todos os Historiadores attestão o singular effeito do susto, e da apprehensão, que a desgraçada Maria Stuard, grávida de cinco mezes, soffreo, vendo

Guerra faz aos Theólogos, seu Filho;
E o dilemma subtil, debates doutos
Forão sua arma só, seu mór combate.
Tanto a Imaginação, até das mesmas
Sensações, que ao natal precedem, tira! . .
Assim nossas idéas nascem, crescem,
E os objectos mil côres, tomão, vestem.
Mas té onde do Espirito a cultura
Póde hir? quanto o Saber Natura ajuda?
Prolixo raciocinio engeitão Musas,
Mais que hum frio argumento, hum conto exprime.
Nesse mar, que Pacífico chamamos,
A antiga Peliú levanta a frente.
Phenómeno das Leis, do Instincto apuro,
Simples, porém não rude, estranho a hum tempo
Aos costumes brutaes, brilhantes vicios
De polidas Nações, selvagens Tribus,
Ignora seu bom Povo a urbanidade,

---

apunhalar a seus olhos o seu Amante Rizzo. Quatro mezes depois desta Tragedia deo a Rainha á luz hum Filho, que foi o primeiro que, reunido o Throno de Escocia ao de Inglaterra, teve o titulo de Rei da Grã-Bretanha. Huma espada nua o punha em huma especie de convulsão, sem que, a pezar de todos os esforços, pudesse vencer semelhante fraqueza, que unicamente nascia da disposição dos seus orgãos.

Que atraiçoa com graça, e a vil fereza
Que em triumphantes mãos leva, cantando,
Do craneo do Vencido atróz despojo;
Não he ócio infecundo o seu repouso,
E ao lado do Trabalho acha os Prazeres:
O Rei lhe presta exemplo, e, mal que ao Reino
No Palacio de Colmo as Leis promulga,
Ao trabalho voltou. Ninguem o excede
Em pôr cabo á bipenne, emplumar settas;
De seu mar, seu terreno, os peixes, fructos
O sustento lhe dão, por isso a Guerra
Rara vez lhe perturba os campos, dias.
Quem superfluo não tem, jámais combate.
He sua glória melhor ser bons, ser justos,
E, em quanto das Nações bárbara Historia
Pinta crimes, batalhas, desventuras,
Fatigado o Leitor, porque resfolgue,
De este Povo indolente achar se agrada,
Como a Tribu, que Homero nos pintára,
Que de queijo vivendo, e mel, e fructos
Lá no extremo do Mundo, merecia
Que os olhos lhe puzesse o Rei do Olympo,
Fatigados de vêr do Globo os crimes.
Baixel, que d'Albion deixára os Portos, (1)

---

(1) Estas Ilhas, que os Hespanhoes chamão Ilhas de Palos, ficão entre as Phylipinas, e o Archypelago pou-

Ditoso em seu Naufragio, alli varára;
Não soárão na Ilha horriveis gritos
De espoliador tropel, correndo á preza;
A hospedeira Nação accode ao Anglo,
Dá-lhe soccorros, lagrimas, abrigo;
E ao vêr tanta bondade, honra, e franqueza,
Dos féros Europeos qual foi o assombro!
,, Se o Mortal com tão pouco he venturoso,
,, Que proveito nos dão Artes, Thesouros?
Os Naufragos bradavão. Porém delles
Nenhum mais ledo a Insula notava,
Que hum Mancebo singelo em gesto, em genio,

---

co conhecido das Carolinas, e dos Ladrões. Foi na noite de 10 de Agosto, que o Antelope, Correio da Companhia das Indias, deo sobre os cachopos, que cercão pelo Oeste as Ilhas de Peliú. Os Inglezes se estabelecêrão em hum Ilheo deserto, que os Naturaes do Paiz chamão Oroolong. Aquelles Povos, que relações pouco fiéis pintavão como Antropophagos, tratárão os seus hospedes com a maior humanidade. O Rei de Peliú, a quem tinhão auxiliado em huma guerra contra os Habitantes de huma Ilha visinha, confiou ao Capitão Wilson hum dos seus filhos para o seguir a Inglaterra, ao mesmo passo, que hum dos Marinheiros do Antelope resolveo ficar na Ilha, e terminar os seus dias com aquella Nação simples, e hospedeira. Eisaqui o acontecimento que forneceo a Mr. Delille este formoso Episodio digno do Pincel de Virgilio.

Que moldar a tal sitio o Ceo mostrava.
Em corpórea aptidão vencia a todos,
Alcançavão seus pés do Cervo a fuga,
Seu talhe da belleza aos frágeis dotes
O desgarro juntava! mais ingénuo,
Mais terno que sollicito, ou polido,
Seu animo mostrava a hum volver d'olhos;
Puro de inclinações, ao luxo urbano
Simples graças ruraes sempre antepunha:
Entre as Artes nascido amou Natura,
Seu enfeite era asseio, e ninguem víra,
Tão livre como os ares, seu cabello
Branquejando com pós, retorto ao ferro;
Só ás vezes as tranças vagabundas
Sahião mais lustrosas dentre as ondas,
Mas cuidado não punha em taes thesouros:
Debalde d'harmonia arcanos soube,
Só lhe aprazião Musicas que as Nymphas
Ao Rabil do Pastor nos montes ouvem,
Ou do Bardo Escocêz sons magestosos;
E porque melhor pinte o Moço amavel,
Tal quizera o Centauro outr'ora Achylles,
Mentor Thelemaco, e Rousseau o Emilio.
Tanto pois que observou tão lindo clima,
Benévola Nação, nada elle hesita,
Adopta aquella Terra, e vêr presume
Pela primeira vez a Patria sua.

Para o filtro augmentar-lhe, que o fascina
Donzella encantadora alli depára,
Seu nome era Zoé; do talhe esbelto
O flexivel ondeio excede ao junco.
Porte, gestos, feições amor transpirão,
Seus olhos, ou do Sol dardejão raios,
Ou, das ramosas palpebras cobertos,
O mórbido clarão da Lua imitão.
Ao Mancebo amoroso a côr, que importa? ...
Em breve o coração desmente a vista:
E, quando elle a cingia ao peito amante,
Ao Ebano brilhava unido o Jaspe.
Em seus novos destinos engolfado,
Adeos Europa, seus festejos, e artes.
Tal o Potro, nascido á independencia,
Da formosa prizão fartura engeita,
Loros estoura, perde-se nos campos,
Bravias propensões liberto escuta,
Segue a amante por prados, por pastios
E a Natureza, e Ceo desfructa a folgo.
Mas em quanto Waltér por filtro occulto
Se entrega ás attracções de hum doce instincto,
Prodigios immortaes, e Artes d'Europa
Boó, Filho do Rei attento admira,
Brilha-lhe luz incognita, e parece
Que das Artes ao culto os Ceos o votão.
Remi-volo Batel, Canoa, e Lancha

De maior perfeição lhe erão crédoras.
Ninguem mais déstro entreteceo Latadas,
A terra cultivou, fendeo as agoas;
E no escasso saber da Patria sua,
Dia a dia avançava a fina industria.
Por isso do Baixel, cujos destroços
Assim mesmo em ruina o maravilhão,
O assombroso artefacto observa, indaga,
Vem contínuo assistir ao seu reparo,
Com famulentos olhos devorando
Mastros, e Lemes, Ancoras, e Velas;
Quer partir, quer, deixando o patrio berço,
De polidas Nações sondar costumes.
Tal a Arvore agreste, cujo tope
Só o orvalho bebeo, nutou ao vento,
Nos Jardins, desvestindo a natureza,
Implora o regador, soffre a cultura.
Debalde, olhos em pranto, e a dôr no peito,
O encanecido Pai lhe embarga a idéa.
„ Caro Filho, (elle diz) que ardor insano
„ Te faz buscar tão longe alheas Terras?
„ Onde te quer levar gloria arriscada?
„ Que póde suspirar quem tem ventura?
„ Que bem nos póde vir d'Artes estranhas?
„ Farão com que esse mar mais peixes crie?
„ Brilhará sobre nós Ceo mais piedoso?
„ Respiraremos mais serenos ares?..

,, Mais pura agoa haverá, fructos mais doces?
,, Mais affecto terás ao Pai, e á Patria? . .
,, Eis o vero prazer, vero thesouro.
,, Dessas Artes o effeito vêr pertendes?
,, Olha os restos, que juncão nossas praias:
,, Que disse? oh! longe o horrido presagio!
,, Em que hei de esperançar, se perco o Filho?
,, Dá de mão a projectos sem accordo,
,, E se os sustos descrês, com que eu palpito,
,, Meus soluços, meu pranto observa, escuta.
    Prácticas vãs! já reparado o Lenho
Fluctua sobre o Pelago: á partida
He prompto o Nauta, e com benigno sopro
Galerna viração redonda as vélas.
Segue o Filho ao Navio o Velho infausto,
E tendo-o contemplado hum longo espaço:
,, Cedo á tua impaciencia, parte, ó Filho,
,, Mas que penas vai dar-me a tua ausencia!
,, O fio, cujos nós nos marcão dias,
,, Nestas trementes mãos estará sempre,
,, Julgarão cada dia os meus desejos,
,, Diminuindo os nós, que augmento a vida. (1)

---

(1) Tem-se deparado em algumas Ilhas do Sul o costume dos antigos Peruvianos, de marcar os dias pelos nós dados em cordões.

,, E tu, benigno Ceo, se hei de inda vêllo,
,, Se a esperança me ajudão ventos, ondas,
,, Se ha de os votos enchendo a hum Pai, que o ama,
,, Bater seu coração sobre o meu seio,
,, Prolonga os dias meus, não ha tormento
,, Que não pague a esperança deste abraço.
,, Mas se o devo carpir junto ao sepulchro,
,, Faze que eu morra, ó Ceo, que eu morra agora,
,, Agora que o porvir he dubio ao menos,
,, Agora, que a esperança inda me anima,
,, E que, ó Filho! ó bem unico, que adoro!
,, Inda te vejo, escuto, e abraço ainda;
,, E que, forrando em fim sorte mais dura,
,, Me mate o meu temor, não morte tua!
Disse, e, luctando em sustos, e esperanças
Com lagrimas mistura o bejo extremo.
Arrancado he dalli; com pranto, e gritos
A seu ermo Palacio o Filho implora.
Apenas o selvatico Mancebo
Da opulenta Albion tocára as praias,
Qual seu extasi, oh Ceos! qual seu transporte!
Prodigio, encanto, novidade he tudo.
De soberbas Cidades o concurso,
Brutos jungidos ás rodantes Casas,
Pompas da Scena, orgulho dos Palacios,
Os Vidros que os objectos multîplicão,
Os Portos, Arsenaes, Liceos, Senado,

Tudo dava tributo, e polimento
Ao juvenil espirito! inda bruto
Tal o Oníx sotterrado longos annos
Perde na mão do Artista a crosta inerte,
E do centro polido a luz dispára.
Foi ditoso Boó, té ao momento
Em que á Joven Willis rendeo seu peito.
Preferindo á ternura os rendimentos,
Willis era vaidosa, era inconstante;
Ella não se abrazou no ardor discreto
De ingenuo coração, que ensopa occulto
Prazer sentimental, que só deseja
Testimunha, e Juiz o Amor, sua Alma:
Hia após do esplendor, e o seu orgulho,
Boó, menos amado, amára menos:
Ao deixar este esplendido Theatro,
Este bolicio vão, pompas que estima,
Esfriou-lhe a paixão desgosto injusto.
Tal mudança rasgou do amante o peito,
Pezar consumidor lhe mina as veas,
E elle, como o prazer, sentia as penas.
Desde então seus primeiros, pulchros dias
Ocio feliz, fadigas innocentes,
Hum vão sonho de gloria afugentando,
De tropel a lembrança lhe assaltárão.
Por cúmulo de mal Waltér lhe escreve,
E em carta, que atravessa a salvo os mares,

Que he ditoso lhe diz, que amado adora,
E de hum doce Hymenéo já víra os fructos.
De pungente saudade então ralado:
,, Venturoso Waltér, (chorando exclama)
,, Ao mísero Boó que inveja excitas!
,, Eu tambem, como tu, mudei de Patria,
,, Mas tu gozas em paz ternos amores,
,, Nem turbou deslealdade os teus bons dias!
,, Paga-te hum fido amor constante affecto,
,, E eu, mísero baldão de huma perjura,
,, Me sinto traspassar de hervada setta.
,, Porque, aonde nascêra, em paz não soube,
,, Entre os Amigos meus, e as negras Nymphas,
,, De meus régios Avós lavrar campinas?
,, E tu, de quem devêra ouvir conselhos,
,, Ah! se como o disseste outrora ao Filho,
,, A despeito da ausencia, a sympathia
,, Provar nos faz a dôr dos que estimamos,
,, Que lagrimas verter, oh Pai! não deves!
,, Mas remedio não ha!.. succumbo... expiro...
,, Dos bellos dias meus na flôr pereço,
,, Longe de minha infancia aos sitios bellos.
,, Campos do meu Paiz, feliz morada,
,, Em que Innocencia, Amor, Trabalho habitão!..
,, Oh rios magestosos, ledas praias,
,, Mares, que a nado intrépido transpunha,
,, Bananeiras, que á sombra me abrigastes,

,, Arvores, que plantei, não torno a ver-vos!
,, Já não conduzirei da Patria ao gremio
,, Da industria as producções, d'arte os portentos!...
,, Consolai-vos, não dão ventura as Artes.
,, E vós, Amigos meus, se podem Honras
,, Mortos interessar no Reino escuro,
,, Não trateis com desprezo a Sombra minha,
,, Repita-se entre vós meu nome infausto:
,, Boó morreo por nós, dizei chorando.
Disse, e os olhos fixados sobre o Mappa
Em que a Patria lhe traça Arte engenhosa,
Ora para os Escriptos, de artes nossas
Portentosos Padrões, com mágoa olhando,
Exhala a vida em flôr; qual tenra Abelha
Que do thymo, e da rosa haurira os succos,
E a seu lar conduzindo o ameno extracto
Do reluzente orvalho, fructos, flôres,
De seu amplo despojo cede ao peso,
Morre saudosa do alvear materno.
Oh Waltér, oh Boó, sagrados Nomes,
Em vão vos separou tyranna sorte:
Em quanto verde rama os bosques vistão,
Em quanto da Poesia o grato Idyoma,
Em harmónicos sons encante o Mundo
Nas almas vivereis, como em meus Versos!...
Mas que devo inferir dos fados vossos?
Que das Artes se desça á Natureza?

Não; se expirão costumes, seus recreios
Asserenão paixões, virtudes nutrem.
Quem as Artes possue, das Artes goze,
Se algum mal dellas vem, ellas o curão;
E eu breve a minha voz vou consagrar-lhe,
Seus prazeres pintar, e as Leis dictar-lhe.

Fim do I. Canto.

A IMAGINAÇÃO.

CANTO II.

O Homem sensivel.

Feliz, (disse Virgilio) o Genio eximio (1)
Que, abismos prescrutando á Natureza,
Combina effeitos, causas, e devassa
Recatado principio aos Elementos.

---

(1) Os vinte primeiros versos deste Canto são de Virgilio, especialmente da admiravel tirada:

Felix, qui potuit rerum cognoscere causas.

Este grande Poeta estava muito longe de assentar, que a Phylosophia, e as Sciencias ficavão extra-alcance da Poesia; e que a Arte dos versos se devia limitar á pintura das Paixões na Epopeia, e nos Dramas. He facil reconhecer quem bem o estuda, que elle pro-

Conhece porque o Sol se eclypsa ás vezes,
Porque ao Astro da noite a luz desmaia;
Como sem o Tridente o Mar se empola,
Vem sobre as praias, e rugindo, as deixa;
E dos montes de Sophia ao longe observa
Nescios Phantasmas, que deifica o Erro.
Mas tambem venturoso, o que dos campos
Canta os prazeres, os trabalhos canta,
E sem que abranja a máchina do Mundo,
Folga sentado ao murmurar d'um Rio.
Disse Virgilio assim; e eu, que em meus versos
Celebrava os Jardins, Vergeis, e Bosques,

---

pendia naturalmente para a Poesia Moral, e Phylosophica. Com huma vea mais rica, e hum talento mais flexivel, e gosto mais puro que Lucrecio, não condemnava o genero, que este Poeta abraçára: este genero nada tem de moderno, e as suas mais bem acabadas obras vem dos Antigos, e não pertencem, como o tem querido affirmar, a épocas de decadencia. Seus Creadores são Hesiodo, Lucrecio, e Ovidio. O que he novo he o Titulo de Poema Descriptivo, que nem por isso he mais exacto. Dizem os Críticos, (que não gostão deste genero) que elles o condemnão porque não offerece huma acção geral, nem pinta as paixões. Não vêem nelle mais que huma eterna enfiada de Descripções, que não tem movimento, nem interesse. Comtudo os mesmos Críticos tem indulgencia com os Poemas Didácticos, e se dignão de contar alguns en-

Ainda hirei mais longe! acceso em estro
Alumno de Virgilio, e de Lucrecio,
De hum abismo sem fim, sem termo, o Homem,
Hirei desentranhar profundo arcano.
Disse como, dos Ceos gyrando as obras,
Os Sentidos na mente imagens gravão;
Como, variando mágicos reflexos,
Pinta a Imaginação objectos varios,
E, a opulenta Memória despojando,
Deste Mundo em Romance Annaes transforma.
Nossas penas direi, nossos prazeres:
O que esperta appetites, e os accalma,
E aggrava á Natureza os Bens, e os Males,

---

tre os mais bellos monumentos da Arte, em rasão dos Episodios, que reunem o interesse da acção, com o das paixões. Mas os Poemas, tão impropriamente chamados Descriptivos, não tem as mesmas vantagens? os Episodios, ou Históricos, ou de Invenção, não desvanecem a monotonia das Descripções, assim como fecundão a esterilidade dos Preceitos? Mais: estes Poemas offerecem muitas vezes hum seguimento de acções particulares, que pertencem ao fundo do assumpto, e que a elle se unem. As Methamorphoses d'Ovidio são huma multidão de Scenas Episodicas, mais juntas, do que encadeadas por hum fio engenhoso; e neste genero, como em todos os outros, faz o Poeta com mais ou menos felicidade jogar as paixões segundo a finura do seu gosto, e a fecundidade do seu talento.

Por mágico poder, meu nobre assumpto.
Feliz, se Erario tal me he franco ainda,
E atavia a Rasão com aureo metro.
Olha como o Senhor, com sobria dextra,
Prazeres dispersou! . . como os sepára
Por crebros tractos! O desejo illuso
Qual apanha não sabe, e em ocio morre!
E a vista aqui, e alli descobre apenas
Sobre immensa extensão mui raros pontos! . . .
Eis accode a Illusão, com pulchros sonhos
De objecto a objecto nos distrahe, nos suppre
Com ventura ideal real ventura:
Deos creou o Universo, ella o completa:
Onde o gozo dormio, desejo esperta,
E onde finda o prazer saudade encampa;
E entre votos, projectos, e esperanças,
O desenho preenche ás vitaes scenas.
Queres vêr seu Emblema? . . ouve o meu canto.
He fama que Matrona encantadora, (1)
Tinha a escasso Festim roda infinita;
Da frugal Mesa, mal provida ás vezes,
So ella se queixava, antes zombava;
Mas se o Bordeaux, o Aï, o Arbois faltavão,

---

(1) Esta Anecdota he por muitos attribuida a Madame de Maintenon.

Se os raros pratos rapidos fugião,
Ella contava; e súbito o contento
Circum-gyrava, e progredião risos,
Divino era o festim, nectar o vinho.
Tanto póde a illusão no vital brodio,
Falta a gloria real, doce erro abunda.

Mas a círculo estreito, a tempo escasso
Seu mágico poder não se limita.
Pelo immenso infinito a vista alonga,
O Mundo he Reino seu, seu Foro o Tempo.
Ora a escolha regula em bens presentes;
E quando, equilibrando conchas, pesos
Pésa a seria Rasão tudo em silencio,
Ella accorre, e o fiel súbito inclina.
Mas curtos são taes bens, qual o igneo Potro,
Que, enjoado da terra que o sustenta,
Pulsa soberbo o chão, voa impaciente
Com a idéa ao lugar que ante-devora;
O presente aos Mortaes em breve he tedio,
E até mesmo o passado lhe preferem.
E acaso julgarás, que a fugir promptos,
Para sempre se ausentão nossos dias?
Contínua os reproduz Remeniscencia,
E faz arripiar caminho ao Tempo;
E qual Serpe, que o ferro em dois partíra,
De que fida ametade á socia antiga
A seus viventes restos busca unir-se,

Reflúe para o pretérito a lembrança.
Ah! talvez Jehovah, ao resurgillo,
Aconselha do Tempo o sábio emprego.
,, Do presente (elle diz) os bens recada,
,, Vê não sejão remorsos teus recôrdos!
Misero o que remorsos n'alma sente!
Viva Imaginação lhos nutre, e augmenta.
Terrivel ella antolha ao criminoso
Juramentos, perjurio, altar, e templo,
E lhe dá longos tratos com seu crime.
Mas ás vezes remorso apura as almas;
Faz com que sirva ao Bem Vicio já findo,
E este Filho do Mal Virtude abona.
O passado tambem Saudade accorda,
Mas tem mais brando aspecto! em terna frase
Quanto nos agradou fiel descreve,
E por tempos, lugares, busca, elege
Horas amaveis, preferidos prazos,
Onde suaves distracções repouse;
Os pezares nutrindo, os amacia,
Vive de recordar, pranto a consola.
Ah! quem não lhe provou feitiços, mágoas?
Lagrimas não voltou para o passado?
Pouco gosta o porvir, quem este olvida.
Morre a Esperança, onde a Lembrança expira;
Forão no mesmo lar nascidas ambas;
Em peito sem saudade o gozo esfria.

Oh mais nobre attributo da Lembrança,
Benigna Gratidão, meu voto acceita.
Se he o Presente do Interesse o Numen,
Teus olhos ao Preterito inda encarão:
Do coração se as dívidas pagava,
Dizia a Antiguidade — este se lembra! —
Mas devendo debalde aos Ceos, e aos Homens
Quantos não pagão! quantos se não lembrão! . .
E mesmo em doce Amor, terna Amizade
Não tem parte suavissima Lembrança?
Os vínculos do instincto aperta o Tempo:
Lembra, porque mais se ame, haver-se amado.
Felizes, se o pretérito surgisse
Com tão doces memórias sempre aos Homens! . .
Mas, como inclinações tranquillas, justas,
Horríficas paixões nutre a Memória.
Mais nesses climas cujo fogo intenso
Os furores, e toxicos refina!
Injúria que pungio Mortal soberbo,
Rasga mais fundamente o peito enfermo.
Adeos todo o prazer; cabellos, barbas, (1)
Crescerão; té morrer contrario odioso:

---

(1) A História moderna da Italia offerece huma multidão de Exemplos destas vinganças implacaveis. As desavenças dos Guelfos, e Ghibelinos, e descordia das Cidades visinhas, e os ódios hereditarios das Familias enchem os annaes da Idade Média de crimes atrozes,

Jurou; e já selvatico, errabundo
Vai a raiva nutrir por mattos, montes;
E em quanto, seu pezar fiando aos Ermos,
Nelles vai suspirar mimoso Amante;
Sem lagrimas, sem somno, em noite, em dia,
Sua injúria contando a ventos, montes,
Elle ruge, e se finge em igneos traços
Hora, dia, lugar, horror da affronta;
Detestado Mortal traz sempre á vista,
E de longe lhe emborca a Tempestade!
Quão caro ha-de pagar-lhe o seu desterro!
Se fôra mais feliz, por mais punillo!..
Na illusão de seus votos sanguinarios
Mil phantasticos bens lhe presta a folgo!
Honras que roube, campos que devaste,
Nome que infame, Filho que trucide,
Que pena inventará sua vingança!..
Cumpre lhe apreste a morte? a dôr prolongue?..
Agoa empregue? veneno? ou fogo? ou ferro?
Quando lhe fulgirá tão caro dia?..
Eilo!.. mísero o objecto de seu odio!..
O Tufão, que o naufragio presagia,
Menos prompto, e furioso espalha os restos
Do Baixel, que surprende a Tempestade.

---

produzidos por paixões ardentes, que se exaltavão com o calor do Clima.

Negros crimes daqui, nefandas scenas,
Monstros da História, que aos fingidos vencem,
Fructos de ampla lembrança, Taças, Ferros,
Preterito a brotar futuro horrivel.
Descrever poderei medonha História,
Que Perusa, tremendo, inda recorda? (1)
De orgulhoso Mortal violenta affronta
A face avermelhou, rasgou-lhe o peito.
Conscio do seu furor, laços, que lhe urde,
Escapa o seu contrario, e vai ao longe
Ao abrigo esperar da Tempestade,
Quadra mais venturosa em terra estranha.
Vã cautéla! que a victima distante
Mais á mente frenetica se antolha.
Negro resentimento em paz fingida
Preparando-lhe horrífico castigo,
A hum tempo dissimula offensa, e odio:
He arte da vingança o fingimento.
Mostra, com tedio ás Côrtes, tedio ao Mundo,
Buscar a escuridade em Claustro Santo.
Lá com pio rigor, cilicio austéro
Desperta a emulação dos mais perfeitos.
Faz mais; no coração que habitão crimes,

(1) Perusa he huma importante Cidade do Estado Ecclesiastico nos confins da Toscana.

Diario o Deos de Paz recebe o Impio ;
Em vão, que mais, e mais refina em odio,
E os crimes redobrando, a raiva dobra.
Illusorio boato os seus propagão,
Ao contrario, que seu rancor espera,
Fazem crêr, que sumido em seu retiro
Elle o Mundo esqueceo, e antiga injúria,
Que tempo he já que volte ao Patrio Clima.
A esperança fatal perfilha o nescio,
Parte, e volta da Patria ao seio amigo.
O inimigo cruel com dextra furia
Tinha feito espiar sua chegada ;
E ignorado retiro, em que se abriga :
Com furial alegria então palpita,
E com riso feroce, e olhar medonho
Correndo o Santuario, o Altar, e o Templo
Em que os Ceos a seu odio unira o Crime,
,, Graças, Theatro de meu crime, e alvergue
,, Da Religião ! . . a Victima eu te devo ! . .
,, Adeos ! paz, e innocencia embora guarda :
,, De hum lustro de maldade os fructos colho.
Disse, e pela alta noite o claustro deixa,
E ao notado lugar a occultas marcha.
Bate . . . com fachos, com punhaes se arroja,
Qual Vampiro que aos Túmulos escapa ;
O inimigo surprende, abate, amarra,
E, com olhos que accende a dita do odio :

,, Cruel (diz) muito tempo me illudiste,
,, Mas forrar-te a meus golpes não podeste!
,, Trouxe-te aos laços meus lenta vingança;
,, Pelos meus sacrilegios toma, infame;
,, Tu me roubaste... (e posso assás punir-te?..)
,, Os transitorios bens, e os bens eternos;
,, Morre, e paga meu crime, e injúria tua,
,, Tormentos, que passei, e os que inda espero;
,, O Inferno aguarda os dois: lá me precede.
Isto, e torna a varar-lhe o peito inerme,
Vive inda o seu furor no corpo extincto,
No sangue, que aborrece, o ferro ensopa,
No sangue, que aborrece, o leva envolto,
E este objecto fatal tem sempre á vista,
Padrão horrendo d'horrida vingança.
Tal poder o Passado em nós exerce!
Mas com vôo mais rápido, mais vivo,
Pelo obscuro porvir a alma se entranha.
Qual Jano, duplo Deos, de duplo rosto,
Evos dois abarcando em dupla vista,
Via d'hum lado o Século expirante,
E d'outro lado o Século nascente;
Ou qual, domando o pelago captivo,
Grão Colosso escorava em praias duas,
Viva Imaginação de ajuntar folga
O passado daqui, dalli futuro.
Lá entre pontos dois a mente hesita,

De huma parte o Temor, d'outra a Esperança;
A risonha Esperança, que, fugindo
Do Globo infecto para os Ceos os Numes,
Derradeira ficou, consola o Mundo.
Ella voga c'os Nautas sobre as ondas,
Hostes conduz, nas Feitorias vela,
Sorri ao Lavrador curvado em sulcos,
Vê do Sábio augmentando-se o Volume,
Sustenta Arado, Remo, Espada, e Penna,
E aos Heroes, mais que tudo, ardor fomenta.
Quando Cesar em Roma auri-chovia,
Amigo, que assombrou profusão tanta,
,, Perguntou, que reservas? ,, a Esperança!..
Volve elle; e que esperança, a que he de Cesar!
Dá-lhe a Fortuna que seu carro junja;
Ella os Escravos fórra, o Pobre adita,
E com ella o Captivo em ferros canta.
Que males a Esperança estancar podem?
Entre as mais densas trévas brilha a furto,
E ao menos da illusão presta os recursos.
Tal, se as fontes do Crédito se estancão,
Se de Papel, que em vão as Leis protegem,
Valor mesquinho ao peso seu se mede:
Romanceiro, em promessas abundante,
Surge Cambon, nossas riquezas conta; (1)

---

(1) Os Francezes provárão duas vezes no mesmo

Templos vendidos, supprimida a Missa,
O que deve pagar-se, ou não pagar-se,
A dívida dos Mortos desherdados
Extinguida, em desgraça, e medo o imposto;
Tudo applaude, e em Apolices modernas
Milhões sobre Milhões contínuos chovem.
O crédito revive, alma Esperança
Em coche de cartão discorre a França.
Mesmo a Morte, a inflexivel Morte invoca
A Esperança, de quem tropheos não lucra.
Ah! e que não póde ella em nossos peitos?
Mil vezes a sentença embarga a Diva,
E as molas vigorando a hum corpo exhausto,
Dos corpos, qual da Mente he bemfeitura.
Gallia o provou nos prestigiosos dias,
Que Mesmer fascinou com seus portentos. (1)
Tinha os Vasos tombado, e Gráes aonde

---

século os tristes resultados desta confiança temeraria, e destas riquezas ficticias, cujo abuso he sempre correio de huma miseria certa. Mas a voga das Apolices de Law, hypothecadas sobre os thesouros do Mississipi, attesta mais o Imperio da Imaginação, do que os Assignados de Cambon, cujo crédito se esteiava em cadafalsos

(1) As perturbações, que precedêrão a Revolução Franceza, e os memoraveis acontecimentos, que se lhe seguírão, tem feito esquecer Mesmer, antes da sua reputação ser irrevogavelmente determinada.

A's vezes se triturão mortaes succos;
Mas de hum feliz delirio a Taça appunha.
De mais ledos enfermos docil Turba,
Cercada de cordões, ferros no seio,
Cercava o tanque mágico. A ventura
Das Almas pintarei, que se achão juntas,
Que a mesma precisão congrega, e voto?
A cadêa de Amor, fraternos laços,
Em que todos recebem, communicão,
E as electricas mãos afagadoras
Que os conscios corações velvem mais fortes?
Não, quantos Thalismans tinha a Magia
Igualar não podérão taes encantos.
De Pandora a Boceta mais não gabem;
Esta Cuba assombrosa mais valia:
Sem que os males sahissem, a Esperança
Tinha no fundo, e as Illusões em roda.
Sua tránsformação ledava a todos;
Cobrar Egle pensava as murchas rosas;
Hum pouco reanimando-se, o caduco
Co'a milhora os herdeiros ameáça;
Mancebo, que os prazeres enrugarão,
Dias de mocidade inda fingia;
Té eu mesmo esperei, largando a venda,
Olhos dignos de vêr tão lindo quadro.
Mas ha cousa, que dure entre Francezes?
Seu condão conduzio Mesmer outronde,

Cada enfermo, sósinho em sua estancia,
Se enterrou tristemente e os seus achaques;
E a virtude implorando a vãos remedios,
O mais doce perdeo com a Esperança.
No futuro fundando iguaes Direitos,
Hi prolonga o Receio olhos mais linces:
Tormento salutar! não pode o Eterno
Guardar-nos per si mesmo a cada instante;
E o Rei universal, bem que tão grande,
Hum milagre sem fim não deve aos Homens.
Por isso, ao imprimir n'alma a esperança,
O temor collocou sempre a seu lado,
Sentinella, que assidua nos precede,
Os riscos a espiar, que á Mente escapão.
Descobre-nos os laços, que recea,
Com desvélo da vida indaga a senda.
Rasão subito acorda ao seu reclamo,
E acodindo, ou repara, ou véda o damno.
No berço se une a nós tão sabio instincto.
Inexperto, e sem arte olha o Menino
Que attento, e trémulo a marchar começa,
E estende, escorregando, os debeis braços!
Desta arte na balança se equilibrão
Receoso temor, doce esperança.
Mas inda não cantei seus dotes todos:
Tem ambos males seus, como os seus mimos:
A Esperança precoce ao gozo ás vezes

Na longa expectação deslava o gosto,
Colhe a flor da Alegria, e murcha o fructo;
E o futuro o presente ás vezes rouba.
Mas tambem do temor incertos transes
Entristecem prazer, penna antecipão.
Daqui ancia inquieta, ávido instincto,
Que ao mistico futuro nos impelle.
E, porque impenetrandos véos penetre,
O Homem pergunta aos Ceos, pergunta aos Astros
Seu pezar, seu prazer, dita, e desdita.
Ora sobre o cartão de varias côres
Números, e Figuras combinando,
Lê por acasos vãos successos grandes.
Saleiro, que tombou, lhe agoura o Fado,
A' morte o sentenciou grasnando hum Corvo;
Magos Espelhos, Talismans o cercão:
Ora, a vista cravada em mãos profetas,
Depara em cada raia hum porvir certo,
E he a linha fatal lei do Destino.
Quem ás Superstições deo nascimento?..
A' Gratidão fanatico Receio
Thuribulo arrancou; seu culto edioso,
Sangue humano vertendo, exóra os Numes. (1)

---

(1) Em quasi todas as Religiões antigas, e nas que se tem encontrado nos Povos do novo Mundo, e Fanatismo, e a Superstição sacrificavão victimas humanas.

Devo em fim explicar como, fervendo
Procellosas paixões, que se atropellão,
Esperança, e Temor incitão, pungem?
Ou Glória aduladora em nós domine,
Ou, Déspota de Heroes, a Ambição féra
Das grandezas o amor desperte, inflamme;
Ou mais ávida ainda, ou mais inquieta
A sacra sede do ouro em nós se atêe.

Nesse Templo penetra, onde a Avareza
Os caprichos venera ao cégo Acaso:
Olha tantos altares do Ouro ao Numen,
Interessados votos recebendo.
Ouro ahi olhos deslumbra, atroa ouvidos,
Seu potente tinir cobiça acorda.
Mas não punge hum objecto os peitos todos;
Gyrão votos do Luxo, e da Indigencia,
Quando ao Acaso, que a riqueza espalha,
Hum carrinhos supplíca, amantes, joias;
Aquelle, que da prole aguarda a sorte,
Já da Exasperação empunha o ferro.
Immoveis, vista em ficto, e mudos todos
Já com olhos em braza se devórão.
Já no copo fatal retine o dado;
Chocalha, preludia, surge . . . he fóra!
Olhos, e coração voão tras elle;
Elle hesita, promette, indica, ameaça . . .
Finalmente parou: decide a sorte,

Mostrão sua sentença os olhos todos.
Feio quadro, em que os rostos todos pintão,
Alegria horrorosa, ou dôr feroce.
Mas de quantas paixões em nós fermentão,
A que mais de illusões se nutre, e ceva,
He o Amor! quanto dó merece o Homem
A quem jus de o pintar seus males derão!
Com sua desventura estremecendo,
Como lhe hão de os Pinceis tremer na dextra!
Tal, apenas escapo á Tempestade,
O naufragio a contar descora o Nauta.
Em todos corações Amor respira;
Quem dirá quanto as leis, quanto os costumes,
Prestigio encantador das Artes nossas,
A esta horrivel Paixão viveza dobrão?
Tal dos raios perdidos sobre a esphera
Ajunta vidro ardente, e dobra os fógos.
De Selvatica Taba em féro instincto
He relampago Amor, em nós Procella.
De quanto em nós fermenta, em nós referve
Junta a Imaginação fataes vapores:
A Esperança, Temor, Vaidade, Orgulho,
Ancia, Saudade; he de Corintho o Bronze,
Em que, hum fundido em outro ao fogo intenso,
Fulguravão em massa os metaes todos;
He Vulcão em que o ar, lympha, e betume
O fogo, que o consome, alentão, nutrem.

Fere mais forte Amor quanto hé mais longe,
No imperio dos sentidos só não para;
Não jaz na perfumada Alcova obscura,
Onde o bejo se imprime em igneos labios;
Jaz na festa, onde subito se encarão
Dois Amantes, que pasmão de abrazar-se,
E em doce languidez funda, inefavel
Sós se encontrão no Mundo, entre o bulicio;
Jaz nos Ermos aonde o caro Objecto
Só temido, anhelado, ouvido, e visto
Cada idéa entristece, alegra, inflamma
Cada sentido, e bate em cada vea;
Existe no retiro, onde em torrentes
Seus fogos no papel o Amante entorna;
Vela á porta onde só, na sombra applica,
Batendo o coração, sofrego ouvido;
Feliz, se hum pé, que tímido caminha,
Da ventura o momento lhe annuncia,
E mais doce vigilia lhe promette;
Jaz onde a Bella dorme, e onde elle ousando
Admiralla sómente, a adóra ao longe,
Lhe escuta o respirar, resfolgar teme;
Em quanto enfeites vãos de hum gentil corpo,
Per'las, rubins, que as tranças lhe accendêrão,
Braço ornárão, que Amor tinha alisado,
O espartilho, onde arfando hum lindo seio
Fez ceder a balea a seus impulsos.,

Movem transportes, que elle a custo enfrea:
E, presentando-a nua aos seus desejos,
Tacitos gostos seu prazer precedem.
Os momentos postergo, em que exaltados
Reinão sentidos só, a illusão cessa.
Mas quem descreverá extasis, glórias
Do coração, que as dos sentidos seguem,
Doces lembranças, pensamentos ternos,
Que o passado prazer n'alma renovão,
Por quem ella em ventura embriagada
Vota o ócio do gosto ao sentimento?
Só a Imaginação, que este delirio
Brota, nutre, entretem, pintallo póde.
Só a Imaginação, com pinceis castos
Póde mesmo ao Pudor mostrar seus Quadros.
Vive Amor de esperança, antes dos gostos,
E pela gratidão lhe sobrevive.
Beneficio apraz sempre; e ha Beneficio,
Que á ventura de amar possa igualar-se?
Puros taes gostos são!.. mas se o Ciume
Seu negro frenezi no peito accende,
Ai quanto me condôo! gratos erros
Se a Illusão profundia a Amor sem furias,
No coração, que os zelos envenenão,
Amargura requinta, e dôr refina.
Já Mágica não he, que aos Jogos chama
Sonhos felizes, nítidos Phantasmas,

He Furia, que do Inferno evoca ao Mundo
Sombras sinistras, horridos Espectros!
Vê ludibrio de Amor, de Amor tyranno,
Esse infausto!.. receia a noite, e o dia:
O dia dá favor a audazes olhos,
Póde a noite esconder mystério odioso.
Concurso das Cidades, jogos, pompas,
Tudo nutre a suspeita, azeda tudo.
Os campos, agoas, ar, zéphyros, flôres,
Bosques, mattos, conspirão-se em seu damno.
,, Ambos nestes desvios se enselvárão;
,, A Lua... ai bem me lembro!.. a luz sumia:
,, Estes sitios tão bellos, denso o bosque
,, Erão!... corre, divaga, entra nas sombras,
Negro fogo sinistro olhos lhe inflamma,
Nem jaz de seu punhal o amigo isento.
Que digo? elle, infeliz da dita em braços,
Goza em trémulo susto a amada Nympha;
Amantes, e Rivaes sonha a seu lado,
E o gosto interrompido o torna á pena.
E se a horrivel certeza do que teme,
Com medonho clarão n'alma lhe fere,
Quanto he mísero então, pois nada espera!...
Quanto desejará mal que perdêra!
Algum prazer ao menos lho adoçava,
E agora só pezar lhe corre as veas.
Pouco he sua desgraça: ai! mais tyranna

A precaria Ventura o segue, o punge:
Dias suaves, mais suaves noites,
Nectar dos bejos, filtro das caricias,
Co'as mais doces lembranças o envenenão:
Tal quando o Caminhante em clima ardente
De sede se devora, se em seu gyro
Vê hum límpido arroio, hum lago, ou fonte,
Que de cavos rochedos, frescas grutas
Tomba, escuma, e deslisa-se entre sombras,
Julga ouvir sempre o garrulo regato,
E a limpha imaginaria a farto esgota.
Triste illusão! brevissimo feitiço!
Presto he o curto prazer tormento longo;
O appetite se irrita, as frescas fontes
O escaldão outra vez com igneas ondas. (1)
Perdas do coração choramos sempre.
Porém qual as do amor saudade igualla?
Eu cantei seu poder, prestigios, gostos,
Seus effeitos pintei: quem seus portentos
Pinta, e me diz como com vivos traços
Illude a morte, ausencia, tempos, sitios?

---

(1) Muitos versos desta passagem são imitados de Lucrecio: mas o Poeta Latino, aliàs admiravel na Pintura, que faz do Amor Physico, differe essencialmente do Poeta Francez, que só considera o Amor relativamente á Imaginação.

Vês aquelle semblante, em que se estampa
Doloroso delirio apaixonado;
Que humas vezes alegre, outras em pranto,
Até pelo sorrir mágoas exprime?
De hum extincto Amador mísera Amante,
Que a esperar condemnou longo delirio,
Ella espera contínua, e crê que os mares
O objecto lhe detem, porque suspira.
Ao de sua paixão cognito
Invencida Esperança a traz mil vezes.
Ella chega ... da vista ávido acúme
Pelo immenso Oceano estende ao longe.
Pergunta ás ondas se de longe o vento
Aquelle lhe conduz por quem padece.
Nada chega ,, talvez que ámanhã venha ,,
Diz, e triste arripia o seu caminho.
Surge outro dia, e com a Aurora volve,
Suspira ... espera ... vai ... porque inda torne;
Tanto seu triste encanto Amor sustenta! . .
Que digo? ah! mesmo em doido devaneio
Vê Amor, após morto, o Bem que chòra.
Elle o vê, ouve, falla-lhe contínuo;
Para pintar desgraça tão crédora
De meu Canto, se achasse hum digno metro,
De amantes Jovens dois narrára o caso.
Amor! tu que vulgar pintura insulsa
Entre os Risos põem sempre em floreo throno,

Perdoa se entre dôres vou mostrar-te.
Ah se os mais doces mimos, que dar pódes,
Se gostarão ahi, comigo os pinta.
Em Hospicio fundado, enriquecido
Por Paulo, o Protector da Humanidade,
Cujo nome modesto, e grato á Fama,
Do ímpio Conquistador glória anniquila, (1)
De seus annos na flôr, Noviça amavel,
Dava pio desvélo aos desditosos.
Simples borel as Graças lhe ageitavão,
Simples penteada ás Graças aprazia;
Candura ressumbrava o rosto ingenuo,
Adoravel pudor lhe tinge a fronte,
Toda era paz; modesto sentimento
Lhe rege o modo, a voz, silencio, gesto;
Mal sua idéa revelando, os olhos
Nada exprimem ainda, e tudo inspirão.
Dissera-se que sua indifferença

---

(1) A História Moderna da Religião (diz o Cardeal Maury) não fornece para o Panagyrico hum assumpto mais bello do que a Vida de S. Vicente de Paulo, Homem de huma virtude sublime, e de huma reputação assás mediocre: o melhor Cidadão, que tem tido a França, o Apostolo da Humanidade, que tendo sido Pastor na sua infancia, deixou Estabelecimentos mais uteis, que todos os bellos Monumentos de Luiz XIV. seu Soberano.

Ascendente supremo aguarda a occultas.
Tal das Artes, e Amor ditoso apuro,
A joven Galathea a vista encanta,
Quando encetando espirito, existencia,
Sem amante inda ser, sem ser já pedra,
Palpebras pouco a pouco abrindo ao dia,
Porque viva de todo, Amor aguarda.
Assim, envolta em lânguido recato,
Azelia repousava em paz amavel.
Ou se alguma impressão no seio abriga
Era só da bondade o meigo influxo,
Que em face tão gentil vertendo a graça,
Da benigna piedade espraia o riso.
A' sombra destes muros, longe aos Homens,
Desgostos ignorava a gentil Moça;
Porém não sei qual nuvem no seu rosto,
Se não effeito, era pressagio delles:
Vendo-a, disseras, de sua alma o instincto:
Mesmo antes do prazer, pre-sente a mágoa.
E de Azelia ás feições encantadoras
Dava a melancolia hum filtro novo.
Nada havia porém que as perturbasse:
Ah nunca lhas altere a desventura!...
Raia o dia por fim, em que recebe
A primeira ferida alma tão pura.
Hum Mancebo, a morrer na flôr da idade,
(Era Volnis) sem meios, sem amigos,

Neste aperto, esquecendo a origem sua,
Das piedosas Irmãs o auxilio implora.
Nunca tão lindo objecto honrára o Mundo,
Longos, negros anneis cingem-lhe a fronte,
Negros olhos, que luzem mesmo enfermos,
Sob os sobrolhos d'Ebano inda brilhão,
Seu rosto nobre, e féro, imagem d'alma,
Na doce palidez era mais bello.
    Tal colhido immaturo em terra langue
Ferrugineo Jacyntho, ardua Papoula;
Tal morre antes de tempo o chão juncando
Hum Lyrio, que ao passar fere a charrua.
    Toma praça, a morrer, no sacro Hospicio.
De hospedeiro desvélo o emprego honroso
Das mais Virgens Azelia distinguia,
Seu dever a conduz ao leito infausto.
Buscão-se á prima vista os olhos d'ambos,
E á prima vista os corações se encontrão:
De occultas relações rápido influxo
Tanto póde accender o amor mais vivo!
    Mas secreto temor, tímido acanho
Fechava em peitos seus muda ternura.
Seus olhos, que o prazer de vêr-se enlea,
Tímidos se erguem, súbitos se abaixão.
Encosta-se Volnis d'Azelia em braços?
Tão meigo sobre-salto oh quanto a adorna!
Ternos desvélos esgotava Azelia,

Que vistos querem ser, mas não se ostentão:
Para acalmar-lhe a pena lhe offertava
Soccorros, que Volnis toma em silencio.
E que vezes o amor, que n'alma encerra,
Faz na tímida mão vacile o copo!...
Pela mão, que elle próprio escolheria,
Os mais amargos succos nectar julga;
A seu corpo abatido por mão outra
Os succos mais potentes são baldados.
Que séculos as horas são de ausencia!..
Que doce palpitar lhe inculca a vinda!
Em dias sem repouso, insomnes noites,
Adoçava-lhe o mal vella, esperalla.
Mil vezes, porque mais desfructe o vella,
Nutrir quizera o toxico, que o mata.
Graças a seu languor rendendo a occultas,
Mais tardonhos quizera os seus remedios;
E de esperança, e júbilo em transporte
Fórma hum projecto, e lhe antegosta o fructo.

Do leito doloroso erguido apenas,
Elle ousou encarar os Ceos, e Azelia:
,, Oh meu Deos Tutelar, Donzella honesta!
,, (Exclamou) de que vale hum vão mysterio?
,, Nosso amor se trahio, nem dos sentidos
,, He delirio (bem sabes) nosso affecto:
,, Nascido no tormento, em dôr creado,
,, Na pura gratidão quilate augmenta.

,, Eu existo por ti, para mim vive.
,, Não me faças odiar dias salvados
,, Por ti! de hum triste amor fructo mais triste,
,, Nem Familia, nem Pais, me dizem, gozas;
,, Affectos, que por elles dividíras,
,, Reunidos em mim, dar-me-hão mais dita.
,, Vem, Azelia, meu Bem; sou livre, és livre,
,, Vem; quero-te dever ventura, e vida.
Qual, na estufa nascido, o fraco arbusto,
Que saudoso abandona o doce abrigo,
Debalde hum livre Ceo brilhante o chama,
Sempre teme do vento o sopro infido;
Tal, de pejo corando, olhos em terra,
Chora, e sua ventura Azelia acceita.
Ria-se a Primavera, ornando o Globo,
E como elle Volnis cobrava encantos,
E em alegre retiro desfructava
Primavera, saude, amor, descanço.
Que júbilo he surgir na florea Quadra!..
Quão mais bellos, ao que ama, os bellos dias!
Ambos feitiços taes gozar sabião:
Sempre o Amor verdadeiro estima os campos.
,, Ves (dizia Volnis) a relva, as flôres?
,, Do arroio, livre em fim, sussurro escutas?
,, Revive a Creação na Primavera,
,, E sem ti eu murchava em meus bons dias!
Dizia, e, confundindo hum meigo pranto;

Achavão mais sabor na Natureza.
Apressa-te em fruir, Par venturoso!
Os mimosos Botões na aurora abertos,
Talvez antes da noite ao Austro cedão.
Ai! não se lhe assemelhem vossos fados!
Voto inutil! Azelia na ventura
Presentido a desgraça em vão náo tinha!
Parentes, que illustrava alta ascendencia,
No retiro rural Volnis visitão.
Seu altivo desdem sopporta Azelia,
E profundo pezar n'alma lhe entranha.
Não que vaidosa, em tacito despeito
A' idéa de hum desdem não resistisse;
Mas o nobre sentir d'alma tão pura
De aviltar o seu Bem se armava hum crime;
Ennobrecer quem ama amor quer sempre.
Seu violento exaspero Azelia abafa;
De hum peito tão sensivel, quão discreto,
Quiz debalde arrancar Volnis o arcano.
Hum dia que scismavão sós, em salla
Que de Avitos retratos se guarnece,
Já delirante, e com medonho accento
,, Não os ves? (ella diz) de mim tem pejo!..
Diz, e foge; em seu quarto vai sumir-se.
Desde então mais, e mais ella entristece.
Desde então d'hora em hora, o terno Esposo
O semblante gentil vio descorar-se,

E, vão todo o soccorro, a alma formosa,
De hum corpo digno della a froxo escapa:
Qual vai, de puro fogo a impulso, aos Astros
De lindo, jaspeo vaso o fino aroma.
　　A tamanha virtude, amor, feitiços
Votar pode Volnis condigno pranto?
Não; Volnis não chorou: mas delirante,
Vê sempre, ou julga ver, seu Bem perdido.
Elle o vê, elle o ouve, anda após elle;
Ora por entre nuvens o vislumbra,
Ora, como ao voltar de longes climas:
,, Feitiço de minha alma, alfim te encontro?
,, Porque do rosto teu me tens fraudado?..
,, Ai! quanto padeci na longa ausencia!
Ditoso ora em volver, no seu delirio,
Para o leito de dôr, julga, embebido
Na lembrança feliz, que ella lhe assiste;
E á belleza, que adora, o braço estende.
Dos rios ora ao longo, em bosques, sitios,
Que ambos gyrarão, que estimavão ambos,
A finge inda a florir n'hum riso os prados.
Mil vezes della inquire as socias della.
Flores que ella dispoz acaso encontra?..
,, Dai-mas, para a toucar quando desperte.
Ora de seu consorcio a festa aprompta,
Pompa, e rosea capella ha muito he prestes.
Misero! que a verdade pavorosa

De subito outra vez lhe rasga o peito.
Então aos olhos seus tudo erão Trévas,
Archotes funeraes, Mortalhas, Crepes!
Passeava, assentava-se ... em pé logo,
Começava a fallar ... calava a toa! ..
A' força de penar tranquillo as vezes,
Em longa extenuação ficava immovel:
Como vemos no triste seu repouso
Estatuas sobre os Tumulos carpindo.
Mas sempre elle antolhava a cara Imagem;
Nem valeo Amisade a distrahillo,
Quando acaso imprevisto, e venturoso,
De adoçar-lhe o pezar trouxe esperanças.
    Terna Donzella, de beldade apuro, ...
E crear outra Azelia, oh Ceos! podestes?
Retrato encantador da linda extincta,
Todas suas feições representava;
Gesto sereno, amavel indolencia,
Silencio, meiga voz, della era tudo;
Era observar seu ar, seu rosto, e olhos:
Duas gotas de orvalho, ou de ambrosia;
Duas manhãs de Maio, ou rosas duas,
Abrindo ao mesmo instante, e n'hastea mesma,
Menos serião similes! .. projectão
Que espaireça Volnis o novo objecto.
Ditoso! se esta amavel semelhança
A violencia da mágoa lhe illudíra? ..

Occultão-se em hum véo seus attractivos,
Elle chega; o vêo foge, e a põe patente,
Estremesse Volnis! . . . tacito, immoto
Com sofrega attenção contempla a Virgem.
Doudo então de alegria, affecto, e susto,
Cotejar dois objectos mostra a hum tempo;
Hum grito lança em fim ,, Prodigio, Amigos!
,, São duas! ,, Tal milagre Amor fizera;
E a seus olhos attonitos mostrava
A Belleza, que vive, e a que não vive!
Tanto a Imaginação, e Amor conspirão
No interesse commum, sem que diffirão. (1)

Fim do II. Canto.

(1) Este Episodio acaba de provar a influencia da Imaginação sobre o Amor; e preenche o intento do Poeta. A graça, a sensibilidade que nelle reina, o tornão digno do rival, e Traductor de Virgilio.

A IMAGINAÇÃO.

CANTO III.

A Impressão dos objectos exteriores.

MUDA essa Lyra vês? . . . se mão solerte
O adormecido som lhe não desperta,
No instrumento insensivel jaz occulto;
Mas, se as cordas dedilha o sabio Artista,
Estremece, re-soa, exprime alternos
A Piedade, o Terror, o Amor, e o Odio,
E acabada a impressão, longo sonido
O melodioso lenho inda conserva.
Assim, mudo o sentido, a alma emudece;
Tal move o objecto obedientes fibras,
E inda acabada a vibração dos nervos,
Os écos da lembrança a idéa alongão.

O mais bello, e subtil dos Instrumentos,
O mais harmonioso, o mais sonante
He a alma organizada! ora vêr deves
Como ella a cada ser responde, e soa;
Como, a nervosa selva estremecendo,
Vai o objecto no cerebro imprimir-se.
Vasto assumpto! o pintallo exigiria
Hum Descartes lições dando a hum Voltaire.
Mas tentem presentar hoje os meus versos
Aos olhos do Universo inteira a alma. (1)
As côres sobre tudo encantos mostrão,
Praz ás vezes per si belleza sua,
Tem occulto attractivo á nossa vista.
Tal á Lua o Menino estende os braços,
Tal, reflectindo n'agoa a imagem sua,
Crédulo, por chegar-lhe elle se inclina.
Mimoso azul dos Ceos, púrpura ardente,
O niveo branco, o verde, olhos recreão;
Ou, crendo ahi vêr o Emblema dos objectos,
Dão á Imaginação amor, ou susto.

---

(1) Temos fallado do systema de Leibnitz. Esta opinião tem sido por muitas vezes debatida em Methaphysica, em que tão poucas cousas são demonstradas, e tão poucas demonstrações são uteis.

O preto pinta o lucto, a dôr, e a morte;
Guia negra Bandeira á guerra os Mouros:
Mostra pureza o branco, o azul contento:
Filho da Primavera, o verde indica
Doce esperança; o rúbido Cometa
Fez Tyrannos tremer no solio altivo.
As Artes vezes mil, e a Natureza,
A quem dellas nenhuma iguala os Quadros,
Fundindo-as, sabem dar mais graça ás côres.
Assim flôres enlaça a dextra agulha;
Assim, de gráo em gráo, o Pintor junta
A tinta que começa, á que termina.
Vê como se colóra o listão d'Iris!
Vê o esmalte ondular das Cyprias Pombas!
E esse prisma vivente, em que o Sol brinca,
Pomposa Ave de Juno, abrir seu leque!
Tem as fórmas tambem forte attractivo;
Mas quem lhe dá que tanto em nós dominem?
Não he frio, geométrico compasso,
A regularidade, a symetria;
He unida a elegancia á singeleza,
Casada a proporção co'a variedade;
He hum todo, que ajunta hum volver d'olhos,
Bellas as partes, a união formosa.
A taes rasgos patentes, que ama a vista,
Une a Imaginação os seus prazeres,
E quer sempre encontrar com a elegancia

Combinados o préstimo, e o decóro.
Das fórmas, que a seduzem, sempre a curva
Por seus contornos mórbidos, e graça
Ri a seus olhos mais! angulos, quadros
Mostrão com demazia os seus limites;
E, na sua alongada correnteza,
A triste linha recta he tedio aos olhos;
Mas, por molle contorno escorregando,
Flexivel, facil curva he seu recreio.
Quanto aformosa a mão da Natureza,
Da face a redondez, ou lindo seio,
Grão círculo dos Ceos, do Mundo a Esphera,
Astros da ethérea abóbeda pendentes,
Arvores que em zimborio os braços fechão,
Tudo da amavel Curva antolha as graças.
Vista, que nos mostrou belleza sua,
Em círculo brilhante arredondou-se.
Pela mesma belleza agrada o moto:
Encantados assim na praia os olhos
Vem as ondas cahir, e erguer-se as ondas;
Ellas sóbem em curva, em curva descem:
Da Náo, que mollemente abaixa, e sóbe,
A vista com prazer segue o balanço.
Ah! quem do movimento o império ignora?
Quem nos seduz com philtro mais seguro?
Quando Venus n'hum bosque assoma ao Filho,
O que logo de Cypria indicios mostra

Não são olhos, feições, e as louras tranças;
Anda, e no andar se patentea a Deosa.
Tanto com arte o movimento agrada!
Activo ou lento, rápido ou tardio,
Com vario effeito sim, nunca arbitrario,
Em aspecto contrario o moto agrada!
    Mais veloz que o relâmpago, o Ginete
Me apraz, que roça o campo, e corre, e voa;
Mas não menos me agrada o Potro fero,
Que, o brio impetuoso reprimindo,
Sem hum passo avançar, devóra a estrada,
Piza a compasso, embrida, caracola,
E com represso ardor, e sempre activo,
A força obediente offerta aos olhos!
Tremes de susto se horridas Phalanges
Com medonho ululato a marcha appressão;
Mas se em silencio Exército infinito
Com terrivel socego avança lento,
Tão horrido silencio mais atterra,
E esse mesmo socego o terror dobra!
De acordes movimentos, gratas fórmas,
De côres, que maridão seus feitiços,
A Belleza compôz a, que domina
Sentidos, corações, pulchra Harmonia.
Mas della fallarei mais amplamente
Quando a dér por modêlo ás Artes Bellas.
    Dessa mesma Harmonia absorto o Mundo,

Vio brotar mór poder do que a Belleza,
Que sempre a enfeita mais, e a suppre ás vezes,
Que em todo o tempo, e sitio apraz, a Graça.
Mas como definilla, e seus encantos?
Ah! percebe-se a Graça, e não se explica.
Vence as exhallações, e he grato á vista
As fórmas passageiras vislumbrar-lhe;
Scintilla a furto, mostra-se hum momento;
He fragrancia que mansa enfrasca os ares,
He flôr, que des-abrocha ao des-alinho,
E próxima de abrir-se hesita ainda.
A Idéa, que transcende o véo, que a furta,
Gosto de imaginar ao de vêr junta;
E da Imaginação he preferida
A' sempre regular Belleza insulsa.
Acho em suas feições, bem que indecisas,
Hum chiste, que não tem contorno exacto
Da Belleza: a ligeira fórma sua
Onde está? na Princeza, ou na Pastora?...
Onde, d'arte a despeito, a Natureza
Passando a faz nascer, e a lança á toa.
Com o mesmo feitiço, em tudo amavel,
Falla ou reprime a voz, descança ou lida.
He da singela infancia o dom primeiro;
Deo-lhe a Graça o seu facil abandono,
Lesteza, que Montagne exalçou tanto.
Com ella sempre vem ditoso *A-tempo*,

Seus philtros mais gentís do Acaso tira,
Ella nunca procura, e sempre encontra.
Poucos a topão, mas sem custo a topão.
Recea a compressão, teme a fadiga.
O esforço lhe despraz; quando risonha
Os malhos de Vulcano empunha Venus,
O ar de facilidade a faz mais bella.
O Capricho se molda á Encantadora,
Vem quando a esquecem, quando a buscão foge.
He Nympha que ao Pastor, que a segue, escapa,
E volve arrependida, e mais amavel;
Praz em desleixo, em desalinho encanta;
Tibullo he seu Poeta; e seus cantares
De Delia nas feições ella inspirava.
　　Mas vejo que o Pudor lhe segue o trilho.
E quem póde apartar da Graça o Pejo?
Com seus olhos discretos ousa apenas
Mesmo a Imaginação notar-lhe arcanos;
Mas do amavel rubor, ditoso enleio,
O inefavel feitiço adora muda.
Vicio audaz se refrea ao seu conspecto,
E o Respeito ao Desejo a chamma esfria.
Recata-se de si, de si não sabe,
E nua esta Virtude inda he modesta.
Cobre-a o vêo da Decencia, está vestida
A Venus pudibunda aos nossos olhos.
Mas melindrosa, e tímida, qual vemos

Murchando a Sensitiva em nossos dedos,
Hum gesto, huma palavra, hum nada a espanta;
Corre a encontrar-lhe a timidez mimosa,
O nosso coração; muda enamora,
Fria inflama; e o Pudor a Graça he d'alma.
Mas quando neste quadro eu me afadigo,
Elle próprio o pincel nas mãos me embarga.
Misto inefavel de altivez, modestia,
Teme reprehensões, louvores teme.
Vejo corar seus tímidos feitiços,
Profanar-lhe as feições temo ao pintallas.
    Mas debalde fecunda a Natureza
Graças tantas daria ao Mundo, ao Homem;
O costume a belleza lhe apoucára,
Se Jove não creasse a Novidade.
Vê monotona pompa do Universo!
Sempre cede o Verão ao meigo Outono,
O Inverno sempre á Primavera, e sempre
O dia segue a noite, a noite o dia.
Mesmo a Pompa dos Ceos já tem perdido
Aos olhos desphiltrados seus assombros.
Mas brilhante pincel da Novidade
Do Universo remoça o quadro antigo.
Ella as Auroras Boreáes accende,
Cria de Heróes sanguentos Meteoros,
Mostra hum Cometa, hum Jacques, hum Voltaire,

Faz que hum Vulcão, ou Mirabeau troveje. (1)
Nume uniforme que ao Costume segue,
Que não tem mais que hum gesto, hum tom, e hum modo,
O Tedio, della foge, e a Variedade,
Com hum Prisma nas mãos, brinca a seu lado.
Moventes quadros seus adora o Mundo,
E a Gállia, mais que tudo, he seu Theatro.
Vê como ella em París, brandindo a vara,
Déspota de costumes, sortes, e obras,
Futilmente elegante o império exerce! . .
E em quanto, des-lembrando a força indocil,
Os mais rijos metaes aço, ouro, e prata
Seguem com fórmas mil seu vário gosto,
Mais fragil maravilha, o Linho, a Garça
Já hoje desprezando as fórmas d'hontem,
Como o Ar na inconstancia, e ligeireza,
Misturão nosso luxo ao luxo estranho.
Amavel Soberana assim do Enfeite,

---

(1) As Auroras Boreaes, e os Cometas são certamente antiquissimos, mas a sua apparição tem sempre o interesse da novidade. O mesmo póde dizer-se dos Vulcões, cujas erupções fórmão sempre espectaculos terriveis em sua pavorosa variedade, he facil presentir quanto he engenhosa a aproximação destes Phenómenos da Natureza com a existencia de tres Homens igualmente célebres, que são citados nestes versos.

Ao menos pela Moda, a França reina;
E, ao Norte conduzindo invenções nossas,
Figurino imperioso acquista o Mundo.
Venturosos Francezes se a vãos jogos
O frívolo poder circumscrevesse
Leviano Idolo seu! . . . que longes climas
Nossos ultimos males não atrôão? . .
Vago desasocego, e occulto apenas,
Os antigos deveres desligando,
De insanas novidades déra a senha,
Tudo se abala, e marcha; ao fatal mando
Architetora audaz de incriveis planos
Caterva innovadora faz problema
De Artes, Costumes, Leis: soberbo enojo
A tudo o ser preverte; muda o Tempo,
Que tudo faz mudar; nosso anno antigo
Com seus mezes modernos marcha absorto.
Oh meus Concidadãos, dizei qual nome
Meu Cantão, e Cidade ora distinguem? (1)

---

(1) Os Decretos tão bárbaros, como injustos, e ridículos que, para anihilar as antigas usanças, e consagrar odiosas lembranças, mudavão os nomes das Cidades, e Provincias, formavão huma nova Geographia bem digna de seus ineptos Authores: e que Francez podia julgar-se na sua Patria ouvindo fallar em — Vedette Republicaine — Nord Libre — Sud Libre — Vil-

Desperto cada dia em nova terra;
E as fadigas da noite a Aurora insulta.
Novidade envelhece a que a precede,
E com a emulação desordem cresce.
Appressura-se tudo, e a senda enfia;
Não fiquemos atrás, dobre-se o passo,
Alcançar os Rivaes, e postergallos
Cumpre, crime excedido he crime inutil.
Fogos se aprompt ão, fulgem as Bipennes,
Dos Algozes ao golpe enchorra o sangue,
Morticinios revezão Morticinios,
O Povo se fatiga, e não sacia.
Reis, Povos, Throno, Altar, Grandes, Pequenos,
Tudo se esvae. Tal quando em Thracios campos
Atrevidos Titães escadeando
Monte em Monte, expugnar os Ceos tentavão,
No immenso espaço attonitos os olhos
Nem montanhas, nem valles distinguião,
Debalde procurando entre as ruinas
Rios em secco, des-reigados bosques.
Mas breve horriveis maximas se expião,

---

le-sans-nom — Commune affranchie — Ouen — Cloud — Franciade — Port-de-la-Montagne? com rasão disse Mr. Burke, que procurava a França na Europa, e não a encontrava.

E quem sacrificou victima he logo.
Subindo cada hum, trémulo, ao throno,
O Apostolo n'aurora á noite he Martyr.
Como o Velho Saturno em seus furores
Nos filhos devorando as proprias obras,
Como em campos de Cadmo Irmãos infaustos
Dando-se a morte ao emergir dos sulcos,
Cede ao proprio rancor todo o partido;
Cada hum sóbe, e cáe, brilha, e se eclypsa.
Assim rolão no pego ondas sobre ondas,
Assim a bomba no ar succede á bomba.
Tudo he raiva, demencia, pranto, e sangue,
Ruina he todo Reino! . . . alegres dias,
Oh Francezes, chorai, em que, seguindo
Com menos turbulencia a Novidade,
A adorastes sem crime, e só pedieis
Recentissima Actriz, e o Drama em voga.
    Irrequieto Amor, Gosto curioso,
Que dos Homens seduz capricho innato,
Faz que ás vezes tendencia extravagante
O mais raro prefira ao mais perfeito. (1)

---

(1) O Author deste Poema já tinha rediculizado esta manía de preferir em tudo as cousas mais raras, ás mais bellas, e uteis. Ninguem se esqueceo ainda destes lindos versos:

Dest'arte os Homens são! ... vulgar thesouro
Hum só não satisfaz de mil, que o logrão.
Sofrega de enfeitar tudo que adora,
Leda a Imaginação com lindas côres,
Quanto escassa produz Natura, arrea.
Olha daquella flôr o insano amante:
Se outro algum possuíra igual riqueza
Morrera de paixão com tal lembrança.

Je sais que dans Harlem, plus d'un triste amateur,
Au fond de ses Jardins s'enferme avec sa fleur.
Pour voir sa Renoncule avec l'Aube il s'eveille,
D'une Anemone unique adore la merveille,
Ou d'un Rival heureux enviant se secret
Achete au poids de l'or les taches d'un œillet.
Laissez-lui sa manie, et son amour bizarre,
Qu' il possede en jaloux, et jouisse en avare.
Del. Jard. Chant. 3.

Traducção.

Sei que em Harlem ha curiosos tristes,
Que em seus Jardins, co' as flôres vão fechar-se,
Que por vêr hum Rainuncolo despertão
Antes d'alva, e que adorão qual prodigio
Anemona exquisita; ou que, invejando
De hum rival o segredo, a peso de ouro
Comprão de hum Cravo as manchas. Deixa aos loucos
Seu maniaco amor; possuão, gozem
Embora quaes ciosos, quaes avaros.

Bocage.

Ao rival elle a compra a peso de ouro,
E a corre a sepultar na avara estufa.
Graças a este instincto, inda ao mais futil,
Se he raro, se dispensa a utilidade.
Entra naquella Salla, onde almoedão
Geographia, Moral, Romance, Historia:
Que divino Escriptor, picando o lanço,
Estrondosa caterva alli pleitea,
He Homero, ou Platão?.. não, rota Folha
De hum antigo volume que escapára
De Servet á fogueira!.. hum breve conto (1)
Melhor deste vão gozo a insania pinte.
Hum Selvagem outr'ora (o somos todos)
Tinha visto muito ouro, e seixos nunca.
Hum depára, e se enleva em tal prodigio,
Lança-se a elle, o toma, encára, admira,
Arde pelo mostrar: eis dá com outros
Que de menor valor já lhe parecem;
Diminue-lhe o prazer, cresce a fortuna,
E a belleza vulgar lhe agrada menos.

---

(1) Servet era hum Médico ignorante, e hum Pedante teimoso. Suas opiniões differião em alguns pontos das de Calvino, que igualmente teimoso, e mais poderoso o fez queimar vivo com os seus Livros. Os Doutores Protestantes nem sempre tem sido os Apostolos da Tolerancia.

Todos menoscabando na abundancia,
Como o ouro arrojára, arroja as pedras.
Tanto o que hum prisma vão orna, ou des-orna,
Desagrada vulgar, seduz se he raro!
Todos tem seu poder! o nescio ás vezes
Os objectos encára indifferente;
A seus olhos envolve espessa nuvem
Seus tecidos subtis, mesclas sem conto;
Tacto mais fino, e vista mais perfeita
A' minha Deosa arcanos taes franqueão.
Com sua intuição, azas, e facho
Ao paiz das incognitas verdades,
Voemos; ella a mão me dá sorrindo,
E por ermos sem fim me aplana a estrada.
A Deosa, digno objecto de meus versos,
Da cadea objectiva extremos busca:
Taes com força aos sentidos, e alma fallão
Termos oppostos de diversos Entes.
Luridas messes, sazonados fructos
Estio, igneo Meridio não a encantão:
D'Ave vernal os canticos primeiros,
Fructos em flór, searas, que vicejão,
Linda nuvem dourando a linda Aurora,
Seu reflexo a expirar n'aldeana Torre,
Isto quer, disto gosta. Olha esse Arbusto
Que o berço deslembrou do seu viveiro:
Mil perigos o Agricola lhe teme,

Mas seus fructos prevê, lhe aguarda a sombra.
Perto delle pompêa hum Roble altivo,
Que cem annos zombou de Eolios sopros,
Seu tope, que revestem raras folhas,
Os seus musgosos nós lhe attestão annos:
Das Aldeas porém o amor, e o culto
Lhe consagrão velhice, e extremos galhos.
Tal do Arbusto nascente, e Roble antigo
Hum he mais terno, o outro he mais augusto;
Verte a lembrança d'hum, d'outro a esperança,
Hum agrada em futuro, outro em passado.
Mas ah! quanto inda mais nos interessa
Ente que finda, ou que nascêra ha pouco!..
Deixai chegar a mim esses Meninos, (1)
Dizia esse Homem Deos, cuja Lei temos.
Quem a infancia contempla indifferente?
Ella move, enternece, encanta o Sábio
Após tantos perigos, tantas lidas,
Transes, que elle passou, ai! lhe recea.
Quaes, da infancia sahindo, o esperão redes!..
Dar-lhe quizera a experiencia sua!
Caro, e fragil objecto de ternura

---

(1) Sinite Pueros venire ad me.
Não ha Religião, que prégue aos Homens huma moral tão pura como o Evangelho!

Reina por precisões, praz por defeitos.
Demo-nos pressa em vello, em quanto he tudo
Bello, florido, fresco em sua Aurora!
Quem sabe os males que lhe guarda a sorte?
Deve, todo o que existe, á dôr tributo.
Que todo o Homem chore he Lei suprema,
O justo pelos mais, por si o injusto.
Casando a mente assim susto, esperança,
Por prever se afadiga, e prever teme;
E no curto painel do Homem recente
Vê a Imaginação prospecto infindo.
Tal doçura nos mostra a tenra infancia!
Com igual interesse, e menor gosto
Olha a Imaginação curva Velhice.
Tudo em huma começa, e finda em outra:
Mas ainda interessão taes ruinas.
Do pretérito o Velho abre o thesouro;
Se esmalte, ou bemfeitor do Mundo ha sido,
De lembranças fecunda, (quando o ingrato
Presente o desampára,) rodeallo
Vem a Imaginação de honras, que teve.
Assim, vendo-o de longe, hum temor santo
Enche sempre de Deos Templo em ruinas.
Composto de rigor, e de brandura,
Seu sagrado poder consagra a Idade:
He da Casa o Monarcha, o Pai, e o Chefe.
Em assento distincto, ao lar, que estala,

Conta; ouvido apontado, olhos em fito
Se aperta em redor delle ingenuo gruppo.
Affecto aos Anciãos, santo respeito,
Sãos costumes, volvei; e a Juventude,
Para seu proprio bem, abjure os erros
Que perdêrão a Gallia, o Globo inquietão!
Quem dá primeiro encanto a todo o objecto?
Da emoção a exigencia. Alto attractivo
Mesmo em susto, e terrores acha o Homem.
Vê-o, de instincto tácito levado,
Hum incendio seguir; olhar da praia,
A salvo do perigo, atróz naufragio;
Pascer vista espantada em marcios campos.
Sei que, ao topar tão horridas bellezas,
O Philosopho passa, e volta o rosto;
Eu as ostento; contemplar qual Sábio,
Qual Vate descrever, venida he minha:
O Homem quero arrostar a taes flagellos,
Pollo junto aos Vulcões, junto ás Batalhas,
Immensos funeraes da especie Humana.
De terrivel prazer estremecendo,
Desta ingreme montanha horror lhe observo;
Mosquetes, Morriões, brunidas Cottas,
Que de Phebo ao revérbero lampejão,
Esse luxo dos Reis, pompas da Morte
Lustre hum pouco me dão da guerra ás Scenas.
Chega a Hora medonha, he prompta a senha:

Qual Oceano visinho á Tempestade,
Tudo se altera, e freme! o marcio Potro
Junta seu igneo ardor da Tropa aos brios,
Como ella industriado a raiva enfrea,
Salta, relincha, os impetos modera.
Soa a carga, eilo parte, e á pugna vôa,
E co'as patas sacode area, e sangue.
Luz o ferro, o relâmpago scintilla,
Respondem aos trovões por bosques, montes,
Echos, que, outrora ás Driadas mimosos,
Cantigas Pastorís só aprendião.
Qual em cabello a Ménade raivosa,
Entra a Imaginação na féra pugna,
Por entre o ferro, o fogo, o pó, e o fumo,
Vagabunda revolve o passo, e a vista,
E vem representar-me a scena horrivel.
O Genio da Matança envolto em sangue,
Brados dá pela Glória, a Glória o segue,
Deslumbrante Phantasma enfeita a Morte,
Tudo a dá, ou recebe, affronta, espera:
O Raio abate aqui, lá ceifa a Espada,
O Ferro cruza o Ferro, e Turma, a Turma.
Do que vence, ou perece a grita escutas?
Hum do Assassino seu repelle a furia;
Outro hum resto de vida arrasta a custo;
O inimigo provoca, invoca amigos,
Todo em sangue, á Piedade implora a morte,

E á fome da rapina a deve ao cabo.
Se estas scenas da Morte inquiro acaso
Desses que ahi vejo em flôr juncando a terra,
Este as messes deixou, aquelle a vinha,
Outro huma Arte proficua! .. ordena a Patria,
Sus! rompa-se este fogo, essa columna, . . .
Recobrem-se os pendões, rotos, sanguentos, . . .
Morres, joven Guerreiro, em flórea idade! . . .
Ai! . . quanto hade carpir-te a Mãi sentida! . .
Artes bellas o Túmulo enfeitai-lhe,
Chora Amor! . . minha Deosa de taes choques
Recebe as impressões, varía, augmenta,
Ama a Glória, ou maldiz, brama, ou suspira,
Coroa o Vencedor, triumpho execra,
Exclama, a prantear tão nobres crimes:
,, Males da Natureza inda erão poucos.

Oh! se em viva pintura unir pudesse
Vulcões da Natureza, e Vulcões d'alma,
Visinhara esses montes formidaveis
Cujo fogo sepulto em gêlos vive;
Esses Vulcões mais horridos que os campos
Da matança! .. hi não ha briosas Justas,
Onde a Glória, as feições prestando á Morte,
Entre louros lhe esconde o rosto hediondo;
Onde o mesmo perigo o esforço irrita:
O Homem aqui sem glória, e sem defeza,
Jaz de todo o Elemento accommettido;

A chólera das ondas, ventos, fogos,
Longos tremores lacerando a Terra,
Tempestades de cinza, e pedra, e chammas,
Inflammadas torrentes, igneas trombas,
Que do fundo do Inferno aos Ceos se estendem,
Fuga, e susto por campos, por montanhas,
E, na Cidade trémula topando
Grimpas de Templos, Paços, que tremendo
Cahem, cahem a flux em igneos golpháos!
Que espectaculo horrífico, e sublime!
Só a Imaginação, do abysmo á beira,
Interroga a tremer Natura em furia!
Sitios corre feridos de taes golpes,
Conduz alli Buffon, reconduz Plinio,
E tão sábia ruina ás Artes fia.
Com ella, ora por grutas espantosas
Me entranho, perguntando ao bojo escuro
Pelos que nestes túmulos sulphureos
Destroços se escondêrão ,, Deste abysmo
,, Hum dia d'Arcos, Pórticos, que o Tempo
,, Devorou, surgirão sacras ruinas,
,, Ferros de sacrificios, móveis d'Artes,
,, De Homens, e Deoses fábricas pomposas,
,, Templos das Leis, Theatros dos Festejos,
,, E cunhados metaes com Régios Bustos.
Digo, e lento vagueio o lava immenso,
Triste, inhospito, e tácito calcúlo

Os tempos em que este árido terreno,
Mesquinha infecundez ceda á Cultura. (1)
Ai! antes que haja nelle ou sombra, ou fructos
Gerações hão de innumeras sumir-se.
Tal se horrendos, e súbitos abalos
Desde os cimentos seus revolvem Reinos,
Artes, Costumes, Leis a custo emergem,
Hum momento os destroe, Evos os trazem,
E inda extincto o Vulcão pavor respira.
Mas do Destino a Lei consoladora
Bem do mal tira. Prodigo em verdura,
Madurece este solo, e paga em dobro.
Recôrdos tão cruéis, tão doces quadros,
Bens futuros então, passados males,
Lavas, Flôres, Penedos, Sombra amena,
De idéas menos lúgubres nos cercão;
O Homem cuida em seus males sem tristeza,
E augmenta-lhe o prazer melancolia.
Oh propensão mais doce que os deleites,
Ventura do infeliz, Melancolia,
Brandas côres terei que bem te exprimão?

---

(1) Os lavas do Monte Etna se tornão com o correr dos annos as campinas mais ferteis da Terra, mas quantos séculos não serião precisos para lhe conferir tão excessiva fecundidade? se depois de dois mil ainda em muitos lugares não são mais do que áridos rochedos?

Quanto amo o choro teu, me apraz teu riso!
Que feiticeira a dôr quando a revestes!..
Mal a Exasperação depára o pranto
Vem á Melancolia confiallo
Para a mágoa abrandar, não esquecella.
Ella accolhe, melhor que o vão Contento,
Ao sahir dos equuleos, o Infortunio;
Sorri-lhe com sereno, e triste aspecto,
Adormenta o pezar, e a dôr minora.
Mimosa transição da pena á dita,
Nem he inda prazer, nem já tormento,
Foi-se a exasperação, e he longe o gosto;
Mas, Filha da Desgraça, em gesto a imita.
Em que amaveis imagens, tempos, sitios
Seus gratos devaneios mais se aprazem?
Ai! o peito o prevê: no seu retiro
Evita a multidão, teme o bulicio.
Selvatica fugindo á turba insana,
Basta-lhe albor escasso ao manso alvergue;
De longe, com prazer, escuta os ventos,
Das torrentes a quéda, o mar rugindo,
Gosta dos mattos, dos desertos gosta;
Em si se reconcentra, e de si goza
Melhor seu coração; e lhe he mais grata
Natura hum pouco triste, e que parece
Compadecer-lhe a dôr!... vê-a assim Delia
Seu reflexo amoroso olhar, scismando.

Da linda Primavera o ledo esmalte,
Brilhante profusão do grave Estio,
Não lhe apraz; mas a c'rôa desfolhando
Com a lânguida mão pállido Outono.
Profuso pague o Vulgo hum bem grosseiro!...
Hum nome, huma palavra, hum sonho a nutre.
Mil vezes quando atrôa urbana orgia,
E dos lustres á luz, som de instrumentos,
Com diamantes, com o ouro dos vestidos,
E engenhosas argúcias resplandece;
Pensativa, e na mão curvando a fronte
Seu festejo he melhor terna lembrança.
Vem das Artes, e Amor, vem doce encanto,
Repliquei teu louvor, sempre me inspira.
    Com sombra inda maior, tambem Tristeza
Suas lugubres côres ennegrece.
Assumpto he menos grato; eu porém devo
Sondar do coração profundo abismo
Sobre todos os tons. Donde a Tristeza?...
Do aspecto da Desgraça, e da Ruina.
Ou das Artes soberbos Monumentos
Afflijão, caducando, os nossos olhos;
Ou languindo o Animal, languindo a Planta
Nos antolhem soffrendo a Natureza;
Ou mais lugubre ainda em tristes restos
Ostente estragos seus mansão da Morte.
Esses Túmulos vê no pó dispersos,

Pobre asylo, em que dorme a vulgar cinza,
Mármore, em que, tambem mortaes, os Grandes,
Alardeão seu nada ante os Altares;
Servos todos da Morte, que os victîma,
E hum só monte de estragos faz da vida.
Abre a Imaginação ante os meus olhos
Seus sepulchros, que pávido registo!..
Quanta obscura Virtude, e Crime occulto
Surgem á sua voz das sepulturas!...
Contempla esse Mortal... discreto amigo
Comsigo sepultou do amigo arcanos.
Que pállida, feróz, eivada Sombra
Solta alli do remorso os surdos gritos?..
Venal Executor d'altas vinganças
Aos Tyrannos prestou seu braço a occultas.
Mas breve suas victimas seguindo,
Instrumento do Crime, hum Crime o extingue!..
Vês esse d'alvas cans?.. Virtude, e Glória
Seus avançados annos coroavão.
Apressurou-lhe a Morte ávido Herdeiro!..
Que Virgem lá mais longe está carpindo?...
Sem esperança amou, morreo de mágoa.
E tu, cortado em flôr, mimoso Infante,
Quem breve te roubou da vida ás scenas?..
O estame te rompeo Madrasta injusta?...
Tinhas no coração da Morte o germen?...
De teu fado (qualquer) ai! não te queixes:

Roçarão labios teus da vida a taça,
Mas forrou-te a esgotalla o Ceo benigno.
Tanto mal que prevêr, que soffrer tanto!
Quanto ensina a morrer, convida á morte.
Dorme em teu negro asylo, amado Infante,
Com flôres ámanhã te applaco a Sombra.
Mas que sons lamentosos me enternecem?
Ah! da Mãi, que prantea os ais não ouço?
E que imagem, oh Ceos! mais cára, e triste
Que túmulo filial, materno pranto? . . .
Nas mãos tendo hum retrato ella aos Ceos pede,
Ella aos Ceos pede tão precioso Filho,
Cópia adorada de adorado Esposo.
Tal n'um ramo a chorosa Phylomella (1)
Seu mal accusa, e o bárbaro Serrano
Que, notando seu ninho, os cáros Filhos
Lhe roubára in-aligeros, implumes!
Ai! e em vão escudando-se com ella.
Aos échos do deserto, a valles, rochas
Continua repetindo endeixas tristes,

---

(1) Qualis populea mœrens Phylomella sub umbra
Amissos queritur fœtus, quos durus Arator
Observans nido implumes detraxit: at illa
Flet noctem, ramoque sedens miserabile carmen
Integrat, et mœstis late loca questibus implet.
Virg.

Só, na sombra da noite, geme; . . . a Aurora
Só, no seu ramo, inda gemendo a escuta.
A' enluctada Tristeza, ao Terror negro
Ousarei ajuntar do Horror o quadro? . . .
Differem, e nem sempre os nossos olhos
No objecto do terror o horror encontrão.
Para os destinguir mais, comigo volta
D'assassinio, e de espanto á vasta Scena;
Aos Vulcões, onde a Terra, o Ar, e as Ondas
Com intestina guerra o Mundo assustão.
Das Batalhas no campo, em quanto o fogo
Do brilhante Heroismo o Esforço aquece,
Tambores, e Clarins, Trovões, Bandeiras,
Marchas a tempo, béllicos primores,
Sobre a Morte voando a Glória ufana,
Decorão a Matança aos nossos olhos.
Mas, quando Marte ultima as sábias Justas,
Qual, nos campos em sangue, horror se espraia! . . .
Raios não ardem, os Clarins são mudos,
Só avultão ao longe hediondas fórmas,
De sangue, e pó cadaveres manchados,
Que o raio espedaçou, mutilou ferro.
A estes vastos sepulchros attrahidos,
Azas de Abutres, e grasnar dos Corvos
Neste vasto silencio apenas se ouvem.
Hi fenece o Terror, o Horror começa.
Se do extincto Vesuvio as chammas surgem,

Contemplando a Montanha, e Ceos em fogo,
Longos campos sulcando igneas torrentes,
O Homem admira, e treme. Mas se o raio
Dos Palacios no incendio amalgamando
Mulheres em montões, Meninos, Velhos,
Só de ardentes ruinas mostra ao brilho
Corpos que expirão, cinzas que fumegão,
E trépido a fugir da gente o resto;
De horror, então, de horror desmaia o Homem,
E crê vêr celebrar Procella, e Morte,
Do Anjo Exterminador festim medonho.
Taes combates porém, taes igneos golpháos
O requinte maior do horror não mostrão;
He mais medonho abysmo o peito Humano,
O Assassino que espera occulto a victima.
Se dois ternos amigos, que insta o Brio,
Só por huma palavra se apunhalão,
Desculpa o coração da dextra a culpa.
Mas o atróz Salteador, vil Assassino
Em seu ímpio furor, façanhas torpes
Mostrão das Leis ao ferro horrivel crime.
Deosa de Shakespear! tu, que das trévas
Amas trágico susto, e negras Scenas,
Nesses mattos entremos, vem mostrar-me
Crus mysterios de horríficos lugares.
Junto a huma Arvore alli, onde na sombra
Da alâmpada o clarão lívido treme,

Abre em sinistro, e lugubre apparato
O Assassinio seu horrido Conselho.
Inda em sangue escorrendo, a féra Turba
Agora repartio nova conquista.
Promptos ao seu furor, jazem-lhe em roda
Gladios, Adagas, Tubos matadores,
Pérfida Escada, válida Alavanca
Que o mortífero assalto lhe protejão.
Consultão: pula o coração dos Monstros
A' menor viração que as folhas move.
Ouço seus planos de ruina, e sangue,
Sua voz ameaça, e mata o gesto.
Seu temivel Conselho a quem proscreve?..
Deo-se a Sentença, a victima escolheo-se;
Partem!.. Deos!.. de Familia o Pai defende,..
Os Filhos, que elle adora, a tenra Filha!...
Mais que tudo lhe escape, e os não depare
Meu Amigo fiel, na marcha horrivel.
Mas que são nas civís cruéis discordias
Salteadores dos Mattos, comparados
Aos das Côrtes, que, em paz, das Leis á face,
Determinão carnagem, dictão crimes?...
Que ouvi? que accentos horridos, e gritos?...
O' mísera París, medonhos dias!.. (1)

---

(1) Allusão ás carniçarias de 2, e de 3 de Setembro de 1792.

Sacros Ministros, Anciãos trementes
(Sem accatar-lhe as cans, e as desventuras)
Que imploravão os Ceos por nós, succumbem
Sem defeza no proprio Sanctuario.
Oito lustros de lidas, de virtudes
Não lhe pódem valer. Huns sobre os outros
Cem Ministros o chão juncão sanguentos.
Ledo em braços do Irmão Dulau perece.
Quanto tem de cruel, de compungente,
Religião, Impiedade, o Máo, e o Justo,
Natureza, Piedade, a Dôr, e a Raiva,
Mil sons confunde em lugubre murmurio:
Hum as Aras abraça, a Cruz estoutro,
O derradeiro olhar volve aos Ceos este;
E na vasta matança, outro aos amigos,
Já proximo a morrer, na morte anima.
Todos morrem Heróes, Martyres morrem,
De matar os Carnifices já cansão.
Do sagrado Lugar, cruenta Scena
Foge a Imaginação, recúa em susto.

Ah! deixemos horrores; desafoguem
Meu cançado pincel mais ledos quadros!
Minha alma o necessita, e quem mais que ella,
Que de Algozes, de Mortos, ferro, e fogo,
De tão longa desgraça afflige a idéa,
Tem jus de procurar ledos objectos?
Mas antes, que a Poética pintura

Eu lhe trace, usurpando a frase á Sophia,
Das risonhas Bellezas os feitiços
De que mixto feliz brotão, se explique.
Quando Arte, ou Natureza encantos junta
De côres, e figura, he ledo o objecto;
Quando, por mais mover-nos, viso achamos
De Esperança, Opulencia, e Liberdade;
E inda mais, se, encetando a flôr da vida,
Gostos repartem innocentes Seres.
Ah! vê na mil-corada Primavera,
Quando os fructos em flores já se escondem,
E o Bóreas se accolheo do Noite ás furnas,
Variegada Natura, e fresca, e fertil:
Tudo vive, renasce, e desabrocha:
O chão promette, e dá; espera, e goza
A vista, e porque mais tal scena exorne,
Chega Chloe; zombeteira, e moça, e agil
Conta apenas tres lustros, nem suspeita
Quantas graças nos rouba, ou nos descobre.
Livre em fim, repousar deixando o lapis,
Rápida corre a flor, que em viço a imita,
Aos saltos do Jardim transpõe canteiros,
Ramalhetes compõe, desfolha, espalha:
Quaes, filhos deste bosque, arbustos novos,
Varios de inclinação, figura, idade,
Seu folguedo inconstante os Irmãos seguem,
E sua Primavera a do anno esmalta.

Frívolo seu prazer proseguem serios;
Este estende a mãosinha á Borboleta,
Aquelle para hum ramo em vão se estira,
Outro d'hum fructo verde esconde o furto,
Outro quer tomar n'agoa a imagem sua;
E em tanto, semelhante á fertil Rosa
Entre tenros botões entronisada,
Seu brinquedo innocente a Mãi contempla.
Deste Jardim os mágicos objectos,
Plantas, Meninos par a par crescendo,
Dos Ceos serena púrpura azulada,
Do Mundo remoçado o grato aspecto,
Halito puro da Estação recente,
Eis da leda Belleza o vero Typo.
Para a Imaginação que melhor quadro!..
Dia formoso, e Ceo, Meninos, Flores!...
    Mas de quantos objectos n'alma influem,
A Grandeza he quem mais a move, e inflama.
Penhora os corações, penhora os olhos,
Em obras dos Mortaes, obras dos Numens;
Tão grandes Monumentos nos ufanão,
Vendo-os, Almas, e Idéas se agigantão.
    Niloticos Colossos, com que orgulho,
Rico Alcaçar do lucto, vos contemplo!...
Abaixão-se ante vós altas Montanhas,
E vossa sombra immensa ao longe estende-se
Sobre as campinas!... mas caduco Humano

Vos formou, deo-vos ser, e eternidade.
A vossas plantas tacito, e sentado
Quantas vezes evoco o longo fio
De antigas Gerações, de Heróes, de Povos
Que rodárão dos Evos na torrente,
Reis, Califas, Sultões, Cidades, Tribus,
Reinos, célebres já, Phantasmas hoje!
Vós sós sobreviveis-lhe, e sois a hum tempo
Dos Reis o Mausoléo, do Tempo o Archyvo,
Depósito do Culto, e Lingua, e Letras,
E do Sábio a Lição, o Assombro, o Enigma!
Eu te saudo, oh Tu, que em seus rochedos
Mais do que o Bronze sólidos, gravaste
Os fracos versos meus! . . . Evos sem conto,
Potentados, Nações, passai qual sombra;
São meu tropheo seus muros, dizer posso,
Rindo da Morte,, Versos meus não morrem! . . . (1)

---

(1) Entre o grande número de Viajantes erúditos que nestes ultimos dez annos tem visitado o Egypto, muitos terão exclamado á vista das Pyramides.

Leur masse indestructible a fatigué le Temps.

Este admiravel verso dos Jardins convém muito especialmente a aquelles monumentos do antigo Egypto, e merece ser gravado sobre sua eterna base. Sabemos, que muitos Viajantes de differentes Nações pagárão es-

Mais ostentosa, e fera inda a Grandeza
Quanto em obras dos Deoses nos encanta! . .
Hum ar de liberdade alli provamos,
E toda a escravidão nos estimula.
Longe do estreito cerco, em que o limitão,
Folga o Homem correndo hum plaino immenso
Sobre o vasto horisonte omnipatente,
Onde passea independente a vista.
Folga de penetrar profundas, negras,
Velhas Florestas, cujos bastos ramos
Tocão ao mesmo tempo abysmos do Orco,
Seio da Terra, abóbadas dos ares;
Fluctuão sobre os campos, na agoa curvão,
De ondulante matiz enfeitão montes,
De amphitheatro verdoso encostas ornão,
Dão aos quadros ruraes sombra profusa.
Da antiga arcada sua a noite o Berço
Foi dos primeiros Canticos, e Numes:
Verdes Colossos vingão sem cultura;
Julgo vêr os Jardins do Omnipotente;
E na sombra solemne idéas minhas
São, como ella, profundas, magestosas.
Theatro das Procellas, Mar medonho,

---

ta homenagem a Mr. Delille, mas ignora-se quem aqui recebe o tributo da sua gratidão.

Já cantei magestade de teus campos;
Mas da tua belleza, ó Mar, quem póde
Esgotar a nascente inexgotanda?...
Immensidão cantei, grandeza tua:
Mas disse a fecundez, disse a opulencia,
Fluctuantes Nações, Povos sem conto
Sem termo a renascer, quaes agoas tuas?
Metade, o leito teu, do amplo Universo,
Mil diversos Impérios rico abrange.
Tem Costumes, tem Leis, Colonias, Chefes,
Para juntos viajar em turma unidos.
Debalde a Terra innumeros enxames
Nutre de Povos, e Animaes, que a cobrem,
O teu vasto dominio a Terra inveja;
Cria Elephantes, Leviathans produzes,
Ella nos mattos seus, tu nos teus golphaos!..
Outro Mar sobre nós põe ondas tuas,
Deos do Océano teu fez o dos ares.
E que outro as nuvens líquidas sustenta,
Que em fecundo vapor procellas solvem,
Depóem nos montes, por campinas soltão,
Contínuas restituem, roubão sempre?...
Cinge-te a Terra as agoas, que a fecundão,
Responde o moto teu dos Ceos ao moto.
Phebe o curso dirige ás vagas tuas, (1)

(1) Influencia da Lua sobre as marés.

Sempre ameação, e obedecem sempre.
Ergueste os montes, profundaste os valles,
Cobres, descobres, alternado, os campos:
E o Homem, que do tempo expande os fastos,
Lê viagens do Mar sobre as collinas.
Os thesouros direi, que por teu plaino
Commutão teus Baixeis de Mundo a Mundo,
De que são Nuncios? junta-se em teu seio
Furor dos Escarcéos, dos Reis a furia,
Raios da Guerra, e Ceos, e sobre as agoas
Vem o Orgulho pleitear da Terra o mando.
Em teu leito espumoso, oh que riqueza!...
Rios famosos, Rios sem renome!...
Fallas aos olhos, aos ouvidos troas:
Cede a Imaginação aos teus prodigios!
    Desvio-me em silencio, em pavor santo,
Deixo hum objecto, como tu sem termo!..
Mas, apenas de ti me affasto, os Montes
Seus pomposos Phenómenos me antolhão.
Cumpre inda os votos meus, vem, Deosa minha,
E empresta á minha voz sons dignos delles.
Vens!.. comtigo remonto-me a seus cumes;
Tudo he grandeza aqui, tudo opulencia!
De Estação a Estação, de Clima em Clima,
Viando entre vergeis, voragens, nevoas,
Por Vulcões, cujos lavas fumegantes
Com onda abrazadora ás vezes sulcão

Esses horridos gelos, neve eterna
Que jámais encetou solar quentura.
Daqui domino a Terra, os Astros toco,
Relampeja a meus pés, e o raio estoura.
Daqui thesouro aquoso aos valles desce,
Parte o Tufão, e as Aguias se remontão.
Interrogo estes Montes; vasta altura,
Contorno immenso, tácito, lhe noto;
Té o abismo seu bojo os metaes fecha,
E ao Polo os vegetaes seus topes levão.
Que doce he vêr Florestas, que lhe enfeitão
De ondulante verdura a testa altiva,
C'os ventos fluctuar nas críneas frontes,
Seus penachos nos ares balouçando! . . .
Que altas Imagens! . . que Prospectos ricos! . .
Dos féros alcantis cahi, Torrentes! . .
Arroios, deslisai por ervas, flôres! . . .
Do tempo ancião, ó Marmores, que as aguas
Roêrão, me fallai; do Orbe o naufragio,
Seus restos, descrevei! . . gigantes massas
De rochas, que ao Ceo vão, no mar se afundão,
Vossa longa cadêa abrasse o Mundo.
Vosso cacume idolatra, ó Collinas,
Foi do culto de Mithra a Scena prima, (1)

---

(1) Mythra, ou Mythras he huma Divindade Per-

Gratas ao Sol, revérbero primeiro
Na fronte lhe acolheis, guardaes o extremo. (1)
Vosso fulgido cimo átros vapores
Cobrem; a luz bebeis, verteis as sombras:
Se altares já não dais do Dia ao Numen,
Tem em vós culto eterno o Deos das Artes;
Junta em vós sua Côrte; hi, de mais perto,
Astros inquirem Zeroastros nossos.
Hi das plantas Jussieu costumes busca,
Canticos o Poeta, o Pintor Quadros,
Lições os Sábios, e, entre abismos vossos,
Cantando-vos, me libro em vossa altura.
A Noite chega em fim, e em quanto a sombra
Dos montes, já mais negra, encobre os valles,
Da rutilosa noite os véos dourando,
Todo luz, e de Estrellas matizado,
Em cima resplandece inteiro o Olympo.

---

siana, que os Gregos, e Romanos confundírão com o Sol, bem que segundo Herodoto seja o mesmo que a Venus Celeste.

(1) Outro effeito, que os Alpes produzem em Genebra, he que o Sol nasça alli mais tarde, e se ponha primeiro, que em outros lugares da mesma latitude. Observei muitas vezes que o cimo das montanhas durava alumiado ainda mais de mea hora depois de se pôr o Sol, relativamente a Genebra.

Addis. Viagem de Italia.

Em que tenues objectos puz grandeza! . .
Como, no vasto Empyrio viajando,
Falla á mente inspirada a Deosa minha! . . .
Sóes a Sóes succedendo-se diviso,
E sumindo-se os Ceos em Ceos, que os seguem! . .
Tocar da Creação no Zenith julgo,
E súbito a meus pés se abre outro abysmo.
Crescia o Mundo, e súbito, oh prodigio! . .
Decrescendo, a meus pés, se encurta o Mundo.
Cadêa immensa gradual se estende,
O infinito findava, e recomeça.
Mal sentida união de obras dos Numes,
Que á vista, ao Thelescopio escapão, fogem,
Mundos d'Athomos, Mundos sem ter nome,
Républicas, Nações, Familias, Reinos,
Com seus costumes, leis, amores, odios,
De hum dia esméro, epilogos da vida,
Dos terminos do Nada, onde os Deos cria,
Na sua pequenez seu poder próvão,
Como na immensidão o antolhão Grande
Rodeado do Espaço, e Eternidade.
Por vivente, e insensivel Natureza
Ante hum duplice abysmo, e espavorido,
Assim com pensamento, ou vidro, ou vista,
Tudo quanto enche o Ar, Ceo, Terra, alcanço.
Sem vêr termo, em que páre este Universo,
Mundos aos pés, sobre a cabeça Mundos,

Vejo hum círculo só, que á vista escapa,
A borda em parte alguma, o centro em tudo.
Terras, Mares, Planetas portentosos,
E, além desses Planetas, Mundos, Mares,
Deos Creador, que tem os Ceos por Templo,
Por Côrte os Astros, e por Nome o Eterno,
Que aos Cometas dá Leis, põem freio ás ondas,
Faz Planetas gyrar, e os Sóes accende,
E vem inda Maior, mais Magestoso
Imprimir-se, e admirar-se em peito ingenuo.
    Sim, por mais que alardeie Empyria pompa,
He o Homem o mór portento ao Homem.
Doce Oriental reverbero não ganha
De risonho semblante aos attractivos:
Olha essa alma impetuosa em seus furores! . . .
Menos quando braveja o Mar se empola.
Mais, do que Babylonia em cinzas, movem
Descaidas feições de hum Desgraçado.
Para nos commover olhos, e ouvidos
Quantos prodigios o Universo encerra,
Os Ventos, os Trovões, Montanhas, Mares,
Ferem menos o espirito, e sentidos,
Do que do Humano accento ignea eloquencia,
E o gesto, que huma voz presta ao silencio! . . .
Que digo! accentos taes severos, meigos,
O olho, o olho só todos congrega.
De sua construcção maravilhosa,

Não he mais raro, que retracte o Mundo,
Que estampe em reflexão Mar, Ceos, e Bosques;
Mas que a alma pinte, em que se pinta o Mundo.
Apuro do poder da Natureza,
O olho indica o remorso, e a paz do Justo;
Do nobre enthusiasmo exprime o fogo;
O Mortal compadece, a Deos se eleva;
Sorriso anima, as lagrimas faz bellas;
Elle afaga, ameaça, anue, deseja,
De amizade se inflamma, arde com furia,
Brandamente do Dó se orvalha em pranto;
Nelle brilha o Prazer, ri-se a Esperança,
E em suave languor Volupia ondea.
Não provêm da Belleza os seus ornatos,
Vem da Rasão, do Espirito, e Ternura;
E neste estreito quadro em igneos traços,
Brilha quanto a alma encerra, e podem Numes.
Que duro coração não lhe obedece?
Antes do gesto, e voz, falla, e golpea.
De Minturno no cárcere, vê quando
Mário a tácita dôr sopîta hum pouco,
E, na dextra hum punhal, lhe chega hum Cimbrio.
Súbito surge o Heróe, se ergue, e com olhos,
Em que a victoria relampeja, e oito
Lustros de glória, e Consulados tantos,
De honras, que já não tem, fulgente ainda,
„ Ousas a Mário, oh Bárbaro, dar morte?..

A tal vista, que o raio excede em força,
Cáe fulminado o Escravo, e a terra beija:
Fóra de si, e longo tempo immovel,
,, Não!.. não posso (exclamou) dar morte a Mário. (1)
De hum só Homem nos olhos, que as união,
Tanto a grandeza d'alma, e Roma ardião!

Fim do III. Canto.

---

(1) Nada ha mais conhecido, que este facto Histórico posto felizmente em Scena por Mr. Arnauld, na sua Tragedia de Mário em Minturno. Hum Soldado Cimbro, se encarregou de apresentar a cabeça de Mário aos seus inimigos. Porém no instante de o ferir o ar magestoso, e olhar terrivel do feróz Romano tanto espantárão o Assassino, que lhe cahio das mãos o ferro. Mário não teve mais qualidades que as de hum Soldado; nem mais talentos que os de hum Grande General. Cessando de combater os Cimbros, e os Teuthonios, tornou-se o flagello de Roma. A austeridade dos seus costumes provinha da ferocidade da sua indole. Seu desprezo das riquezas, sua infatigavel actividade provão sómente que o devorava a sede de dominar. Tudo sacrificava á sua desenfreada ambição, e, como o disse muito bem hum Escriptor Moderno, todas as suas virtudes nascerão dos seus vicios.

A IMAGINAÇÃO.

CANTO IV.

Impressão dos Lugares.

Oh! quão bem o Mortal enfeita o Mundo!
Sem elle todo o Objecto, e os varios Seres
Carecem d'illusão, alma, interesse;
Dotado pelos Ceos de etherea chamma,
O Homem apaixonado os apaixona.
Dá furia aos Mares, alegria ás Flôres,
Memória ás Rochas, e ternura aos Mirtos,
Assombro infunde em huns, tristeza em outros;
E tambem cada ser por mago philtro
Lhe paga as impressões que lhe emprestára.
E quem ignora unisonancia occulta
Do corpo inanimado, ao que he sensivel?

Sabem mesmo os lugares commover-nos
Seus effeitos senti, vou descrevêllos.
Ledos, agrestes, povoados, ermos,
Com vario aspecto os sitios nos commovem.
Hum bravio lugar agrada mesmo
Por máscula aspereza! . . A's graças meigas
Dos Jardins fujo, e corro onde a Noruega
Com columnas de gêlo os Ceos afronta,
Aos campos de Syberia, ás praias nuas,
Que roncando accommette o Mar de Thule. (1)

---

(1) A Noruega está coberta de Montanhas menos altas que os Alpes, e os Pyrenéos, mas que presentão hum quasi não interrompido, e mui pictoresco prospecto. Seus immensos bosques de Abétos fornecem toda a Europa de mastros, e madeira de construcção; e em metade do anno parecem estas grandes Arvores levantar verdadeiramente ao Ceo Pyramides, e Columnas de neve. Os Vulcóes da Islandia offerecem hum espectaculo, que fere ainda mais vivamente a Imaginação. A Natureza repetio sobre aquellas gelidas Costas os medonhos Phenómenos, que se encontrão sobre as formosas praias da Sicilia. O Etna apparece alli com o nome do monte Hekla, não com as opulentas campinas que fórmão a sua base nos redores de Catania, não com os soberbos Castanheiros, que cobrem suas encostas; mas com hum cimo coberto de cinzas, e de neve, com seu vasto cratero, que a miudo vomita lavas, e chammas. Charybdis he muito menos temivel que o famoso golphão de Maelstroem, mais perto da Norue-

Sobre minha cabeça Abutres, Aguias
Da Procella o bramir, bramindo, engrossão.
Horrido cáhos de Alcantis, de Montes,
Ondas, e ondas chocando-se, berrando,
Tudo me atterra, e apraz! mas, quando a idéa
Deseja espairecer-se em ledos quadros,
Em mais sereno Clima, em Ceo mais puro
De Tybur aos Vergeis com Flacco eu voo. (1)
Onde o Anio precipite cahindo
Longe em húmido pó, frescor desparge,
Entre echi-sonos bosques, e penedos
Agil curso lhe sigo, ondas pulantes! . .
Tu, que assustavas Seneca, e zeloso
Propercio prohibia ao Bem, que amava,
Mago Sitio, que os Ceos, e o Mar, e a Terra,

---

ga, que da Islandia, em direcção da pequena Ilha de Loffoden, que engole as Baleas, e ás vezes os mesmos Navios.

(1) Em parte nenhuma são a memória, e a imaginação tão docemente commovidas, como á vista da grande, e pequenas Cascatas de Tivoli. Horacio tinha razão de dizer:

Me nec tam patiens Lacedæmon,
Nec tam Larissæ perculsit campus opimæ,
Quam Domus Albuneæ resonantis,
Et præceps Anio, et Tyburti lucus, et uda
Mobilibus pomaria rivis.

Empenhaste em formar-te a amenidade,
Vejo, oh Baias, em fim teus frescos bosques, (1)
Praias formosas, e aniladas vagas! . . .
Os soberbos Romanos aqui vinhão
Do infortunio dos Homens descançar-se.
Saudade outros terão de altivas Scenas,
Em que entre as doces vozes, e os concertos,
Danças, Cantos, Festins, Artes, bebião
Cesares, Cavalleiros, Senadores,
Em Palacios que ao pego o leito usurpão,
Com o Phalerno as lagrimas do Mundo:
Simples Cultor das Artes, destes combros,
Cujas sombras, sob-noite ás agoas descem,
Quando em seu vidro lucido se encontrão
Lua que vai nascendo, e Sol que expira,
Ao brando som das ondas, que adormecem,
Da vaga, que morrer vem sobre a area,
Dos Zephyros, que a relva apenas roção,
De sons distantes, (natural concerto)
Sobre Ilhas circumstantes, Templos, Montes

(1) He agora difficil fazer idéa do luxo de Baias, e que se havia tornado proverbio entre os Romanos, ainda os mais volupiosos. Erão accusados de Epicurismo, e olhados como Homens efeminados, e sem vestigios de costumes antigos os que mais se demoravão naquelles Jardins encantadores.

Derramo a vista em paz, e alterno passo
Dos mares á paizagem, della a elles,
E conduzo scismando, á praia as ondas.
D'occultas propensões de nossas almas
Se deriva a impressão de objectos, sitios:
Se n'alma se chantou melancolia,
Hum lugar menos ledo, mais lhe agrada.
Quer hum peito contente alegres scenas,
Unisonas comnosco, a vista enlevão:
Mas se o negro pezar, e a dôr pungente
Em triste coração procella excitão,
Ai! não lhe volve a paz local belleza.
Deleitosos paizes vendo ao longe,
A soledade sua, e seu repouso
Julga pódem calmar-lhe o que padece...
Em vão!.. dobra-lhe a angustia o sitio ameno,
Ai! cobra inveja aos que elle vio ditosos,
Ao Pastor, que alli folga, ao Bem, que elle ama,
Aos Rebanhos, ás Aves, mesmo aos Sitios;
Aos Sitios, cuja paz tão longe he delle!..
Estas Leivas frescura transpirando,
Esta verde alcatifa tão risonha,
Placidissima sombra, onda tão pura,
Braços cruzando amantes Arvoredos,
Com dita, que não tem, tudo o consterna.
Quer desertos sertões, mattos bravios,
Quer troncos, que os Tufões espedaçárão,

Rios, e rochas, que seu lucto imitão,
Quer lugares, como elle, atormentados.
Mas o que mór poder abona aos sitios
Ah que és tu, Gratidão, sentimos todos;
He a terna Saudade, cujo encanto
Bemfeitores, e Amigos nos faz delles.
Quaes ligeiros Espiritos, e Manes,
Que, apenas negros véos distende a Noite,
Vem, (se diz) visitar seus priscos Lares;
Taes o Amor, as Saudades, e as Lembranças,
Distracção melancolica, e serena
Voltão para os lugares deleitosos
Em que foste Menino, Amante, Amado.
Após Solo natal, tão caros sitios,
Se o prestigio não tem da amada Terra,
Em que nos despontou da vida a Aurora
Lembrão a Quadra, em que os sentidos nossos
Recentes orgãos seus hião provando.
Senti-o eu proprio. Lustros quatro ausente,
Tornando ao sitio, em que passára a infancia,
Ah! com que extasi dei co'a Torre sua,
Seu Moinho, Cascata, Arvos, que o cercão!
Remanso, a que opprimi, brincando, as ondas,
Vagabundas como eu, como eu rebeldes;
O Jardim, e o Vergel, onde eu colhia,
Mais doces pelo furto, amargos fructos,
A Igreja não faustosa, o Coro humilde,

E o cerco estreito, que julguei tão vasto,
Em que ao bastão do longi-brachio Cégo
Me escoei sem rumor, nem resfolgava!
Mesmo o canto, onde o tácito meu susto
Ao contrario escondia o meu retiro,
Ou (tímida como eu) no seio d'Egle
Com precoce prazer já palpitava.
Aldêa encantadora, onde passavão
Brandas qual teu Regato, as Horas minhas.
Cujos ternos Prospectos, Bosques, Prados,
Me fizerão talvez Cantor dos Campos!..
Adeos, oh Chanonat, contorno ameno!
Parece que outros ares te perfumão,
Parece que revivo ao contemplar-te,
E a minha Primavera, e Prazer volvem!
E mesmo esses lugares, onde a infancia
Deo a tristes lições tímido ouvido
Quem os vê insensivel?.. ai! o estudo
Aqui minha rasão polio primeiro:
Alli das Artes encetei delicias;
Além meu corpo em exercicios gratos
Se informou!... acolá, lançado aos ares,
Meu pulante Balão subio, descia;
Aqui, sem descançar indo, e tornando,
Os versos murmurei de Horacio, e Maro:
Cá união-se orando as nossas vozes,
Mais longe!.. ah que palpito a tal lembrança!..

À palma conseguindo, a vez primeira
No triumpho libei da glória o nectar.
Dias formosos, que a Villars lembravão (1)
Sem os escurecer móres combates.
E que sitio não cede ao natal solo?
Ah! nelle a Gratidão, e Amor, e hum doce
De poderoso instincto encanto occulto
Idéas, corações estão chamando,
E mais quando o terreno antolha ao Homem
Ou severo, ou sublime, alto caracter.
Quem habita em planicie, ou ledos valles
De insípido prazer, fecundez triste
Menos terno recorda os seus Penates.
    Mas vê o habitador de Helvecios serros: (2)

---

(1) Não he de admirar, que estas victorias da infancia, e primeiros triumphos do Amor proprio, que o Sábio Catinat gostava tambem de recordar, estivessem gravados na memória de Villars, e que elle se lembrasse delles, mesmo depois de ter salvado a França em Denain. Todos sabem que elle não era dotado de huma modestia igual ao seu merecimento; e que tinha sobeja consciencia da sua superioridade para a não fazer sentir aos outros. No mais alto grão das honrarias militares memorava com complacencia as suas victorias do Collegio, e as tinha como promessas da glória, plenamente realisadas depois.

(2) Nenhum Povo da Europa moderna levou ainda mais longe, do que os Suissos, aquella especie de Patrio-

Se lugares deixou, que o vento assouta,
Que a torrente retalha, errição gellos,
Da Plaga mais benigna entre as delicias
Chora os seus Lagos, Precipicios, Rochas! . . .
E (qual Mãi, que sevéra o seu Filhinho
Pune, e o sente cozendo-se a seu peito,)
Mais o horror lhe robora a imagem delles.
E, quando o seu valor chama a victória,
Se o Pifaro imprudente o som diffunde,
Que tanto o coração lhe fére, e ouvidos,
Em vão resiste, lagrimas lhe escapão . . .
Suas Fragas, Cascatas, cáros Sitios
Vem-lhe á idéa! . . . adeos, glória, adeos, bandeiras,
Vôa aos Queijeiraes seus, e aos seus Rebanhos,
Nem pára sem que ao longe enternecido
Os seus Montes descubra, a Patria sinta.
Tanto a doce lembrança enfeita os Ermos!
Nem sitios, em que outrora padecemos,

---

tismo, que não permitte deparar ventura longe do solo natal. Nos Regimentos Suissos a soldo das Potencias Estrangeiras, mesmo até debaixo da formosa Athmosphera de Napoles, e nas praias pictorescas das duas Sicilias, huma cantiga, huma móda, chamada vulgarmente o *Ranz des Vaches*, que as Leiteiras Suissas cantão quando vão aos seus pastios, basta para enternecer o Soldado, e obrigallo á deserção.

De attractivo carecem ! . . . Phyloctetes
Os Atridas maldiz , maldiz a sorte
Só . . . em hórridas Rochas , e , se as deixa ,
Chora o seu antro , delle se despede ! . . . (1)
E que ha mais agitado , que as batidas ,
Fluctuantes prisões , com vento , e mares ? . .

---

(1) Não ha talvez na Tragedia antiga cousa mais pathetica, e enternecedora do que os adeos de Phyloctetes, no momento de separar-se de Lemnos. Mr. de la Harpe se lamentava de que a severidade do nosso gosto, que exige imperiosamente o fim de hum Drama apenas se corta o nó principal, o obrigasse à supprimir esta ultima Scena na bella imitação que fez da obra prima de Sophocles: mas duvido, que elle, mesmo em versos harmoniosos, pudesse igualar a prosa eloquente de Fenelon. ,, Oh dia feliz ! .. suavissima luz ! .. ,, tu depois de tantos annos te patenteas em fim ! .. ,, eu te obedeço ! . . eu parto saudando estes sitios ! .. ,, adeos querida gruta ! . . . adeos Nymphas destes húmidos prados ! . . não tornarei a ouvir o surdo rumor das ondas destes mares ; adeos praia onde supportei tantas vezes as injúrias do ar ; adeos Promontorios onde o écho repetio tantas vezes os meus gemidos : adeos doces fontes, que tão amargosas me fostes ! . . adeos oh Terra de Lemnos ! . . deixa-me partir felizmente ; pois vou aonde me chama a vontade dos Deoses, e dos meus Amigos.

Thelemaco Liv. 15.

Mas com terna affeição contempla o Nauta
Baixel, em que habitou por longos tempos.
Já mais esquecerei funda tristeza
De hum Piloto, que célebre Navio
Lustros quatro guiou, vencendo affouto
Rabidos ventos, procellosas vagas;
Consortes no perigo, em bens, em perdas,
Reciprocavão glórias, e trabalhos.
Relampagos, trovões, ondas, e ventos,
Tinhão tudo affrontado, e tinhão visto.
Mas em fim, succumbindo ás mãos do Tempo,
Sobre a praia varado o lenho idoso
Ao machado cedia, e dispersavão
Os rotos membros seus robustos braços.
Chorava o velho Nauta, enternecido
Qual se a Patria perdera em seu Navio.
Com menor amargura hum Rei piedoso
Via o seu Ilión fundir-se em chammas.

Se o sitio, em que soffremos, tanto se ama,
Que fará o lugar, em que folgámos? . . .
Eleito por prazer, ventura attesta,
He d'alma o confidente, e o puro amigo.
Quanto me apraz o que, em delirio amante,
Do sitio, em que fruio sua ternura,
Inflammado em affecto, de seus dedos
Hum Diamante separa, e diz ,, eu quero
,, Que este azylo, que eu amo, inda outro estime,

,, E, onde eu fui já feliz, ditoso seja. ,, (1)
Ah! que diamante vale, alma sublime,
Delicadeza tal, rasgo tão puro?
Quem pois nos reconduz aos sitios todos?
He a huns o prazer, a mágoa aos outros;
Mas aos sitios, aonde amor provamos,
Prazer nos reconduz, e a mágoa a hum tempo:
E que instantes, oh Deos, elles memórão! . . .
Nelles torna quem ama a lêr seu fado,
Nelles seus fógos encetou primeiro.
Nelles se declarou com voz tremente;
Colheo nesta Roseira a flôr, que ao seio
Marilia unio, corando-se como ella.
Era de seus segredos confidente
O écho daquellas rochas! . . ai do insano,
Que aperiga o repouso, e torna aos sitios,
Que do objecto, que adóra, inda estão cheios!
Quanto lhe temo esta arriscada volta! . . .
Ai! talvez, mal que os veja, amor desperte!
A esses gelidos montes, onde arrasta

---

(1) Este rasgo cheio de delicadeza, e sentimento, he attribuido a Millord Albermale, o mesmo que vendo a sua Amiga com os olhos fixos em huma Estrella lhe disse esta feiticeira expressão ,, Não a contemples ,, tanto, meu Bem, que não poderei dar-ta!

Saint-Preux longe de Julia os seus tormentos,
Sua melancholia, o vê sem tino
Guiar a que ao seu Bem outro Hymen rouba! . .
Desses sitios, que encheo sua desgraça,
Que de seu triste exilio os rastos guardão,
Vertem lembranças mil por toda a parte:
Elle para; sobre ella os olhos ficta:
„ Feitiço de minha alma, estás tranquilla! . . . (1)
„ Nada a teu coração diz este sitio?
„ Olha essa pedra, em que tracei amante
„ Primeiras expressões, que te renderão.
„ Alli com mágoa tacita sentado,
„ Tua choça fictava inteiros dias;
„ Lá sósinho, e sómente ouvindo as Aguias,
„ Com meu fogo aqueci do Inverno os gêlos.
„ Com talhantes calháos, marmóreas lascas
„ Nesses troncos gravava a cifra tua.
„ Aqui, porque cobrasse os teus escriptos,
„ A nado atravessei negra torrente.
„ Alli dos alcantis trepava ao cume,

---

(1) Todos conhecerão nestes versos, e nos precedentes, huma das mais eloquentes Cartas da Nova Heloiza, que contém as circumstancias do perigoso passeio em que Saint-Preux, e Julia encontrão sobre os rochedos de Meilleraye os monumentos de seus primeiros Amores.

„ E media co' a vista esses abysmos.
„ Mais longe.. „ oh! daqui foge: oh Cópia insana!..
Hum ar contagioso aqui se aspira!..
Foge!.. livre de seu fatal prestigio,
Té apreça em lhe verter lagrima extrema.
Destes sitios o encanto ah! bem conhece
O nosso coração!... mas que tendencia,
Qual, onde jaz a amada, impulso arcano
Conduz, e reconduz contínuo o Amante?
Ai quantas vezes, ao prazer correndo,
Os que prendeo desejo áquella Sombra,
Ou duro orgulho, ou ávida esperança,
Passão por seu sepulchro indifferentes!...
Esse canto de terra o mundo he delle,
E apenas ousa, ao fenecer do dia,
Do discreto crepúsculo fiar-se,
Vai com tímido pé buscando o escuro,
Com vista insocegada observa ao longe
Se alguem do pranto seu turba o segredo:
Elle encommenda aos Ceos tão grata cinza,
Seja hi mais puro o ar, mais leve a terra,
Mais farta a relva! e mais sagrado volve
Este augusto lugar culto amoroso.
E mesmo sem tão ternos interesses,
Quantos nossa attenção merecer podem
Co'a nobre caduquez, lembranças, nome?
Em remota floresta tenebrosa,

Olha as ruinas de Abadia antiga (1)
Do fausto Monachal padrão inglorio!
Dos velhos muros religioso lucto,
Chôro, em que os pios cânticos soavão,
Cáros á Historia esses corados vidros
Faustos de antigos tempos recordando,
Fendidos combros, lúgubres carneiros,

---

(1) Ha em prosa muitos pedaços do mesmo género; sem fazer comparações, seja permittido citar aqui algumas passagens de huma descripção das ruinas da Thebaida, Terra que tanto abunda de lembranças sagradas, e profanas ,, O Hermita se adianta por entre ,, os entulhos, e os Christãos o seguem. Cercão tudo ,, com os olhos, e sem poder cançar-se, contemplão ,, aquellas columnas quebradas, e dispersas; aquelles ,, pilares amontoados, vestigios de magnificencia passada, e aquelles innumeraveis estragos, que assombrão a Imaginação com a sua grandeza, e entristecem a alma com as suas ruinas. Ai, meu Padre! ,, (exclama hum dos Guerreiros) esta augusta nave, ,, que inda em parte subsiste, estas duas fileiras de ,, pilares, e esta arcada tão elevada, que se fatiga a ,, vista em lhe medir a altura, tudo isto hade tambem destruir-se? diz, e do seio do silencio, que ,, reina naquellas vastas ruinas, huma pedra abalada se ,, despega, cahe, e lhe responde!.. áquella voz de ,, destruição todos os circumstantes tomão hum ar lúgubre, e triste: o Hermita se suspende, e levantando os braços acima da cabeça, exclama ,, outro

Vasta nave, em que túmulos se alinhão,
Onde, illudindo os Fundadores Santos,
Mal seus çafados nomes podem ler-se;
Zimborios, e degráos pelo ar suspensos,
De Torre, que não ha, guiando ao cume;
Os Altares sem culto, Imagens mudas,
De que prisca legenda expóem milagres;
O sitio, onde offerendas costumavão

,, tempo esteve em pé este Templo!.. foi habitado por ,, piedosos Solitarios, cujos Santos Hymnos todos os dias ,, se confundião com os dos Anjos: eisaqui a Gruta de ,, seu Fundador, de S. João Callimaco, que alli se re- ,, tirava para verter lagrimas sobre os crimes do Mun- ,, do, e desarmar em seu favor a cólera Celeste. En- ,, tão ninguem ousava aproximar-se deste lugar sem hum ,, coração mais puro, sem huma fé mais ardente; mas ,, appareceo o Impio, e tudo se derribou!.. A mor- ,, te ferio os Servos de Deos; os sagrados Cânticos em- ,, mudecêrão; e o silencio, e a destruição se assenho- ,, reárão desta habitação dessolada. Mais algum tempo, ,, e a unica voz que retine nas suas ruinas se extin- ,, guirá tambem. Mais algum tempo, e este misera- ,, vel corpo se tornará em pó, como essas columnas que ,, ahi estão por terra, depois de terem chegado a to- ,, car os Ceos. ,,

Isto he fragmento de mais longa descripção; he do Romance de Matilde, que, apezar de leves defeitos, iguala a sua amavel Authora aos mais eloquentes Escriptores.

Os delictos remir, supprir virtudes:
Mansão da Penitencia, o Templo inteiro,
De Ignorancia, Saber, Piedade, Orgulho,
Roto, diz mais que o Pantheon moderno,
Velho em nome, e menino sem lembrança,
Onde a voz do passado não se escuta,
Que, nada tendo visto, nada conta,
Ou me conta que, o Túmulo ultrajando,
Lá depôz Mirabeau, com pompa, a Gallia.
Eis de hum velho Castello a massa enorme
Pomposo, extravagante, informe, altivo! ..
Que saudosas lembranças dalli vertem! ...
Apraz-me esta esplanada, angulos, fossos,
Vestigios de batalhas, cercos, ballas,
Que ás muralhas grossissimas cedêrão:
Apraz-me recordar grandes contendas
De Povos, e de Reis, Vassallos, Grandes,
Dos Nemours, dos Coucis paixões famosas,
Pelas trévas rondando Espectros, Larvas,
Contos antigos, que, entretendo a Aldêa,
Abrevião serões, suspendem fusos.
Gregos Romances, Fábulas da Grecia
Históricas, e História fabulosa
A grandeza não tem, não tem prodigios
Dos extensos annaes destes Lugares.
Sobre essas Torres na cruenta pugna
Mais de huma terna Amante o Amante olhava,

Romancistas antigos, Trovadores
Façanhas, e ternura alli cantavão;
Lá féros Paladins, fiéis á glória,
Combatião por Deos, e o Rei, e as Damas.
Vê bacinetes, cascos, e sayotes
Dos Nemours, dos Clissons, Coucis, Bayardos,
Fólgo de lhe envergar tão priscas armas,
Seu corpo nelles suppro, e genio heróico.
    Eis sobre hum Palafrem marcha hum Guerreiro,
He Mancebo, he gentil, traz nobre Pagem,
Tem posto o murrião, que assombrão plumas,
A vizeira descida, a adarga embraça,
Com manopla, e braçal, e a lança em punho,
Sobre o estribo firmado, e o ferro em riste,
A Ponte levadiça atrás já deixa.
Ameaça no olhar, seu porte he féro,
Eilo anima a corneta, e tudo enfia,
Hum Pagem vem á falla ,, escuta, oh Pagem,
,, Hum Bárbaro Oppressor nesse Castello
,, Tem a minha Izabel, dize ao Tyranno
,, Que me entregue o meu Bem, que já mo entregue,
,, Ou da vil deslealdade eu vou punillo.
Acceita-se o duello; hum bote horrivel
Prostra morto o Tyranno, e á quéda enorme
Desses tristes zimborios gemem échos.
De Damas, e de Heróes prolonga fia
De Condes, de Barões á luz já volvem,

Corre a Bella primeiro ao cáro Amante,
Salta á garupa, ao Vencedor se abraça,
Que suas lindas mãos palpitar sentem.
Tal de antigos combates, leis, costumes,
Nestes sitios me traça a idéa a imagem.
Vêllos inda presumo, e sonho a hum tempo
Com Magias, e Amor, Torneios, Justas.
 Ai! Sábio nesciamente ha maculado
O neophylo Orgulho a glória antiga.
Filhos soberbos dos Bouillons famosos,
Dos Crillons, dos Rohans, dos Montmorencis,
Quaes forão vos mostrai! ganhai co'a espada,
E inda mais por virtude, a glória delles!
Vosso lustre prestando á Fama sua,
Pagai quanto vos dão tão grandes nomes.
Tal volve, aos canaes ultimos chegando,
O sangue ao coração, de que emanara.
 Mas dos sitios, que ufanão longos annos,
Muitos ha, cuja illustre antiguidade
Inda mais assombrosa accode á mente
Brilhante de esplendor, Padrões, Grandeza.
Reina alli a Illusão da Fama ao lado,
Tem nome cada Rocha, Arroio, ou Bosque,
Se olhos ficto nos Alpes, que ameação
Com magestoso tope aos Ceos subindo,
Logo vou procurar fatal passagem,
Que em calcinada penha abríra Annibal,

E os campos lhe entregou de Lacio antigo.
Destas mesmas Montanhas sobre o pico
Outrora o féro Peno aos seus dizia
,, Esses campos gentís são prémio vosso,
,, Tocão ao que vencer! ,, da preza á vista
Com barbaro prazer pulava a Tropa.
Os sitios, que a Ambição mostrava á Furia,
Eu os mostro ao Talento. Oh que ampla messe
D'altas idéas, sentimentos grandes,
Grandezas vos darão, que elles tiverão!
Distrahida encarando em taes objectos
Nunca a Imaginação alli repousa! . . .
Paga-se se prevê, se reconhece
O que inda não existe, e acaba em breve;
Antigos tempos ama, e seus despojos;
Fólga em destroços, de saudades vive.
Onde ha lugares, cuja fertil Scena
D'altos successos assombrasse o Mundo,
Qual com seus grandes nomes a Cidade
Dos Platões, ou dos Cesares se ostenta,
Hi he que ella se apraz, la vôa á pressa,
E qual Viajante, que em silencio corre
Pompas de Alcaçar, que cedêra aos annos,
Dispersos restos seus na mente ajunta
Recompõe muros, Pórticos restaura;
Tal na idéa eu refaço a antiga Roma,
Torres levanto, volvo-lhe as Muralhas,

Templos, Palacios, os Heróes, e as Artes.
Amo inda esses Heróes da commum causa,
Subo á Tribuna, assisto-lhe ao Senado,
Espera o Capitolio os que triumphão
Sus! os Victimadores se acompanhém.
Não escutas nos Jogos, que ella adora,
Mugir, qual mar, seu vasto Amphytheatro?
Teus divinos festins, me abre, oh Mecenas,
Que assasonavão versos, chistes, vinhos.
Ai! tão mole elegancia, e fino gosto
Decadencia de Imperios prognosticão.
Termos da Glória sua, ah! demorai-vos,
Deixai-me contemplar Roma em seu brilho!..
Mas ja tempo não he; cadêas tinem,
E á Romana cerviz impende o Jugo!
Destes muros, sepulchro em breve ás Artes,
A Grecia me convida ao Berço dellas.
Rodeando-se alli de quanto adóra,
Toma a Imaginação mais vivas forças:
Tudo ahi falla de amor, de glória, e versos,
Tudo he Deos, ou Heróe. N'hum dia hum Barco
Neste mar portentoso vé mil sitios,
Que a todos do Universo em fama excedem.

Deos das Artes, conduz-me a Delos, que amas,
Aqui Sapho attrahia as Lesbias penhas,
Aqui Teio Cantor, despindo os annos,
Cantava a remoçar com Bacho, e Venus.

Rochedos, em que os Persas naufragárão,
Dos trezentos Heróes dizei-me os Nomes.
Onde, Esparta, os teus restos? onde, Athenas,
Demosthenes troou, Platão pensava?
Que feitiço inda sahe destas ruinas!..
Ai! o tempo hia os restos consumir-lhe.
Entre os que destas praias tão formosas
Trazem sómente esteriles lembranças,
Destes sitios famosos póde o Genio
Das Artes descubrir Mancebo amante, (1)
Que, estes sacros lugares adorando,
Triste nelles chorar mostrava a Patria.
Para observar-lhe a antiguidade augusta,
Os Prazeres deixára, e Pais, e Amigos.
,, Vês (o Numen lhe diz) esses prodigios?..
,, Vai-lhe o Tempo engolir mesmo as ruinas.
,, Hão-de cedo, e sem fructo olhos afflictos
,, O azylo procurar de Artes, Virtudes.
,, Eia! a glória eclypsada lhe reanima,
,, Prémio de teu trabalho, em Lyceo novo
,, Das Artes o laurel te abono hum dia!

---

(1) Mr. o Conde Choiseuil Gouffier, Author da Viagem Pictoresca da Grecia, hum dos mais bellos monumentos elevados pelo Poder, e a Opulencia á glória das Artes, e das Letras.

Diz. No fundo dos Túmulos dispersos
Dos Sólons, dos Platões o ouvírão Manes;
O Moço estremeceo, e a seu chamado
A estes lugares, Thalamo das Artes
Agradecidas Artes accodírão.
Já seu lapis fiel toma o Desenho,
E qual Filho extremoso, a que ímpia Morte
De huma adorada Mãi roubára a vida,
Se aferra com transporte aos sacros restos,
E pede ao Tempo, e ao Ar que o pó lhe accatem;
Folgando de traçar tão cára imagem;
Nestes sitios gentís, de Amor guiado,
Tal da Grecia, o Desenho, arteiro Filho;
Busca, apanha, copia a imagem della,
Que, a despeito da idade inda formosa,
Com Monumentos seus, Heróes, e Deoses,
Toda inteira apparece aos nossos olhos.
Assim a Historia o diz. Sobre este globo
Como os Homens, tambem declinão sitios.
Mas as, que outrora fez Accaso, ou Tempo
Grandes mudanças, célebres revezes,
Imagem menos viva nos presentão,
Que se horrida procella aos nossos olhos
De hum sitio já famoso apaga o brilho,
E grandeza, e ruina a par lhe mostra.
Vês esses muros ermos? .. hi Versailles
Com soberbas muralhas floreava:

Lá mil varias paixões, a hum tempo, e votos;
Deputados dos Reis, Principes, Grandes,
Interesses rivaes, falsas vaidades,
Cursavão sem cessar pomposas sendas.
Lá, tacito esperando hum volver d'olhos,
Genuflectia Orgulho ao Valimento:
Dalli, por terra, e mar levada ao longe,
Fazia a vóz de hum só do Mundo a sorte.
Tanto brilho assombrava o Globo absorto;
Eis ruge huma procella, e findou tudo! . . .
Onde do Poder Summo os attributos,
O apparato da Glória, e d'Opulencia?
Mórão agora aqui Silencio, e Lucto.
Apenas velho Guarda, e triste, e mudo,
Destes muros, que outrora rodeavão
Tão luzidas Cohortes, abre as portas
Ao Viajante, que busca antigos Paços,
E, „ esta a mansão dos Reis! „ exclama, e vendo
Após tanto poder, tantas desgraças,
Huma lagrima verte, e sae scismando! . . .
Inda á vista indiscreta, após taes Quadros,
Estes mysticos sitios tem feitiços.
Engenhosa em ficções, a Deosa minha
Sabe objectos ornar, que aos olhos fogem.
Outrora rodeou mysterio augusto
Alcaçares dos Reis, Templos dos Deoses.

No Santuario Adonay com glória occulta
Escondeo a tremenda Magestade ;
Por anno , o só Pontifice accendia ,
Pelo Povo , huma vez , solemne incenso.
D'Asia os Tyrannos , que adorava o Medo ,
Inaccessos Palacios habitavão.
Mysterio incitador , difficuldades
Dobrão chiste á Belleza , a Amor , e ás Artes.
Ai ! quem póde negar sua influencia ?
Oh quantas vezes em Bysancio altiva ,
Com presunçosa vista (inda o recordo)
O lascivo Serralho contemplando ,
Seus Muros , Torreões , Pórticos , Kiósques ,
Cyparissos longevos , e áureos Globos ,
De imprudente desejo a idéa accesa ,
E pelo ar de mysterio estimulada ,
Máo-grado a dobres portas , féros Guardas ,
Romper tentava não rompendos muros ,
Onde a par do Prazer vigia o Susto ,
Onde accorda o Desejo a Variedade ! . . .
Grades , Torres , Janizaros , e tudo
Transpondo , em meu delirio , a vista audace
Hia ao retiro , onde indolente Orgulho
Ondêa em graças mil , d'hum gesto escolhe.
Junto aos Sophás , em que o Languor boceja ,
A Rosa respirei , aspirei Moka.

Ousei mais: nos sequestros, frescos Banhos (1)
Que nunca profanou curiosa vista,
Mais bellas sem enfeite, onde mil Bellas
Só co'a lucida trança o pejo cobrem,
Máo grado ao nú alfange, ao laço horrendo,
Anxio de vêr, tremendo de ter visto,
Penetrei! . . . com tão vivido feitiço
Orna Obstáculo, e Véo mesmo a Belleza!
Deslembrar posso inspiradores sitios,
Onde nos consolarão dons das Artes?
Bemfeitores do Genio, e lidas nossas,
D'aureos momentos a Existencia bordão.
Aqui nos transportou extasis longo,
Alli juntando a Mente os seus thesouros,
Fez de longa mudez brotar de hum golpe
Rasgos, a quem nossa Arte a glória deve.
Sitios, que tanta vez nos influírão,

---

(1) Parece-me que he inutil advertir que o Poeta só vio este quadro voluptuoso com os olhos da Imaginação; bem que devesse muitas vezes sentir o desejo *muito natural* de o pintar ao vivo. Nunca hum Europeo, e talvez nunca hum Musulmano, penetrou hum banho de Mulheres Turcas. A idéa de huma Morte inevitavel protege estas reuniões, sem que seja necessario pôr-lhe á entrada Guardas armados de alfanges, e laços.

Qnem não sente prazer se os vê de novo?
Encantava Montbar da Gallia o Plinio,
De Charmettes Rousseau gabava o Bosque.
Meudon, que eu da mais tenra infancia amara,
A quem dos Cantos meus devo os louvores,
Em tuas Torres Gothicas, de Inverno
Ao fogo de teus Robles, quantas vezes
Só, Bosques, Ondas, Vento ouvindo ao longe,
A seu vasto concerto a voz jantava!...
Que vezes tu me viste atravessando
Sombras de teus Bosqueis em pulcro dia!... (1)
Ai! aquelles Bosqueis, sacras Florestas
Por ferro destructor as vi prostradas!..
Prostradas quando já na Primavera
Enfolhados Botões sombra agouravão!
Desses troncos anciãos jovens herdeiros
Debalde me offertárão novo abrigo;
Não soprárão, não vírão meu delirio,
Nada lhe ouvi, não conversei com elles:
Mas sacro me he teu chão, pedir-lhe-hei sempre
Versos ditosos, e ditosos dias.
A influencia cantei dos varios sitios,
He nascida de nós em quasi todos.

---

(1) A palavra *Bosqueis* por Bosquesinhos, vem repetidas vezes na Elegiada de Luiz Pereira.

Sitios longe do Sol, dos Homens longe
Sós operão em nós com própria força.
Mal o olho fragil palpebra des-cerra
Quer vêr seu semelhante, a luz procura!
Poucos ermos, he certo, a idéa encontra.
Falta, sempre tão grato, o rosto do Homem? . .
Ha Monumentos seus: verdor, e os campos
Da Natura o desvélo, e os dons memórão.
Seguem-se ora do Arroio as longas voltas,
Com elle se viaja, e se acompanha.
Mas, se da funda mágoa oppresso o Humano
Nem vê Homens, nem cousa que o console,
Dobrada solidão sua alma opprime.
Vê n'Africa o Viajante que d'areas
De Charnecas do Cairo, ou de Rosetta (1)
Lento atravessa a immensidão deserta;
Vento suffocador, Poeira em nuvens,
Terra, e Agoas contra elle se conjurão:
Mas ao pó, ao calor, e ao vento excede

---

(1) Os Redores de Rosetta, e as Campinas do Cairo não são os sitios mais descampados do Egypto; porém não se deve exigir do Poeta a rigorosa exactidão, que se requer no Geographo. O quadro, que elle aqui traça convém perfeitamente ao deserto, que se atravessa partindo de Alexandria, e aos areaes ardentes, que fórmão o Isthmo de Suez.

Aquella solidão tão mesta, e longa.
Tédio, Tédio, que triste mede o tempo,
Dias, horas, instantes lhe eternisa.
Vendo a Imaginação tão feios sitios
Sobre aquelles areaes lânguida expira.
Elle arrasta-se, invida o resto ás forças,
Eis! . . ditoso alvoroço! ao rir da Aurora
D'hum Obelisco ao longe observa o tope,
Kiosques dos Bachás, Mesquitas, ledos
Bosques de Larangeiras, e Palmares,
Que o deserto mais bellos lhe figura.
Doce repouso, que comprou com penas,
Nestes Caramanchões o espera, e Fontes,
Onde em molles cochins, com triste aspecto
O soberbo Othomano volupioso,
Embreagado em licores, que o transportão, (1)
De seus sonhos gentís nutre o delirio,
Ou no seu lindo Harem finda, excitado
Não de amor, mas desejo, em paz o dia.
Eu mesmo, a quem seduz tão grata scena,
Deste sitio encantado a custo escapo,

---

(1) O uso do Opio he huma paixão geral entre os Turcos. Elle os submerge naquella especie de negligencia, e lethargo voluptuoso, que, despintando os principaes traços do seu caracter, parecem fazer a sua sapiencia, e ventura.

Mas a Musa me leva a novos ermos.
Vês aquelle Baixel, que o pego espera? . .
Tudo prestes, Galerno infuna o panno,
Com as flamulas brinca alegre Eolo;
Para chegar-lhe o Infante estende os braços,
Em redor dos Viajantes, que demorão,
Amigos, e Parentes, pranto em fio,
Gostão de hum longo adeos tristonho encanto,
E, do cume de altissimo Rochedo,
Longa vista ao Baixel, que foge, estirão.
Neste vasto Elemento a alma ao principio
Se julga independente, e se agiganta.
Parece, que, alongando o vôo infindo,
A' sua immensidade o Eterno a admitte.
Mas ai! pequeno espaço quer Ventura;
Daquelle ermo sem fim se cança o Homem.
Breve, sósinho no horisonte immenso,
Vê seu carcer no lenho, em que navega.
Seus tristes Sócios, lânguidos como elle,
Que eleição não juntou, nem brando affecto,
Com mutuo tédio seu lhe augmentão tédio,
Móra com elles, vive só comsigo.
Ah! quando ha de entre-vêr a anciada praia! . . .
Illudindo-o com fórmas mentirosas,
Eis a Imaginação lhe indica ao longe
Pórtos, Torres, que súbito se escondem,
Seu Phantasma illusor se esvae qual sonho,

E a seus olhos se alonga o vasto Oceano! . . .
Cumpre inda ouvir-se a nautica celeuma,
Zunir ondas, e vento, enxarcias, mastros,
Sempre os Ceos, sempre o pelago azul-negro,
E Euro roncando no Escarceo, que ronca! . . .
Ai! onde os campos seus, floridos prados,
Seus bosques, patrio lar, filhinhos caros? . . .
Co' elles, hindo, a Saudade atormentou-o,
Co' elles, vindo, a Esperança hade encantallo! . .
Parte, voga, adianta, espera, apporta,
Paterno coração basta aos transportes?
A Filha, cujo adeos ah! foi tão terno,
Que faz agora? de esperar cançada,
Sobre o Retrato seu talvez prantea,
Talvez o orna de flôres; desses tissos,
Desses thesouros de Persiana industria
Sua Esposa talvez se enfeite alegre;
E o Filho, de Hyminéo ultimo fructo,
Vive? . . começa á balbuciar seu nome? . .
Seu ingenuo Pastor ancião, que pranto
Não deverá verter? . . quanto formosas
Achará suas Arvores? . . já chega,
Reconhece este monte, arvore, torre,
De momento em momento ameias sobem;
Avisinha-se ás praias, e á ventura;
E abre no mar, que foge em grossa espuma,
Seu rápido Baixel ultimo sulco.

Aborda-se, d'hum salto está na praia;
Chega, e seu terno coração palpita
Co'a impaciencia que faz longo desejo.
Mas pintar seu prazer não me compete,
Gosta a Imaginação, que he meu objecto,
Não de o goso cantar, mas a esperança!
    Effeitos descrevi d'ermos lugares;
Benigna Protectora de meu Estro,
Noite! para cantar sitios sombrios
Inspira-me! que vezes, pelas trévas
Teu silencio buscando, e não repouso,
Tingi Papoulas tuas na Hyppocrene,
Saboreando Poéticos delirios!
Do Poeta, que influes parece o canto
Mais féro, e mais suave, e o Deos do dia
Para elle não he Numen dos versos!
Mas só Vate feliz, feliz Amante
Sabem avaliar-te as mudas Scenas.
Todo o Ser vê com mágoa a luz, que expira.
Então me olha tristonho o meu Podengo;
A influencia do Sol as Plantas amão,
E deplora-lhe a ausencia a Flôr, que he delle:
Tudo bemdiz seus dons; tão pulcro facho
O Homem, Filho do Ceo, prefere a tudo,
Quer-lhe a chamma sentir, quer ver-lhe os raios,
Tem igual precisão sentidos, e alma.
O Sol nossos desgostos amacia.

Quanto em tácita noite a dôr lamento!..
Oh! quanto á Soledade a Noite unida
Fomenta a inquietação do Abandonado!...
Faz-lhe o mal mais presente o objecto ausente,
Nada a mente lhe alegra, alma, sentidos.
Dando suspiros de feróz tristeza,
Com longo vigiar fatiga o leito,
Volve-se, e cança a procurar repouso;
Acceso, e atropellado corre o sangue,
Té que a roscida Aurora algum descanço
A' sua alma exhaurida alfim conduza;
Bana nocturnos fúnebres vapores,
E esperança nos torne, e o dia ao Mundo.
Que intrépidos Heróes d'alto denodo
Das trévas a impressão não tem sentido!
Quando ao raio solar do ferro, e bronze
O brilhante apparato resplandece
O Soldado a procella alegre affronta,
Riscos são jogos, e os combates festas.
Mas, se horror tenebroso estende a Noite,
Nem do terror, que os cerca, os olhos julgão,
Tudo pávida então a alma exagera.
Menos noto o perigo he mais medonho.
E peior se, perdido em negro sitio,
Só, com feas idéas lucta o Homem.
Quanto então Soledade unida á Noite
Fomenta a inquietação da alma deserta!

Deste auge de pavor, e horridas Scenas
Inda exemplo medonho, inda me assombra.
Cobrem Muros de Roma, e vastos campos
Sobterraneas abóbadas, e grutas, (1)
Que, por annos dois mil minadas, dérão
Aos Palacios Romanos seus rochedos.
Com monumentos seus, grandeza sua
Roma inteira sahio destes abysmos.
E ao ferro dos Tyrannos depois nelles
Seus Filhos escondeo nascente a Igreja,
Té ao dia, em que, dessa funda noite,
Veio dar triumphante as leis ao Mundo,
Os Cesareos Pendões co'a Cruz marcando.
Tudo anciando saber Joven Artista
Da Pintura esperança, e dos Pais glória,
Visitar intentara a negra Estancia, (2)

---

(1) Duvida-se da épocha, e motivos, que induzírão a cavar as immensas carreiras subterraneas sobre que repousa huma grande parte da Cidade de Roma, mas he certo que nellas se escondião os Christãos nos tempos em que forão perseguidos nos primeiros Séculos da Igreja.

(2) A aventura, que o Poeta descreve, aconteceo realmente a Mr. Robert, célebre Artista, que era então Alumno da Academia de França em Roma. A excellencia das suas obras tem justificado as esperanças que tinhão dado a actividade das suas indagações, e a sua admiração pelos monumentos antigos.

De nossa antiga fé Berço adoravel.
Fio em huma das mãos, e hum facho em outra
Entra; fia-se a innumeras arcadas,
Que ambages tenebrosos mil-cruzilhão.
Folga vendo a tristonha magestade
Deste Alcaçar da Noite, o Emporio umbratil,
Templos, em que vio Deos Fiéis primeiros,
E dos grandes sepulchros sombra eterna!
Tópa humilde recinto em canto escuro,
Mystico azylo, onde a Esperança o guía.
Sacros vasos depára, urnas piedosas,
Santos restos de Martyres, e Virgens.
Recolhe este thesouro, e seguir tenta...
E ai! o fio perdeo, que o conduzia.
Busca, e debalde, perde-se, e vacilla,
Vai, vem, dobra o temor, e quantas sendas
O Medo lhe indicou trépido enfia.
Emfim de róta em róta, e d'erro em erro
Deste obscuro recinto ao termo encontra
Vasto espaço, espantoso labyrintho
Onde vinte caminhos desembocção
Qual lhe cumpre escolher? qual vai ao dia?
Todos tenta, entra todos, todos deixa.
Susto o passo lhe apressa, e embarga o susto.
Chama, e o écho redobra-lhe os terrores;
Gelão-lhe o coração fataes lembranças.
O Astro feliz, por quem saudoso anhella,

Des, que elle em sombras jaz, medio déz horas.
Este sitio de horror, silencio eterno
Hum Mortal em tres lustros olha apenas.
E, por cume de horror, na mesta noite
O facho, que o conduz, já quasi expira.
Receando que hum passo, hum movimento,
Que a chamma agite, lhe consuma o pasto,
A's vezes se suspende, e immovel fica.
Innuteis precauçóes! desvélo innutil!
O momento chegou; seu peito em susto
Já pre-sente o negror da noite horrenda.
Gyra de novo a Abóbada soturna,
Na sombra a enferma luz fumega, e morre.
Geme; e comtudo ao anhellante assopro
Súbito reanimada a luz ressurge:
Vãs esperanças! consumida a cera,
Abaixando gradual na mecha accesa,
Chega-lhe á mão, que escalda, e de seus dedos
Não a podem soster vencidos nervos.
Já do languido braço a tócha escapa,
E a luz extrema o Túmulo alumîa.
Tu, que o hórrido quadro de Ugolino
Traçaste, oh Dante, o teu pincel me empresta, (1)

---

(1) O Conde Ugolino, e seus quatro filhos, fechados na mesma Torre, forão condemnados a morrer de fome pela implacavel vingança do Arcebispo de Pisa,

E o colorido teu! .. nestes ambages,
Das sombras sepulchraes no horror profundo
Pinta o triste, a que he século hum minuto,
Só ... Ah! pouco estão sós os Desgraçados! ..
De fúnebres Phantasmas lhe povoa
Logo a Imaginação ermos, e trévas.
Já mil hediondos Lemures lhe assomão,
Desespêro feróz, Delirio ardente,
Morte ... não Morte, que á Victoria agrada;
Com raios vôa, e que o triumpho exorna;
Mas lenta, horrivel, pela mão trazendo
Fome, que o proprio seio róe, lacera.
Seu sangue, a idéas taes, nas veas pára.
E que terna saudade a dôr lhe azeda?
Seus amigos, e afins, que a vêr não torna! ..
Nobres trabalhos, que deixou suspensos! ...
Trabalhos, com que eterno hiria aos Astros,

---

que fez murar a porta da prisão. Este horrivel acontecimento se acha pintado no Canto 33 do Inferno de Dante, que representa Ugolino mordendo, e devorando o craneo do seu bárbaro inimigo.

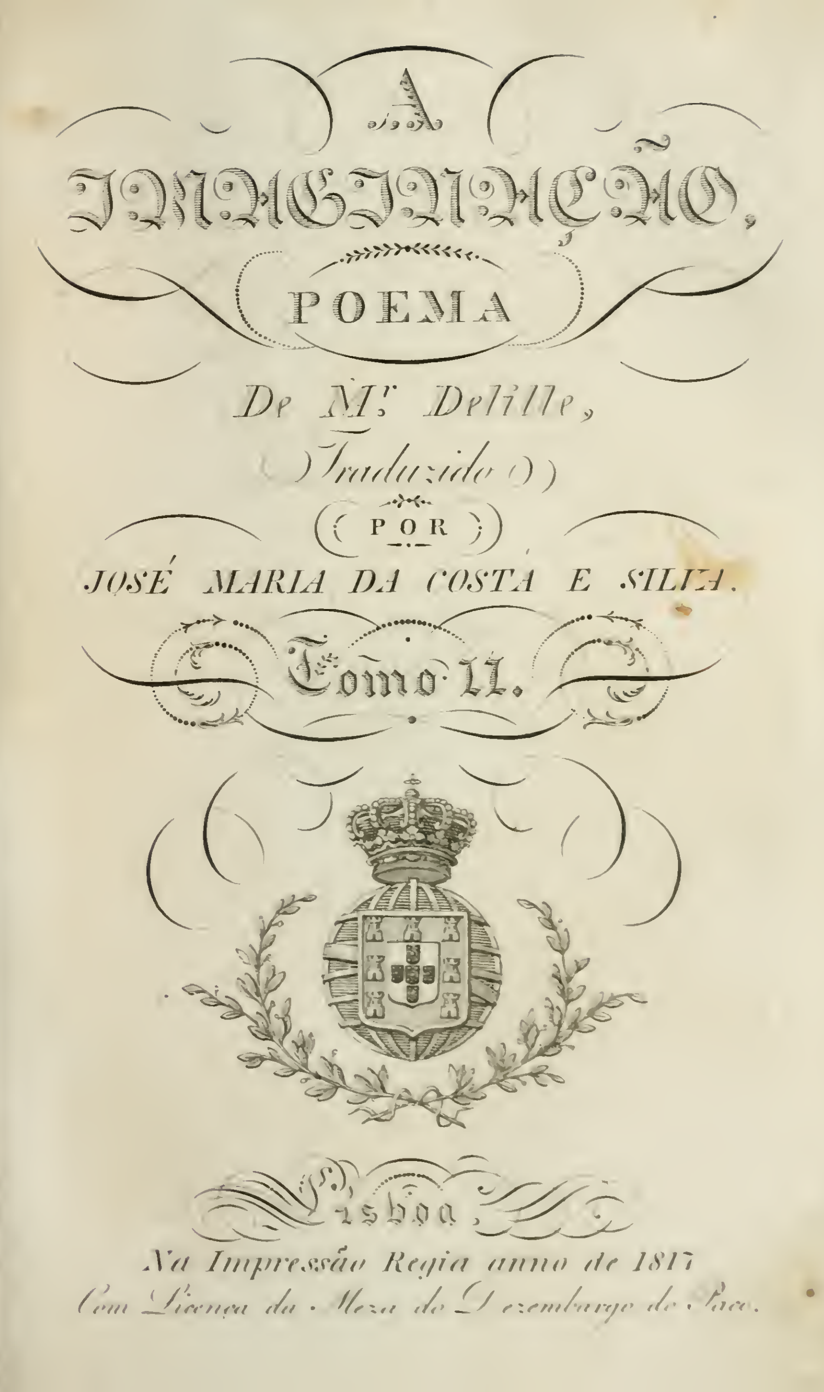
La boca sollevó dal fiero pasto, etc.

He hum dos mais bellos rasgos da Poesia Italiana, e talvez o que fixou o gráo daquelle Grande Poeta; ao menos he crivel que seria pouco lido, ainda que Creador de huma lingua, se o seu Poema nao fosse consagrado por dois, ou tres Episodios como os do Conde Ugolino, e Francisca de Rimini.

Que promettião glória, e davão dita! . . .
E aquella cujo amor, cujo sorriso
Foi seu mais doce applauso, e digno prémio.
Seus olhos a esta imagem soltão pranto,
Que derrama a saudade, a raiva enxuga.
Inda espera comtudo, e cuida ás vezes
Que vislumbra clarões, vozes distingue.
Olha, escuta, mas ai! . . . na sombra immensa
Ouve só o Silencio, e vê só Noite,
E o Silencio o terror lhe augmenta ainda.
Todo o horror do seu Fado então sentindo,
De delirio em delirio tumultúa;
Surge, torna a cahir, súbito se ergue,
Sobre velhos ossames roja ás vezes,
Monumentos da Morte, que elle foge! . .
Eis encontra nos pés leve embaraço, . . .
Co'a mão tentea . . . oh júbilo! oh prodigio! . . .
O fio, que perdeo sente, e conhece.
De esperança, e prazer delira, e treme.
O fio redemptor adóra, e beja,
Examina, recea, que inda o perca,
Quer seguillo, quer vêr de novo o dia.
Não sei nesta mansão, que instincto o embarga,
Sua alma, inda com susto, e já sem risco,
Quer o horror desfructar destes Lugares.
A seu lúgubre aspecto saborea
Hum prazer, que de medo hum resto agita.

Seu fiel conductor alfim seguindo,
Vôa aos lugares onde a luz o chama.
Com que extasis os Ceos, que elle já cria
Para sempre eclypsados, ora encára!..
Com que doce transporte ora lhe observa
Brilhante, magestosa immensidade!...
A Cidade, a Verdura, Aldêa, e Bosques;
Parece que elle os olha a vez primeira;
Nadando em gosto insolito, e profundo,
Julga que assiste á Creação do Mundo.

Fim do Canto IV., e do I. Tómo.



A IMAGINAÇÃO,

POEMA

De Mr. Delille,

Traduzido

POR

JOSÉ MARIA DA COSTA E SILVA.

Tomo II.

Lisboa,

Na Impressão Regia anno de 1817

Com Licença da Meza do Dezembargo do Paço.

A IMAGINAÇÃO.

CANTO V.

As Artes.

Tu, que surgir do Mar fez Tempo antigo,
Dos Ceos desceste, no Universo imperas,
E, depois da Bondade, hes nosso enlevo,
Prole adoravel do sorrir dos Numens,
Belleza! eu te saudo! . . . ai! roubão sombras
A meus languidos olhos teus portentos!
Outeiros enverdece a Primavera,
Das cadêas do Inverno Arroios solta,
A's Florestas folhame, á Aurora os raios
Volve de novo, renascendo tudo,
Porém só para mim nada renasce!
E meus olhos, por túrbidos vapores,

Mal teus quadros formosos vislumbrárão.
Milton, mais cego que eu, foi mais ditoso,
Não te podendo vêr, pintar-te soube.
E quando, preparando-lhe seus vôos,
O electrisavão Canticos das Filhas,
Súbito, borbulhando, á vasta idéa
Imagens dos objectos lhe acodião.
Varios milagres teus, teus dons cantava,
A' sua vista eclypsados, revivião
Em seu metro! a homenagem não lhe igualo,
Mas amo inda em lembrança a imagem tua.
Fonte de Graças, de Prazer, Delicias,
A tres Reinos diversos mimozeas! . .
Ora, longe de nós, no terreo centro
Em flamantes rubins transformas pedras;
Coloras em segredo os metaes pulchros;
Dás o lustre ao cristal, fogo ao diamante,
Manso, e manso de Antiparos na grúta (1)
Filtras congelações, de que se arreia;

---

(1) Antiparos, he huma Ilhota do Archipelago, situada, como seu nome o indica, defronte da Ilha de Paros: não ha nella as bellas Lapidicinas de mármore, de que os Phydias, e os Praxiteles extrahião materia para seus nobres trabalhos; mas tem huma gruta famosa, em que alguns Espiritos Systematicos julgão reconhecer a vegetação das pedras.

Incognito Edificio, que nas trévas
Espera que seu brilho ao Sol fulgure!
Ora com toda a pompa nos deslumbras,
E para orriar o Arbusto, a Flôr, e a Planta,
No ouro, púrpura, azul pinceis ensopas.
Tu desenhaste esses Arbustos tenros,
Tilis soberbos, Platanos sombrios,
Que habitão fresquidão, sombras, silencio.
Quem te não sente no animado Mundo?
Na fange o insecto em seu matiz pompeia;
Do vaidoso Pavão plumage, estrellas;
Criou teu sopro a Mariposa inquieta;
A indómitos Leões, a horriveis Tygres
Deste a torva, medonha magestade;
De ti lesteza, e graça obteve o Cervo;
Folgaste de formar o audáz Ginete,
Que, a testa erguendo, cadenceando o passo,
Vôa, prados procura, amor, combates;
Tua mão enfeitou Mosquito, e Aguia,
Mas trataste qual Rei ao Rei dos Entes;
Só déste ao Homem magestosa fronte,
O nobre, e meigo olhar, mórbido, ou féro,
Do riso, e pranto a interessante phrase.
E foi tua obra prima á Socia delle.
Via o Homem nascente ethérios Globos,
Porém nasce a Mulher, e os Ceos eclypsa.
Tu propria te ufanaste ao vêr nasce-la!..

Admirão-te no mais, nella te adórão! . .
Que digo? o brilhantismo, as fórmas, côres,
Os teus mais nobres dons não são, Belleza! . .
He teu augusto apuro huma alma illustre,
Tão puro l'Hopital reinando o crime; (1)
Molé, que, só co'a vista do Homem justo, (2)
De Povo sedicioso abalma as ondas;
He Bayard, que da Mãi chorosa aos braços (3)
Sem mancha, e sem resgate a Filha entrega;
He Crillon, (4) he Sully, (5) Catão o austéro,
Que hum punhal, e Platão nas mãos sustenta,

---

(1) Miguel de l'Hopital, Chanceller de França, nascido em 1505, foi hum modélo de honra, e de virtude.

(2) Matheus Molé foi primeiro Presidente em tempos da discordia Civil. A grandeza d'alma, o desinteresse, e o valor erão hereditarios na sua familia. Este digno Magistrado morreo Guarda dos Scellos em 1656.

(3) Todos sabem esta acção de Bayard, chamado *le Chevalier sans peur, et sans reproche.*

(4) Voltaire disse na Henriada:

Tel était ce Crillon, chargé d'honneurs supremes,
Nommé brave autrefoix par les braves euxmemes.

Mas não he o valor invencivel deste digno Cavalleiro, quem aqui lhe deo praça entre os caracteres, cuja belleza moral honra a humanidade; mas sim a sua piedade, constancia, e desinteresse.

(5) Maximiliano de Bethune, Duque de Sully, companheiro, e Ministro de Henrique IV.

Que falla como Heróe, combate, e morre,
E em ruinas de Roma em pé só resta!
Quer pois movas a penna, ou pincel rejas,
Harmoniosa Lyra, ou Cinzel douto,
Do humano coração o quadro exponhas,
Ou pintes Natureza em seus trabalhos,
Do verdadeiro Bello a escolha estuda.
Não sejas como o Artifice indiscreto,
Que sem gosto, ou solercia escolhe, e pinta;
Tenta a Velhice figurar? seu lapis
Busca sórdido Velho encanecido,
Que á miseria curvou, mais do que aos annos;
Se pinta os Campos, Arvores, e Flôres
Vulgares fórma só, e, onde amor vendem,
Busca huma Venus, que copia á tôa,
Escandalo do sexo, infamia d'arte.
A Arte em Grecia, seu berço, os seus portentos
Em mais puros modêlos esteiava.
Lá dos festejos seus nos áureos dias,
Das Bellas o primor, Rivaes soberbos,
Em todos despontando a fresca idade,
Hião pleitear vigor, destreza, e graça;
Sempre o zombador riso, o applauso sempre
Cada aptitude, e modo alli julgavão;
Cahir com arte era cahir com glória,
Mil vezes o trophéo hia ao vencido.
Certo assim da Belleza sempre o typo

A mão guiava, os olhos instruia.
Mas, porque a bem traçasse, oh! não presumas
Satisfizesse a Arte hum só modelo,
Folga Natura em dividir seus mimos! . . .
No encontro festival de Nações trinta,
No enxame encantador das lindas Virgens,
De Sycione, de Lesbos, de Crotona,
Quanto na pompa dos festins, dos Jogos
Cyrco, Theatro, deslumbrára os olhos,
Compunha de mil Bellas a Belleza,
Assim Venus formou pincel d'Apelles.
He pouco: a Arte mais audaz, mais nobre,
Em Mundo limitado inda se anceia:
Sacro fogo, que a anima, aos Ceos roubado,
Sua origem sublime não deslembra.
Ha entre a Terra, e a Abóbeda celleste
Hum Santuario augusto, onde o Tonante
Planos depositou das obras suas,
Dos Mundos, que medita, imagens firmes;
Só a Imaginação, com áureas chaves,
Tem direito de abrir o eterno Archyvo;
He lá, que, sobre hum throno envolto em luzes,
No primevo fulgor brilha a Belleza,
Não co'as feições desanimadas, frias,
Que sentidos degeneres lhe prestão,
Que afraca o Tempo, que a Ignorancia altera,
Ou que preverte adúltera mistura:

Mas virgem guarda alli toda a pureza
E quanto recebeo da Divindade.
La he que ella domina, e ve-la emporta.
Morre o negro Python d'Apollo ás settas;
Quem o Deos vencedor retratar ousa? . .
Quem fogo criador recebeo delle,
Quem, para o attingir na fórma ethéria,
Foi o Olympo habitar, deixando a Terra.
Formando-o, oh! não dos Homens o mais bello,
O mais bello dos Deoses tinha em vista! (1)
Longo tempo, oh prodigio! em massa rude
Occultou pedra tosca o Deos das luzes.
Manda a Arte, e do marmor surge Apollo,
Lança os olhos ao Monstro, e vôa a setta.
Inda o arco tremula em mão do Numen,
Desdenhoso furor lhe alarga as ventas,
Com olhos perspicazes, que o futuro,
O presente, o pretérito reunem,
Do alto da victoria encara a preza,
Fulge de juventude, orgulho, e gosto!
Nada nelle he mortal, e á Divindade
Seu ar ethério a ligeireza ajunta.

---

(1) De todas as Estatuas antigas, que escaparão ao furor dos Barbaros, a Estatua de Apollo he, sem contradicção, a mais sublime.

Apenas sobre a Terra imprime o rasto,
Com graça, sobre a fronte, ata as madeixas!...
O todo harmonioso admiro, e a vista
Decorre com prazer tão lindo corpo!...
A seu primeiro aspecto eu pasmo, eu scismo
Sem que por isso eu dê, a fronte emprôo,
Se ennobrece o meu ar! sem Templo, ou Aras
Cónstrange á adoração seu porte as Gentes.
Typo das Artes, e Idolo primeiro,
Do Capitolio ao Deos só sobrevive!
    Aos brilhantes contornos, que desenha
Sua Irmã, a Pintura ajunta as côres.
Tem mais extenso Império, e seu feitiço
Mais enérgico falla á mente, aos olhos.
Mas tende ao mesmo fim; como do escopro
He alvo do pincel gentil modêlo.
Quando Arte limitada só nos mostra
Mundo visivel, cognita Belleza,
He mais facil a escolha! Arte prudente
Feições, que elleger deve, adverte á vista.
Mas, do Mundo real transpondo o termo,
Se por Mundo ideal seu gyro estende,
Como no Homem mostrar ser mais que Humano,
Ente eterno pintar com mortal dextra?
Adaptar-lhe sentidos, fórma, e rosto,
E crear á la par modêlo, e cópia?
Envida arcanos do saber, e apura

Viva Imaginação todos seus rasgos.
Vence a sua Arte alli! comtigo attesto,
Oh Raphael, cujo pincel divino
Se arrojou a exprimir, acceso em estro,
Christo, sobre o Thabor, transfigurado! (1)
Ah! para o grão momento, em que, vestindo
Próprio Ser, surge o Deos, se eclypsa o Homem,
Onde, Artifice audáz, buscas-te o Typo?
Não móra sobre os Ceos, não jaz na terra,
Na idéa existe; ella desenha, e pinta,
Ella diz ,, nasça o Deos ,, e o Deos he nado!
Feições, roupas, e os olhos, que deslumbrão
Parecem reflectir clarão celleste.
Seu triumpho contempla attento o Olympo,
E os Discipulos seus curvão-lhe á glória.
Fora a Obra perfeita se ímpia morte . . .
Moço infausto, crédor de mais ventura,
Apressa, . . foge o tempo . . . acaba o quadro . . .
Se teus dias poupar fatal Destino,
Tu serás Raphael! . . em vão! . . . não vive! . . .
E seus nobres trabalhos se interrompem! . . .

---

(1) O quadro da Transfiguração passa pelo chefe d'obra, de hum Pintor que não fez senão chefes d'obra. A Côrte de Roma ordenou que o quadro da Transfiguração fosse levado em pompa no enterro de Raphael.

Erguendo-se debalde, ao ponto extremo,
As moribundas palpebras lhe volve! . . .
Em vão, para ultimar a Obra nascente,
O languido pincel na dextra empunha,
Morre . . . correi . . . levai-lhe á cára Sombra,
Simil dos dias seus, don fragil, flôres! . . .
Mais bellas homenagens ella exige,
Artes, Musas, Talentos, o Sepulchro
Co' portento, escapado á mão já debil,
Ornai, ponde o pincel, ponde a palheta;
Tornada em triumphal de lucto a pompa,
Hum trophéo se conduza em lugar de urna,
Roma nunca veria igual festejo!
E eu que outrora jurei com voz solemne (1)

---

(1) Foi no Poema dos Jardins, que Mr. Delille pronunciou este juramento Poetico, que os Italianos Amigos das Musas Francezas lhe tem repetidas vezes lembrado, e que imprevistos acontecimentos lhe tem sempre embaraçado de cumprir. Descrevendo as campinas da Italia, suas admiraveis paugagens, e aquelles monumentos, em que o luxo dos modernos lucta contra a magnificencia dos antigos, exclamou o nosso Poeta:

Helas! je n'ai point vu ce sejour enchanté,
Ces beaux lieux, ou Vergile a tant de foix chanté;
Mais j'en jure et Virgile, et ses accords sublimes,
J'irai; de l'Apennin je franchirai les cimes;
J'irai plein de son nom, et de ses vers sacrés
Les lire aux memes lieux, qui les ont inspirés.

Les Jardins, Chant. I.

Bellos climas ir ver, e os campos, onde,
Qual pintou Raphael cantava Maro,
Irei, torno a jurar, aos sitios onde
Pintára Raphael qual cantou Maro! . .
Virgilio! . . . Raphael! . . oh dôr! . . oh fado! . .
Que ambos roubou tão cedo a sorte impia! . .
Sua glória imperfeita ambos carpírão! . . .
Mas os versos do Vate o Tempo affrontão,
E já no Vaticano a mão do Tempo
Rasgos de Raphael sem culto apaga! . . (1)
Roma! . . por glória tua, embarga o damno,
Perdes em cada rasgo hum rendimento
Surge teu Santo Culto em toda a parte,
Guarda o Culto tambem das Artes bellas.
Mas, quando mal vislumbro a Natureza,

Traducção.

Ah! eu inda não vi essa risonha,
Essa encantada Estancia, onde mil vezes
Soou do Mantuano a voz divina:
Mas, pelo Vate, pelo Vate o juro,
Hei de, Apenino, transcender teus cumes,
E cheio de seu nome, e de seus versos
Le-los naquelles, amorosos sitios,
Sitios, cópia do Ceo, qué os inspirárão.

Bocage.

(1) Allude ás famosas sallas do Vaticano, em que Raphael pintou a Escola de Athenas, Heliodoro expulso do Templo, a Disputa sobre o Santissimo Sacramento, a Missa do Papa Julio, etc.

Misero! com que jus gabo a Pintura?
Oh divina Harmonia!.. os teus accentos
Inda, ao menos, o ouvido me enfeitição!..
Teu poder inefavel quem não sente?
Fábula, História, em teu louvor concordão!..
Que prodiga comtigo a Deosa minha!..
Ordena, e pintas alegria, e susto,
Animas os festins, e a pugna accendes,
Ao dó dos funeraes dás terno pranto,
E em melodioso son das sacras aras
Humana rogativa aos Deoses levas.
A's notas de Tyrtheo tal Marte ardia, (1)
E o famoso Thymotheo, floreando (2)
No divino Alaude, matizava
Brandos modos de amor, da glória os modos;
De Thays ao riso extasiava o Grego, (3)

---

(1) Tyrtæusque mares animos in martia bella
Versibus exacuit.
Horat.

(2) Thymotheo, nascido em Mileto, na Jónia, tinha hum talento singular para a Poesia Lyrica, e para a Música. Ajuntou novas chordas á Lyra, e tirou della huma harmonia tão doce, e penetrante, que o Senado de Lacedemonia, temendo a corrupção dos costumes, o exiliou do seu territorio.

(3) Será bom que o Leitor instruido na Lingua Ingleza, combine esta pintura com a Ode Pyndarica de

Rodar fazia em Babylonia em cinzas
Seu carro triumphal, ou, co'a pintura
De Dario, e dos seus no lucto envoltos,
Gemer o Orgulho do Infortunio ao pranto.
Em solitario tecto, em negras forjas,
A miseria destraes, trabalho encantas,
Que faz o Lavrador guiando os Touros?...
O Vinhateiro em torridas colinas?...
Sepultado o Mineiro em fundas cóvas?...
O Nauta sobre o mar, Pastor nos campos?...
Inflammados metaes domando a Bronte?...
Cantão: voa-lhe o Tempo, esquecem lidas.
Mas, em quanto Prazer, Amor, Tristeza
A' voz te accorrem; que outra Encantadora
Marcha da Lyra ao son, e os passos mede,
A' cadencia obrigando os seus feitiços?
He a amavel Terpsichore, Irmã tua,
Que a minha Divindade tambem guia!...
He ella, quem, com viva emoção doce,
Aos movimentos seus a expressão presta;
Ah! se a deixa, de passos sem designio

Dryden, para a Festa de Santa Cecilia, a cuja composição allude aqui Mr. Delille! Não conheço em nenhum dos Idyomas da Europa antiga, ou moderna, hum Poema daquelle genero, a que se possa dar a preferencia!

Tedioso Laberyntho em vão nos mostra ! . . .
Tal o Acrostico, enlevo de Ignorantes,
Poz a tratos a Lingoa, avessou vozes ! . . .
Sempre, ou seja jovial, ou séria seja,
Copiar sentimentos deve a Dança.
E'chos do coração seus motos sejão,
Quadro, seus passos, hum Idyoma os gestos !
    Já desgrenhada, impetuosa, ardente,
Tyrso em punho, a Bachante se arremessa; . .
Fluctuão-lhe no vento as longas tranças,
Passos leva em desordem, vista em fogo;
No duplece furor do affecto, e vinho,
A faz circum-gyrar o Deos, que a urge;
Em vagabundos saltos foge aos olhos ! . . .
    Mas em quanto ella assim se arroja, escapa;
Vês tímida avançando aquella Nympha ?
Decencia lhe concerta, occulta, os passos,
Baixos os olhos, semi-nus os braços
Nadar parecem morbidos nos ares ! . . .
Apenas, caminhando, imprime hum rasto,
São pudor, e innocencia os seus encantos,
Parece com respeito a segue a vista,
Phauno, que a adóra, tácito palpita !
    Poderei deslembrar-te, Archytectura,
Que indocil Natureza, e Rochas vences ?
Tu em festões o mármore recortas,
Talhas em capiteis, em frontaes volves;

Arredondas em Arco, em Friso ageitas,
Na Archytrave, ou Columna alongas, ergues.
De exactas proporções sábia Belleza
Symetria juntou com variedade.
Mas quem tal crêra? a tão formosas fórmas
Não prestava modêlo a Natureza.
Tudo á Imaginação deveo esta Arte!...
Sei que nossos Avós, deixando os bosques,
As vegetaes abóbedas dos Troncos
Seguindo, as vastas Cathedraes arcárão.
Mas taes fórmas sem gosto, o gosto engeita!..
Eis de antigos Palacios, Templos Gregos
Arte mais nobre os Pórticos levanta,
E o, que Deoses, e Heróes, cinzel, formára,
Delles para a morada, o mármor corta!
Angelo veio em fim; e audaz pertende
Roma deixar atráz, e a propria Grecia.
Não irá imitar massas de Rochas,
Torres, Agulhas, giganteos Zimborios,
Que com cima Tudesca os Ceos investem,
Indo aos ares perder a immensa altura.
Elle manda; a seu mando as Artes correm,
Quer que sua Obra-prima os olhos prenda,
Elegancia juntando á Immensidade!
Grande, mas não grutesca, audaz, mas simples,
Sóbe, e jámais audaciosas Artes,
Tão soberbos prospectos presentárão.

Trémula encára Abóbadas immensas,
Que as do Olympo competem, nossa vista;
E suas proporções, que nos enganão,
Desfarçando a Grandeza mais a avultão!
Nesta vasta Rotonda o Ceo parece (1)
Apoiar-se; o remate assombra o Mundo!
Ah! que digo? dos Ceos descendo o Eterno,
Habita com prazer tão vasto Templo,
Milagre de hum Heróe, protento d'Arte,
Casa digna de hum Deos, e de ornar Roma!..
Roma, Athenas, Reis, Cesares vencidos,
Mais huma Maravilha admira o Mundo!
    Mais fecunda em protentos, a Poesia
A mente, o coração, o ouvido encanta;
He tudo Império seu, e vôa a hum tempo
A' Pastoril cabana, ao Régio Paço.
Tal o Numen da Luz no carro de ouro

---

(1) A Igreja de S. Pedro he certamente o prodigio da Architectura antiga, e moderna. Poderia amontoar-se hum maior número de pedras até mais altura, sobre maior superficie; mas de tanta parte colossal compôr hum todo, que só parece grande; e de tantas especies acomuladas fazer hum monumento, que só parece magnífico; e, pela pasmosa harmonia das proporções, formar hum só prodigio de tantos prodigios reunidos, he o apuro da Arte, e a Obra de Miguel Angelo.

Surge, e domina a Natureza inteira!
A todos os objectos dando as côres,
Pinta Insectos, e Flores, Campos, Montes.
Arte Divina, que da infancia eu amo,
Da minha gratidão tributo acceita! ...
Tudo he sacro por ti, e ennobrecido
O Mortal frustra os tempos, frustra o Lethes.
Seu Túmulo, Retiro, e Nome amparas,
Cede aureo ramo do Poeta ao louro,
De Milton a Amoreira; em pé the hoje,
Velha qual seu Poeta, he tambem sacra!
Do fogo das Paixões o Joven salvas,
Affagão a Velhice os teus accentos.
Nesta quadra fatal, quanto a ti devo?
Só, de accezos debates desviado,
Tocava a Lyra, e, mais que Orpheo ditoso,
Quando os Monstros do Ródope attrahia,
O Pavor, a Ambição, o Orgulho, e o Odio,
Monstros mais deshumanos, punha em fuga.
    Em versos d'alto ciso, e graça ás vezes,
Vã Boileau detalhando as Leis do Pindo,
Do sublime ideal hoje só curo.
Dois Generos perfilha em gráo primeiro,
Este o Riso promove, o pranto aquelle.
Qual mais Arte requer, tem mais feitiço? ..
Descorredor phleumatico o decida.
Costumes apalpando a todo o Estado,

Sei que pinta a Comedia acções privadas.
Seu objecto he commum, a arte he difficil.
Propria verdade tem, modêlos proprios,
Nem o nescio, ou maligno á toa acceita.
Nem sempre a Estupidez tem graça, ou chiste;
Das paixões o ridiculo escolhendo,
Cumpre fazer que, em delicado enredo,
Viva, opere, e se mova aos nossos olhos,
Cumpre que nos agrade, enleve, encante,
E Moliére seguir, e a Natureza.
Moliére! . . . só tal nome ajunta os Risos,
Dilata os corações, desfranze os rostos! . . .
Quem milhor esquadrinha arcanos d'alma?
Quem milhor sabe dar-lhe o subtil geito,
Que, os Vicios, e o Ridiculo amentando,
Faz, que escapem, com riso, os seus segredos?
Que simples phraze, e quão sublime ás vezes!
Grande Moliére! oh sábio verdadeiro!
Co'a caterva de vãos Admiradores,
Meu pincel lisongeiro te não louva
De extirpar, corrigir no peito do Homem
Ridiculo, caprixo, insania, e vicios.
Elles são immortaes, e apenas mudão!
Não corriges o Mundo, o Mundo encantas.
Como segue no mar onda a póz onda,
Succede a d'ámanhã d'hoje á loucura.
Contínuo variando os Genios nossos,

O Tempo traz a Móda, ella os Costúmes:
Morre huma Estravagancia, e mil renascem,
Mas por nos distrahir tua árte he util.
Bem pintados por ti Nescios, e Fatuos,
Incommodos outronde, em ti divertem.
E, graças ao teu genio, qualquer delles
Comtigo ri de si, sem que o perceba.
Assim curiosa, crédula Avesinha
A' espelho, que a si propria a mostra, investe.
Mais poderosa em Trágico Theatro
Ergue a Imaginação mágico sceptro,
Reina nos corações, nas almas reina! . .
He alli que a seu folgo o Vate, ou Mago
De enxames de illusões povôa a Scena;
A Athenas me transporta, ou leva a Roma,
Dos Sultões ao Harem, dos Reis ao Paço,
Faz Tempos desandar, Nações, e Climas,
Realiza, reproduz Fábula, História,
Pinta os crimes d'Amor, da Glória os crimes,
Verte o susto, a esperança, o gosto, os erros,
E nos fogos de hum peito abraza todos.
Tal em Vulcão, cujas fornalhas rugem,
Arde hum Lar vasto, a que respondem cento.
Nesta arte he que convém que o pincel déstro
Verdadeira Belleza alcance, e busque.
Vê o Amante da linda Natureza,
Racine, que ao Delicto adóça as côres

Nessa lucta, em que a hum Cesar, moço ainda,
Vicio, e Virtude o coração pleiteião.
Nero, Monstro nascente, ensaia o crime;
Narciso, a força d'arte, he já sublime,
Mas rasga os corações; porque o supportem,
As virtudes de Burrho os embalsamão.

Com maior arte aos Trágicos soçobros (1)
Dérão prestigio religiosos Gregos! . . .
Lá prendia os Mortaes ás aras cruas
O Destino, Tyranno até dos Numes,
Forçava ao crime o Justo: incasta Phedra
Tal Sophocles, e Euripides pintárão,

---

(1) Mr. Delille não pertende certamente resolver com estes dois versos a questão da superioridade do Theatro de Athenas sobre o de París; nem sentenciar entre Erchylo, e Corneille, Euripides, e Racine, Sophocles, e Voltaire. Falla sómente aqui da influencia do systema religioso, e do Dogma da Fatalidade sobre a Tragedia antiga. Ninguem póde duvidar dos effeitos sublimes delle, nem desconhecer a sombria magestade daquelles quadros, em que o Homem virtuoso lucta com o seu destino á vista dos Deoses. Entre as obras primas do Theatro Francez ha Peças, que nada ficão devendo aos antigos, e cujo effeito se funda unicamente nas idéas religiosas. Tal he Athalia, o mais admiravel monumento do Genio Dramático nos Séculos modernos, e com differenças, e diversos gráos de mérito as Tragedias de Polyeucto, Zaira, Semiramis, etc.

Edipo, a seu pezar, cruel, e incesto,
Orestes parricida, e virtuoso.
Com delictos da sorte ensanguentada,
Em mim funda impressão produz a Scena,
Admiro alli tremendo o poder summo,
Que dobra os corações com ferreo sceptro;
E na victima mesma, ao mesmo tempo,
Choro o Crime, a Virtude, e a Desventura.
    Dignos de igual applauso, iguaes Altares,
Dois modernos rivaes, Vates divinos,
Brazão da Scena nossa, o bom Racine,
O sublime Voltaire ousárão tanto.
Joas sim me commove, mas só vejo
Em risco de ser Rei Minino infausto.
Porém ligue Pontifice inspirado
De hum Império o destino no tenro Infante,
Da primeva Sião chore a grandeza,
E da nova Sião prediga o brilho;
Já Fábula não he, nem facto humano,
He hum Deos, que me falla, e que enche a Scena.
Avulta aos olhos meus o Divo Infante,
Do Interpetre dos Ceos á voz sagrada! . . .
    Olha Ninias, que bárbaro Destino
Do Assassinio do Pai chama á vingança;
Abre-se a campa! . . elle entra, e corre o sangue! . .
Desgrenhado, e feróz o vês sahindo? . .
Elle inquire, que sangue as mãos lhe ensopa,

E a Mãi vê moribunda aos pés cahir-lhe!
Templo, Túmulo, e Manes gemebundos,
Com sublime horroroso me apavorão.
Interessa em Corneille o Homem sem philtro,
He divino seu genio, eis seu portento!
Seus versos, seus Heróes são mais que humanos,
Deoses quasi, ao pintar Romanos, pinta.
Este genio faltava á Fama sua,
Dar a Roma Corneille os Ceos devião,
São Cesar, e Pompeo mais féros co'elle!
A estas grandes fadigas da Poesia,
Mais limitados generos não cedem.
Do Parnaso Francez Juiz severo,
Todos Boileau pintou; Canção, Soneto
Madrigal, Epigrama, inda a Cantiga.
Porém seus versos, com que pena o digo!
Em La Fontaine, e Apologo não fallão.
Póde a Musa, que o louva, e que o censura,
Tal descuido vingar, não repara-lo.
Fez a Imaginação neste Author, que ama,
Do Apologo modesto alta Epopeia.
Sua Fábula tem, Nexo, Desfecho,
Nelle o util, e o grato, a par marchando,
A verdade em seu labio amarga menos.
Vai com melindre castigando o Orgulho,
No encanto do prazer Doutrina envolve,
Por ambage feliz á Rasão guia.

Esta, Filha do Medo, Arte engenhosa,
Que, o Amo aconselhando, achára o Servo,
Foi por Phedro liberto, e Esopo escravo (1)
Sem fausto enriquecida em Grecia, e Roma:
Dérão-lhe exactidão, dérão-lhe o ciso,
Porém da servidão teve a tristeza.
La Fontaine outhorgou-lhe o desenfado!
Que instincto encantador! que ingenuidade!
Elle ignora sua Arte, e nisso a esmera,
Por seduzido estar milhor seduze!
São-lhe amigos deveras Boy, Cão, Cervo;
Ao seu grave Conselho elle me admitte!...
    Luiz, que, vencedor, sómente ouvia
Canticos de triumpho, Hymnos de glória,
Cujo orgulho talvez tomára em grosso
Lições, que ao Rei Leão seus versos dérão,
La Fontaine, e sua Arte em pouco teve!..
Mas pouco isso te importa, oh Vate amavel!..
Se Luiz te não fez da Côrte hum Luxo,

---

(1) Allude aos versos do Fabulista Latino:
Nunc Fabularum cur sit inventum genus
Brevi docebo. Servitus obnoxia
Quia, quæ volebat, non audebat dicere,
Affectus proprios in fabellas transtulit,
Calumniamque fictis elusit jocis.
Phed. L. 3. Prol. vers. 35.

No tecto humilde seu te hospeda o Sábio,
Em todo o tempo, e sitio hes tu seu Mestre,
Em viagem, Cidade, ou Campo o segues,
O coração te escolhe, e nós te damos
Pelo nome de grande hum, que he mais doce!
Quem teu Retracto vê, que larga a custo,
,, Eis o bom La Fontaine! ,, alegre exclama!
Na ingenua singeleza, que o reveste,
Oh quanta graça, e magestade as vezes!
Se République, e genio aos Brutos pinta,
Cede em pompa Buffon, Plinio em facundia,
Nem tanto alta Epopéa os sons remonta!
Da Deosa, a quem meus Canticos tributo,
He milhor lote alti-sona Epopea.
Nella habita, e Raynha alli domina!...
Oh dos Alumnos seus o mais prezado,
Salvé, oh Velho Homero! em teus escriptos
Procurão robustez os varios Genios!
Ja qual Rio opulento te pintarão,
Onde, co'a taça em punho, as Artes bebem:
Virgilio só em ti fixava os olhos,
De Heróes a Bouchardon deste o modêlo, (1)

(1) Todos sabem o dito de hum Esculptor célebre ,, quando leio Homero, parece-me que os Homens tem dés pés de altura. ,,

Teu Estro a Bossuet prestava as azas, (1)
E Phydias pelo teu moldou seu Jove!
Qual pintas este Deos no throno ethério
Longe dos outros, que a seus olhos curvão,
Quando lhe assomas, teus rivaes se eclypsão!
Tu, como o Rei dos Ceos co'a mão potente
Fingiste arrebatando os Deoses todos,
Os Mestres do pincel, Reis da harmonia
Suspendeste ao teu genio omnipotente! . . .
Caro á Grecia, e com Foro em toda a Grecia,
Diversas Linguas sette a tua exornão.
Em teu vasto painel que não traçaste?
Artes, Campos, Cidades, Natureza,
Tudo pintas! tal brilha em teu Poema

---

(1) Dizem que Bossuet lia muito Homero, e que a Imaginação do Pai dos Poetas inflammava muitas vezes a sua; e eu me capacitaria mais depressa que aquelles dois Grandes Genios tinhão pela natureza rasgos que lhe erão communs, e pela religião inspirações differentes. Bossuet devia ao Christianismo hum não sei que de assombroso, e divino; sente-se que elle estava cheio da eloquencia dos Livros sagrados. Seu discurso sobre a Historia Universal, e suas Orações fúnebres o próvão. Mas a idéa de Homero parece que necessariamente se mistura a tudo o, que he magestoso, e sublime, e talvez que este Poeta nunca fosse mais dignamente louvado, que pelo erro daquelles, que phantasiarão a influencia do seu genio no genio de Bossuet.

Esse Escudo immortal, que o Mundo enfeita!
Humano coração quão bem copias!...
Inda em sangue de Heitor co'as mãos fumando
Achylles se enternece ao patrio nome.
Louvor déste á Belleza em velhos labios,
Quem milhor pinta Heróes, que a Musa tua?
Alexandre chorou faltar-lhe Homero,
Teu berço ignoto foi... porém que importa?
A fonte occulta o Nilo, e dá seus mimos!...
He tua Patria o Mundo; a toda a idade
Ensina, agrada, e vive em toda a Lingua!
Teu metro, a quem Natura pôz seu cunho,
Como ella envelhecendo o encanto augmenta.
De teus Deoses Oraculos morrêrão,
Seu culto, e elles! tuas aras durão!..
Não tens sepulchro, mas teu Templo he tudo,
Meu Hymno acceita, oh Numen da Harmonia!
    Mas, por Genio mais brando conduzido,
Quem com tão simples ar, feições tão nobres
Sereno avança?.. oh júbilo!.. conheço
Virgilio temperando a maga Lyra!..
A flauta, que suspira, he menos doce!..
Com elle mais avaro o Genio, he certo,
A's vezes o abandona em trilho alheio:
O seu Nectar formando a Abelha imita,
A Abelha, de quem ja cantou prodigios,
E que de succos mil seu mel produze!..

E que mel os teus versos vale, oh Maro? . .
Se em menos féro son cantaste as Armas,
Que lagrimas com Dido não me arrancas?
Seu mais doce feitiço, arte mais meiga
Deparou no teu peito a Deosa minha! . . .
Homero em toda a força me apresenta
Do Hercules prisco a máscula belleza,
Tua Musa em mais tímidos seus rasgos
Lembra de Venus mórbidos encantos! . . .
Teu vigor sem violencia a Graça he propria,
Precede em quem te lê o amor ao pasmo.
Exacto zelador dos dons do Genio,
Brilhante, e natural, facil mas puro,
Sempre em ti a Riqueza o Gosto emprega;
Foi o Gosto o teu Genio: a Deosa minha
A seus errantes, férvidos Ginetes
Freio impôz, e de ti confia as rédeas,
Modera-lhe a carreira, e não lha empeças.
    Folga a Imaginação ardente, e viva
De tempos de Discordia, que a vigórão.
E brota, qual de hum Ceo turbado o raio,
Do choque dos partidos, mais violenta.
Tal Dante appareceo, tal nasceo Milton:
Dante, que misturou na vida, e versos
Desventura, ventura, erros, bellezas,
Desigual, mas sublime, ou sóbe, ou desce,
Do negro Abysmo aos Ceos, dos Ceos ao Orco.

He seu estillo de hórrida belleza
Fundo qual seu Inferno, acceso, e negro,
Ou nas portas do golphão da vingança,
Elle escreva ,, a Esperança aqui se acaba! ,, (1)
Ou do cárcere negro, onde Ugolino
Ruge entre os Filhos seus, que pão supplicão,
E a quem fogo cruel devora entranhas,
Feche os muros fataes, onde com elles
A Desesperação tambem se enterra! . . .
Ah! com que rasgos pinta o Pai funesto! . . .
Sua constancia atróz! . . ais, que suffoca! . . .

---

(1) Allude á famosa inscripção da porta do Inferno de Dante, passagem que todos olhão como o modêlo de huma precisão medonha, e de hum sublime profundo, e tenebroso como o assumpto do seu Poema.

,, Per me si vá nella Cittá dolente;
,, Per me si vá nell'eterno dolore;
,, Per me si vá tra la perduta gente:

,, Giustizia mosse il mio primo fattore,
,, Fecemi la divina potestate,
,, La somma sapienza, e il primo amore.

,, Dinanzi a me non fur cose create,
,, Se non eterne; ed io eterno duro:
,, Lasciate ogni speranza, ó voi, che entrate.

Dante, Inf. Cant. 3.

O túrbido silencio! . . . a dôr sem pranto
Cahir vendo hum sobre outro os cáros Filhos! . .
A' horrenda narração fundi, Paredes? . . .
Não! Orestes das Furias avexado,
Essas Scenas, que os partos properavão,
Não aterravão tanto olhos, e ouvidos! . . .
Como elle percorrendo Inferno, Olympo,
Milton adeja, Zephyros, silencio! . .
Vai o Eden cantar, canta a Innocencia,
Do recente Universo os aureos dias,
O primeiro Hymineo, o Amor primeiro! . .
Longe, incasto Pintor, Vate profano! . . .
Longe, Albanios pinceis! Lyra de Homero! . .
Este amor innocente, e doce, e puro,
Quer em divo pincel dos Ceos as tintas! . . .
Milton toma a palheta: a Flôr, que aponta,
A Lympha, que o Pastor não turvejára,
O albor do dia na pureza cedem
A's côres, com que pinta os dois consortes! . . .
E he este o que no Barathro cavava
A Sátan arrogante horrendo abysmo,
Que em pélagos de fogo o submergia
Sob o pezo de hum Deos, Massa do Mundo! . .
He: accende-lhe o E'stro o Deos, que entoa,
Parece que dedilha em Harpas de Anjos! . .
Parece que, inserido a eternos Choros,
Dos Numens as Canções repete aos Homens! . .

Ao fogo de seu genio o teu se inflame! . . .
A's vezes, embrascada em sérios quadros,
Porque lhe alegrem a formosa Côrte,
Nella a Imaginação dá praça aos Risos.
Hum dia que lethárgicos vapores
De escriptos soporíferos surgião,
D'Odes rasteiras, languidos Sonetos,
Canções sem chiste, insípidos Poemas,
Para banir Melancholia, e Tédio,
Minha Deosa chamou Loucura, e Gosto:
Mandou-lhe produzir prodigio novo,
Ariosto nasceo; logo ao seu berço (1)

(1) Talvez o Leitor folgue de vêr como o grande Poeta Italiano o P. Saverio Betinelli descreve o caracter de Tasso, e Ariosto em huma das suas milhores Epistolas.

Ogni Vate, e Pittor pinge se stesso.
Quale il Goffredo suo tal vedi il Tasso,
Che pien di studio, e pien di cura, il tutto
Pensa, provede, e sa Mai non transcorre
Tra l'audacia dell'animo, tra il sangue
De le stragi non turbasi, e trionfa
Di si come d'altrui. Sempre a se stesso
Eguale in senno, ed in consiglio a l'opra
Move con legge, e con misura, o quando
Pien di Dio lo consulta, o quando l'armi
Per la causa piu giusta impugna, o quando
Vittorioso il gran Sep lcro adora,

Das Fadas Gentil tropa, alados Genios,
Por trophéos plumas, em Saphyreo Carro,
Com círculos, anneis, cordões nas dextras,
Ao son do Tamboril, e ao da Guitarra,
Corrêrão de tropel; e a molle Infancia
Com amores, e pugnas lhe embalarão.
Prisma em vez de roquinha, em varias fórmas
Com varias cores mil mostrou lhe o Mundo.
Prazer, Razão, Loucura he nelle extremo,
Ri de si, de sua arte, e seus Leitores,
Faz que brote hum affecto, e logo o abafa,
Do começado Conto quebra o fio,
Ata-o súbito, parte, e sóbe, e desce!...

E a suoi partendo la sacrata terra,
In Oriente fonda hum nuovo Impero.
Ad Orlando cosi l'altro é simile,
Non sempre Saggio, é ver: Amor insano
Pur lo soggetta, e gli travolge il senno:
Allor va errando a caso, allora ei segue
Como lo porta il fole ardor, non degni
Della grand'alma obbietti, e ignudo, e loido
Non par piu desso; ma sano la mente
Qual piu saggio di lui? chi non ammira
L'alma sublime, e in se sicura, quando
Domator, vincitor d'ogni contrasto,
Non soffre inciampo, e nei perigli cresce?
A cui non arde il cuor se quel fedele,
E passionato core amor compunge?

Tal, lesteza ensaiando de agil voo,
Vezes cem o interrompe ave inconstante,
Remonta, desce, inda outra vez remonta,
Abate-se a huma Flor, n'um Roble pousa.
Ao fio, que o domina, o Leitor prezo,
Volve-se Infante, que deslumbrão Contos
De Espectros, Brigas, Lemures, Gigantes;
Que no mesmo momento anhella, espera,
Treme, ri, enternece-se, lamenta,
Ah! se ornasse a verdade a Musa sua!...
Não que eu, Censor asperrimo, pertenda
Prescrever a Magia, amavel Fada,
Que as Fabulas da Grecia entre nós suppre.
Mas Filha da Ficção jucunda, e sábia,
A seguir a Razão da Mãi aprenda,

O se tra l'armi, e tra il tumolto esulta
Fatto di se maggior, chi nol paventa?
Senti dal suo parlar l'anima tutta
Sovra se stessa alto levarsi, e senti
Che un Nume in lui favella, un Nume spira
E che il divino in lui valor mai sempre
Le vulgar leggi, e la fatica ignora.
Fortunato colui che in se d'entrambi
I diversi raccor pregi potesse,
E al disegno, e a lo studio unir del Tasso
Il crear pronto, il colorir audace
Di lui che ancora delirando alletta!

Betinelli, Epist. al Ab. Benaglio.

Graça a Arte hi não perde, e força augmenta.
Vê essa Arvore aos Ceos subindo altiva,
Mórão na cópa harmónicos Volateis,
Ares co'a flor perfuma, ondeantes ramos
Os Zephyros divertem, e as raizes
Do Globo aos fundos alicerces descem.
A Poesia tal he!.. na razão funda
Esta Arte lisongeira os seus prestigios!...
Vê fabulando o deleitoso Ovidio,
Que, d'erro em erro, sofregos nos leva,
E de immenso prodigio o Mundo exorna!..
Razão occulta lhe assistia ao Canto,
Erão tudo Ficções, mas não Chyméras!
Cada Ente, ao despir ficticio arreio,
Fica á Verdade, á Natureza fica.
Desencantada a vista inda acha em bosques
A Arvore de Phylémon, a da Esposa;
He Narciso huma Flor, Atlante hum Monte;
Morre Hyacintho, e não vai todo á Urna,
Daphne desapparece, e fica hum Louro;
Do Sol no Paço lúcidas Estancias,
Igneos Ethontes seus, que as Horas jungem,
Deixarão, ao sumir-se, aos nossos olhos
Ordem das Estações, dos Ceos a marcha.
Em Ixion em fim, na sombra que ama,
Viva Imaginação quiz retratar-se,
Nasce a Verdade assim do Fingimento.

Deste modo a razão sevéra, e vigil
Com felizes mentiras se adormece,
E quer inda, acordando, amar seus sonhos!
Ariosto sómente a esquece impune.
Sábios ha, que anojados de seu brinco,
Querem notar-lhe frívolos inventos,
Musa hum pouco estouvada, e Moral livre,
Mas quem póde, de véras, condemna-lo?
A sentença no labio embarga o riso.
  Com graça não menor, com mór grandeza,
Nos altares consagra o Tasso as armas,
Que ao Sepulchro de hum Deos a injúria vinguem.
Na cabeça o Morrião, na dextra as Palmas,
Com Bandeiras do Ceo, d'Anjos á vista,
As Phalanges Christãs guia aos combates!..
Santa Religião, e Amor, e a Glória
Ora o cingem de Louro, ora de Flôres.
Que vero o seu pincel!.. com genio traça
A terna Herminia, a impávida Clorinda,
Amigo da Magia em doces versos,
Elle aos Encantadores leva a Palma.
Fulgida, interessante, e nobre, e viva
Tem de Armida o condão a Musa sua!
  Ah! quão menos ditoso hes tu, Voltaire!..
He triste o teu assumpto, e a nossos olhos (1)

---

(1) O Assumpto da Henriada não he triste; he Hen-

De mais se chega, e tempo! Austéra História
Delle espancou a Fabula engenhosa,
Que, de longe mostrando a Ficção rica
Remotos Evos quer, de illusões vive,
E de Tácito a penna preferiste
Em teu sevéro estilo á Smyrnea Lyra.
Mas, sem se enternecer, que Francez póde
Vêr mágoas de d'Estrée, d'Henrique o pranto? . . .
Ah! célebre de mais, não cito a Virgem! . . .
Se o Genio lhe sorri, Virtude a culpa,
E com vista furtiva o casto Pejo
Huma pagina apenas lhe registra.
Quantos tua cabeça enramão Louros! . . .
Historiador, Phylosopho, Poeta,
Fabulista, gracioso, forte, ameno,
Sublime! . . tantos dotes como ajuntas! . .
Se ao Gigante assemelha o Homem grande,
Ver imagino o fabuloso Atlante,
Que, unico resumindo as varias Quadras,
Ornado de Vergeis, hirto de gelos
Ora os Zephyros ouve, ora as procellas,

---

rique IV. conquistando o seu Reino, que lhe disputavão Vassallos rebeldes. Neste assumpto ha variedade, grandeza, e hum interesse verdadeiramente Nacional, e não he escolha desgraçada a de hum Heróe, cujo nome só consagra huma Obra.

Torrentes a bramir, roncando as Nuvens,
Hymnos dos Homens, Canticos dos Deoses,
Descançava na Terra, os Ceos sostinha! (1)
A Eloquencia, ou pathetica, ou sublime,
Quanto tambem não deve ao dom, que eu canto?
Sim, a Imaginação dobra-lhe a força,
Não lhe basta instruir, commover sabe.
Oh! sem ella a Razão pouco valêra! . .
Antes que hum Genebrense em igneas Letras
Gravasse o que, antes delle, a Loke ouvimos,

---

(1) Já que Mr. Delille fez a injustiça de não mencionar o nosso Camões entre os Poetas Epicos, fallando em Dante, Ovidio, e Ariosto, que, em especial o primeiro, rigorosamente o não são, citaremos os versos, em que outro Poeta Francez descreve o seu Poema:

C'est un ruisseau, qui roule une onde toujour pure,
Qui sur un lit de fleurs tranquillement murmure;
D'un grand fleuve il n'a point le cour magestueux,
Son style toujours simple, et jamais fastueux,
Respire la douceur, estimable partage,
Dont l'Ibere emphatique ignore l'avantage:
Son talent de narrer les faits interessans
Sait repandre a propos des traits attendrissans;
C'est la que vos malheurs, aussi grands que vos charmes,
Inés, aimable Inés, nous arrachent des larmes,
Et les coups douloureux, qui vous percent le cœur,
Transmettent jusqu' á nous leur tragique rigueur.
Autre Ulisse, Vasco sur le sein de Neptune,

Sem calor a clareza em vão brilhava,
Reinava o Erro! . . . sua voz divina
Deo tom mais eloquente á Sapiencia!
Elle o Homem remio de herdado abuso,
Pôz do aperto das faxas livre o Infante,
O Espartilho impedio de aleijar Damas;
Foi a Mãi mais fiel do sangue ao brado,
E, cobrando Natura os seus Direitos,
O Filho lhe deveo nova Existencia!
Mas são estas sublimes, pulchras Artes
Só nosso amor? o Pindo tem dois cumes,
As Pierides neste o escopro animão,
A dulci-sona Lyra, o Pincel douto,
Inspirão o Poeta, o Baile ordenão,
E alli, com pé cadente, as Graças pulão.
Naquelle o Tubo indagador sustentão,
O Prisma, que feliz reparte os raios,

Conduit du Portugal la gloire, et la fortune,
E, s'ouvrant sur les flots des passages divers,
Va porter sa puissance au bout de l'Univers,
Revole, et devant lui voit sur l'onde inconstante
La molle volupté comme une Ile flotante,
En Espagnol ardent s'abandonne á l'excés,
Et fait baisser les yeux au modeste Francais.
Le Lusitain pourtant sur le Pinde figure,
Sans etre confondu parmi la foule obscure,
Mr. de Capeval, Parnasse, Chant. 5.

Compasso, Esquadro, Círculo, Quadrante, (1)
Que mensurão a Terra, o Ceo dividem.
A estas Artes mais sérias, menos ledas,
Crês, que a Imaginação olhos não preste?...
Não!.. Newton ella fez, qual fez Voltaire!...
Entra de Newton no Sanctuario occulto;
Longe ao bulicioso váo de hum Mundo inerte,
Longe de idéas vís, que á fange inclinão,
No pelago de fogo, a cujo aspecto
Espavorido o Espirito recua,
Newton se arroja, alcança os grandes córpos.
Que teli sem ter leis, concordia, regra,
Nessas fundas abóbadas rolavão,
Estes Cahos brilhantes volve em Mundos,
E Atlas daquelles Ceos, que nelle escorão,
Elle os faz hum do outro apoio, e norma;
Passo, fórma, distancia lhe calcula,
Por desertos sem fim debalde espera
Aos olhos escapar-lhe igneo Cometa,
Fixos, ou vagos, prende-lhe seus lumes,
Que, sua rapidez seguindo incrivel,

---

(1) Oh delicias da vista! oh variedade!..
Acode, vem romper nivel insulso,
Triste esquadro, e cordel fastidioso
Bocage, Trad. dos Jardins, Cant. 2.

Se buscão sem cessar, sem cessar fogem;
E pela mesma Lei, mas por dois motos,
De per si, e hum sobre outro, rodão, girão! . .
Força de Alma immortal, força de hum Sábio,
O que Jove só fez, Newton concebe,
E Astro, e Astro proclama, ao nomeallo,
Glória ao Numen, que os Orbes fez, e a Newton! (1).

Mas á Imaginação onde ha Sciencia,
Que não deva fulgor, riqueza, e pompa? . .
Geómetra, que, armado de compasso,
Todos os passos seus calcula, e mede,
Se ignifero ardimento ella lhe sópra,
Deixa usual rotina, e em quanto eefia
Computador obscuro, a tardo passo,
Traçada senda, com mais firme vôo,
Calculante rebanho após deixando,
Com ficticios signaes, fórmulas sabias,
Do cume, onde chegar mal póde o Vulgo,
Solta rápido adejo a novos Mundos.

---

(1) Que magnífica Poesia neste Elogio de Newton! . . he o Genio cantando o Genio! Hum versejador sem tallento, nem inspiração, encheria, com tédio do Leitor, hum grande, e difuso Poema sobre o mesmo objecto sem nos dar huma tão perfeita idéa dos trabalhos, e descobertas do Phylosopho Inglez cuja fama durará no Mundo quanto nelle dure a luz!

Rompe d'abstrusos termos rota obscura,
Toda a Escalla dos números decorre,
De clioques, rapidez, espaço, tempo,
A medida revéla, e como os Titans
Montes escadeando aos Ceos em damno,
Cálculos, e Problemas amontoa;
Taï com passo gigante aos Infinitos,
Se arrojavão Leibnitzes, Newtons, Eulers! . .
Tal sobre-vê La Grange o Vulgo a rojo,
E, assemelhando Homéricas Deidades,
Marcha, tres passos dá, transcende o Mundo! . . .
Do Templo descerei de Sophia as Artes
Que improba Experiencia a pouco, e pouco
Refinou, e pulio? que, a tanto custo
O Luxo, a Precisão nos servem, nutrem?
Co'as mãos cavava a Terra outrora o Homem,
Combatia co'as mãos do matto os Monstros.
Em vez de louro Trigo, e rubro Vinho,
Agoa foi seu beber, Glande o sustento,
Matança os jogos seus, Folhas seu Leito,
Bosques habitação, abrigo a Sombra!
Mas o Genio inventor em fim desperta
Ao estímulo teu, Necessidade! . . .
Nascem as Artes, e a feliz Industria
Vem a Terra amanhar, e a Vida pule,
Surge a Espiga do sulco, entorna a Vinha
Brilhante Nectar seu, que espuma, e ferve,

Ao vir da caça, ou rusticas fadigas
Sua Casa a seus Lares o convida,
A Casa, habitação do Amor paterno,
Da Sociedade o thalamo he primeiro.
Mas antes que semeie, ou que edifique,
Quantos dias perdidos! . . oh! debalde
A flux lhe apresentava o Ceo profuso
Das Artes a materia em toda a parte!
Natureza em silencio em vão na mente
Os germens lhe depôz de seus Arcanos,
Infecundos no peito lhe dormião! . .
Instrumento nenhum lhe ajuda a dextra,
E inertes, sem destreza os braços languem.
Mas á fraqueza alfim lhe acode o ferro,
Elle abate Florestas, doma os Rios,
Do Odre mugidor desfreia os Ventos,
A Fornalha se inflamma ao sopro delles,
Retumba na Bigorna o malho ao longe,
Urna largi-bojuda empedra ao fogo,
Faz que o Eixo rechine, e ranja a Lima,
Ou tímido se affouta a fragil Bote.
Girai, oh Fusos! Laçadeira corre!
Pelo mesmo caminho indo, e tornando,
O Linho enlaça ao Linho! . . ah! quanto he longe
Inda o tempo, em que mágica pintura
Retracte a Natureza em melhor Tella!
Em quo o Ceo figurando, Homens, e Brutos,

O Pintor sem os vêr seus quadros forme!
Bellos dias, vireis!.. em tanto a Industria
Cada instante aligeira o pezo á vida,
Alto Equilibrio suas leis revela,
E com pezos rivaes balança os pezos,
Co'a alavanca o Mortal a pedra abala,
Erguida no Guindaste a Terra deixa,
Medra a Arte! não basta satisfáção
A' primeira exigencia os seus desvellos,
Súbito acode a Pompa, o Luxo acode,
Do prostrado Leão cruenta pelle
Ha muito, que cedeo da Ovelha aos vellos,
Fiar-lhe-ha nobre Verme o traje hum dia!
Mirava-se a Formosa em Lympha pura,
E a fórma lhe reflecte ufano Espelho!
Medião agoa, e sombra, areia os dias,
Movel pêndula o curso lhe divide,
Rodas solertes o Relogio animão,
E interrogado o Mostrador, responde!
Que Deos vivificou tão frageis córpos?
Como no quadro, que lhe occulta as molas,
Em torno a doze Irmans, familia sua,
O Tempo, a passo igual, guia o Ponteiro?..
Arte sublime! a duração regula,
Dá ao Tempo huma voz, e hum corpo ás Horas,
Hum arcano faltava a taes arcanos,
Falla a minha Deidade, e esta Arte assoma,

Sem ella, só de hum Evo, e sitio ouvidas,
Mortas ao Tempo, ao Mundo as outras erão!
Ella as ruinas míseras lhe embarga,
Que importa donde vem se o dom he puro?
De podre linho os restos vís pizados
Com grande estrondo, em dextra massa feitos,
Brotão as Folhas, que o metal imprime,
Com ricas producções do Engenho humano!..
Montão de Trapos, sórdidos Retalhos (1)
Os Plinios, e os Buffons immortalizão,
Por elles gyra o gosto, e mais que Eolo
Vôa o Saber, viaja o Sentimento!
Oh! não lhe corrompesse Abuso os Fructos!
Mas queres observar o apuro d'Arte?
Repára nessa Náu, sacra á Neptuno,

---

(1) No Poema de Voltaire, que se intitula a Guerra de Genebra ha huma passagem similhante.

Tout ce fatras fut du chanvre en son temps;.
Linge il devint par l'art des Tisserands,
Puis en lambeaux des pilons le presserent;
Il fut papier. Vingt tetes à l'envers
De visions à l'envi le chargerent.
Puis on le brule, il vole dans les airs;
Il est fumée aussi bien que la gloire:
De nos travaux voila quelle est l'Histoire;
Tout est fumée, et tout nous fait sentir
Ce grand neant qui va nous engloutir.

Que da Glória valida, ou da Ventura,
Vai affrontar, navegadora ousada,
Fógos Meridionaes, gelos do Norte! ...
Que altíva, e magestosa Architectura! ...
O cálculo ordenou proporções suas,
E em sua construcção unidas brilhão
A força, solidez, velocidade.
O remo desdenhando as velas segue,
He hum roble seu corpo, he alma o vento,
O Iman fiel ao Polo, o Leme exacto
No abysmo rugidor regem-lhe os sulcos,
O Equilibrio nas ondas a segura,
Os thesouros do Mundo o bojo lhe enchem,
Bordos o raio lhe arma, audáz gigante
Tem a quilha no mar, nos Ceos os mastros.
Ha muito no seu berço está captiva,
Signal que vai partir, eis trôa o bronze,
Do porto enfastiada, áncora, e ocio,
Ao rumor dos trovões, do Nauta aos gritos,
Ao longo adeos, que sobre a praia expira,
Ufana com seus mastros, velas, cabos;
Parte, as salgadas ondas vai varrendo,
Soberba o mar submette, o mar fendendo!

Fim do Canto V.

A IMAGINAÇÃO.

CANTO VI.

A Ventura, e a Moral.

Vez o Elemento, que do Mundo he alma,
Fonte de males mil, mil bens diversos?
A claridade traz da tréva ao seio,
Do Lar abrazador remove o Frio,
Fórma o Diamante, os Vegetaes sazona,
Amollece os Metaes na Forja acceza,
Celebra com fragor Hymen, Conquistas,
He alma dos Festins, como he das Artes.
Mas tão util, benéfico Elemento
Flagello destructor se torna ás vezes.
Escapa dos Vulcões, no raio estoura,
Põem Palacios em cinza, em terra os Templos;

Tens, Imaginação, iguaes effeitos!
Fonte de males mil, de mil venturas
Conforme o teu capricho enfreão, soltão
Ou crias, ou destróes, serves, ou damnas,
Deve a Sapiencia dirigir teus vôos,
E como Raphael pinta Amorinhos, (1)
A ferir, e affagar Chymeras suas,
Dos Meninos o exemplo a Razão siga.
    Mas de cada Illusão primeiro eu quero
Seguir as impressões nas quadras varias.
    Sem curar do porvir, chorar passado,
Brinca, adormece o Infante, acorda, e brinca;
Debil seu coração futuro immenso,
Pretérito, e presente não soffrêra.
Mal basta seu espirito ao presente,
He-lhe tudo o presente, hum canto o Império,
A roquinha thesouro, hum ponto o immenso,

---

(1) Allude a esses lindos Arabescos, em que vemos Amores montados em Chymeras. Huns as golpeião, outros as affagão, e as corôão de flôres. Iguaes imagens se depararão em algumas Pinturas antigas, que se descubrírão em Herculano. Hum sábio Viajante, se occupava ha poucos annos em grandes indagações, e preparava hum volumoso livro para explicar o sentido allegórico daquellas Pinturas, que talvez não passão de mero capricho da arte, e da imaginação.

Porvir a Noite, a Eternidade hum dia,
Mas na infancia se occulta inteiro o Homem,
Tal jaz na tenue glande hum Roble immenso.
Do fogo dos sentidos transportado,
O presente devóra ávido o Moço,
Porém seu vago ardor fixar não póde.
A nado o seîo em vívidos transportes,
Margens transpõem, qual tumido Elemento,
Que augmenta, sóbe, e que espumoso enxorra,
O futuro antecipa, a Glória escuta,
Chama as Artes a si, prazer, triumphos,
Altas venturas sonha, amores longos,
Risonho d'áureo estame fia os dias,
Doce Idade feliz! teu melhor lote
A Belleza não he, o Amor, o Esforço,
Nem tão doce o prazer, tão linda a Glória,
A Esperança he teu bem, que vale a todos.
Outra Idade, solsticio da Existencia,
Pára, e em torno de si tornea hum pouco,
E huma vez para trás, outrora avante
Marcha sem susto, sem saudade volta.
Já o Homem não he, que em flôr promette,
Mas que toda a opulencia desenvolve.
A viveza accalmou! sua prudencia
He activa, e prudentes seus transportes,
Seu conselho, e saber são bens de todos,
De seus dias metade erude a outra,

Medindo com pretérito o futuro,
Prever na razão sua he só lembrar-se.
A velhice cruel segue outra senda,
Nada espera dos mais, nem della esperão,
E he, se a razão lhe dá prever ás vezes,
Com olhos de temor, não de esperança.
Vês esse antigo Roble? inda na infancia
Folgou de se estender nos Patrios campos,
Cada vez mais robusto, mais soberbo,
A terra penetrava, aos Ceos se erguia!
E hoje a débil raiz durificada
Immovel se definha em solo ingrato,
Eis a Velhice!.. adeos projectos grandes,
Adeos votos, Amor, Mundanas honras,
Ninguem culto tributa ao Sol no occaso!
Superflua em Scena do Theatro desce,
E sem nada esperar do Tempo, ou d'outrem,
O presente repiza... mas que digo,
Encontra no presente angustia nova,
Volve pois ao pretérito, que estima,
E quer com suavissimas lembranças,
Mitigar dôr presente, e mal futuro,
E da caducidade ao ponto extremo,
Lhe encanta inda a fraqueza a desventura.
Pelos Ceos admittido ao vital Brodio,
Gratos manjares seus gostando ha muito,
Farto Conviva, sem desejo, ou penna,

Ao menos, se não vive, assiste á vida. (1)
O que hum tempo elle fez agora observa,
No presente o pretérito depára.
Nunca viste do Thámiza nas margens
Da veterana Tropa o nobre azylo?
Vê partir, navegar, chegar os Moços,
Velho Nauta que faz? vê, e se lembra;
Recorda os mares, e as Nações distantes,
Seus perigos, combates, penas, gostos;
Aos Ventos recommenda os jovens Nautas,
Na idéa embarca, segue-os pelas ondas.
Tal, na praia sentado, o Homem repousa,
E inda, ao menos, da vida abraça a imagem;
Tanto a doce illusão os Ceos fomentão!
Tem seus bens toda a Idade; á Razão toca
O curso dirigir-lhe: á Infancia brada „
„ Tua doce indolencia não perturbo,
„ Sê feliz, vive, e goza, em quanto he tempo;
„ Mas guiem vôos teus os meus conselhos.
„ Mentio-te glórias, começando, a vida,
„ Escolho os sonhos teus, mas não tos roubo.
Ao Joven, que arrebatão seus desejos,
Diz „ Sê mais sábio, votos teus modera,

---

(1) Cur non ut vitæ plenus conviva recedis?
Lucret.

,, No furor, que remorso inutil segue,
,, A vida desherdar dos bens futuros
,, Queres? he dita o uso, abuso a extingue.
,, Quando hum fructo apanhar quer em seus bosques
,, O cubiçoso, impróvido Selvagem
,, Derruba ás vezes Arvore, Esperança.
,, Eis (diz Author famoso) o Despotismo. (1)
,, Eis o Vicio! . . . (digo eu) gasta a ventura,
,, Futuro estanca; a vida he só passagem,
,, E da jornada os víveres poupemos.
,, Com ardor aos prazeres corre o Nescio:
,, O sábio colhe o mel, e a flôr não damna.
,, Colhe, se queres, esta flôr recente,
,, Porém deixa o botão da Rosa ao lado.
Tem a Idade viril tambem seus riscos.
Cede então prazer doce ao nobre orgulho,
Vem mostrando Cordões, Cruzes, e Mytras.
,, Recebe (a Razão diz) mas honra os Cargos,
,, Sóbe ao Lugar mais nobre o infame ás vezes;
,, Titulo, que não lustras, te deslustra.
,, Apressa-te (ella diz ao já caduco)

---

(1) He a expressão tantas vezes citada de Montesquieu ,, Quando os Selvagens do Canadá querem colher o fructo, cortão a Arvore pelo pé; eis o Despotismo. ,,

,, Quem sabe se verás nova vindima?
,, Foge o doce presente; antes que finde,
,, Fructo lhe saborea, e gosta a dita.

Lá quando o Caçador faz guerra ás Féras,
Aperta-se o cordão de instante a instante;
A Idade nos faz, assim bane os desejos,
Dos prazeres o círculo encurtando.
A Inimiga Velhice já não sinto
Meus liames cortar, solver-me a vida?
Firmes em taes prizões, se o prazer falta,
A Amizade não ha, que nos lisonje?
Não ha Filhos? cuidemos-lhe da Infancia;
Projectos, e Virtudes lhes deixemos.
,, Fadigas, em que entramos por bem delles
,, Termirarão (diremos) nossos Filhos.
O Homem a renascer morrendo aprende,
Prolonga os dias seus nos de quem ama.
Tanto o Mundo he ligado, e unir quiz Jove,
O presente ao futuro, o Pai ao Filho.
Assim sábia razão meiga se exprime,
Sigamo-la; he terreno agreste a vida,
Nelle á tôa a ventura não germina,
Filha da Natureza, Arte a promova.

Nutre-lhe a Liberdade a tenra planta;
Não essa, que feroce, ameaçadora,
De hum Povo impetuoso, ardente, altivo,
Faz súbito empolar tumulto undoso,

Que folga da borrasca, odeia o porto;
Mas essa, que discreta, e meiga, e sábia,
Firme, e tranquilla sem rumor caminha,
Goza d'obscura dita em tecto humilde! ..
Potentados do Sul, da Aurora, e Norte
A banda tricolor, do Mouro as Luas,
Não a apavorão; em turbante, ou elmo,
Sob as Leis de hum Divan, ou d'hum Senado;
Ella ferros não dá, ferros não soffre,
Só pertence aos Tyranos ser Escravos.
Pouco arrisca em servir quem mandar teme.
A Liberdade esta he, que ninguem doma;
De Leis não nasce, ou Código, ou Systema,
Mas provêm da Razão, nasce em nós mesmos;
Eu a suspiro, eu a aconselho a todos!...
Feliz quem, dominando os seus prazeres,
A tranquilla existencia em paz regula!
Gosto, que se prefere he o melhor Gosto.
Quer a Imaginação, muito a seu folgo,
Estudos escolher, trabalhos, Ferias.
Usão de phrase igual, Razão, e Instincto.
Olha em áurea Gaiola essa Avezinha,
Só, e captiva, ante horizonte immenso,
Com azas, e com bico a prisão fére,
Tem saudades do campo, arroios, ares;
Leve folga apanhou?.. rápida vôa,
Montes, Planices, Prados, e Florestas,

Tudo quer ; tudo escolhe, existe em tudo ! . .
Não tem seu doce canto a Musa minha,
Mas della guarda o Genio agreste, e livre,
E quem me roubaria a Liberdade ?
O Americano indómito Cavallo,
Cervo, que em livres campos, livres mattos,
Agoas escolhe, amantes, prados, pouzo,
Menos temem Tyranos, temem freios.
Se alguma vez os Grandes me acolhêrão,
Sem ferros lhe acceitar, prezei seus laços,
Quando os Partidos accendião odios,
Quando ao tom, interesse, ordem do dia
Audaz, ou circunspecto, ou transportado
Mais de hum déstro Prótheo com tanto accordo
A cérea independencia accommodava,
Nada a meus lábios extorquio palavra,
Fraude a meu peito, á minha pena hum rasgo.
E que bem equivale ao bem Supremo
De obedecer a si, e a si ser grato ?
　　Não basta livre ser, cumpre prudente
Com trabalho fixar huma alma isenta.
Sem elle a Liberdade he tédio, he pena,
Das paixões os tumultos elle abalma,
Aligeira o pezar, combate o vicio,
Dá realce ao Prazer, nutre a Virtude.
Se entro na Estancia, em que Donzella honesta
A Laçadeira move, Agulha, ou Fuso,

Das virtudes presinto o puro Aroma,
Do Trabalho o recinto habita o Pejo.
De Buffon, e Rousseau remoto azylo,
Da verdadeira Dita era o Sacrario.
Mas longe todo o esforço incerto, ou vago,
Trabalho sem objecto o valor foge.
Vê esse, que, com dextra insocegavel,
Artes vinte diversas corre á tôa!
Mais prezando o bulicio, que o trabalho,
Ora empunha huma Lyra, ora hum compasso,
Toma, e torna a deixar a penna, o lapis,
Folheia huma Broxura, hum Folio affronta,
Em estéreis tentames gasta as forças,
Anda sempre a caminho, e nunca chega.
Rio he sem leito, que inundando as ribas,
Sem força se extramonta, a nada he util.
Mas encana-lhe as ondas vagabundas,
Verás, que animão Artes, nutrem campos.
Quer objecto o Trabalho; ao fim do Estadio
Elle sopra o Valor, gera a Esperança.
Sem ella pouco as lidas interessão,
Em fim, ou se cultive o campo, ou versos,
Ou se habite a Cidade, ou Côrte, ou Prados,
Qual do vero prazer a sócia he fida?
Tudo diz que a Virtude, e eis a Ventura.
Que enérgico, e sublime hum Vate antigo
Bradou ,, Queres punir, oh Jove, o Vicio.

„ A Virtude lhe mostra, e trema ao vêla,
He Filha da Razão, ama a Verdade,
Quem a doce Illusão melhor conhece?
A Esperança diante, apóz o Gosto
Ella só toda a vida aformosea.
Ao túrbido Futuro alonga a vista?
Lá os Ceos descortina além da vida.
Volve ao Presente? em galardão já logra.
Consciencia feliz do Bem, que ha feito,
E se não se apagou toda a lembrança
Com que doce transporte olha o Passado!
Cicero o disse; da Velhice aos dias
Prudente Juventude empresta a dita.
Triste o Mortal, que, dos primeiros annos,
Trilho interroga, e progredindo encontra,
Horrido vácuo só, deserto immenso!
Bem como o Caminhante esperançoso,
Que pisava, partindo, relva, e flòres,
E se hum Vulcão ignivomo as devasta
Quando volve só topa estrago, e lucto,
E d'ermo dessolado a negra imagem,
Tal nos bons dias seus já tão risonhos
Mais não vê que pezares, que remorsos!
Em seus gratos recintos, rozeos bosques,
Onde jazeo Volupia em flóreo leito,
Duro Arrependimento qual serpente,
Ergue a féra cabeça, a alma lhe aflerra!

Eis foge o Tempo, o irreparavel Tempo,
Dias juntando ao pezo com que geme.
Sem força para o mal, no bem delicia,
Sem que nos corações a lêr se atréva,
Por pretérito pejo, e mal futuro,
Impelida a terrifico presente,
Sua alma do Prazer passa aos Remorsos,
Dos Remorsos á Dôr, da Dor á Morte.
Mas tres vezes ditoso o, que, em seu gyro,
Lançando a tras os olhos só descobre
Em toda a parte os Vicios combatidos,
Dos Trabalhos o rasto, e o das Virtudes.
Em seus campos vêr cuido util Colono
De quem pintei ventura! em fertil solo
Olha a fructificar fadigas suas,
Abrio Canaes, secou esta Lagoa,
Desmatou este Bosque, aquella Encosta,
Deve-se-lhe esta Fonte, este Arvoredo,
Lisongeira Lembrança a cada passo
O coração, e a mente lhe remoça!
Tal goza o Sabio, e se não fez na Vida
Todo o bem, que estivera ao seu alcance,
Sentindo a dor magnanima de Tito,
He seu nobre pezar tambem Virtude!
Quizera, que em meus versos tambem visses
Que risco evitem, que fadigas tomem,
Os Homens, no mentido Mundo, aonde

Todos sonhão, Chymeras seguem todos!
Onde mascarão pérfidos Amigos
A fria indifferença, o odio as vezes.
Nelle a Razão tropessa em dois excessos,
D'hum lado, da suspeita acompanhada,
(Que com seus olhos, tímidos, inquietos,
Parece busca a luz, e a luz se esquiva,
Em tudo encontra hum laço, hum risco em tudo)
Como o fraco Espião por terra alheia,
Desconfiança tímida caminha.
Do outro o estouvado, crédulo Descuido
Sem fio, ou guia hum Labirintho gyra,
Do precipicio á beira em paz dormece,
De somno enganador victima inerte,
Resvalla, e, tarde! la no abysmo acorda!
    Qual o guia he melhor nos dois excessos?
He o instincto feliz de hum peito ingenuo,
Que, neste Cáhos das paixões humanas,
De Vicios, de Virtudes, Mágoas, Gostos,
Seus vínculos estrema, e sempre os ama,
Sabe o Mal desviar, e os Bens distingue.
Que sem fazer que o temão, sem que tema,
Evita o que desama, o que ama segue.
Discreto, e confiado, e terno, e cauto,
Seus segredos revela, ou guarda a tempo.
Assim tímida Flor, que em surgir tarda,
Se fecha ao Bóreas, e ao Favonio expande,

Nem quer dos corações sondar o arcano,
Nem se deixa embahir d'occa apparencia;
As paixões reconhece, escusa, e chora,
A' precisão d'amar sábio se entrega,
Dos Amigos odiar foge o tormento,
E só quer vêr nos máos seus Inimigos.
Ah! quem não sabe o quanto em seus caprichos.
Requintada suspeita as Almas ralla?
Ella, reinando em desconfiados peitos,
Prazer conrompe, vínculos afrouxa,
Faz, espinhando da Existencia a estrada,
Dobre a Amizade, tímida a Ventura!
Vê Damocles na Corte de hum Tyranno;
Em vão suave canto o Paço atroa,
Em vão na volupiosa farta Meza
As producções do Ar, da Terra, e Agoa,
Se mostrão juntas!.. pállido, assustado
Da Amizade sinistra, e pavorosa,
Treme, e a seus lábios lívidos mal chega
Dos manjares a insípida doçura,
A vista espavorida aos áureos frisos
Ergue, e vê que lhe impende o lethal ferro!...
Tal da Vida ao banquete a Desconfiança,
Com seus venenos lhe conrompe o Nectar,
Acicala o punhal, que a dilacera,
Dá intúito ao Acaso, e corpo á Sombra,
Põe crime imaginario á phrase ingenua,

Com seus proprios Phantasmas se apavora.
Tal nos bosques temia a gente insana
Obra de suas mãos medonhos Deoses!... (1)
Que maior precisão nos dêo Natura,
Que a de communicar dôr, que soffremos,
O Commercio de angustias, e prazeres,
Nossa alma derramar em peito amigo?
Só tu, Martyr de tétrica Prudencia,
A doce confiança ai! desconheces,
Em vão de teu segredo ao pezo vergas,
No seio de que amigo irás verte-lo?
Amigos!.. teme o amar!.. delicias puras
Dentro em teu coração tormentos ficão.
Prefaz seu doce mel do mór veneno
A Abelha, e tu teu fel da mór doçura!
Já prevês na amizade o odio; e marcha
De suspeita em suspeita 'Amor cioso.
Rompe-te imigo Genio os laços todos,

---

(1) Tum plurima nigris
Fontibus unda cadit, simulacraque mœsta Deorum
Arte carent, cæsisque extant informia truncis.
Ipse situs putrique facit jam robore pallor
Adtonitos: non vulgatis sacrata figuris
Numina sic metuunt: tantum terroribus addit
Quos timeant non nosse Deos!

Luc. Pharsali. Lib. V. v. 399, etc.

Já não tens Cidadãos, não tens Parentes,
Estás só!.. dos Mortaes o encontro evita,
Com arvores habita, rochas, plantas,
N'algum ermo remoto, hórrido sitio
Em que só possas calumniar o Eterno!
Mas vêr inda os Humanos não procures,
Morta a tudo, por medo, essa alma existe,
Ah! menos do que tu os proprios mortos
São estranhos aos vivos; quando tudo
Delles te separou, saudade os une!
Ai! soffreo tal supplicio extravagante
O Escriptor, que alternado fez ouvir-nos (1)

---

(1) João Jacques Rousseau foi com effeito o modelo, e a victima daquella contínua desconfiança, que envenena as affeiçóos mais doces, e preverte a natureza das acções mais generosas. Todos sabem o seu procedimento, e accusações contra Mr. Hume; e Mr. de Peyrou, que elle por tanto tempo folgou de apellidar o Hospede do seu coração se tornou tambem o objecto das suas injuriosas suspeitas. Este célebre Phylosopho não se mostrou nem mais justo, nem mais rasoavel com Madame de Franqueville, huma das mais amaveis, e espirituosas Mulheres do ultimo Século, que á força de enthusiasmo, e de elogios tinha obtido delle alguns signaes de estima, a que elle nunca se entregou sem huma extrema reserva: chegou mesmo ao ponto de accusa-la de se entender com os seus inimigos.

Os brados da Razão, de Amor o accento!
Que alto talento! que sapiencia eximia!
Mas que fraqueza, oh Ceos! quanta injustiça!..
Aos braços do Temor passou do berço,
Té á campa o Temor marchou com elle!..
Oh vós, que enfeitiçárão seus Escriptos,
Que pranto lhe deveis, deveis Doutrina,
Por tal Doutrina, e tão suave pranto,
Sensiveis corações, de vós o fio!..
Importuno não he, pois, sempre á lérta,
Raras vezes dos Homens soffre o aspecto;
Dos campos se compraz, ama os retiros,
Com triste independencia habita os Bosques,
Talvez sentado está naquelle Outeiro
Para encetar o resplendor da Aurora!..
Talvez scismando vai do Rio ao longo,
E a catadupa echi-sona lhe escuta!..
Ou folga de esconder-se á glória sua,
E os contos de hum Pastor ignoto attende!..
Foge, não cura, não deseja; aos Homens,
Que teme, seu prazer bravio esconde.
Da Natureza em nome, ah! se o toparem,
(Da Natureza, que pintou facundo)
Não o espantem, respeitem-lhe a Desgraça,
Seu féro coração caricias domem.
Ah! sua alma inflammada, caprichosa,
Se fez tormento seu, fez prazer vosso,

O enojo lhe encantai, curai-lhe a dita;
Consolai o de si, do Mundo, e Fado.
Nullas preces! ninguem lhe adóça a chaga,
O Universo em seu damno arma a suspeita!..
O Estrangeiro, que nunca o tinha visto,
Que, sem o conhecer, seus Livros ama;
Velho, que expira, simplice Minino,
Que inda o que seja hum Pérfido não sabe,
Parente, Hospede, Amigo, lhe póe medo!...
De Bemfeitor ao nome elle estremece.
Homem ha, que, no instante derradeiro,
Não expire apoiado, em quem amára?...
Que lagrimas não ache em ternos olhos,
De Irmão, de Irmá, de Filho, ou de Consorte?..
E o mísero Rousseau, no ponto extremo,
Soffre apenas, que as palpebras lhe cerrem!
Não buscão olhos seus o antigo Amigo,
E sua despedida o Sol recebe!

Disse os Bens, que os prazeres nos produzem,
Direi que males causão nossas penas.
Alta Imaginação lhe augmenta o susto,
E comigo a Razão vai combate-la.
Podem pouco esses males tão temidos,
A Morte, o Menoscabo, a atroz Pobreza!

Ves o Ginete indomito, e fogoso,
Que, a tudo, que lhe he novo, espanta, empina?
Por bem o reconduz prudente o Dono,

Elle chega medroso, avança a custo;
Instruido melhor, já perde o medo,
Reveste o seu valor, despindo o engano.
Tal procede a razão! fiel custodia
Almas receosas, timidas robora,
Faz menos duro o Mal de perto olhado.
Mas Sapiencia tambem tem seus excessos,
Ah! porque exiges, pensador Montagne,
Que sempre se me antolhe a feia Morte?
A tão tristonho esforço não me ageito,
Quem sempre a Morte vê, contínuo morre.
Sei que em margens do Nilo hum rito augusto,
Associava aos Festins da Morte a Imagem;
Mas, sem me seduzir, d'ouvilo eu pasmo.
Se o folgazão Horacio a lauta Meza,
Mostrando-nos de longe o Reino escuro,
Nos manda aproveitar Horas, que fogem,
Tomo o conselho seu; co' a Morte á porta,
Roubo-lhe inda hum momento em alguns versos.
Mas porque entre Phantasmas, e entre Espectros
Nos Reinos Infernaes me arrojas vivo?
Hum tão negro porvir, que bem não damna?
Qual coração não murcha a tal lembrança?
Olha esse Infausto, que a Justiça envia
Do lugar da sentença ao do suplicio!
Palacios, Festas, mostra-lhe em caminho,

Não lhe darão prazer Palacios, Festas!
Julgando já tocar prazo, que teme,
Elle conta os instantes, mede os passos,
Já soffre a pena, e, conscio de seu fado,
A sentença retumba em seus ouvidos.
Taes seriamos nós! perdão Montagne,
Ai, que tristes conselhos nos presentas!
Disseste em tom mais brando ,, ache-me a Morte
,, Cavando em meu Jardim, della esquecido!
Com mania fatal, porque ora intentas
Aprendendo a morrer, perder a vida?...
Quão mais sabia que tu andou Natura?
Cobrindo a Morte, bane-lhe os terrores;
Marcha invisivel, e o momento extremo
De subito não vem, nem d'hum só golpe.
Natureza o conduz a passo, e passo,
E os sentidos te hebeta a pouco, e pouco;
Dos sons curvos conductos ensurdece,
Paralysa ao padar sensorias polpas,
Das cores cada dia a graça escapa,
Prazer do tacto, espirito das Flores.
Assim com lenta mão sem choque, ou força,
Nos rola por pendor irresistivel,
E da morte os progressos nos esconde.
De antemão minorou Desgraça as magoas,
Tal lavra a Morte, e quando o Ceo o ordena,

Qual já maduro fructo expira o Homem.
E tens em nada o fundo sentimento,
Que a esperança, nas ultimas, prolonga?
Entorpecem-se em vão do Enfermo os membros,
Morre o pulso, a luz foge, os nervos hirtão-se,
Te já quem o adulou lhe diz que morre,
E a teimosa Esperança appella ainda!
He, de longe, a Pobreza inda mais dura.
Tenho duplice jus a defendella:
Pobre, sem me queixar, fui longos tempos,
Fui, sem ser mais feliz, rico hum momento!
Servio de inutil gozo augmento inutil
Só de me variar penas, prazeres.
Restituio-me o Destino ao prisco estado,
Pouco havia ganhado, e perdi pouco! . . .
Mal o Homem mantem quanto exagera,
A pobreza que eu amo he sem penuria.
Deo-lhe de Mediania o nome Horacio,
Algum cómodo exige o ser ditoso.
Do valor da Fortuna o Nescio abusa,
O Hypocrita murmura, o Sabio goza.
Tu, que em pobre tonel faminto, e roto,
A virtude, e a loucura aposentaste,
Diogenes, embora arroja a taça,
Bebe embora nas mãos, eu guardo a minha;
E se a Moda quizesse inda que os Houdons,

Moreaux, Pajous, que Alcimedonte emulão, (1)
Nella gravassem Hera, que serpea,
Ou da rasteira vinha os tortos braços,
Eu inda, a teu pezar, lhe dera apreço.
Porém quanto me agradas se hum Ratinho
De teu pão as migalhas vem buscar-te,
E ,, tenho hum Parasyto! ,, (alegre exclamas)
,, Superfluo tenho! ,, com razão Voltaire
O julgou necessario, optimo eu julgo.
Mas, vencida a miseria com trabalho,
Pouco dista o superfluo do preciso;
Sem custo o encontrará feliz Pobreza.
Mas, que lidas, fadigas, e apparatos,
No fastoso exigir pede a Opulencia!
A Natureza inteira ella incommoda,
Faz que Flora ao Inverno usurpe os Hortos,
No Verão lhe refresque o gelo os vinhos.
Se do rígido Norte a furia teme,
Armão-se laços da Syberia aos Ratos;
Cumpre affrontar por ella Quadras, Climas;

---

(1) Pocula ponam
Fagina, cœlatum divini opus Alcimedontis;
Lenta quibus torno facili super addita vitis
Difusos hedera vestit pallente corymbos.
Virg.

Cumpre que hajão Canhóes, Soldados, Nautas;
Que o Mexico ministre a seus vestidos
De huma Planta o azul, e a grã d'hum Verme.
Cumpre que a seus Festins dê nova Terra
Mel de huma Canna, de hum Arbusto a Fava.
Onde com largo panno essas Naos vôão? . . .
Vão d'Asia ao coração buscar a tela,
Que, em turbante, ou gravata, enrolle, enfeite
A fronte de hum Sultão, de hum Fatuo o collo;
Nítidas pedras, que produz Golconda,
Globo argenteo, que a Perola captiva,
O Esmalte do Japão, e o Cha dos Chinas.
O Ouro manda, parti, dai lida a hum tempo
Aos Ventos, aos Mortaes, á Terra, ás Ondas.
Occupa Mundos dois do Rico o Almoço.
A ninguem a Pobreza inquieta, opprime,
A seu gosto, a seus olhos, tudo he bello.
Sem doce Malvasia ir buscar longe,
Vinho de Outeiros seus lhe suppre o Nectar.
Eia; esses Tectos rusticos penetra;
Alli promulgão Leis dois Numes, que amo;
O Pobre virtuoso ambos estimão,
He hum a Economia, o Asseio he outro;
O Deos lhe adorna a mesa, os pratos guiza,
Faz o Estanho luzir na banca humilde;
Delicias do Futuro preparando,
Coacção leve ao Presente impõe a Deosa.

Quanto o Homem se illude, e mal-conhece
Os intuitos de Deos, do Mundo arcanos!
Crê primeiro a Fortuna extravagante;
He com hum liberal, com outro avara;
Faz á toa nascer Pequenos, Grandes,
E a escalla desigual de Bens, e Estados;
Com desdenhosa mão a flux arroja
O cajado a huma parte, o sceptro a outra;
E logo compensando Bens, Rigores,
Dos presentes, que fez zomba ella propria.
Na pena, e no prazer a Illusão fertil
O Equilibrio do Mundo ordena a occultas!
E Esperança, e Temor, librando as sortes,
Antes das Leis os Homens nivelarão.
Tudo á humana Miseria da tributo;
Por magoa o Pobre, pelo tédio o Rico;
Peza a aquelle o trabalho, o ocio a este.
Quantos, de ouro nas mãos, prazer mendigão!
Pobres Ricos! os bens, que julgaes vossos,
Que vezes a Illusão entrega aos outros!
Parque, e Jardim tão bello, a quem pertencem?
Titulo vão, e Pergaminho antigo
Diz que o Senhor da Terra he delles Dono;
Mas o seu Possuidor oh! não he esse;
Queres vêlo? la jaz nessa Lameda.
Com Virgilio na mão nota, e compara
Campo, e Poeta, Natureza, e Arte,

E ante o Original a Cópia admira! ...
Como essas Aves, cuja voz escuta,
Goza estes Bosques descuidado, e livre!
Para elle estas Ruas se alinhárão,
Lagos se estendem, e Cascatas descem;
Seus Donos rara vez lhe aturão tédio.
Tal junto ao nobre Amigo em pulcro valle,
Já por Caramanchões, já por Lamedas,
Sem negociosos, sem cuidado, e livre,
Vero Montmorency, Rousseau, tu foste!
Mais nos punge o temor do Esquecimento:
O Homem teme ignorar, mais ser ignoto.
Author, Guerreiro, Artifice, Ministro,
Procurão mais a fama, que a ventura.
Mas onde ha servidão mais desastrosa,
Que a dura Escravidão da Glória, e Jugo,
Que a esquecer-se de si condemna o Homem,
Fazendo-o respirar por sopro alheio?
Soffre inquieta Philaucia em qualquer cousa;
Dama he mimosa, rosea ruga a fere.
De nossas pertenções se offende o Orgulho
De hum olhar, ou d'hum gesto, ou d'hum descuido.
A hum dicto de Luiz Racine chora. (1)

---

(1) Por ser grande Poeta quer tambem ser Ministro? disse desabridamente Luiz XIV. a Madame de Maintenon, que teve a fraqueza de lhe confessar que

Estimula o Louvor, rasga a Censura;
Sublime Emprego, Titulos honrosos
Coração, e Esperança te penhorão?...
Mirabeau no-lo disse, acreditemos,
Pegão Rocha Tarpeia, e Capitolio.
Elle, a favor de venturoso Acaso,
Muito a tempo morreo!.. mais tarde hum dia,
Quiçá do Tribunato descendêra. (1)
Ah! e quem sabe o que lhe espera a Cinza? (2)
Povo, que lhe seguio funereo Carro,
O sepulchro ámanhã talvez lhe ultraje.

Racine era Author de hum Memorial, em que a miseria dos Povos, e os Vicios da Administração apparecião pintados com as côres mais vivas, e mais patheticas.

(1) Como hum ignorantissimo Zoilo me condemnou por ter usado do Verbo = descender = na Traducção de Homero, authorizarei aqui o seu uso com o exemplo de Camões, que, ao menos para os Doutos, he hum perfeito Mestre de Lingua Portugueza.

Isto dizendo, irado, e quasi insano
Sobre a terra Africana descendeo.
Cam. Lusiad.

(2) Os restos de Mirabeau passárão do Pantheon ás Gemonias. O ultraje feito ás suas cinzas, he talvez a unica cousa, que deve absolver a sua memória, se nos lembrarmos em que tempo, e porque Homem forão abolidas as honras ridiculamente prematuras, que se lhe havião votado.

Ai ! se inda minha voz des-cré o Orgulho,
Necker contemple, e reconheça a Glória ! . . . (1)
Mancebo tinha já no tracto obscuro
As futuras grandezas presentido :
Pouco a pouco, marchando ao Throno augusto,
Conselhos dava ao Rei, tambem reinava.
Idolo de París, Numen dos campos,
Que de Necker ao nome esquecem males,
Ao Gallo reunido em seu auspicio,
Seu Astro prometteo melhor destino ! . .
Triumphante desterro mais o illustra :
Lamentando hum só Homem, cuidão todos
A Patria lamentar ! . . . jaz tudo em lucto,
Ermos os Tribunaes, ermo o Theatro ! . .
Feliz Povo, socega ! . . a ti já volve :
Prepara-lhe o triumpho, ao Ceo da graças ! . .
Volve ! . . a Filha a seu lado, entre honras tantas,
Das Rainhas ao grao seu grao não troca ! . . .
Homens, Brutos, cançando á glória delle,
Tardos em conduzilo parecião.

---

(1) He certo que na quéda, e elevação de Necker ha hum grande exemplo da inconstancia do Povo, e dos caprichos do seu furor; mas a épocha de sua fortuna politica, e os acontecimentos que a derrubárão, estão ainda muito perto de nós para que se possa fixar a sua reputação.

De vêlo apparecer ancia rebelde
Espedaça o poder, seu Rei desthrona!
Volve entre Lisongeiros, votos, vivas;
Aos Oradores rapido se escapa,
Seu carro!... em quanto pódes goza, Infausto!
O Povo aborrecer amanhã póde
Quem hoje adóra! elle entra! oh dôr! oh pena!
O Idolo se mostrou, sumio-se o Numen!
Tal ao grande Pompeo trahíra o Povo!
Tal arroja o Menino o seu brinquedo!
Que digo? o menoscabo ao furor segue.
Por bosques perseguido, e o medo ao lado,
Dos muros, que ufanara o seu triumpho,
Precipitando em trévas fuga ignota,
Torna a lugares, que seu nome enchêra,
E hoje o triste abandono lhe contemplão.
Porém carta fatal lhe indica o rasto,
Ouço em vez dos de Amor da Raiva os brados,
Povo, que vira, dis-jungindo os Brutos,
Puchar do Carro seu de Louro ornado,
Que excelso Pai da Patria o proclamára,
Da sua Idolatria ora corrido,
O insulta, o prende: ás mãos dos seus Algozes
Foge a custo, e, em corôa de seus males,
Aos olhos da Aversão vingada expondo
O Popolismo seu, que o Povo ultraja,
Por destroços do throno dos Cápetos

Na Torre de Copet corre a sumir-se,
Triste, e buscando com tremente ouvido,
Moribundo rumor de tanta Fama.
Tal a Imaginação, desconhecendo
Bens, e Males reaes, engana os Homens.
Activa solidão, do Tempo o emprego,
Doce encanto rural, proficuo estudo
Tal damno embargão! junta-lhe os Authores
Que dirigem Rasão, costumes pulem.
Amigo do bom senso Horacio brinca,
Entorno ao coração, com graça instrue.
Faz amar o Repouso, a Mediania
Presta á séria Moral ar de Volupia.
Mais rígido Rousseau, mais franco, o Homem
Proximo á Natureza em mattos busca.
Nelle falla a Verdade apaixonada,
Préga a Rasão com furia; e precavido
Sempre contra as surprezas, sempre em guarda (1)
Fontenelle ás paixões não deixa entrada.
Sua ventura tímida vigia,
E álérta o coração tem na Amizade.
Ama as Verdades, mas com susto as prende,
Para a pena evitar, prazer regeita.

---

(1) Allusão ao dito de Fontenelle ,, se eu tivesse a mão cheia de verdades, teria muito cuidado em não abri-la.

Mais, que sua alma, o espirito escutando,
Voltaire ama a Rasão, com arte a enfeita.
Sua Phylosophia mais flexivel
De seu tempo aos costumes se accomoda,
E do Mundano o Author, que aprazer busca,
De hum Festim ao successo a Moral vende.
Dos vicios ao furor entrega a vida,
Busca as delicias, do dever não cura,
Profundas impressões jámais admitte.
Rico de fundo alheio, e próprio fundo,
Todos vale Montagne: em seus Escriptos,
Titulos deixa, seu antojo segue,
Deixa espirito, e penna errar sem arte,
Pinta o que diz, e o que dirá não sabe.
Livre hum pouco, incuriosa a Rasão sua
Batalha regular não dá ao Vicio.
Elle pugna a correr, mas nada poupa,
Faz o nosso retrato o seu fazendo.
Amando, desamando o que ama, e odeia,
O que diz tão bem d'outro, delle eu digo!
,, He elle, eu sou! ,, singelo, opposto ao fausto,
Como amigo conversa, e sábio falla.
Infeliz, ou feliz, no Campo, ou Côrte,
Nunca largues da mão seu áureo Livro.
E dado não será, quem busca Authores,
Seu genio consultar idade, estado?
Graves, na Juventude o fogo applacão,

Ledos, farão sorrir mesmo a velhice.
Assim Voltaire em flôr Newton volvia,
Velho lia Ariosto, e compoz Memnon;
E, junto ao frio Jura, ao fim da vida,
A estouvados Mancebos dava inveja.
Taes Flôres, Filhas d'Arte, a Primavera
Fazem reinar, e duvidar do Inverno!
Assim pois, da Rasão tomando a phrase,
Contra as Paixões de toda a Idade, e Classe
Dictei Lições: mas contra o tédio dellas
Tambem pede soccorro a Desventura!
E pódes desprezar, benigna Musa,
Da Desgraça, que geme, a voz piedosa? . . .
Mil vezes co'a Traição de hum peito ingrato,
Co'a perda de quem se ama a Rasão verga.
Ora he a languidez de atroz desterro,
Ora a quéda fatal d'alta fortuna!
Direi do Captiveiro ímpios horrores?
Qnanto a força de Espirito então temo! . .
Longe então de quanto ama hum terno peito
Se reconcentra em si, e a si devóra;
Tudo então se exagera; e dolorosos
Os sonhos da Rasão são seu veneno.
E o Homem de seu mal victima, e causa,
Da desdita, scismando, o abysmo affunda.
Seja qual for tua aflicção, não deixes
Que hum pensamento só te abranja a mente.

Com distracções espairecendo a idéa
Os devorantes fogos lhe amortece.
As settas de Diana, e della as redes
Embotão vezes mil farpões de Venus.
A doce applicação das Artes bellas
O Espirito distrae, consola, occupa;
O Espirito, que solta o férreo jugo,
Se illude com seus jogos innocentes.
Tal se a negra torrente empola, e ferve,
A' vaga trovejante o passo abrimos,
Logo a féra torrente affrouxa o curso,
Com onda respeitosa óscula o freio.
A alma assim, precorrendo o longo estadio,
Mais que barreiras digressões exige.
Tal em Athenas já Tyrannos trinta
Forão menos cruéis reinando a hum tempo.
Como em a Natureza, assîm, liberto,
O equilibrio nosso animo conserva
Com feliz contrapezo; podem tanto
Da Distracção effeitos portentosos,
Ao poder, que a subjuga oppõem cem outros.
Dos Captivos Francezes nota a Industria! (1)

---

(1) Mr. Delille durante a sua habitação em Inglaterra foi testemunha das industriosas occupações dos prisioneiros Francezes, e se reunio aos seus conterraneos que estavão em Londres, para soccorrer aquelles desgraçados.

Detidos em prisões, da Patria longe,
Longe de amigos seus, Esposas, Filhos,
Desvelos de hum trabalho venturoso
Consolão-lhe a saudade! a docil palha
Toma em arteira mão mil novas fórmas,
Com mil formosos nadas os diverte,
Em Estojo se enrola, arma em Naveta,
Ou de leve Chapéo no grato enfeite
Das Bellezas da Escocia adorna as tranças.
Navalha o escopro, canivete as unhas
Elaborão Cortiça, e Linho, e Cannas.
Tece este hum Açafate, hum Cesto aquelle;
Juntão serões aos operosos dias.
Tenues restos dos sobrios seus Banquetes,
Vís ossinhos sem fausto manobrados,
Obra engenhosa de subtil constancia,
Cofresinhos se tornão, tornão Caixas,
E sob o leve dedo em cada dia
Para amizade, e amor presentão mimos.
D'arte inventora artifice prodigio
Vai mais puros tornar ouvido, e boca.
O súbito artefacto encanta os olhos,
E ao valor da materia o d'Arte excede!
Tem cada hora emprego; e taes nonnadas
Vão Amantes ledar, Amigos, Bellas,
E, apezar dos ferrolhos, Dita ociosa
Da captiva Solercia tem ciumes.

Obra ás vezes do Tédio as Artes forão,
E Espirito inventor nasceo nos ferros;
Solitario captivo elle espairece,
E o Tempo, o Desconsolo, e a Dôr engana.
Prompto a escapar-se por ignotas sendas
Dedalo na prizão fabricou azas,
Dellas o Filho armou, dos ferros livre,
Nauta atrevido, navegou nos ares.
Mas antes, que a mansão deixasse obscura
Quanto as tardonhas horas lhe pezavão!
Trabalho as encurtava, e pode ao menos
Antes da dita deparar recobro!
    Ah! se em ferros o Espirito se apouca,
Quanto he mais de temer-se o Devaneio
Das Artes no Cultor, que ardido intenta
Vagar independente o Mundo inteiro!
E cuja desconfiada, e feróz alma
Só ao nome de Escravo desadora!
Tal era Pelisson, cuja lealdade (1)

---

(1) Pelisson, que o amor das Letras não havia removido dos negocios, e que foi a la par hum dos mais bellos Espiritos, e dos melhores Financeiros do seu tempo, teve parte no valimento, e na desgraça de Fouquet. Quatro annos existio prezo na Bastilha sem que jámais podessem corromper a sua fidelidade áquelle que elle contemplava como seu Bemfeitor, e Amigo.

Pelo amigo afrontou de hum Rei furores.
Digno Alumno das Artes, generoso
Abraçou de Fouquet desgraça illustre.
E, em quanto em Vaux ás Nayades chorosas
La Fontaine ensinava as mágoas suas, (1)
Foi Pelisson ao cárcere com elle,
E amar hum Infeliz foi seu delicto!
Vezes mil do Poder ímpios Agentes
Ao rigor ordenado o proprio ajuntão.
Porque a miseria a Pelisson requintem,
Do solitario Alvergue lhe roubárão
Seus Trabalhos, seus Livros, e Arte amiga,
Que confia ao Papel quanto a alma sente.

---

(1) La Fontaine não tinha, como Pelisson, entrado na privança de Fouquet; mas tinha participado da sua liberalidade. O Superintendente lhe estabeleceo huma pensão, da qual elle dava todos os trimestres huma Quitação em verso. Bastou isto para que o Poeta da Natureza, aquelle homem tão negligente, e tão facil, que disse de si mesmo:

Je suis chose legere, et vole à tout sujet,

Se aferrasse denodadamente á desgraça do seu Bemfeitor. Todos conhecem a sua Elegia as Nymphas de Vaux, e o seu affecto por Fouquet chegou a ser injustiça com Colbert, e a inspirar-lhe contra aquelle grande Ministro os unicos versos Satyricos, que de sua penna sahírão, se exceptuarmos os que o despeito lhe extorquio contra Lully.

Já elle em melancólica tristeza
Sentia avisinhando-se a Loucura! . . .
Para a mágoa espalhar hum meio inventa,
Frívolo ao parecer, grande no effeito.
Milhares desses dardos, cujo acume
Das Pastoras no seio o linho ageita,
Soltos no pavimento, e outra vez juntos,
Os tediosos dias lhe enganavão.
Mas fadiga foi, breve, hum vão recreio:
Só consola quem sente o que he sensivel.
A's vezes Animaes, se os Homens faltão,
Do abandonado Humano a dor soccorrem;
E o Cão, que affaga, ou Ave, que gorgeia,
A banir-lhe a Tristeza tem bastado.
Amigos não escolhe a Desventura,
Pelisson o provou! no feio alvergue
Insecto braci-longo, cujos dedos
Velhos muros de teias tapessavão
Depara, e logo, oh força do Infortunio!
Eis seu Consolador, seu Companheiro! . .
Ama-o, contempla os fios, que distende,
Vai-lhe a preza apanhar, levar-lhe a preza,
Chama, accorre-lhe o Insecto, e a mão do Prezo
Domestico buscar vem seu sustento.
Paga com diverti-lo aquelle auxilio,
E, em sua gratidão saber não busca
Se do Infausto Mortal, que alli sepultão

Do abandono os desvélos são nascidos.
Nímio raciocinar produz Ingratos,
Mais justo foi o instincto seu! . . . zombando,
Na solidão de ferros, grades, trancas,
Adoçavão seu Fado os dois Reclusos.
Mas, da Vingança aspérrimo Ministro,
Carcereiro cruel, de torvo aspecto,
Raivoso do prazer, que próva hum triste,
Piza-lhe a amiga aos pés, ante elle a esmaga!
Foi o Homem cruel, piedoso o Insecto!
Bárbaro Tigre dos Infernos digno,
Digno de presidir dos máos ás penas,
Vai! Megera no Barathro te aguarda!
E tu, de quem punio a audacia Pallas,
E a quem volve a nobreza o Beneficio,
Cujo instincto talvez no caro Amigo
O Alumno vislumbrou das Artes bellas,
Arachne, se meu canto zela a Fama,
De Pelisson na glória has de ter parte,
O beneficio teu, e delle os Fados
Serão com terno pranto memorados!

Fim do Canto VI.

A IMAGINAÇÃO.

CANTO VII.

A Politica.

QUANDO, do Mundo encantadora amavel,
Fui, Imaginação, comtigo á Grecia, (1)
Mal cuidei que meus olhos inda vissem
Seus Mares, Campos, Ceos todos formosos! . .
Vi-os! meu coração pulou contente;

(1) A viagem da Grecia parece ter sido para Mr. Delille huma perenne fonte de lindos versos, e felizes recordações. Elle acompanhou até Constantinopla Mr. de Choiseuil-Gouffier, Embaixador de França, qne juntava huma paixão decidida pelas Artes a todos os dotes do espirito.

Homero encaminhou-me onde foi Troya. (1)
Seu Canto povoava-me ermos sitios,
Os sitios os seus versos me adornavão.
Almo delirio por influxo delles,
De mil feitiços me dispunha a estrada.
Para as ondas transpôr já não pedia
Dos Ventos o soccorro, arte dos Nautas.
A Tritões, e Nereiadas impunha
Meu Baixel dirigir no equoreo plaino! . .
Eis nesses mares súbito me assoma
Estúpido Bachá, que Escravos cercão.
Foi-se o Encanto! . . . em silencio nas ruinas
A servil Ignorancia vi sentar-se.
Disse, chorando esses illustres sitios:

(1) Muitos Viajantes Modernos, de differentes Na-
ções, e com especialidade os Sábios, e os Artistas, que
icompanhárão Mr. de Choiseuil-Gouffier na sua embai-
xada, se admirárão altamente da exactidão de Homero
na descripção da Troada, e das Ilhas Gregas. Elles re-
conhecêrão que a planicie de Troya não mudou de fa-
ce, e que as Batalhas da Iliada indicão a posição dos
ugares com a maior exactidão. Os Promontorios, os
Rios, os Valles, as Collinas, os Túmulos dos Guer-
reiros, se antolhárão aos observadores no lugar que Ho-
mero lhe assigna; e as indagações mais attentas prová-
ão que o maior dos Poetas he tambem o mais inge-
nhoso dos Historiadores, e o mais fiel dos Geographos.

,, Morada da Belleza, Heróes, e Deoses,
,, Que foi da glória tua? oh Grecia infausta!
,, Foros esqueces da Grandeza avita?
,, Tuas Artes antigas tudo attesta,
,, Em toda a parte de Palacios, Templos,
,, Hum resto magestoso, inda caduco,
,, Povôa per si só, teus vastos ermos;
,, Lê em teus muros Márathon, Platea,
,, Huma só pedra, que lhe guarde os nomes,
,, Te accusa a Infamia, chora-te a Memória!
,, Ah! porque todo o jus á Glória despes?
,, Sombras tens inda da Grandeza antiga.
,, Eis a faxa de Heitor, d'Helena as vestes. (1)
,, Na gentil Moça, que em cadencia pula,
,, Das Virgens de teus Choros vejo a Dança,
,, Della a voz me lembrou seus sons amenos;
,, Sacra lingua d'Homero, e das Deidades,

---

(1) Das Cartas de Mr. Guys sobre a Grecia, e das de Mr. Savary se demonstra quanto os costumes antigos se tem conservado nas Cerimonias, e Festas dos Gregos Modernos. Aquella Nação cheia de espirito, e de sentimento, tem debaixo do despotismo dos Turcos perdido a lembrança da glória de seus passados; porém assim mesmo, mais por instincto, que por tradicção, ainda os imita nos jogos, e nos prazeres. As danças, com especialidade, tem hum caracter, que recorda as Virgens de Esparta com maior volupia, e molleza.

„ Rainha no Lyceo, Tribuna, e Scena,
„ Nos cantos do Pastor, canções do Nauta,
„ Seu Rythmo conheci, e encantos delle.
„ Mudou teu lindo Ceo, teu mago Clima?
„ Atrás dos alcantís de Epiro, e Sparta
„ De teus priscos Heróes a liberdade (1)
„ Respira; .. dos pomposos restos surge,
„ Recobra o nobre orgulho, e sceptro! á vista
„ Do Bosphoro, e teu Ceo metri-spirante
„ Inda vou dar meu canto á Deosa minha.
E quem lhe esquece os dons nestes lugares?
Neste Povo não foi, della encantado,
Que inspirou Leis, que Oráculos dictava,
E á Ventura marchou entre Portentos?
Tu, que de commover lhe déste as Artes,
Musa, ás novas Nações seu poder mostra.
Dize qual sua voz meiga, instructiva,
Sem Lictores mandou, regeo sem penas.
Vem, falla; notas praias te recordem
Lino, Orpheo, Amphião; quando na Lyra
Dedilhava Amphião, Orpheo, e Lino,
Volupiosos prazeres não cantavão;

---

(1) Allude aos Mainotas, descendentes, ou successores dos Lacedemonios, e aos Montenegrinos, que nos rochedos da Albania, e do Epiro defendem sua bravia independencia contra a tyrannia dos Bachás visinhos.

Cantavão dos Heróes, dos Ceos, das Artes,
Das que os Homens consolão Leis augustas.
Oh Poesia! os primeiros teus milagres,
Que déste aqui Oraculos, recorda,
Cantos dignos de ti de novo entôa.
Quando Mortaes á mesma Lei sugeitos
Em Cidade commum se congregárão,
Em vão para inspirar respeito, e medo
Brandíra o Chefe aterradoras Fasces,
Tropa unira, patibulos erguêra;
Porque a Imaginação com seus encantos,
Muito melhor que as Leis, Costumes, e Armas,
Com as solemnidades, Festas, Jogos,
Pomposos Espectaculos, e Ritos,
Nutrio do Bem do Estado a Idolatria,
Fez a Patria adorar pelos prazeres.
Porém antes que Jogos, Festas, Artes,
E a Politica pompa olhos prendessem,
Cumpria, que de força armado o Chefe.
Dos Mortaes a igualdade sugeitasse,
E nutrisse a illusão dos gráos diversos.
Sem ella erro, discordia, enredo he tudo,
E súbito mais féra, e mais terrivel,
Se ergue rugindo essa Igualdade antiga,
Traz a Anarchia, e fertil de Tirannos,
Por desastre geral nivela as Classes.
Só tal respeito he tudo, e até no Olympo

Vio seu Emblema o engenhoso Ovidio.
Vê como elle dos Ceos des-cerra os Fastos,
E a etiqueta dos Deoses conta aos Homens.
,, Quando os Numes no Ceo se apposentárão (1)
,, Ordem lá não havia, ou precedencia,
,, Que os diversos Estados distinguisse.
,, Tinhão assento igual Pequenos, Grandes,
,, E ás vezes Immortaes d'ordem mais baixa,
,, Deoses recentes, de Provincia os Deoses,
,, Sem distincção a Jupiter se união.
,, Sentava-se hum Tritão junto a Neptuno,
,, Junto a Cybeles a campestre Nympha,
,, Junto de Apollo hum Satyro bravio,
,, Monstro nem todo Deos, nem Homem todo,
,, Era lastima o Ceo por dizer tudo.
,, Por desgraça maior, vís Centimanos
,, Impios Filhos da Terra os Ceos commettem.

---

(1) Est via snblimis, Cœlo manifesta sereno:
Lactea nomen habet, candore notabilis ipso.
Hac iter est Superis ad magni tecta Tonantis,
Regalemque Domum. Dextra, levaque Deorum
Atria nobilium valvis celebrantur apertis.
Plebs habitant diversa locis: a fronte potentes
Cœlicolæ, clarique suos posuere penates.
Hic locus est, quem, si verbis audacia detur,
Haud timeam magni dixisse Palatia Cœli.
Ovid.

,, Perdido o Olympo estava! eis o Tonante
,, Os trisulcos farpões dos ares vibra,
,, E atacando a Insolencia justiçoso
,, De seus Montes fulmina a Mole altiva.
,, Sobre o throno vingado ovante avulta,
,, E, por dar-lhe ao poder firmeza eterna,
,, No Ceo nasce outro Nume: a Dignidade
,, He o seu nome; as Attenções, Decencia,
,, Baixos os olhos, a seu lado [marchão.
,, Teve, mesmo ao nascer, feições altivas,
,, Dos Deoses distinguio os gráos, e as classes,
,, Destinou-lhe o lugar; dos mais illustres
,, Fez abaixo sentar vulgares Divos,
,, Tranquillos Cidadãos dos Ceos em ordem.
,, Do Monarcha a presença respeitando,
,, Ao Banquete Real lhe assistem mudos.
,, Só Phebo dedilhando a eburnea Lyra,
,, O silencio dos Ceos romper podia.
,, Ao supremo preceito assim sujeitos
,, Forão honrados o seu Chefe honrando!..
,, Filho da Dignidade o Acatamento
,, Ao Poder dispensou severidade.

Eu sei d'Imperio, onde esta augusta Deosa
Senhora d'aurea Côrte, em largos tempos
O Sceptro sustentou: graos regulava,
Subordinava o Povo, impunha aos Grandes.
Confiando-lhe a glória em lustros cinco,

Deveo-lhe o Grão Luiz quanto ao Triumpho.
Na audiencia, em festins, combates, bailes,
Os passos lhe seguio de gala sempre.
Punha em justa distancia os seus Vassallos,
Com ella o Successor reinou na França! . .
Surgio qual pulchro dia outro Reinado;
Par augusto foi delle Amor, e Adorno:
Mas, tendo em mais o agrado que o dominio,
A sevéra Etiqueta destruírão.
De mais perto o seu Rei vêr póde o Vulgo
E a Realeza perdeo mágicos longes.
O Costume esqueceo de impôr nobreza,
Tudo então se perdeo! . . e a poderosa
Illusão d'olhar sério, ar de mysterio,
A Illusão tão proficua aos Reis, e aos Numes
Aos Francezes, a quem Respeito enfada,
Mais diques não oppoz no livre Genio.
E, do respeito ancião des-encantado
Tudo, foi-se o Poder co'a Dignidade.
E a Força, em vão chamando a Deosa augusta,
Mui tarde conheceo fraqueza sua.
Quando d'entre-ligados varios Seres
Laços fortaleceo util Respeito
Com Cerimonias, Jogos, e Festejos
Captivar importou unidas Tribus.
Sempre assim os Legi-feros com arte
Dos Costumes o Imperio em jogos firmão.

E o espirito público inflammando
Por olhos, por ouvido as almas regem.
Destas solemnidades, com que outrora,
Tu, Imaginação, as Leis suppriste,
Nenhuma as pompas fúnebres iguala,
Que entre os Povos mais célebres ornaste:
Com tamanhas idéas, grandes quadros,
Muito já meditei entre os Sepulchros,
Não porque melancholico hi buscasse
O segredo da morte, mas da vida.
Olha esses restos, que dispersa o Vento,
Taes mortos aos viventes crês estranhos?
Não, de terno interesse larga Fonte,
Os dois Mundos o Túmulo entremeia,
Amavel, triste Prazo, onde confundem
Os Votos em commercio a Morte, e a Vida.
Vivem no teu respeito os que has por mortos;
Guardas-lhe imagens, nomes lhe conservas;
E quem não conheceo tão santos Dogmas?
Olha o Selvagem: d'adorados restos
Enche a sua Choupana, e ledo muda
Seu profano retiro em sacro Hospicio.
Amor de seus passados perfaz nelle
O Amor da Patria; dalli fóra o manda,
„ Dize de nossos Pais (responde) aos ossos,
„ Levantai-vos, marchai a estranhas Terras.
Nestes signaes de dó que impressão funda!

Em quanto, mão na fronte, o triste Esposo
Tácito, e pensativo chora o Filho,
Sustento inda lhe leva a Mãi gemente,
E na campa, em que jaz seu caro objecto,
Verte em silencio lagrimas, e leite.

Dos Natchés lembrarei meiga tristeza?
Quanto de seu pezar me apraz o instincto!..
Lá a enluctada Mãi do Filho a urna
Pendura em ramos proximos; ai! póde
Dar-se melhor consolo á infantil sombra?
Em vez de sotterrar-se em negra estancia
Suspenso sobre a Terra, os Ceos olhando,
Dos Vivos, bem que extincto, occupa a vista.
Alli do Filho á sombra o Pai descança,
E da Mãi as Irmãs o pranto ajudão;
Da-lhe a Ave seu canto, a Arvore flores,
Presta-lhe abrigo, e balsamos lhe chora.
O matutino Albor lhe accende a Tumba,
Da Aurora a Viração, Favonio á noite
O amavel pezo docemente embalão,
Sendo o ledo Sepulchro hum Berço ainda
Maviosa illusão do Amor materno!

Sapiente Moral das Nações cultas
A's vezes dos mais bárbaros costumes
Dá visos, e a Rasão o Instincto imita.

Assim Roma tyrannica, e virtuosa (1)
Tanta vez nossa glória, e nosso oprobrio,
Para se honrar a si, deo honra á Campa.
Não que eu dos luctos seus approve o fausto,
Carpidoras venaes, comprados gritos! . . .
Mentidos ais, pomposas saudades
Valem acaso as lagrimas, que a furto
Dos olhos de hum amigo se debrução?
Mas quem pia tristeza não prezára,
Que a religiosa noite dos Sepulchros
Rompendo, com annuaes, puros tributos,
Ondas de Vinho, Leite, Incensos, Frutas,
Hia os Mortos prendar no asylo obscuro,
E hum bosquejo da Vida ao menos dar-lhe?
Mudos os Mortos a seus ais sentidos,
O coração por elles respondia.
Entro nesses antigos Monumentos,
Essas Tripodes, Urnas, ricos Bronzes,
Não valem para mim funereos vasos,

---

(1) Ninguem se esmerou mais do que os antigos Romanos no Culto dos Mortos, e nas Cerimonias fúnebres. He desnecessario observar que a pompa das Cerimonias se regulava pelo gráo, e riqueza dos Defunctos.

Onde Amizade as lagrimas vertia.
Honro nelles, em fim, mesmo a Loucura,
Que exigencias da Vida appõem aos Mortos.
Sei que de mais d'hum Povo a insania agrega
Crueldade brutal d'alma aos desvélos,
Que bárbaras Nações enterrar fazem
Os Servos, e os Cavallos, que mais prézão,
O seu Cão mais fiel, inocuos Entes,
Que em trévas do Sepulchro á fome expirão.
Insano frenesi, cegueira estranha
Que no Túmulo ajunta a morte, e a vida!
Mas quem não perdoará mavioso abuso,
Que aos mortos apresenta os dons dos vivos
O obolo do caminho o mel, o incenso?
Desdenhosa Rasão disto escarnece;
Mas, se honra o sentimento hum cáro objecto,
He respeitando o erro, he sacro o abuso.
Mas que? saudades taes, privados cultos
Com públicas fortunas se não casão?
Nada alli tem o Estado?... aquelles Mortos,
A quem público lucto se consagra,
Chamão-se em alta voz nos Templos vossos,
Vivem no exemplo, nas proezas vivem;
E, mais, com voz divina, em seus Escriptos,
Desde o leito da Morte as Leis dictárão,
Que dispondo de vós, de vossos Filhos,
Das Familias são regra, alma do Estado!

Dominão-vos seus votos, prolongando
Seus dias, regem sempre a vossa prole.
A, que, na especie Humana, eterna Herança
Fórma das Gerações cadêa immensa,
Sóbe, torna a descer, com laços uteis
Une aos Filhos o Pai, a Avós os Filhos;
Não he pois sem rasão, que a Humanidade
Os Túmulos consagra em toda a parte.
Quem Túmulos protege os Mortos honra! . .
Culto sublime! os corpos lhe consagra,
Mantem-lhe arbitrio, o Sacrilegio enfrea,
Que, insultando da Morte o Foro augusto,
Ultrajando o Sepulchro, os Ceos, e a Terra,
Da Morte liberal illude os votos;
Attentado homicida, que imprudente
Destroe Beneficencia, e Beneficio,
Véda á Bondade, que lembrança espere,
Faz, pela ingratidão, pobre o Futuro.
Ah! sem respeito tal, saudavel culto
Que das raças transmitte herdado fio,
Que forão os Mortaes? ligeiros Evos,
Estranhos hum ao outro, findarião:
Taes dos Povos ali-geros as Tribus
Errantes, sem Irmãos, sem Ascendentes,
A Origem, ao nascer, no Berço esquecem.
Mas do seio do Túmulo, e da Noite,
Da Natureza o religioso brado

Clama ,, Orai , pranteai sobre esta campa ,
,, Amigos , e Parentes vossos dormem
,, Neste de amor , e dó sacro Moimento.
,, Entes , que altos deveres sanctificão ,
,, Por elles , Patria , e vós honrai piedosos ,,
Assim da eterna vida o Dogma a nossa
Sombra á Posteridade recommenda.
Tal dando força ao laço , que nos liga ,
Dos Mortos o Respeito rege os Vivos.
Vê d'anno em anno o nebuloso Outono , (1)
Para gemer , guiar-nos aos Recintos
Onde de humanos Séculos , que o Tempo
Renova , as Gerações vão apinhar-se ,
Onde a Idade , que vem , a extincta espera ,
E cada grão de pó já foi vivente !
Alli ouvindo a Fé sensiveis peitos ,
Da Natureza as lagrimas recolhe.
Essa Religião , que tantas vezes
Voz do sangue abafou com leis austéras ,

---

(1) A Festa dos Mortos a 2 de Novembro he huma das mais simplices , e ternas do Christianismo. Algumas superstições populares a tem desfigurado no Meio-dia da Europa , mas a Instituição , em si mesma , he de huma profunda sabedoria , e de hum interesse universal. Além dos bellissimos versos de Mr. Delille , nós lhe somos devedores de hum excellente Poema de Mr. de Fontanes intitulado : Le Jour des Morts.

Visitando hoje fúnebres Recintos,
Entre o Homem, que existe, e extinctos Seres
Acordando de Amor piedosas mágoas,
Ella mesma da Morte enverga as côres.
Não traz seu ledo trage, alegres Hymnos,
Vem com funereo Canto envolta em crepes.
Ah! quando a largos sorvos se embreagão,
De celeste prazer seus Escolhidos,
Mãi compassiva a seus Irmãos, que penão
Por elles terna voz levanta a Jove;
E holocausto d'hum Deos, Deos lhe recebe.
Para aos Túmulos hir deixa-se o Templo,
Não se equivoca alguem; conhecem todos
Lapida que lhe fecha o caro objecto,
Da Cova humilde o comaro modesto,
A funeraria Cruz, e o lethal Teixo,
Que aos mortos sobre-stende os negros ramos,
E á sombra dos Sepulchros sombra augmenta.
Nesta triste mansão, que aspectos varios
Amor, mágoa, saudade, oh Ceos! revestem!
Lá a Irmã em cabello, o Irmão prantêa,
Ai! aos maternos ósculos roubada
Precoce feneceo mimosa Virgem!
Hum dia, precursor da Madrugada,
O Gallo a despertara a diurnas lidas,
E alegrando o serão com o canto á noite
Ao som de antigas Fabulas, Romances,

Poria em movimento a roda, os fusos! . .
Além de cara Mãi mísero Infante
Sem conhecer a morte implora a vida.
Calvo Velho acolá chora sentado
Entre o corpo d'hum Pai, e urna d'hum Filho,
E, pelas niveas cãs chamado a ella,
Junto das cinzas suas pouso escolhe.
    Chega: rustico Heroe aqni descança,
Que seus Arvos trocou aos Pendões Regios!
Morte que o Reino escuro a flux povoa
Nos campos o esqueceo, ferio na choça:
A Aldêa o chora, e mais contar não hade
Grandes golpes qne deu, feitos que ha visto.
    Naquelle outeiro, que isolada lousa
Convida a multidão do Povo afflicto?
He de seu bom Pastor o Monumento
Seu conforto nos Ceos, qual foi na Terra.
Chora Amigo ao Amigo, Esposo a Esposa;
Ai! învida a Fortuna ao seu Destino,
Recentes lhe cortou tão doces laços.
Ella morre, e seu Filho, oh sorte infausta! . .
O Filho, a qnem sorrir o Pai não deve,
Morre, antes de nascer, da Mãi no seio.
Tal nascente botão co'a flòr murchasse.
De sangue, e coração ais tudo atrôão.
Cidades, e Casaes, Tugurios, Paços
Tem seus Mortos, seu pranto, Manes, e urnas.

Vão suspiros, soluços todo o dia
De Sepulchro em Sepulchro, e d'Echo, em Echo.
Das funeraes abóbadas parece
Flebil, quebrada voz ouvir-se ás vezes.
Súbito muda a Scena, oh pasmo, oh gosto!
Sobre-voando a vida á morte eu vejo,
Seu Império findou; no escuro abrigo
Ouço troar-lhe a horrisona trombeta.
Circum-vaga a esta voz Medo, Esperança:
,, Ossames revivei, despertai cinzas!
Já o Eterno rectissimo prepara
O lugar do Castigo, e o da Ventura.
Mas antes de tal dia, oh Deos piedoso,
Da fraca Humanidade acceita os votos.
Eterno punirás erros da vida,
Que tão caro custou, durou tão pouco?
Falla, e seus Crimes subito são nada,
Teus Eleitos das campas desenterra.
Implorem-te por nós: do excelso Empyrio
Os trabalhos contemplem, que passarão,
E invisiveis prisões assim vinculem
A Existencia, e a Morte, os Ceos, e a Terra!
Tal dos Mortos honramos sacras cinzas.
Mas, oh Dogmas Fataes, Século ímpio!
Estes Cultos, que tratão de Chymeras,
Ou se extinguem de todo, ou quasi esquecem!
Amigos já os Mortos não conservão:

Mas, se os luctos antigos se desprezão,
Vós, que eu perdi, e que o Sepulchro encerra,
Lêde em meu coração, meu dó jaz nelle.

Mais que todos Turgot, que amei da infancia, (1)
Tu Amigo á Virtude, á Patria, ás Artes!
Jamais deslembrarei, Alma sublime,
Que os primeiros ensaios me acolheste,
Que vieste arrancar-me á sorte humilde,
Desdita aligeirar, formar-me o gosto! . . .
De hereditario mal, quaes teus bons dotes,
Morres, vivem por ti teus Beneficios!
Escriptos, que, ao morrer, tu me deixaste,
São todo o meu prazer, riqueza, orgulho.
Ai! a mim te roubou cioso o Olympo,
Cedo para os Amigos, mas não cedo
Para a tua Ventura; a Patria amada
Não viste a nado em sangue, em jugo infame,
Dormes na sepultura em paz, e eu choro
Aqui na solidão a ti, e a França.
Sorte cruel dos míseros humanos! . .

---

(1) Mr. Turgot morreo de gota na idade de 50 annos. Seu Pai, e seu Irmão, distinctos, como elle, pela elevação do seu caracter, e extenção de seus conhecimentos, morrêrão quasi da mesma idade, e da mesma molestia; de que provêm dizer que a gota era tão hereditaria naquella familia como a probidade.

A soffrer, e a morrer são condemnados;
O Pobre em especial, cuja partilha
Foi o Berço, o Trabalho, a Dôr, e a Morte.
Em desconto a taes males sábios priscos
Campestres Festas, Jogos inventárão:
Tal nas Aldêas cânticos, e danças
Festejão a vindima, as fartas messes;
Mas tal quadra passou; fria Tristeza
Da rustica Alegria usurpa os Foros,
Desde que não cultiva, e que não colhe
Indigente Trabalho em seu proveito.
Entre áureos molhos caminhando ás Tulhas,
Açafates de fructas, Cestos d'uvas,
Já cantigas não ha, nem ledos gritos! . . .
O Prazer desertou, ficou Fadiga.
Dos rusticos Festins o Sul sómente (1)
Alguns restos conserva inda em seus campos.
Lá por mão dos Colonos enflorado
O carro da Colheita marcha ovante.
Lá, quando sorri Maio, a fronte em rosas,
Com pompa conduzida, á róblea sombra,
Assenta-se a Pastora; Oves despoja

(1) Com effeito em algumas Aldêas das Provincias Meridionaes da França apparecem vestigios dos antigos costumes nas suas Festas annuaes.

Da lã, que fiar deve a seus vestidos.
Huma apóz outra offertão-lhe o despojo,
Porque esperão a Agulha, a Roca, o Fuso.
Chega em fim o valido Cordeirinho,
Que adopta a Escolha, ou que de Amor foi prenda,
A sensivel Pastora, que enternece,
Com mais ligeira mão corre a thesoura! . . .
Erguem-se todos súbito; as avenas
Pastores, e Pastoras ja convidão.
Riem, dançáo, descantão, e a Collina
Té des-horas retumba em seu folguedo.
Das Festas pastorís, campestres Jogos
Com que violencia da Victoria ás Pompas
Passo! com festas prouve ás Nações todas
Conquistas celebrar, notar façanhas;
E Roma, tão pathetica em seus luctos,
Estas pompas d'orgulho ergueo ao auge.
Oh! nunca fulgor tanto, honra, riqueza
A ambição fomentou de Heróes Guerreiros.
Roma soberba, e seus brilhantes Feitos,
Regios despojos, Arcos de triumpho,
Dos Déspotas do Mundo olhar altivo,
Com as Pompas da Guerra a Paz ornando
Estes Jogos; e as Aguias, que nos ares
De Roma c'os trovões o Mundo assustão,
Perante hum Povo Rei Reis sem Diadema,
Que victimas a Victima escoltavão,

Captivos Carros, Consules, Senado
Realçando ao fulgor d'hum bello dia,
Sentado o Vencedor em throno eburneo,
Tudo Gloria inspirava, impunha a Gloria.
,, Gloria, e Triumpho ao Vencedor! bradavão
,, Triumpho! Roma em choro respondia!
Chega a Pompa! ja entra o Capitolio,
Incenso, e Vinho ao Idolo fumegão!
Nada ja vos detem; ide, oh Guerreiros,
Novos lauros buscar, novos perigos,
De Reinos conquistar Roma não cessa.
Mas tão brilhantes Festas se não vírão
Como quando guiou por ella Emilio
Inteiros dias tres o Carro ovante
Seguindo-lhe Perseo a marcha em ferros.
Oh desgraçado Rei, Pai mais funesto,
Requer teu Vencedor de hum Rei desditas,
Vão teus Filhos captivos preceder-te.
Que vejo? oh duro golpe! oh varia sorte!
Vencido, e Vencedor desgraça iguala.
Os Filhos, que perdeo manchão-lhe a glória, (1)

---

(1) Paulo Emilio tinha perdido, poucos dias antes do seu triumpho, hum Filho, que adorava, e logo immediatamente depois lhe roubou a Morte outro não menos estimado.

E entre Túmulos dois seu Carro avança.
Para a humana soberba exemplo inutil!
Em quanto do alto Heróe, que marcha ao Templo
Todos nome repetem, feitos contão,
O Joven Scipião só, pensativo,
Fito no Carro, se embreaga em gloria,
E já n'alma devora o vencimento:
Eis o teu Vencedor, Africa, treme! (1)
Sesostris, o primeiro em seu triumpho,
Agrilhoados Reis mostrou no Egypto;
Mas neste da Sciencia antigo Berço
Quanto as Festas mais amo, em que Leis rectas
A par de seu Sepulchro os Reis julgavão! (2)
Que mór solemnidade, e mais augusta!
Ah triste então do Soberano iniquo!
Citados ante o Egypto, em frente ao Mundo,
Entre a Urna do Povo, e a dos Infernos,

---

(1) O triumpho de Paulo Emilio fez tamanha impressão em o Joven Scipião, que dalli em diante só phantasiava conquistas.

(2) Este costume de julgar os Reis depois de mortos era huma das instituições mais notaveis do antigo Egypto. Elle, digamo-lo assim, personalisava a Opinião, e assentava a Historia no mais temivel de todos os Tribunaes; mas parece que toda a sua influencia moral, e religiosa apenas contrapesava as seducções do poder.

Entre a voz do Presente, e a do Futuro,
Seus Manes junto ao Túmulo suspensos,
Para a Sentença ouvir fatal, propicia,
Ao grande Tribunal sem pompa vinhão.
Sem Aulicos alli, sem Lisongeiros
Expirando o Poder, reinava Astrea;
Alli baldadas lagrimas do Pobre,
Só gritos d'Opprimido attenção tinhão.
Vassallo mais humilde o Rei julgava,
Buscava asylo em vão sem throno o Crime.
Santa Verdade ao Túmulo encostada
O seu facho accendia á luz da Morte.
Feliz então, feliz quem, coroado,
Se antejulgava com rigor! seu nome
Era sacro, absolvido o seu Reinado.
Tão grande Tribunal já, Reis, não tendes,
Mas existem Juizes mais tremendos,
Juizes incorruptos, sempre á vista,
Cuja vara inflexivel se não dobra,
A vossa Consciencia, o Porvir justo.
    Copistas das Niloticas usanças,
Os Gregos perpassárão seus Modelos.
Idólatras das Artes, quem, como elles
Dominou encantando olhos, e ouvidos?
Não que as Justas Olympicas lhe admire,
Pugnas Neméas, Pythicos Torneios;
Que me importa que hum Coche, em eixo ardente

Rodeie a meta, e rechinando a toque:
E que a pesada mão ligado hum céston
Do vencido os miolos saltar faça? ..
Mas quanto amo esses Jogos, que accendião
Das Virtudes o Amor na Juventude! ..
Choro de Moços, Choro de Donzellas
Esperanças, e Amor dos seus, do Estado,
Que a Religião á Patria offerecia,
Com bellezas em flôr se deslumbravão.
Doce era vêr nos juvenís semblantes
Das columnas do Imperio a grata Imagem!
Todos com cestos de formosas flôres,
Que em belleza, e frescura lhe cedião,
Com ar modesto, e nobre avanção mudos,
Ornados de pudor, e d'innocencia.
Lanção olhos em torno, e só descobrem
A imagem da Beldade, Heróes, e Numes.
Folgando entre tão pulchra Juventude
Da recente colheita Hymen se applaude,
Mostra a Cupido, que lhe segue os passos,
Peitos, a quem dirija as áureas farpas.
Doce ufania aos Pais movião Filhos,
Ternas Mãis pelas Filhas palpitavão,
E a Patria esperançosa alegre os fita.
Tal gentil anno a Prîmavera ostenta,
Tal em roda ao Cortiço, e rubras flôres
Das Abelhas o Enxame adeja, e brinca.

De alegria, e d'amor as Almas ebrias,
Canticos sacros, os Festins, e os Bailes,
De Velhos, de Mulheres terna Turba,
Nos corações novéis a Patria imprimem,
E, promptos a votar-lhe os Bens, e a Vida,
Volvião Cidadãos inda na infancia.
Das festas Nacionaes ao prazer santo
Menos propicio, he certo, que o da Grecia
He nosso Clima procelloso ás vezes.
Negras Torrentes desordenão Jogos;
Batidos da Tormenta os seus destroços
Mais naufragios, que festas assemelhão.
Mas se não vos foi dado em Ceo mais puro
Aos dias triumphaes convidar Phebo,
Embora! á Gallia idólatra da Scena
Pomposos Circos, inclitos Theatros
Em seus dias solemnes não presentem
Velhos Heróes do Tybre, Heróes dos Gregos,
Famosos Réos, com que a Tragedia exulta,
Que usurpárão a Scena ha já dois Evos,
Mas d'artes consagrado o patrio Brio,
De nossa gloria propria a deslumbrar-nos!
E, inda mais, entre horror de Civís guerras
Não celebreis do estado as desventuras,
Nem, obtendo a Victoria, em vil triumpho
Alardeeis destroços do vencido.
Entre as civís discordias os Romanos

Não triumphavão das Cidades suas.
Nem impio vencedor ao Capitolio
Tinto o carro levou de Roma em sangue.
A conquistas mais bellas, ledos dias,
Guardai esse apparato, e Festas, e Hynnos.
Esperai, que o Furor apague o facho,
Despedace os Punhaes, feche os Sepulchros;
Do Rancor suffocado então nas aras
Levantará Trophéos a Paz amavel;
Então, tacteando a Lyra, em vôz já debil
Pela ultima vez soltarei cantos.
Ah! feliz, se, ao morrer, do Estado em risco,
Na campa me reflecte a Estrella ovante.

Pouco val festejar Virtudes, Feitos
Que altivos monumentos não consagrão.
Vês como tudo se dissipa, e foge?
Velho o Tempo, qual frívolo Menino
Que instantaneos Palacios ergue, abate,
Zomba, sem descançar, das obras suas.
,, Que passageiro he o Homem! dura a Vida!
Este eterno queixume formão todos.
O Astro mais puro de Virtude, e Glória
Surge, sobe, descende, e mais não se ergue.
Arte cumprio, que transmittisse aos Evos
Formusura, Valor, Virtude, Engenho.
Resuscitasse o Mérito eclipsado,
O Porvir no pretérito emmestrando!

Eis a Imaginação por bem do Globo
Desperta, e brada aos Mármores, ás Pedras
,, Entes mudos fallai, reinai nas Almas! . .
Eis triumphão do Olvido os Monumentos,
Lembranças do Passado perpetuão.
Não te esqueço, oh primeira norma delles,
Que, em symbolo de Paz, do Nilo á beira,
Dois Patriarchas Reis outrora erguerão.
A Archytectura então, nascendo informe,
Não lhe outhorgou magníficos ornatos.
Ao primeiro lavor Corintho, e Jonia
Dos capiteis o orgulho não mostrárão.
Juntas por suas mãos, sem arte alguma
Forão todo o Edificio humildes Pedras.
Mas da sua união aquelle abono
Juramentos supprio, supprio Tractados.
O uso após se estendeo desta Arte eximia:
Dos Monumentos Públicos em tudo
Poder summo exerceo visivel frase.
Em campos, muros, marmores, e bronzes
Patentes se encontravão, francos lião
O jus dos Cidadãos, as leis do Imperio
O Castigo ameaçando os Réos convulsos,
Nome d'Imigos, do Alliado o nome.
Do Tyranno abatido a nota infame;
Voz da Ley, voz da Patria em toda a parte
Fallava aos Cidadãos, e lhe indicava

Tudo que amar, ou des-amar devião! . .
A estas altas lições, nobre eloquencia
Vossas sombrias precauções se opponhão,
Tenebrosos Tractados de Alliança
Surdos Registos, púlvidas Chancellas,
Mudas Leys, que, escondendo-se aos delictos,
Mostrão que a furto as Victimas espreitão!
Heroismo, e Talento em grão primeiro
Com Monumentos Públicos fulgião.
Belicoso denodo, Amor da Patria
Deixar querião glorioso rasto.
Vê cercado de mortos, que abatera.
Esse Grego, que só no campo fica:
Cruento, aberto a golpes, se ergue a custo,
Forceja, a seu pavez de rastos marcha,
Toma o ferro da lança, em nobre orgulho,
E escrevendo = venci = recahe, e espira! . .
Mas os Gregos, modestos no triumpho,
Temião de azedar fataes discordias.
Mostravão seus Padrões, sem pompa inutil.
Do Vencedor o Nome, e o do Vencido.
E reprimindo a glória, em obras grandes
Vedavão apagar do tempo injurias.
Grandes sem presumpção, como elles, sede;
Não me ostenteis sobre orgulhosos bronzes
Triumpho insultador, Escravos, Grupos
De algemados Captivos, de cadêas!

Dai menos fausto da Victoria ás pompas:
Vede que a sorte com maligno riso
Fazer póde expiar glória insolente,
Castigar os Tropheos, desmentir Bronzes;
E a vossa Humanidade do triumpho,
Triumphando de vós, absolva a affronta!
Mas deixemos profanos Monumentos;
De mais augustos Manes santo asylo
Moimentos funeraes tem mor facundia.
Eu não sei que attractivo alli me prende,
Que digo? já não he vulgar sepulchro,
De cinza sem renome ignoto pouso,
São nobres Mausoleos d'immortaes mortos,
De endeosados Heroes altar primeiro.
Não punge seu fulgor nossa ufania,
Nelles a Inveja ao Mérito perdoa.
Ai! glória com Ciprestes só se abriga,
E Tristeza, e Saudade os circum-voão!
A Ambição já não he, que ao Poder curva,
Mas sim da Gratidão pura Homenagem.
E estes sacros objectos de dor justa
Só o encanto das lagrimas nos deixão.
Não! inda o beneficio dão do exemplo,
Sahe dos Túmulos seus, qual sahe do Templo
O Oraculo do Deos, que nelle habita.
Morte nos entretem da Eternidade,
E o nome dos Heroes, que a Patria adora,

Caro ás Virtudes, que as sigamos manda.
Heroe de Fontenoy, comtigo allego! (1)
Que em som digno de ti contar não possa
De Musa marcial com o féro accento
Poder do que teu pó sepulchro honrára,
Quando Guerreiros dois, já teus sequazes,
Corrêrão a invocar-te após de extincto! . . .
Scientes de teu culto, ambos procurão
Túmulo, que te erguera a mão da Glória,
Pensativos, em mágoa heroica immersos,
Sostendo a custo as lagrimas nos olhos
C'o a fronte em mais d'hum golpe ennobrecida,
Inclinão-se de longe ao grão Mauricio;
C'o sabre em punho á Lápida caminhão,
No mármore divino o ferro amolão.
Ambos cuidão sentir do esforço o Numen,
Cheios delle, em silencio ambos se apartão.

---

(1) A guerra que a França fez na Allemanha, alguns annos depois da morte do Marechal de Saxe quasi nada mais foi, que hum aturado feio de erros, e de revezes. Naquella épocha, em que a memória de Fontenoy ainda recente tornava mais amargas as perdas, alguns Granadeiros Francezes chorando sobre o Mausoleo de Mauricio, e aguçando sua espada na lápida daquelle Heroe, fazem lembrar os Póvos da India, que corrião ao Túmulo do Grande Affonso de Albuquerque para lhe pedir justiça contra os seus successores.

Voando desse Túmulo aos combates
Mesquinho do Contrario, que os arroste!
Ah! e porque Tyrannos escondemos
Dos Heróes o Jazigo á luz do dia?
Oh! não erão assim Nações antigas
De costumes tão ledos, leis tão sábias!
Por formosas Paugagens espalhados
Os Túmulos de Heróes, Poetas, Sábios,
Pia vista encontrava a cada instante:
Banindo plena luz da Morte as sombras,
Ramos sobre-stendendo aos claros Manes
Mais doce tréva as Arvores lhe davão.
Pacífica Oliveira aos Mortos cára,
Desposado ao Cypreste o Louro ovante,
Sombreavão triumpho, artes, virtudes.
Cuidáras divagar Jardins da Gloria!
Das Honras o fulgor cobria o Lucto,
E nobre emulação pungia as Almas.
Fúnebres Torreões, negros Recintos,
Longe, ah longe! da Morte as trévas dobrão!
He dar injusto exilio a illustres Mortos!..
A pomposos Carneiros se desterrem,
Ao mármore impostor, que inda os lisonja,
Reis inertes, que, em fúnebres arcadas,
Só mudárão de somno, e arroja a Sorte
Desde o nada vital, da Morte ao nada.
Mas porque lá sumís o grão Turenna?

Assás honrou co'a cinza as cinzas delles,
Ai! ao menos seu corpo alli repouse
Nas almas produzindo amor, respeito.
Mas Vulgo furibundo onde se appressa?
Oh Barbarismo, oh Pejo!.. oh Crime infando!
Do vingador do Estado a paz profanão,
Honras extinguem, urna lhe espedação!.. (1)
Nem sombras sepulchraes, nem Templo acatão,
Regios despojos seus á Morte arrancão,
Quebrão corôa, lápidas lhe arrombão,
E sacrilega mão lhe espalha os restos.
Debalde o grão Luiz, que decorava
O triumpho, envolvido em glória sua,
Fulgindo dorme! acazo o expôem primeiro!...
Bárbaros, que podeis em dezar delle?
Das Cidades o fausto, assedios, pugnas
De Marsailles, Denin louros, e palmas,
As Artes de seu Ocio illustre emprego,
Os Portos, Arsenaes, eis seus Moimentos!..
Contra os Reis, que esperaes devorar todos,
Seus destroços reaes vos armão inda.
Guardando assim Padrões preclaros Nomes,

(1) A Historia das loucuras Revolucionaes não apresenta cousa mais vergonhosa, e absurda do que esta profanação dos Túmulos.

Prestão grandes lições, e exemplos grandes.
Ai do Estado, que cégo, que imprudente
Tão nobres galardões concede á tôa!..
Se os usurpão famosos Bandoleiros,
Seu exemplo fará que outros assomem.
Cesar prantea de Alexandre ao Busto;
Horrido pranto! que de sangue o segue!
Com crime inda maior vil Lisongeiro
Taes honras prostituio, manchou taes honras.
Tal indigno cinzel Roma infectava
D'ímpios, ex-homens, horridos Tyrannos.
Verres junto a Catão seu Busto ha tido,
E o Bronze se indignou de imitar Nero.
Menos aduladores, mais ingratos
Somos! onde os Heróes da Gallia Filhos?..
Perseguição na vida, pranto á morte,
Des-lembrança no pó, eis seu destino!
Do indignado Francez tal era a queixa!..
Eis das cinzas extinctas resurgindo
O terno Fenelon, Pascal severo,
L'Hopital, d'Aguesseau, Guesclin, Tourville,
Bossuet fulminando os Potentados,
Tudo qnanto a Virtude, a Guerra, as Artes
Tem de mais respeitoso, ou mais heroico,
Honra do prisco tempo, amor do nosso,
(Manda Luiz) nesse Museo se ajuntão,
De seus Manes brilhantes sacro Elysio!

Mas taes honras, e excelsos Monumentos
Dão do Tempo ao furor lugar sobejo;
Sim tudo cede á Idade, ou mão dos Homens! ..
Vé Roma, que sepulchro he já de Roma;
Tem manchado o esplendor, fallida a Gloria,
E, de instructivos mármores no resto,
Hum moribundo nome existe apenas,
Tormento do Antiquario, e encanto a hum tempo.
Homens, Túmulos seus, Templos, seus Numes,
Morrem! geme a Soberba! Arte engenhosa
Por melhor illudir do Tempo injúrias
Mais modestos prefaz seus Monumentos.
O Bronze, a Prata, o Ouro, em cêrco estreito
Encerrão os Heróes, os Reis, e as Bellas;
E estes vivos metaes, cáros á Historia,
Restringindo-o, segurão seu triumpho.
Hum canto o Capitolio me offerece;
Tenue lamina basta d'Aguia ao vôo,
Contém Homens, Paizes, Terras, Mares,
Fastos dos Evos, e do Mundo o Quadro.
Com Arte tão gentil quando hade a Gallia
Consagrar grandes Nomes, e altos feitos,
Pintar nossos Heróes, Poetas, Bellas,
Campos de Fontenoi, que Arbellas valem,
L'Hopital de Catão mostrar ao lado,
Condillac de huma parte, e Platão d'outra,
Por Moliere o fitar Terencio ufano,

Sóphocles d'annos cem, velho Voltaire,
Hindo a la par? tu, du Vivier, o tenta. (1)
E se Wandalos novos nos invadem,
Se espedação Padrões, que adóra o Gosto,
Teu boril immortal os torne á vida.
Mas folga já suplíca a lassa Musa:
Qual o que, viajando, d'Atlas, e Athos
Attrépa afadigado altivos cumes,
Os crespos alcantís a affrontar prompto,
Senta-se n'hum penedo: olha hum momento
Quanto tem já transposto, e transpôr deve;
Tal páro! disse já com que prestigios
As Artes, Monumentos, Jogos sabem
Mover-nos corações, de nós dispondo.
Direi poder do Trage, necessario
Apparato, brilhante variedade,
Que alta Religião tomou primeiro.
Lá quando entre os Hebreos, em sacro dia,
Ao altar o Pontifice marchava,
Ao sublime dever mais força dando,
Mitra bicornea a fronte lhe accendia,

---

(1) João du Vivier, nascido em Liege em 1687, morto em París em 1761 se fez célebre pela Gravura. Sua predilecção por esta Arte o conduzio a París aonde seu gosto se aperfeiçoou.

O magestoso Ephod baixava ás plantas,
Preciosos rubis, ricos diamantes
Cercavão nobremente no seu peito
Do Summo Jehovah tremendo Nome.
Dos Filhos de Levi sabe-se o trage.
Trage santo, a nós outros transmittido,
Dava á Religião mais forte Imperio.
E se da Novidade ímpio delirio
Tentasse anniquilar o Altar, e o Culto,
Os Habitos solemnes supprimíra.
E logo ja sem glória o Templo augusto
O perdido esplendor em vão chorara.
Mesmo longe do altar, poder tão util
Recorda obrigações, e impõe decencia.
Por elle admoestado o Homem fica
A' desculpa sem jus, seu trage o accusa.
E, se ao fausto o condemnão seus empregos,
Quem do Estado o respeito lhe afiança?
Inutilmente o exige inchado Orgulho,
Mas o apparato ordena, e manda o Trage.
Nas artes de reinar mestre o Romano
Para mais encantar, e impôr ao Vulgo
Seguio tal norma; o Laticlavio augusto
Tornou do Povo Rei Escravo o Globo.
Qual de nós se figura em Roma austéra
Cornelia de bajú, de vestia Cesar?
Nos Comicios reinava o Trage altivo,

No Templo aos Holocaustros presidia.
Queixa-se Hortensio, que estouvada planta
Lhe estraga as prégas da facunda toga.
Olha esse Povo em furia!., espirra o sangue,
O ferro jâ lampeja, a chamma vôa!...
A aquelle irado Vulgo se apresente
Ligeira mesquinhez do trage nosso;
Debalde lidarás!.. surja improviso
De magestosa Toga em nobre arreio
O decantado Tullio, e com respeito
Ante elle as procellosas ondas calão.
Falta a modestia, a gravidade falta
Aos vestidos actuaes: a ennobrecellos
Nossos graves Avós em vão lidárão.
Com ridículo esméro mais não vírão
Que milhares d'anneis, que extravagantes
Os postiços cabellos lhe riçárão.
Mas Letrado, Doutor, Clerigo ao menos
Distinguiáo no trage as classes suas.
Logo, antigos costumes esquecendo,
Cada hum presumio com disfarçar-se
Ter mais graça. Encurtou o Abbade a capa,
O Medico taful cercea os bugres,
Trocando ao Fraque incómmodo vestido,
Vírão nossos Festins Becas á moda;
Pompa das Guarnições, mesmo a Dragona
Não ousou mais entrar em Casa honesta.

Dos Trages triunfou a Moda em tudo,
Seguio público espirito as usanças,
Co' vestido os costumes perecêrão.
Em vez d'altos Heróes, grãos Magistrados,
De abandalhado enxame Avós sisudos,
Só esquerdos Peraltas viste, oh Gallia,
Lépidos Coroneis, gentís Ministros,
E os Fatuos dos Pedantes ter saudades
Nos fizerão; tal he do Trage ò influxo!
As devisas tambem não podem menos,
E melhor se lhe a força augmentão côres.
Distinctos por vermelho, e negro, outrora
Gibelino cruel, Guelfo teimoso
Sanguinoso Theatro a Italia hão feito.
Nos certames do Circo o azul, e o verde
Em Bysancio os Partidos atiçavão.
As ruinas direi, furias, que os odios
Dos Yorks, e Lancastres produzírão?
A rosa nivea, e rubra (aos dois Partidos (1)
Horroroso signal) que damno hão feito!..
Bebe a custo Albion sangue, que a inunda,

(1) A Rosa branca era a côr da Casa de York, e a vermelha a da Familia dos Lancastres. Ninguem ignora que estas duas Facções enchêrão a Inglaterra de matança, e de horrores.

E cem annos de mortes maculárão
A Rosa, só banhada em melhor tempo
Com lagrimas d'Amor, sangue de Adonis.
Mas porque vou buscar estranhas provas,
Quando em Gallia retumba inda a Procella,
Que entre nós produzio Fita adorada?
Mal que a devisa tricolor se arvora,
Leve fogo que a polvora seguindo
Em seus longos canaes accende o raio,
Ave que foge, rápidas torrentes,
Do inflammado Vesuvio o lava acceso,
O incendio que campea em louras messes,
Relampago, que súbito fuzilla,
Tem menos prompto effeito! a França inteira
Do terrivel signal se appinha em roda.
A fita idolatrada se florea,
E só nella se julga o Patriotismo!..
Com seu triple matiz chapéos enfeita,
Fluctua nos pendões, e expulsa o Lyrio;
Sobre a terra domina, impera em mares,
O Universo embriaga em nossas Furias.
O Fidalgo, o Peão, o Velho, o Infante,
Mulher, Negro, Mulato, e Branco a invergão.
Da Cidade aos Casaes respondem bravos,
Gráos, Estados, Fortunas se embaralhão,
Degola cada hum seu proprio Bando,
O Grande entrega o Grande, a Igreja o Clero,

Em milhões seus despojos torna a Prensa,
Dérão tédio outro tempo hoje riqueza.
Impetuoso Civismo os acompanha,
He Soldado o Burguez, Chefe o Soldado,
Sábio Corpo de Guarda he já Sorbonna,
Oh Virgem de Nanterre, oh doce! oh meiga!.. (1)
Eis teu Templo usurpado, extincto o Culto;
Mirabeau de París Patrono acclamão,
Gabinete, Theatro, he tudo em fogo.
Une a Bella o fuzil ao nivio seio,
Da Pucelle Theroine herdou virtudes; (2)
Roscio vai repetir Bruto ao seu Bairro.
Roma he toda em París, e he Tibre o Sena.
Povo Par, demais livre, aos Reis, que abate,
Estatuas despedaça, infama o nome.

---

(1) A Igreja de Santa Genoveva metamorphoseada em Templo profano, com o Titulo de Pantheon Francez, em lugar de ser consagrado a todos os Deoses, como o Pantheon de Agrippa, o deveria ser a todos os Grandes Homens, que a França produzíra. Ainda faz horror o modo porque se preencheo esta destinação. Os Cenotaphios de dois Escriptores famosos são os unicos monumentos elevados neste Templo, que pela sua ridicularia não excitem a indignação.

(2) Esta Mulher está ha alguns annos detida como doida na Salpetriére.

O Populismo seu não salva Henrique. (1)
Brigão, prendem, abração-se, disputão,
De Matanças, Triumphos, Festas tratão,
Riem, descantão, tremem, oh desdita! . .
Brotão mudanças taes de huma só fita!

Fim do Canto VII.

---

(1) Debalde procurão os Estrangeiros sobre a Ponte Nova a Estátua do melhor dos Principes

Du seul Roi dont le Peuple ait gardé la memoire.

Bandidos, que se chamavão = o Povo = destruírão este bello monumento do amor dos Francezes, e do cinzel de João de Bolonha.

A IMAGINAÇÃO.

CANTO VIII.

Os Cultos.

De seu Rei, e seu Deos, valido, imagem
Tinha o Homem nascido, e os dóceis Brutos
Sem rebelar-se, e em paz lhe obedecião;
Mas com rosto servil a Terra olhavão,
E o soberano seu, marchando entre elles,
Celsa frente, só ergue, e os Ceos encára,
Que lhe fallão de hum Deos, que fez os Mundos,
Mas profundas mansões da immensidade
Aos débeis olhos seus inda o vedavão.
Eis a Imaginação, com vôo altivo,
Ergue o seu pensamento ao Ser Supremo,
De seu alto Senhor ao throno o chega,

E a Bondade Divina elle adorando
Vem na Terra imitar seus beneficios.
Que Apóstolo do Crime, e dos Tyrannos
Primeiro accommeteo Fé tão sublime? ...
Odioso Destructor de hum meigo Dogma,
Embora apaga o Sol, os Ceos eclypsa,
Ao brado universal impõe silencio; (1)
Seu poder todo o Mundo alto proclama,
E eloquente Remorso em voz submissa.
Onde hum Deos se não dá, Moral não reina:
Tal a soberba Flôr, tão grata a Phebo,
Langue, se foge, se elle volve, emprôa! ...
Mas peiado o Mortal pelos sentidos
Deos, que não pode vêr, breve esquecera:
Mui de longe a Innocencia elle amparava,
Mui de longe seu raio os Maos temião;
E, da Terra subindo aos Ceos distantes,
Votos nossos cansara hum tracto immenso.
Eis Santa Religião, Prole do Empyrio
De Esperança, e Temor acompanhada,
Vem encher este abysmo, e, nosso apoio,

---

(1) Se os mais Sabios Phylosophos, a exemplo de Descartes, reconhecem a existencia de Deos só no pensamento do Homem, não he para estranhar que os grandes Poetas prefirão a esta próva methaphysica, a que lhes fornece o espectaculo do Universo.

Pelo Culto de Deos nos chega a Elle.
Foi o Altar o seu Throno, e o brando Rogo
Poz os Ceos em commercio co'as Cabanas.
Ergueo para o Senhor Desgraça os braços,
Nenhum tempo, ou lugar passou sem Culto,
O Incenso perfumou primevos Montes,
E echoárão com Canticos os Ermos.
Base augusta das Leis, união do Mundo
A Santa Religião cantão meus versos.
Mas qual Nauta, por mares naufragosos,
Que, a Patria procurando, ou ledas Ilhas,
Por perigos, e Monstros, com prolongos
Rodeios comprar deve esses Elysios;
Tal, antes de alcançarem Fé tão pura,
Amor da Natureza, e do Ceo Filha,
Quantos Cultos insanos, vãos, perversos
Encontrar em meu canto os Homens devem!
Mas cumpre que os eu pinte, e em seu delírio
Com tão hórrido quadro os apavore.
Mas não basta que aos Povos se apresente
D'occas superstições congesto absurdo;
Sobre esses sonhos, que dei-fica o Erro
Phylosophica luz soltar pertendo,
Seu Berço descobrir, mostrar-te como
Interesse, Esperança, Orgulho, e Medo
Célebres Impostores, Genios, Climas,
Trévas do Humano Espirito engrossárão;

Como a Imaginação, d'olhos vendados,
Seguindo, ou conduzindo a Opinião vaga,
De tristes, ledos, féros, brandos Deoses
Chymeras adoptou, creou Chymeras!
E, enganosa, enganada, em noite do erro
Corações seduzio, preverteo Mentes.
Quadro vasto, opulento!.. fertil Scena
Das Virtudes, e Crimes d'Evos, Mundo!
He ousado o projecto, eu não o occulto,
Mas de sendas trilhadas me desvio,
E da antiga Heliconia a Musa foge;
Tempo he já de beber-se em novas fontes,
He tempo de marchar, cingida a testa
De flôres, que outros Vates não cingírão!
Quem nascimento deo aos varios Cultos?..
Acaso a Gratidão?.. o Medo acaso?..
Remova-se de nós dúvida indigna,
Sim, fez a Gratidão Numes primeiros,
E dos Povos a nobre Idolatria
Assim Mortaes honrou da Patria amigos.
Ha sitios, em que, illustre a grão despendio,
Dons do Mérito a ouro se compensão.
Mas de hum Homem, solvida a pouco custo,
A sóbria Antiguidade hum Deos fazia.
Dívidas dos Mortaes o Ceo pagava:
Queimando hum tenue incenso em aras rudes
Louros, Artes, Virtudes compensava,

E unia o fumo seu da Glória ao fumo.
Prémio, que Amor ao Mérito acordára,
Aos adorados Vicios passou logo.
Oh vileza de Roma! .. eterno opprobrio! ..
O Povo, que foi Rei, curvado a hum Homem,
De hum augusto Verdugo apenas livre,
Entre o extincto Tyranno, e o que existia,
Só respira hum momento em seus desastres
Porque o espolio execrando lhe dei-fique. (1)
Por dar honras a hum Monstro ultraja os Numes
E da Regia fogueira, Astros galgando,
Leva a Aguia servil do raio á Esphera
O Espirito, que a Terra, e Ceos maldizem. (2)
Sem remorsos manchando-se em vil Culto
Tal fez mortos honrar medo dos vivos.
O Homem para o temor propende sempre;
E d'Amor, Gratidão, doce Esperança
Deo a nobre illusão menos Deidades

---

(1) Esta Idolatria seria sem dúvida menos odiosa se o Povo-Rei só tivesse dei-ficado o Heróe, que o subjugou; mas esta homenagem foi depois prodigalizada sem distincção a Monstros, que tinhão enxovalhado o throno, e bebido o sangue dos Homens.

(2) Na apotheose dos Imperadores Romanos collocava-se a Aguia sobre a fogueira, e esta Ave, ellevando-se aos ares no momento em que começava o fogo, se julgava levar ao Olympo a alma do novo Deos.

Do que hum tímido peito em seu vil susto.
Quantos Povos selvagens nos seus mattos
De Numes prezão mais fórmas mais torpes.
Pondo só no pavor o acatamento;
Quem ousão adorar, olhar não ousão.
De Demonios, e Lemures os Contos
Cem crédulas Nações inda apavorão.
Vê da Laponia o gelido Habitante, (1)
Nasce longe do Sol, longe do dia,
Seus Rhennas são seus Bens, seu leite o nutre,
Extra-alcanse de injúrias por pobreza,
Sua pouca exigencia he seu thesouro.
Tão mísera ventura o contentára,
Mas hórridos Phantasmas sempre o vexão,
Em vão nos lares seus, da neve em cima
Do mágico Tambór redobra os rufos,
O secreto terror, que sempre o segue,
A alma ingenua lhe turba, em choça escura
Males da Natureza inda lhe aggrava.

---

(1) Na Viagem de Regnard á Laponia se encontrão detalhes summamente curiosos a respeito das superstições dos Povos de Lapland. O principal instrumento, de que usão nos seus encantamentos he huma especie de tambor coberto de pelle de Rhenna, em que há muitas figuras vermelhas, anneis de cobre, e alguns pedaços de osso.

E que males ao Indio, que em seus bosques
Só conhece o seu cão, aljava, e arco,
Que he todo do presente, e d'al não cúra,
A indolencia brutal inquietarião? . . .
Dos Demonios o medo co'elle acorda,
Lhe trantorna o repouso, o somno, as lidas.
Porque a raiva lhe applaque, a furia illuda
De offertas, a tremer, lhe borda a estrada.
Possão, Povo infeliz, as Leis hum dia
Pouco a pouco volver-te o jus das Gentes! . .
Oh! com justo equilibrio, qual Sapiente
Remillo sabera sem ser Tyranno,
E seus ferros quebrar sem des-freallo? . .
Mas ai! quem de Colombo atroa os campos? . . .
Morticinios, Incendio, Assassinatos
Furia unida á Perfidia alli vagueão. (1)
Que de sangue, de pranto, e arvos talados! . .
Ah! quereis merecer vossas desgraças? . . .
Vosso instincto era puro, e taes furores
São da vossa rasão hórrido ensaio.
Se dalli passo aos Povos, que rodeão

---

(1) O instincto dos Negros transportados para as nossas Colonias he, geralmente fallando, tão feróz como supersticioso. As mais eloquentes declamações Phylosophicas não provarião agora o contrario, depois dos acontecimentos de S. Domingos, que o Author aqui recorda.

Do Meio-dia os mares borrascosos,
Por Mentiras amaveis, ledos Numes,
De que a propria Rasão fabulas préza,
O Medo em toda a parte incensa as aras,
Dão tratos ao Mortal negros Espectros.
Cégo o Homem, por si, e os seus os teme,
Pelos dias do Filho, honra da Filha;
O Esposo, que succede a hum Trasgo iniquo,
De seu furtivo amor conhece o furto.

A taes Deoses, horror da Natureza,
Quem não prefere o Deos, que d'Epicuro
Hum Discipulo ao Indo transplantára,
E Lucrecio cantou entre os Romanos!...
Dorme o Numen: feliz!.. sem raio, ou sceptro,
Dos Tyrannos o crime, horror da Guerra,
Nada lhe importa! não lhe dá fadiga
Hum Rebanho reger de Máos, de Ingratos.
Canticos triumphaes não ouve a glória
De famosa matança attribuir-lhe:
Reina a Sorte por elle! assim já Gallia
Nullidade adorou de hum Rei ocioso.
Ou taes, cabeceando, altos Menistros,
Dão sentenças, que justas faz o Acaso.
Hum tal Deos injuría a Divindade,
Sua Religião (confesso) he impia:
Mas ao menos, se a alma pouco espera
De tão doces chymeras, nada teme,

E o Homem só de si tem que assustar-se.
Mais que tudo o Interesse he Pai do Engano,
Tudo calumniou, te o Sol mesmo.
E em quanto, enriquecido, o adora o Persa,
Por seo fertil calor, seo fogo insultão
Negros Povos boçaes lá junto ao Nilo. (1)
Tanto hum vil Interessè, oh mingoa nossa!
Pode em indoles, leis, Homens, e Numes!..
O Interesse não foi que, inda mais forte,
Fez hum Numen do Ouro a hum Povo Indiano?
Verdade he que do exemplo vem seu culto,
E aquella Idolatria abrange o Globo.
E quem numerar pode os cultos vários,
Que fazem do Interresse o Deos do Mundo?
Suas Artes, e Industria em toda a parte

---

(1) Este ultimo verso, lembra a admiravel Strophe de Le Franc de Pompignan, na sua Ode á Morte do Poeta Rousseau.

Le Nil a vu sur ses rivages
De noirs habitans des deserts,
Insulter par des cris sauvages
L'Astre eclatant de l'Univers.
Cris impuissants! fureurs bizarres!
Tandis que ces Monstres barbares
Poussent d'insolentes clameurs,
Le Diéu poursuivant sa carriere,
Verse des torrents de lumiere
Sur ces obscurs blasphemateurs.

Não vês determinar-lhe a Idolatria? . . .
Nas praias, onde accolhem vossos mares
Longo enxame de Nautas venturosos,
Maldivas! quanto estimo as annuas festas, (1)
Que aos Ventos tributaes, do Mar Senhores!
Chega o Dia! . . . de aromas de alto preço
Innumeras Canôas se abarrotão,
Fogos se ateão, devorantes chammas
Correm em breve as odorosas folhas,
Mil gritos de contento atroão valles,
Corre a chusma, e cortando os cabos todos
A's ondas abandona as vagas quilhas.
Longe o incendio ondulante aclara as agoas,
E os Mares perfumando, o Ceo, e a Terra
A's Potestades do Ar leva este incenso! . . .
Grecia tão lindo culto invejaria! . . .
Devo os Erros dizer Filhos do Orgulho?

---

(1) Os Insulanos das Maldivas, offerecem sacrificios a hum certo Genio, ou Rei dos Ventos; para este fim constroem pequenas Canoas, que enchem de perfumes, flores, e madeira odorifera, lanção-lhe depois o fogo, e as abandonão á mercê das Agoas, e dos Ventos: sóbe aos Ceos huma nuvem de fumo, e leva hum agradavel cheiro ao Genio dos Ares, que segundo as idéas daquelles Povos, se lisongea muito com semelhante sacrificio. Todos os Viajantes, que virão esta festa, se julgárão transportados ao antigo Archypelago da Grecia.

Orgulho consagrou Templos aos Homens,
Ergueo aras o Orgulho ao próprio Simio.
Tentou divinizar nas feições delle
Ridicula Vaidade a imagem do Homem.
Nossos votos dictou frequente o Orgulho,
A tudo elle preside; e que tributo
A seus Numes offerta Indio, que a coma
Tem revolta em anneis por natureza?
Taboinha frizada, que mingúa
Co'a Plaina que a desbasta indo e tornando.
Mas a Paixão mais fertil de prestigios
He o amor do que he novo, e do que admira.
Cumpre ao Homem assombro em seus prazeres.
Quotidiano objecto olha insensivel;
E povoa, alterando effeitos, causas
De mil metamorphoses todo o Globo.
Já complacente error d'alma illudida
A capricho do susto, e da esperança,
Adora, como hei dicto, o que ama, ou teme,
Tudo aos Homens he Deos, Deos mesmo excepto!
Já são Artes, e os vários Elementos
Quem ao cégo Universo escolhe os Numes.
Isis vimos assim, Triptólemo, Hermes,
E he sobrenatural tudo em Natura.
Já illudem o Espirito os Sentidos;
Soprão Ventos? . . são Manes gemebundos
Que para o visitar surgem do Averno.

Corpo aos Phantasmas dá, dá alma aos Corpos,
Assombroso, infernal, celeste he tudo,
E o que he menos de crer mais acredita!
Dos Homens, e do Mundo abstrusa História!
De crer, e de adorar sempre a exigencia! . . .
Parece que, de si cançado, o Homem
Sem escolha, ou rasão por tudo a espalha! . . .
Inda lembra Democrito, risonho,
E Heraclito a carpir, seu contraposto.
Oh Sopho zombador, tu deverias
Por melhor rir dos Homens, rir dos Numes! . . .
Que ridiculos sonhos! . . que imposturas
Com crédula Homenagem consagrados! . .
Vê do culto do Sol, e ethéreos lumes
Aos mais vís Animaes descer o Humano!
Lá a hum sórdido insecto alegre curva,
Ladra aqui o seu Deos, além remuge.
Vê coberto de ricos paramentos
Hir o Nume Elephante a grave passo!
Ai! á crédula Gente, oh Rei dos Mattos,
Poderia absolver teu senso ao menos;
Presumio vêr em ti raio celeste,
E desculpa a rasão teu alto instincto.
Mas ao Tigre cruel, Leão bravio
Quem julgára que o Homem, cujo sangue
Derramão, desse culto, se o mesmo Homem
Adorado os Tyranos não tivesse.

A esses campos iremos, onde exhalla
Mais grosseira a rasão tibio reflexo? . .
Alli, mais sepultado em trévas do erro,
O Mortal por seus Numes se envillece.
Olha em bárbaro Clima o Samoieda,
Se acha a seu brutal culto o Deos remisso,
,, Está doido! ,, elle diz, e até que o Nume
Torne o siso a cobrar, guarda os incensos!
Nos, que o Tártaro pisa ubertos plainos,
Mais fero successor dos féros Scythas,
Pelo Homem, que faz Deos bruteza sua,
Quem o crédulo excesso não conhece?
Delle tudo he sagrado, nada immundo;
Reis, Potentados, Déspotas da Terra,
Esperai que do dia o facho augusto
Com puro, e respeitoso raio seque
O adorado refugo de seus brodios,
Que humanas vís pensóes no Deos revella:
Eis o enfeite, collares, joias vossas,
E o divino excremento ufana a todos. (1)
D'Indica praia estúpido Habitante
He mais sábio talvez, de insania á força.

---

(1) Este Culto extravagante se acha, como affirmão muitos viajantes, estabelecido em grande parte da Asia.

Baldão de seus Tyranos, e Tyrano
De seus Numes, dispõem de todos elles,
Delle nenhum! . . ao ímpeto primeiro
Ve-o Deoses creando a seu capricho.
Sua desdita, ou dita, affecto, ou odio,
Faz, desfaz, reproduz Numes de hum dia,
Thurifica ao Tejolo, á Terra, ao Ferro,
De huma Planta renega, adóra hum Seixo,
Faz o Idolo o Acaso, o Acaso o extingue;
Elle o merca, elle o vende, adóra, ou foge.
Menos nossos Casquilhos de outro tempo
Variavão de Amantes, Louças, Modas:
Tanto, Ignorancia, a credulez augmentas! . .
    Oh do Espirito humano infausta sorte! . .
Ou pertenda ignorar, ou saber queira
Sahe por hum devaneio ás vezes d'outro.
Para a Verdade, que affanoso busca,
He seu passo primeiro hum erro ás vezes.
Assim nesse montão de infindos erros
Quantos não produzio zombandos sonhos
Essa ancia de saber, curioso instincto
Que a Esperança avigora, e punge o Medo?
Delle inspirado, e della seduzido
Ve-o, transpondo do Presente o cêrco;
Em vão denso Futuro impenetravel
Parece em negro véo vir-lhe ao encontro,
Elle as nuvens romper-lhe a folgo intenta;

Os presagios lhe busca a mente inquieta
Do relampo na luz, fibras do Touro,
E no rápido vôo inquire as Aves;
Ou bonança, e procellas predizendo
Seu prophetico instincto surprendesse
Nosso culto, ou da Terra aos Ceos fugindo,
Pareção commerciar co'as Divindades.
Ai! seguindo seus gyros vagabundos,
Mal presumem fazer do Globo a sorte.
Pugnas decidem c'um adejo, ou vôo;
Reis, tremei, que vos tirão, volvem Reinos,
Apavórão Heróes, põe susto aos Sábios;
Guião Aguia de Roma os Frangãos sacros.
    Oráculos por voz dos Homens dados
Talvez menos as aras envergonhem.
Deoses priscos, Manteis, falsaria Turma (1)
Em trévas vos sumí, trajai mysterios,
Annunciai vossa Lei com phrase ambigua,
Esperança, e temor vendendo aos Homens.
Já, cumprindo Ambição promessas suas,
Sobre altar mercenario os dons coacerva,

---

(1) Manteis são Vates, Advinhadores, etc.
Pelas Cidades Gregas o successo
Resoando, ao Mantel deo Fama justa.
Fr. J. do C. de J., Trad. das Methamorph. L.° 3.°

A Ambição, que nos pintão como o Monstro
Que tem na Terra os pés, nos Ceos a frente; (1)
Que Impostores sagrados protegendo
Complacente favor das aras compra,
Voz da tripode ás vezes presta ao Solio,
E em Ministros dos Reis arvora os Numes!
Tem a Fraude a seus pés, que, mentirosa,
A leve Opinião guia co'a dextra,
Co'a sinistra sustenta os véos, e as vendas,
Condões, e Thalismans, Anneis, Feitiços,
Quanto, do Orgulho cumplice atilada,
Fina Imaginação lhe dá de astucia.

Mas não julgues que sempre odioso fosse
O Contracto dos Reis, e das Deidades.
Legitima união dos dois poderes
Pacto horrendo do crime não foi sempre.
Sem preocupação, fel, interesse
Esta alliança da Terra, e Ceo pesemos.

Quando, deixando a Gente avitos Bosques,
Sacerdotes, Cidades, Reis houverão,
Porque os brutos matti-genas polisse
O Rei fez Leis, e o Sacerdote hum Culto.
Mas féra independencia do Homem rude

---

(1) Ingreditur terris, caput inter nubila condit.
Virg.

Cançava os dois poderes desligados.
Propozerão-se então tractado excelso,
Então o Homem das Leis disse ao dos Deoses:
,, Maridemos o jus da nossa esphera,
,, Guardo a Thyara, firma-me a Corôa;
,, Liguemos por seu bem nossos contrarios,
,, Com dita humildes, com governo livres;
,, Nó, que aperta o interesse, consagrando,
,, Une os raios do Ceo, da Terra aos raios.
Concluio-se o tractado, e foi proficuo.
Com Pontifices santos, Reis briosos,
Domesticado o Povo a obediencia,
Não ferros conheceo. Ditosos Reinos,
Em que esta concordancia tão sublime,
Do mais fraco o mais forte ao bem vincula.
Progresso examinando de erros nossos,
Em nós mesmos assim lhe encontro a fonte,
Effeitos lhe segui; porém não tenho
Inda da Tradicção o Erario aberto.
Deosa ancian, que inveridica, inconstante,
A linha propagou dos falsos Numes,
E, dos confins de Memphis espraiando-se,
Contínua os reproduz em varias fórmas.
Indo a Imaginação por seus vestigios
Como os encantos seus lhe unio vejamos.
Teve hum unico Deos primeiro o Egypto,
E, se a sua grandeza o Ceo calasse,

O Nilo, que o reanima em annua volta,
Da Natura o Senhor alto acclamava.
Mas os Grandes em fundo Sanctuario
Do verdadeiro Deos mantendo o culto,
Nescio Vulgo com Fabulas nutrião. (1)
Tal quando no lagar se expreme o cacho
O nectar mais precioso se reserva
Para a taça dos Reis, festins dos Numes,
E embriaga o restante a Plebe á tôa.
Dos que Egypto creára oppostos cultos,
Hum, ás Leis de hum só Deos sempre submisso,
O divino Moysés aos Hebreos trouxe.
Os Hebreos, cuja estirpe portentosa
Pelos tempos reflue do Mundo ao berço.
Nunca Legislador com força tanta
Deo abalo aos sentidos, choque á mente.
Faz Vassallo Israel de hum Deos Supremo,
Este Deos o castiga, este o premea,
Pelas ondas suspensas lhe abre a estrada,
No deserto o conduz co'a propria dextra.

---

(1) Os Sábios, que se tem dado o trabalho de desenvolver o Cáhos das Fábulas Egypcias, assentão que os Sacerdotes, e os Grandes tinhão huma Religião mais pura do que o Vulgo; e que a Idéa simples, e sublime de hum Deos unico, e Creador, se tinha conservado no Sanctuario, onde só erão admittidos os Iniciados.

Prodigio o nutre, Oraculos o instruem,
E marcha de milagres circundado.
Do Numen do Universo a Lei recebe?
He ao som do Trovão, e á luz do Raio.
Seguida com terror esta Lei santa
Lhe domina o pensar, rege-lhe a vida,
Aos Festins o acompanha, ao Campo, á Guerra,
Regula-lhe o sustento, ordena os banhos,
A casa o segue, falla-lhe nos Templos,
E elle a vê com respeito em bronzeas Taboas.
Em qual outra Nação, ou Sitio, ou Povo
Hum Culto mais augusto honrou o Eterno?
Gemas preciosas, Candelabros de ouro,
Dos Levitas em Choro a voz sonora,
Os Aromas, Metaes, e as Artes, tudo
Suas Pompas solemnes realçava.
Montanha de Sião, repete os Hymnos
Que em teus velhos Palmares retumbavão!..
O Espirito Divino os influia!...
Era em tudo de hum Deos voz, vista, e braço!..
Marcados desde logo a hum cunho eterno
Tem seu fundo caracter conservado!...
Por entre Reinos tantos, Sitios, Evos,
Com sua velha Lei correndo o Mundo
Remanescido tem na base sua,
Quaes Rochedos coévos do Universo!...
Em quanto hum Povo santo conduzia

Aras do vero Deos, e a Lei do Eterno,
Das mentidas Niloticas Deidades,
Brilhantes Genios seus, recebeo Grecia
As Colonias. Mas como hum Forasteiro
Que apurão nossas Artes, e usos nossos,
Pouco a pouco entre nós perde a rudeza,
Ennobrece seu ar, seus modos pule,
Taes na Grecia esses Deoses adoptivos,
De seus novos encantos se ufanárão.
Deo-lhe o cinzel mais amoraveis fórmas,
Seus Colossos deixando ao Patrio Egypto.
Maiores, sem ser Monstros, parecêrão,
Delles a Arte fez Numens, não Gigantes.
Suas uteis Chymeras, oh! quão dextrás
Esses Deoses ideaes nos visinhárão!..
Pastores, ou Colonos tinhão sido,
Cuidavão dos Vergeis, Messes, e Gados,
O Homem facil se inclina ao que o semelha,
Na terra embellecida a par vivião.
Como os Homens soffrido os males tinhão,
Sócios lhe erão em glórias, em trabalhos,
E sem custo se erguia o fraco Humano
A's, que a elle descião, Divindades.
Nada féro ou tristonho em seus altares,
Erão festejos seus Cânticos, Danças.
Eu mesmo acceso em súbito delirio,
Estes Deoses vejo inda, ouço-lhe a Lyra,

Prendo com flores de Erycina as Pombas,
Iris faço correr pavonio arco.
Longe profanos! .. deste arroio em torno
Lindas Nymphas de Venus se des-cingem.
Assim Fabula antiga em metro ameno
Deoses ampli-verteo por toda a parte.
Tudo hum Deos Tutelar, e hum Genio teve,
Foi o Outeiro menor d'Homero o Olympo.
Perguntas como o encanto de taes erros
Seduzio corações séculos tantos? ..
He que a Imaginação folgava delles,
E temia a Rasão, que a desvendassem.
Assim, ao despertar, crédulo Amante
Nutre o sonho feliz, que o consolára.
Nos ledos Numes, que lhe deo a Grecia,
Roma austéra imprimio prudencia sua,
Teve mais magestade o Ceo de Numa
Marte menos volupia, Hermes astucia.
Tanto adultero ardor não queimou Jove,
Teve hum Culto mais sério a propria Venus.
Pasma do engenho, com que hum Povo augusto
Até com erros seus subjuga o Globo.
Quando de Reinos mil a Idolatria
Aviltava a Rasão sem bem da Patria,
Suas superstições vendo o Senado, (1)

(1) A' medida que Roma estendia as suas Conquis-

Sábio aproficua estolidas Chymeras.
De seu throno esta a base, assim prudente
Turbulenta Nação reger sabia.
Do Pontifice a Fota a si curvava
Bacinete de Heróes, Régio Diadema.
Servião sonhos vãos Rasão fecunda,
Foi o Sceptro augural Sceptro do Mundo.
Oh glcriosa vergonha! util deshonra! . . .
Foge o Romano, e do Stator seu Jove
Pára ao nome! . . alto Templo attesta o facto,
E o Templo eternamente impõe Victoria.
Taes seus Deoses o Império engrandecião.
Inda com maior pompa, e mais nobreza
D'alta Religião fausto solemne
Consagrava o Triumpho, hia-lhe em frente,
Parecendo do altar gritar aos Homens:
,, Roma domina o Mundo, e os Ceos a Roma ,,
Justo o Ceo não sorria a taes Conquistas,
Mas se as póde absolver virtude alguma,
He que em seu esplendor Roma adorava

---

tas, e Dominios, a Politica do Senado associava, pcr assim dizer, os Numes dos Vencidos aos destinos dos Vencedores. Todos os cultos erão recebidos na Metropole do Mundo; os Templos se multiplicavão com as Victorias, e os Romanos, senhores do Universo, tiverão a prudencia de edificar o Pantheon.

Simplices Deoses, que a fizerão grande.
O Deos do Capitolio habitou Choças!..
Longe dos Carros, e das marcias pompas,
Onde, offertado aos Ceos, sangue dos Touros
Sangue humano vertido lhe agradece,
Com que júbilo vôo ás ruraes festas,
Com que honravas, oh Roma, ávitos Numes!
Dos Pampanos o Deos, Deosa das Messes,
Nymphas dos Bosques, Phaunos, e Silvanos,
E a ti mais, Pastoral Deidade, oh Pales!
    Mal branquejava o lucido Oriente,
Sacudindo o Pastor húmido ramo,
De onda salubre salpicava o Gado.
,, Pales! (dizia) o sacrificio acceita;
,, Minhas vaccas protege, e ovelhas minhas
,, Contra a fome cruel do Lobo immane.
,, Dá que o número seu não falhe á noite;
,, Que em torno ao meu redil, alérta, e fido
,, Gyre sempre anhelante o meu Rafeiro.
,, Conheça-me o meu Fato a voz, e a flauta,
,, E escume em dedos meus leite o mais puro.
,, Fecunda as Cabras, o Agno-pai vigora;
,, Límpidas ondas, vecejantes relvas,
,, Em ledo pasto as Oves me demorem,
,, Sua mimosa lã meus membros vista,
,, E, quando o movimento ao fuso imprimão,
,, Das Pastoras não fira os níveos dedos.

Diz ; e súbito hum feixe que scintilla
Acceso manda aos Ceos lúcida chamma ,
Que , tres vezes , alegre , e brincadora
A Turba juvenil salta ligeira.
Na Aldêa inda existís , formosos Jogos ,
E quem ha que taes quadros não commovão ? . . .
Com a superstição se enfeita o campo ,
Triste em Cidades , nos Casaes he leda ,
E o Sábio se compraz de vêr a Terra
Interessar os Ceos nas lidas suas !
Politica direi ditosa , e sábia
Que do Italico Império unio aos Numes
Mais obscura Deidade , e mais potente ? . . (1)

---

(1) As ficções que os Romanos ajuntárão ás Fabulas da Grecia , tem , geralmente fallando , menos graça , e interesse. ,, Toda esta poeira Latina , (disse Rivarol) desapparece á vista das cinzas Poeticas de Ilion. Ha comtudo huma Allegoria , que os Romanos não recebêrão dos Gregos , e que merecia ter lugar aqui como huma grande Lição de Sabedoria , e Politica. Querendo Tarquinio Soberbo levantar sobre o Capitolio hum Templo , que hum dos seus Antecessores tinha votado a Jupiter , foi necessario tirar do seu Lugar muitas Capellas , e Estátuas ; todas forão removidas sem custo , mas o Deos Termo , mais sólidamente estabelecido por Numa , zombou de todos os esforços , e houverão de deixallo no meio do novo Templo. Os Pontifices publicárão que todos os Deoses tinhão cedido a Jupiter ; mas que este , attendendo ao jus de Propriedade , tinha consagrado no seu Templo o lugar de Deos Termo.

Termo he seu nome; nos Saturnios dias
Cultos não grangeou; não profanava
Commum posse rural partilha alguma.
Mas quando cada hum seu campo teve,
Teu nome, oh recto Deos! foi sacro a todos.
Tu limitas Cidade, Império, Aldêa;
Nada te aballa, nada te seduze;
Fido a visinhos dois, cáro a dois donos,
Do arado usurpador confins lhe salvas;
Dos dois lados por isso, em Pilar mesmo
Cada hum vem depôr corôas, favos,
E ninguem o teu jus quebranta impune.
De tuas Leis são victimas dois Gracchos;
Se ao novo Capitolio assoma Jove,
Ao magestoso Nume os mais dão praça,
Tu não cedes da tua, e tu só ficas,
Do jus da Propriedade augusto Emblema! . . .
Jus augusto, e sagrado! . . unica base
Da Fortuna dos Reinos, paz do Mundo! . . .
Assim theologava o Tybre ovante
Seus costumes seus Deoses produzião,
E seus Deoses guardavão seus costumes.
    Cumpre já hir dos Públicos festejos,
E dos Templos do Estado aos dos Privados,
Onde hospites Deidades dominavão.
Não sei com que me apraz seu lar sem pompa!
Sempre o Homem podia orar-lhes, ve-los.

Tinhão a mesma Casa, a mesma Mesa,
Guardavão-lhe de perto os Bens, Virtudes,
Honra escudavão da Donzella honesta!..
Conscios dos sustos seus, das festas suas,
Próvão do seu prazer, lhe acolhem pranto.
Seu Delubro aromatico, guiado
Pela Imaginação, penetro, e folgo
Vendo o Pai de Familia de anno em anno
A Consorte juntar, a Filha, o Filho
A estes Numens ingenuos offertando
Alguns pingos de Leite, e grãos de Incenso;
Ditoso em conseguir com dons tão simples
Do Sábio os mores bens, commodo, e ocio!...
Mas se irrito hera o voto, ai pobres Deoses!
Seus Devotos rebeldes os punião,
Pondo-lhe a pena das frustradas preces!
    O Sábio indagador da humana vida
Se apraz de deparar nos vários Climas
Sempre os mesmos delirios, e virtudes.
Tem a China, qual Roma, o seus Penates,
Que, qual Roma, ora insulta, ora respeita;
Com premios, com festejo em dias ledos,
Em dias de aflicção sem culto, ou honras,
Ora há com elles paz, ora ha divorcio.
    Corro a Italia moderna, alli com riso
Dos antigos Romanos topo os erros.
Quem ha que não conheça o bom Antonio,

Santo o mais festejado, que importuna
Continuamente o crédulo Devoto? . . .
Elle o faz o penhor das Glórias suas,
De seus Jogos, Amores, Valimento,
Dos caprichos da Sorte, e seus caprichos:
O Processo lhe faz, graça lhe implora,
Impio, e Devoto vezes mil ao dia
Elle o ama, e des-ama, o beija, o pune.
Tudo assim se assemelha, assim viaja
O Erro de idade a idade, e Mundo a Mundo.
    Mas, tendo declarado os vários meios
Porque a Superstição enchera o Globo,
Não direi que poder no Vulgo exerça
Hum caracter sublime, hum Genio altivo? . .
Tal Zoroastro foi da Fama ao Monte,
Numa, e tu, mais que tudo, audaz Mafoma,
De quem guarda o Levante inda a Memoria! . .
Tal, que finda a enganar, começa crendo.
Enthusiasta ao principio, Impostor logo,
A grandeza por-vir lhe apromptа hum sonho! . .
Oh poder de hum Espirito profundo! . .
Sonha, o delirio seu transtorna a Terra.
O Alcorão, huma Pomba, hum Sonho, a Espada,
Na Historia enxertão seu feroz Romance,
Cujas laudas, marcadas com Triumphos,
Dão horror á Rasão co'a gloria sua! . .
A feroz Ignorancia, o Fatalismo,

Volupia, dos sentidos igneo Numen,
Quaes trez féros Ginetes, arremessão
Rápido Carro seu por sangue em rios.
E curvo a seus pendões, que o Mundo atterrão,
Inda meio Universo o adora em ferros.
Apoz flumen, que, túmido co'a cheia,
Tomba, rola, resalta, escuma, e brame,
Doce he vêr o pacífico Ribeiro
Que em férteis valles límpido remansa;
Tal Comfucio, amador da Natureza,
Verte a pura moral de hum terno peito.
Ambos legislão, politicão ambos,
E em costumes, e em genio ambos differem.
Parece, porque as terras illuminem,
Que hum toma a luz do Sol, outro a do Raio.
Não direi quanto influe nas varias Seitas
Dos varios Povos indole, e costumes? . . .
Sobre elles cimentando o sacro Império,
Brando, simplice culto ao Sul contenta;
Mas nos campos do Norte, onde o Gradivo
Tem seu arco, carcaz, e raio, e coches,
Odin, o grande Odin mostra aos Valentes
Das Hourizes gentís ditoso alvergue.
Não he tranquillo Ceo, onde a seu folgo
Innocencia, Prazer, e a Paz reinavão;
Doce estrondo das armas, e proezas
De hum Eden marcial lhe offertão graças:

Da morte isentos, e amorando os riscos,
Deixão scenas da guerra, em sangue envoltos?
Turba escolhida de infantis Beldades,
Lhe estanca o sangue, e lhe derrama o Nectar;
Tomão lanças depois, e alternos passão
Das pugnas ao prazer, do amor as pugnas!
Da Gallia se me antolha a graça, o brio!

Faz tambem muito o Clima! Homem que habita
Em lodosos Paúes, crespos Rochedos,
Crê seus Deoses topar por montes, e aguas.
Mas de Zoroastro o Povo em Ceo benigno
Genuflecte adorando o Rei dos Astros.
Mas que digo? ha Mortaes, que, oh Deos do dia,
Não te hajão consagrado Aras, e Templos?... (1)
Persia incensou-te, os Tartaros te adórão,

---

(1) O Sol foi o primeiro, e mais universal objecto de Idolatria. Era o Baal dos Chaldeos, o Moloch dos Cananeos, o Beelphegór dos Mohabitas, o Adonis dos Phenicios, ou dos Arabes, o Saturno dos Carthaginezes, o Osiris dos Egypcios, o Mithras dos Persas, o Dionysio dos Indios, e o Apollo, ou o Phebo dos Gregos, e dos Romanos. Este Astro tambem foi adorado debaixo do seu proprio nome. Os habitantes do Perú não reconhecião outra Divindade, e tinhão os seus Imperadores por seus descendentes. No número dos adoradores do Sol podemos tambem contar os Virginianos, os habitantes da Flórida, dos Apalaches, e finalmente os Natchés, e os Tensas, Povos do Missisipi.

Começa o teu triumpho onde a luz nasce,
E chega onde não chegão teus Etontes.
Entre os gêlos o Sármata te invoca,
E em canticos agrestes te offerece
Tiritante Laplandio seus tributos.
Assim, do negro gêlo ao Ceo mais quente,
Desd'o berço do Dia aos fins do Occaso
Da Gratidão louvado, ou da Saudade,
Tudo os dons te bençoa, ou chora a ausencia.
Ai! se pecca o Mortal quando te adora,
Rogão perdão aos Ceos teus beneficios.
E da nossa homenagem quem mais digno
Que o Astro, que melhor retrata os Numes?
Que os annos nos despende, a vida, as côres,
Pinta a flôr, gera a messe, ouro madura,
Faz sentir seu poder nas fundas grutas,
Reveste os amplos Ceos com larga pompa,
Guia de Quadra em Quadra o carro ardente,
Hindo nos entristece, alegra vindo,
Fecunda, aquece, anima, orna, illumina,
Parece que, ao surgir, re-cria o Globo?..
Fonte immensa de fogo, alma do Mundo,
Ah! senão hes já Deos, seu Rei sê sempre!..
O Talento, o Prazer, Virtude accendes,
Da alma o rapto mais doce influes ao Moço,
E em ti ultimo amigo o Velho encontra.
Contra a ínvida idade, Astro potente,

Protege o teu Cantor, meu Canto escuda ! . . .
Tácita chamma, de teu fogo o apuro,
De teus dons o mais bello, inda me outhorga ! . .
Huma centelha mais, inda alguns raios,
Com clarão juvenil brilhando, imite
Teu pomposo descer meu metro extremo.
Pelo Sol, quem o fez hia esquecendo,
Fugi do Creador, Deoses inertes;
Chega o Deos verdadeiro, e quer que eu cante
O sublime delirio de seu Culto. (1)
Já não he aquelle Erro, que prestava
Todas nossas paixões a vãs Deidades:
Sem que a humana Volupia os Ceos incline,
Mostra hum Deos, que por nós soffre o castigo.
Presenta-nos Mortaes, que a Deos se elevão,
Das insanas paixões applaca o fogo,
Rege os sentidos, doma a Natureza,
E as virtudes só bebe em fonte ingenua.
Doces laços de Pai, de Esposo, e Filho
Suspender elle os vai de Deos no throno,
Bem longe dos Mortaes põe a Esperança,
Teme as Venturas, nos trabalhos folga.

---

(1) O Poeta quiz consagrar aqui a expressão de hum dos Padres da Igreja, que chamou ao Mysterio da Redempção ,, stultitiam crucis. ,,

Une os Homens a Deos, e os fraterniza;
Cultiva sobre a Terra, e nos Ceos colhe! . . .
Como esses Cultos vãos, filhos do Engano,
Elle á Imaginação não deve a origem,
Mas assim como o Sol, Astros, e Mares,
Das mãos sahio, de que sahíra o Mundo.

Mas qual Rainha augusta, que permitte
Que enfeitem seu Diadema humildes Flores,
Teve a Imaginação a immortal honra
De adornar-lhe os Altares, e a Corôa.
Quando extáticos Vates entretinhão
Com seu brilho futuro argutas Lyras,
Ora qual doce mel, suas Leis gabão,
Ora com seus trovões aos Reis põem medo,
As Odes immortaes ella lhe inspira.

Ella he que, presentando eternas Palmas,
Dos Verdugos nas mãos, ante os Tyrannos,
Em Heróes transformava Infantes, Damas;
E quando em subterradas Catacumbas
Mudos Sepulchros habitavão vivos,
Pela Fé conduzida a seus Abismos,
Hia a Imaginação dourar-lhe as Trevas.
Ella, os Bens transformando-lhe em Delicias,
Jejuns lhe temperou, domou Cilicios
Unio seu Canto aos Cánticos dos Anjos,
Nos Túmulos o Ceo antecipava.

Em dias triumphaes com igual zelo

Da Religião á glória foi proficua.
Nos altares té alli pompa nenhuma
Attrahia os Mortaes; do Eterno á vista,
Solitaria, enlutada, a glória sua
Erão seus males, seu adorno os ferros.
Mas, vencida a soberba dos Tyrannos,
Tomou, depondo os lugubres arreios,
Vestidos festivaes, e alegres cantos.
Logo a Imaginação, que a favoreça,
Lhe orna o triumpho, apressa-lhe a grandeza,
Dos solemnes Festejos dobra o brilho,
Traça exemplos de Martyres, e Virgens;
O orgão magestoso atrôa os Templos,
E os sentidos, que alheião taes encantos,
Se armárão por hum Culto, que os combate.
    Mas, seja o Deos qual for, que adore o Homem,
Em seu nome a Bondade elle honra sempre;
Porém se o Fanatismo as aras cerca,
Que inundação de males cobre a Terra! . . .
Oh! se Deos me prestasse a voz solemne,
Por quem foi proclamado a hum fido Povo,
Do fundo do Deserto eu não bradara,
Hiria publicar do Mundo á face
Esta Lei tão ingenua, e tão salubre
D'hum, e d'outro Hemispherio aos Moradores.
,, Por vossas Divindades, montes, mares,
,, Amai-vos (lhe dissera) e ao Ceo sois gratos.

Mas ai! por louca furia extramontados,
Pela Imaginação se volvem Tigres,
Ou doloso, ou cruel no Mundo he tudo.
Antolha-se-me hum Templo onde cem Cultos
A homenagem dos crédulos pleiteião.
Seu sacrario tem todos; raivão, gabão,
Vista em fogo, em delirio a própria crensa.
,, Vinde, crede, adorai, como eu, oh Povos! . .
,, Brama, Brama sómente honras merece;
,, Lama, Lama tão só digno he de Altares;
,, Este Deos Crocodilo oh! não se insulte;
,, A este Drago divino oh! não se attente;
,, Deos eu vejo nos ares! . . . Eu nas ondas;
,, Profanos, ajoelhai do Mundo ao Astro.
E aos pés do mesmo Deos, no mesmo Templo
Que horridos choques! que abstinados gritos! . .
Huma syllaba só produz Volumes.
Mas que digo? os punhaes as pennas suprem.
E em Theatro de horror se volve a Terra.
Mesmo aqui onde pinto os seus furores
Nossas guerras sagradas não respirão?
Triste, ante aquellas afogueadas Torres,
Sentado neste túmulo, medito.
O, que este monumento agora occulta,
Na noite Sepulchral dormio dois Evos,
Sua Cruz Pastoral, e a Mythra eis inda.
Outros vinte, que ás sombras o seguírão,

Os pios Cenobitas hi regérão:
A Morte tudo ceifa; immensas raças
Cahem, cahem a flux no abismo escuro.
Ai! e miseros Homens, delle á beira
Hum momento suspensos, se espedação!
 Da Grecia mais pacata os falsos Numes
Rara vez conhecêrão taes furores;
Em seus Templos pacíficos união,
Em vez de a separar, a Humanidade,
E quem póde ignorar as annuas festas
Feitas por mil Nações ao Deos do Dia?..
Mal, que em Délos as Danças começavão
Os Gregos em Bateis o mar cobrião;
Zephiros brincão co'as purpureas velas,
Raspadas d'aureo remo alvejão ondas,
Cobertas de festões pintadas Barcas
Formão ponte de Flores sobre as agoas!..
A santa Romaria accolhe Apollo,
E a Grecia, toda em peso, inunda as praias!..
Todos no mesmo altar ao mesmo Nume,
Formando o mesmo voto, incensão, orão;
Por misterios iguaes conciliados,
Juntavão-se rivaes, e Irmãos partião.
 Que nos campos, com tudo, e nas batalhas
Tão longa mortandade os Ceos soffressem
Estranho me não he; mas que ímpio Numen
Pode hum Culto de sangue vêr nas aras?...

Presumia, oh Bom Deos! que a Dextra tua
Tinha posto a piedade em nossas almas,
Mas em quantas Nações meus olhos ficto
Deparo com taes pompas de matança.
Mesmo a Grecia manchou tão feio Rito. (1)
Dos Avoengos teus corre-te, oh Gallia!
Inda, em sitios, que as negras scenas vírão,
Viajante, que percorre a velha Ardennas,
Encontra, horrorisado ímpios Altares! . . .
Cesar, que estes nefandos cultos viste,
Devias arrastar os teus Triumphos
Por de glória vulgar batida estrada? . . .
Feliz-Perseguidor do Fanatismo,
Nume, Altares Pontifice aniquilla.
Vingando a Natureza, os Ceos, e os Homens
Faze amar huma vez tropheos de Roma.
　　Vós de horrores mais tetricos manchados;
Mexicanos, tremei! . . o Ibero chega. (2)

---

(1) Quasi todas as antigas Superstições, forão manchadas com Sacrificios Humanos.

(2) Os Mexicanos sacrificavão aos seus Idolos os Prisioneiros de Guerra. He natural, que os Hespanhoes os calumniassem escrevendo, que este bárbaro costume não se limitava no Mexico ao Sacrificio dos Prisioneiros; mas he certo, que em parte nenhuma estes piedosos assassinios se praticárão em tão grande número, e com maior pompa, e atrocidade.

Quem contar póde horrificas matanças
Que exigião alli bárbaros Deoses? . .
Alli bronzeos Leões, que o fogo inflamma,
Recebião Mortaes nas igneas fauces.
Alli de longo sangue eterna offerta,
Fazia eterna offensa ao Ceo, que invoca!
E ninguem póde entrar no Templo immane
Sem que lhe manche as mãos fresco assassinio.
Não tens na Terra abrigo, oh Natureza! . . .
Fere-té o Fanatismo em toda a parte.
Ah! tão culpados Cultos detestando,
No seio maternal foste esconder-te: . . .
Não, qne esses Deoses crus della a desterrão,
E seu ultimo azylo ella abandona.
Mãis ante as aras dos nefandos Numes . . .
C'os Filhinos nos braços . . . parai, Monstros! . .
Santamente inhumanas, des-lembrastes
Juramentos, Amor, Gostos, Pezares? . .
Que Furia condemnou tão lindas flores? . .
Ah! vede-lhe o sorrir, vede-lhe o pranto,
Não immoleis a bárbaras Chymeras
Santo Nome de Mãis, de Hymen os fructos.
Ai! onde os Tempos, em que o Ceo rendião
Hum só favo de mel, fructos, e leite? . .
Ao menos destes Cultos deshumanos,
Ao Tártaro feroz, ao duro Scytha,
Qualquer que seu Deos fosse, indole, ou usos,

Huma Idéa adoçava o quadro odioso
E he, que em roda do Altar, junto á Vingança
Sempre Indulgencia a Contrição depára.
Sempre excelsa Rasão consoladora
Os Remorsos accolhe; Deos que pune
Religião mostra a par do que perdôa.
Sem elle cégo crime vôa ao crime,
Perdido sem remedio, o Desespero
Que o Delicto gerou, gera os Delictos.
A quadros tão fataes se feche a vista,
Musa a Ethereos prazeres admittida,
Dize como a esperança d'indulgencia,
Trouxe á dita, ao dever alma culpada,
Falla: o Impio, as blasphemias esquecendo,
Da pathetica História se enterneça.
A Hespanha produzio gentil Donzella
Cuja alma impetuosa, há muito isenta,
Ao mais intenso affecto emfim cedera.
A pezar de seu Pai Alvaro amára,
Seu Pai, que, n'um frenetico despeito,
O Amante assassinou da Filha aos olhos,
E c'o mesmo punhal a Filha insana
O Pai sacrificou ao caro Amante.
Hum momento cortou com dois delictos
Os vinculos mais santos, e os mais doces.
Amor sempre foi bárbaro em vinganças.
Mas quem da terna Moça as ancias pinta?..

Seu horrido segredo ninguem soube:
Sepultou n'um Casal pejo, e saudade.
Alli huma Mulher, (recurso extremo)
Via seus males, ignorando a causa.
Nunca vio o Universo em peito humano
Tal contraste de oppostos sentimentos.
Em profundo silencio involta ás vezes,
Do remorso a violencia reprimia;
Mas fadiga cruel, com que constrange
O coração, de horror lhe enluta o rosto.
De súbito mudava, e qual se escapa
De nuvem procellosa hum brando lume
Nas feições, que o pezar lhe desordena,
Mesto sorriso languido brilhava.
Ousava prantear? . . . dôr sem feitiços
Só lagrimas penosas lhe ministra.
Eis oh novo supplicio! oh pena acerba!
Quadro invejando da innocencia antiga
Lembra-lhe o tempo, em que os maternos bejos
Aos ósculos paternos a cedião.
Negra perturbação logo a domina,
Gyra, arrasta-se, volve, e dá mil gritos! . .
Por montanhas, campinas, densos bosques
Com precipite fuga hia vagando,
Té cançada cahir sem côr, sem forças! . .
Mas ao menos gyrando a dôr calmava.

Se voltava sósinha ao negro alvergue,
Com menor distracção, sem mais descanço
Mais sobre ella pesava então seu crime.
Com prolongo tormento alli sentia
No solitario coração pingando
O sangue de seu Pai, do Amante o sangue.
Ora no braço, com que ao Pai deo morte
O sangue a reverter com ancia apaga;
Já crê que horrido Espectro irado a segue.
 ,, Alvaro! Alvaro! (clama) ai! vão matar-me!..
,, Olha o ferro assassino! .. o Pai raivoso! ..
,, Ai! o ferro he, meu Deos! com que o matára! ..
,, Onde o achou? ,, perto a morte então julgando,
Como fugindo ao golpe, a fronte inclina.
Mas de si fugirá? dos seus remorsos? ..
Vê em tudo seu crime, e hum Deos que o pune.
Trôa... expande-se o Inferno... e hum Deos fulmina.
Nem se Deos perdoar, seu peito a absolve.
Quer ás vezes roga-lo esperançosa,
Genuflecte!... mas ergue-se, e não ora.
Tanto hum Deos vingador dos Parricidios
A faz estremecer! .. vagando ás vezes
Via ao longe avultar da Aldêa o Templo,
Que sombrea hum Cypreste, e annoso Ulmeiro.
Parece que invisivel força a impelle
Para o consolador, e horrendo sitio.

Chegava . . . porém no animo sentia
Com susto repeli-la hum Deos irado.
Hum dia, que, mais proxima da Igreja,
Incerta rodeava o seu recinto,
Vinha hum simples Aldeão no sitio augusto
De, ao Ministro de Deos, abrir sua alma:
A paz que tem no peito o rosto indica.
Tranquillidade tal a assombra, a anima,
Chega-se, entra, caminha a passo lento! . .
Súbito aos olhos trémulos lhe assoma
Tribunal, que ao contricto he sempre franco.
,, Ai! (diz chorando) o Tribunal sevéro
,, Onde os Máos do Senhor ás Leis se humilhão,
,, Tem perdão para todos, e o não guarda
,, Para mim! ,, Venerando Velho chega;
Era o Santo Pastor daquella Aldêa,
Que o bem faz, serve a Deos ha quarenta annos,
Tudo dá, pouco acceita, e nada pede.
Respeitado no Templo, grato ao Povo,
Préga em suas acções, e instrue de exemplo.
Dos Filhos, e dos Pais estreita os laços,
Té o adóra o Menino, que, em seus jogos,
A's vezes com mão tímida suspende
O Velho, que ao passar sorri, voltando.
Que melhor confidente dos remorsos? . . .
Elle os vicios escuta, e puro he sempre:

Tal, de nuvens cercado, excelso Monte
Vê por baixo expirando as Tempestades,
E serena nos Ceos conserva a frente.
Apenas hum com outro se arrostára,
Hum profundo silencio ambos conservão:
Apromptão-se a fallar, e hesitão ambos.
Ella, com olhos na mudez facundos,
Dizer parece a hum tempo, e calar tudo.
Elle sem perguntar (que o generoso
Os segredos respeita aos Desgraçados)
De hum Ministro de Deos mostra a piedade,
Que anima á confissão de hum crime occulto.
Ao Tribunal sagrado ambos já chegão.
Ella ajoelha então, vacilla, e treme.
Tres vezes tenta erguer do crime o peso,
Que tres vezes recáe no fragil peito.
Impaciente em fim de que elle a opprima,
Deixa escapar a confissão temida,
E, no rosto o rubor, do Sacerdote
Consulta os olhos trémula, e contricta.
Tanto mal, e remorsos o compungem,
E da consolação desprende as phrases.
Ella respira, e do estancado pranto
Já dos olhos lhe escapa a terna enchente.
Lagrimas já não são, que a Raiva solta,
E o rosto em igneas ondas lhe sulcavão.

Mas lagrimas benéficas, gostosas,
Que influe no arrependido o Ceo piedoso.
Que semelhão correndo ao meigo orvalho,
Que as ressequidas Terras refrigera.
Ora fitando os Ceos, ora a Donzella
Perdôa o Padre emfim do Eterno em Nome!
    Ah! quem póde pintar tão ledo instante?..
Pranto, súpplicas, alma a Deos offerta,
Sente que expira a dôr, finda o remorso,
E, absolvida dos Ceos, a si se absolve.
    Quão outra desde então Natura encontra!
Cobra o Sol resplendor, brandura os ares;
Qual da Terra arrancado arbusto esteril
Seu coração murchava no abandono,
E de gosto, e ventura o regão ondas.
Já para o Mundo, e para os Ceos renasce,
E, certa que depara hum Deos piedoso,
Ousa a seu coração descer sem susto.
E, tanto póde o Numen que a conforta!....
A voz da Natureza ouve, e não treme.
Fida caixa no seio lhe guardava,
Já tão doces, feições, de Pai, e Amante.
Cheia de Amor, de susto, e d'esperança
Quiz o cofre adorado abrir mil vezes,
E mil vezes, terror sentindo occulto,
Horrorisada súbito o fechára.

Já, em mor confiança, a mais se attreve;
De Christo, que adorava em seu tugúrio,
Aos pés ella colloca os dois Retratos.
Tremula ensaia sopportar-lhe a vista! . . .
E na Cruz protectora parecia
Que o Senhor congraçava o Pai, e Amante.
Já se esperança em vê-los mais ditosos,
Já se attreve a chegar-lhe, e os entremea.
Renascia-lhe a dita, quando as forças
Cansadas por seus longos soffrimentos
Succumbirão emfim: vem soccorrella
O virtuoso Pastor no ponto extremo.
Do amigo, que a prantea, a mão tomando,
,, Vou á mansão, em que o remorso expira,
,, Desventura descansa, adeos! . . . o Eterno,
,, Bem que he meu crime atroz, de mim se apiada! . .
,, Fez meu crime hum Delirio! . . a hum Deos irado
,, Por victima offereço hum Deos piedoso! . .
,, Vou surgir a seus olhos vingativos,
,, Banhada em pranto meu, tinta em seu sangue!
,, Tu, de quem perturbei familia infausta,
,, Mais que elle á Filha rigido não sejas! . . .
,, Causa de tantos males, caro Amante! . .
,, Oxalá todos tres! . . . ,, assim dizendo,
Olhos fitos nos Ceos, a que aspirava,
Sem dores, sem pezar, de manso expira;

E os Choros Celestiaes seu nome entoão! . .
Oh! da Religião snblime encanto,
Que dos fracos Mortaes Mãi compassiva,
Mais indulgente ao Homem do qne os Homens,
No crime, que prantea outra vez gera
Virtudes, e Esperanças, que perdêra!

Fim do Canto VIII., e do II. Tomo.

NOMES

DOS

SENHORES SUBSCRIPTORES.

ALEXANDRE de Magalhães Coutinho.
André Montez Garcia.
Anonymo.
Anselmo José Victor de Mello.
Antonio Caetano Lobato.
Agostinho Diniz Correa.
Antonio de Gouvea da Maia.
Antonio Joaquim Xavier.
Antonio José de Gatinara.
Antonio José Gonçalves.
Antonio José Gonçalves Serva.
Antonio José Martins Bastos.
Antonio José Pereira Guimarães.

Antonio José Pinto.
Antonio Manoel Sepeda
Antonio Maria dos Santos.
Illustrissimo Antonio Moreira Dias.
Antonio Ricardo Vieira.
Antonio Roberto dos Reis Tavares.
Antonio Rodrigues Gomes.
Illustrissimo Antonio da Silva Freire de Andrade Paysinho.
Antonio Soares Franco.
Augusto Cesar.
Balthazar Bezerra de Lima e Mello.
Bento Antonio Maria Roussado.
Bernardo de Sá Nogueira.
Caetano Henriques.
Caetano José do Nascimento.
Camillo José Malaquias Vieira.
Carlos Stanley.
D. Carlota Heliodora de Abréu.
D. Catharina Clara de Sousa Rodrigues.
Christovão Bento Pereira Leite.
Damaso Rego.
Diogo Antonio Perigrino Duarte Pereira.
Domingos Correa de Mesquita Cary.
Domingos Ilario Alves.
Domingos José de Miranda.
Domingos Lopes Vassallo.

Domingos José Nuno Infante.
Fernando Clemente Nobre.
Fernando José de Queiroz.
Filippe José Penna Fortuna.
Padre Filippe Romano.
Fortunato José Barreiros.
Francisco de Assís Xavier Vieira Henriques.
Francisco Haanwinkel.
Francisco Joaquim Ferreira Bastos.
Francisco Joaquim de Sousa Alcanforado.
Francisco João Brady.
Francisco José da Fonseca.
Francisco José Froes.
Francisco José Pereira Penna Fortuna.
Francisco José Rodrigues de Abreu.
Francisco Monteiro Pinto.
Francisco Nunes Lobo.
Illustrissimo Francisco de Paula Carneiro Zagallo e Mello.
Francisco de Paula de Miranda.
Illustrissimo Francisco Travassos de Araujo Valdez.
Francisco Xavier do Couto.
Frederico de Chateauneuf.
Francisco Manoel Ribeiro de Araujo.
Francisco de Paula Nolasco.
Gregorio Freire Carneiro.
Gregorio Joaquim Freire.

Gonçalo José Rodrigues Vianna.
Henrique José Alvares de Macedo.
Henrique José Alves.
Henrique José Gonçalves Chaves.
Innocencio José da Silva.
Jacintho José Barbosa.
Jacintho Ribeiro Campos.
Ignacio Caetano dos Reis.
Ignacio Antonio de Sousa Ramos.
Illustrissimo João Mascarenhas da Rosa.
João de Abreu Gomes.
João Antonio da Costa.
João Antonio dos Santos.
João Antonio da Silva.
João Baptista Waltman.
João Bernardo da Costa Sermenho.
João Caetano de Sousa.
João Diniz Pereira.
João Evangelista da Costa.
João Evangelista da Silva Pereira.
João Joaquim Stelling.
João José Galião.
Beneficiado João José de Oliveira.
João José da Silva.
João José Teixeira.
João Licio da Silva.
João M.c Phail.

Fr. João de S. Boaventura.
João Vicente Rocha.
João dos Santos Mattos.
Joaquim das Neves Franco.
Joaquim Angelo Guimarães.
Joaquim Elias da Costa e Almeida.
Joaquim Eugenio Lobo.
Joaquim Ignacio Moreira.
Joaqnim José Ferreira.
Joaquim José Marrocos.
Joaquim José Pereira.
Joaquim José de Sousa.
Joaquim José Vidigal Salgado.
Illustrissimo Joaquim Miguel da Motta Cerveira.
Joaquim Pedro Ferreira.
Illustrissimo Joaquim Pedro Quintella do Farrobo.
Joaquim Soares Vieira.
José André de Sousa.
José Antonio Leal.
Illustrissimo Desembargador José Antonio da Silva Pedrosa.
José Joaquim Barreiros.
José Joaquim de Barros Lobo.
José Bento de Sousa Fava.
Jeronymo Lourenço Botelho.
José Caetano de Sousa.
José Alves da Cunha.

José Gonçalves da Costa Basto.
José Pedro Coelho Mayer.
José Maria de Seabra.
José Arcenio Pinto.
José Baptista Gastão.
José Correa da Silva.
José da Fonseca.
José Francisco Leitão Magalhães.
José Gaspar.
José Henriques do Rego.
José Joaquim Ferreira de Sousa Bastos.
José Joaquim de Oliveira.
José Ladisláo de Almeida.
José de Lemos Vianna.
José Maria de Carvalho.
José Maria Cau.
José Nunes Lobo.
José Pedro da Costa.
José Pedro Gonçalves.
José Pedro de Sousa e Carvalho.
José Pereira Vianna.
José Roberto dos Reis Tavares.
José de Sousa Moniz.
José Valentim Lopes.
Illustrissimo José Victorino Barreto.
José Vieira Borralho.
Padre José Manoel de Abreu e Lima.

Justino Pinto de Almeida.
Luiz Antonio dos Santos.
Luîz Godinho de Araujo Valdez.
Luiz Guilherme Coelho.
Luiz José Maldonado Eçã.
Luiz de Moura Fortunato.
Luiz Pascoal Lekain.
Manoel Alvares Renda.
Manoel Antonio de Carvalho.
Marianno Antonio da Maia.
Manoel Baptista Lisboa.
Manoel Baptista de Paula.
Padre Manoel Ferreira Giraldes.
M. F. Branco.
Manoel de Sousa.
D. Maria Gertrudes Paxello.
Miguel Antonio da Silva.
Manoel Hygino da Silva Moreira.
Manoel Joaquim Brandão de Castro.
Manoel José de Castro.
Manoel José Gomes.
Manoel José da Silva Serva.
Manoel José Machado.
Manoel Maria da Rocha.
Manoel dos Reis.
Paulo Gomes de Abreu.
Paulo Rodrigues Martins

Pedro Alexandre Cavroé.
Pedro Antonio Nolasco Domingues.
Pedro Launé.
Rafael José do Carmo.
D. Rufina Bona da Costa Mattos.
Sebastião José de Mello.
Silvestre de Jesus da Silva Abreu e Magalhães.
D. Silverio José da Cunha Cabral, C. R.
Theodorico Baptista da Cruz.
Theotonio de Sousa Paulino.
Excellentissimo D. Thomás Maria de Almeida.
Vicente José da Silva Serva.
Vicente Romano.
Victorino Monteiro.
Vidal.

ERRATAS.

Tomo I. no Prefacio.

Pag.	Erros	Emmendas.
7	Transfiguração de Rachel	Transfiguração de Raphael
Ibi	Rotenda	Rotunda
9	Pelissen	Pelisson
11	a seu caprioho	a seu capricho
18	igneo cometa	ignea corrente
21	lingugem	linguagem
Ibi	menotona	monotona
26	que pertencião	a que pertencião

Tomo I. no Poema.

Pag.	Erros	Emmendas.
16	Continúa	Contínua
19	Crebillen	Crebillon
53	edioso	odioso
Ibi	e Fanatismo	o Fanatismo
60	Ao de sua paixão cognito	Ao de sua paixão cógnito sitio
Ibi	pőem	põe
61	Panagyrico	panegyrico
81	Ruina he todo Reino	Ruina he todo o Reino
91	se depois de dois mil ainda	Se, depois de dois mil annos, ainda
129	prolonga fia	prolonga fila
138	jantava	juntava

ERRATAS.

No Tomo II.

Pag.	Erros.	Emmendas.
3	plumage, estrellas	plumage estréllas
14	Laberyntho	labyrintho
16	acomuladas	accumuladas
17	ciso	siso
Ibi	Vã	Vá
20	Erchylo	E'schylo
21	no tenro	ao tenro
29	Hymineo	Hymeneo
31	cordões	condões
38	Bulicioso váo	bulicio vão
39	eefia	enfia
51	A idade nos faz, assim bane os desejos	A idade assim nos faz, bane os desejos
Ibi	Termirarão	Terminarão
73	Entorno	Em torno
97	murchasse	murchêce
148	hera	era
156	abstinados	obstinados

Facil poderá o Leitor corrigir outros muitos erros de menos consideração.

